



Universidade da Beira Interior

Departamento de Comunicação e Artes

**Correspondentes Estrangeiros em Portugal:
o que faz a notícia**

Ana Cristina Valente Laranjeiro

Mestrado em Jornalismo: Imprensa, Rádio e Televisão

Orientador: Professor Doutor José Ricardo Carvalheiro

Covilhã, Julho 2009

Resumo

Fora do nosso próprio mundo há um vasto mundo de estórias que merecem ser contadas. Todos os dias, uma pequena parte dessas estórias chegam a vida de milhares de pessoas espalhadas pelo mundo. Os correspondentes estrangeiros, um pouco por todo mundo, interiorizam os valores sociais e culturais que uma sociedade, muitas vezes bastante diferentes da sua, tem. Buscam nela as pequenas estórias que pode contar ao seu público e dão assim a conhecer ao mundo uma nova realidade. Este é o trabalho dos correspondentes estrangeiros que são jornalistas que se dedicam à busca de particularidades que podem marcar a diferença, que podem chamar à atenção para um problema mundial. Muitos dos correspondentes estrangeiros permanecem num país por tempo suficiente para serem considerados locais. É uma das situações dos correspondentes estrangeiros em Portugal. Ao estudarmos estes profissionais temos por objectivo descobrir o que escrevem estes jornalistas sobre Portugal. Não podemos esquecer que, é o trabalho destes profissionais que transmite a imagem de Portugal para o mundo.

Abstract

Outside our own world there is a larger world full of stories that deserve to be told. Everyday, a small part of that stories arrive at the life of thousands of people all over the world. The foreign correspondents are all around the world understanding values of this society, many times, quite different of there own society, in order to find little stories that they can bring to there public which would given to them the knowledge and the understanding of a new reality. This is the work of the foreign correspondents, who are journalists that are dedicated of the finding of little things, that can make the difference or to call the attention to an world problem. Many foreign correspondents stay in a country for so long that they are considerate as locals and that is one of the situations that are present in Portugal. Our intention in studying these professionals was to find out what they write about Portugal. We can not forget that the work of these journalists is what broadcast the image of Portugal to the world.

Índice

Resumo	2
Abstract	3
Introdução	6
Capítulo 1 – O mundo, os acontecimentos e os correspondentes	9
1.1 - As notícias internacionais	10
1.2 - Correspondente Estrangeiro	15
1.3 - Correspondente de Guerra e o Enviado Especial	20
Capítulo 2 - Correspondentes estrangeiros em Portugal	25
2.1 - “O país onde nada acontece”	28
2.2 - Eleições de 1958 e o Massacre de Wiryamu	35
2.3 - 25 de Abril de 1974	44
2.4 - Os primeiros dias da Revolução	48
2.5 - Os primeiros meses do pós-25 de Abril	50
2.6 - Até à actualidade	53
Capítulo 3 – Estado da arte, objectivos e métodos	57
3.1 - O que sabemos sobre os correspondentes estrangeiros em Portugal	60
3.2 - O que queremos saber sobre os correspondentes estrangeiros em Portugal...	65
3.3 - Metodologia	67
Capítulo 4 - Análise das entrevistas	74
4.1 - Tempo de permanência em Portugal, motivos da sua presença no país e a correspondência em outros países	75
4.2 - O perfil português	77
4.3 - Como surgem os temas sobre Portugal na imprensa internacional	80

4.4 - Realidade nacional, notícia internacional	83
4.5 - As notícias mais produzidas sobre Portugal	91
4.6 - As fontes em Portugal	92
4.7 - O caso Maddie	94
4.8 - Paralelismo e identificação	97
Capítulo 5 - Conclusão	99
Bibliografia	102
Anexos	106

Introdução

“Delahany pôs os óculos e leu com o indicador esticado.

- Humm – resmungou. – Humm. Nada mau. Já vi pior. O que quer dizer com isto, aqui? Oh, faz sentido. Acho que consegue fazer este tipo de trabalho, Mr. Weisz. E importa-se com aquilo que faz, Mr. Weisz? Os novos esgotos de Antuérpia? O concurso de beleza de Düsseldorf? Não se importa de fazer esse tipo de coisas? Em que estado se encontra o seu alemão? Falava-o em casa? Um pouco de servo-croata? Mal não faz. Oh, estou a ver, Trieste, sim, as pessoas falam de tudo lá, não é assim? Como está o seu francês? Sim, eu também, safo-me... eles olham para nós meio de lado, mas lá nos arranjam. Arranha espanhol? Não, não se preocupe, vão aprendê-lo bem. Agora, deixe-me ser honesto consigo, aqui fazemos as coisas à maneira da Reuters. Vai aprender as regras, tudo o que tem a fazer é segui-las. E tenho de lhe dizer que não será *o* homem da Reuters em Paris. Mas será *um* homem da Reuters, e isso não é nada mau. Foi o que eu fui e escrevi sobre tudo e mais alguma coisa. Por isso, diga-me, o que acha, Mr. Weisz? É capaz? Andar de comboio e de carroça e afins e arranjar-nos a história? Com emoção? Com uma queda para o lado humano, pelo primeiro-ministro sentado à sua secretária enorme e pelo camponês no seu pequeno quinhão de terra? Acha que consegue? Eu sei que sim! E vai sair-se muito bem. E por que não começar já? Digamos, amanhã? Quem ocupava o cargo, bem, há uma semana foi à Holanda e desmaiou no colo da rainha. É a praga desta profissão, Mr. Weisz, imagino que tenha noção disso. Muito bem, tem alguma pergunta a fazer? Não? Então está bem, isso traz-nos ao tema sombrio do dinheiro.” (Furst, 2007: 39-40)

O correspondente que é acima descrito, nos dias de hoje, é um mito. O mundo do jornalismo alterou-se desde os tempos de Mr. Weisz, bem como o mundo da correspondência internacional. Noutros tempos, como no tempo de Mr. Weisz, correspondente da agência Reuters, enviado um pouco por toda a Europa para reportar um continente à beira de uma guerra mundial, os correspondentes estrangeiros eram a elite do jornalismo. Como diz o ditado popular: mudam-se os tempos, mudam-se as vontades.

Nos dias de hoje, os correspondentes estrangeiros já não são a elite do jornalismo, que usufruíam de vários benefícios e de condições económicas adequadas ao seu estatuto. Nos dias de hoje, os correspondentes estrangeiros são jornalistas que trabalham, em muitos casos, como freelancers, desempenhando a sua actividade profissional para vários órgãos de comunicação.

Em outros tempos, já passados, o correspondente estrangeiro emergia na sociedade como um herói. Era o herói do imaginário criado pelos livros e pelos filmes. Era, então, o herói que transmitia a realidade de um mundo conturbado e que vivia uma vida boémia. Era o herói galã que em cada país tinha um amor diferente. Era o herói que, por vezes, e em nome da pátria ou do amor, mantinha uma relação estreita com os serviços secretos, indo algumas vezes, além de apenas uma relação estreita. Era assim

Carlo Weisz o correspondente da agência Reuters, que saiu da sua Itália natal para fugir ao fascismo de Mussolini.

Muitas histórias em que correspondentes estrangeiros figuram como heróis do seu tempo poderiam ser contadas mas, o importante é partir do princípio que a elite do jornalismo já foi destronada, dando lugar a uma posição muito mais recatada no mundo das notícias.

Quando partimos para esta investigação tínhamos como objectivo procurar resposta para a questão: qual é a agenda dos correspondentes estrangeiros? Mas para podermos avançar com uma resposta para esta questão tínhamos que atender àquilo que é o mundo dos correspondentes estrangeiros. Sabíamos que os correspondentes do início do século XXI eram diferentes dos correspondentes do início do século XX. A forma como a profissão é desempenhada é diferente, o mundo é diferente e, conseqüentemente, as notícias são diferentes. O mundo assistiu a duas guerras que atingiram proporções continentais, que tiveram como resultado, no mundo do jornalismo a emergência de outras figuras, o correspondente de guerra e o enviado especial, que frequentemente são confundidas com o correspondente estrangeiro. Por isso no primeiro capítulo procuramos desmitificar estas três actividades jornalísticas, que têm como objectivo a produção de notícias internacionais.

No segundo capítulo e porque ao falarmos da figura do correspondente estrangeiro e da sua produção noticiosa internacional, não podíamos deixar de falar naquele que foi o percurso dos correspondentes estrangeiros por Portugal. Afinal, esta investigação trata da agenda dos correspondentes estrangeiros em Portugal. Tínhamos de saber se, historicamente estes profissionais tinham um percurso que os ligava a este país, quando surgiram e que motivações os levaram a vir para Portugal.

No terceiro capítulo e apesar sabermos que Portugal tinha uma importância relativamente pequena no panorama mediático internacional, procuramos as razões para essa tímida relevância. Por essa razão, fomos em busca de outros investigadores que tivessem tratado este tema, para que pudéssemos entender e demonstrar aquilo que já era conhecido sobre estes profissionais do jornalismo. Procurámos também traçar, não exaustivamente, o percurso histórico do país como foco das notícias internacionais ao longo do século XX, numa tentativa de compreendermos as lógicas que têm preponderado quanto à atracção de correspondentes a Portugal e quanto à imagem do

país no exterior. É neste capítulo também que delineamos quais são os nossos objectivos e qual a metodologia escolhida para a nossa investigação.

E no quarto capítulo, após termos conhecimento das conclusões a que os outros investigadores chegaram, partimos para a nossa própria investigação. Para podermos entender quais são os temas que os correspondentes mais tratam sobre o país, ou por outras palavras quais são temas que são mais veiculados na imprensa estrangeira sobre Portugal, resolvemos entrevistar alguns destes profissionais em Portugal. Não nos esquecemos que os correspondentes estrangeiros em Portugal são um dos veículos de difusão do nome de Portugal no estrangeiro e por isso consideramos ser importante entender o que é mais procurado pelos *media* dos outros países sobre Portugal.

Capítulo 1- O mundo, os acontecimentos e os correspondentes

O mundo é cheio de acontecimentos. Uns são alvo da atenção dos *media*, outros não. A linha imaginária do Equador divide o mundo em hemisfério norte e hemisfério sul mas, no “mundo do jornalismo” podemos considerá-lo dividido em zonas centrais e zonas periféricas. As zonas centrais, devido às suas características, possuem acontecimentos que são alvo de uma maior atenção por parte dos *media*, e por essa mesma razão, constituem mais vezes notícia à escala mundial. Quanto às zonas periféricas, considera-se que desenvolvem acontecimentos que interessam apenas a uma minoria, que pode ser formada, por exemplo, pelos seus países vizinhos com quem têm importantes parcerias económicas e sociais.

“Galtung (em Mowlana, 1985) explicou o padrão global dos media em termo de um modelo de «centro-periferia» de acordo com o qual as nações do mundo podem ser classificadas ou como centrais e dominantes ou como periféricas e dependentes, com um fluxo predominante das primeiras para as últimas. Alguns países maiores e mais «centrais» originam notícias e outros conteúdos mediáticos e distribuem-nos aos seus próprios «satélites». Em geral são os Estados Unidos e os maiores países da Europa Ocidental (França, Inglaterra, Itália, Alemanha e Espanha) que são mais «centrais» e que têm satélites em fila. Mas a China e o Japão têm os seus próprios «satélites» e o mundo árabe as suas próprias pequenas galáxias. A antiga União Soviética era outra potência «central» dos media cuja influência foi dissipada. A configuração particular muda com o tempo e difere de meio para meio (imprensa, televisão, música, cinema). Característica deste modelo é existir apenas um fluxo limitado entre os próprios países periféricos, embora haja padrões de troca regionais e baseados na língua que estão provavelmente a crescer em vez de diminuir.” (McQuail, 2003: 230).

Mas para melhor entendemos porque é que uma zona tem mais relevo que outra é importante entender o que é que significa acontecimento. Adriano Duarte Rodrigues descreve um acontecimento como:

“(…) tudo aquilo que irrompe na superfície lisa da história de entre uma multiplicidade aleatória de factos virtuais. Pela sua natureza, o acontecimento situa-se, portanto, algures na escala das probabilidades de ocorrência, sendo tanto mais imprevisível quanto menos provável for a sua realização. É por isso em função da maior ou menor previsibilidade que um facto adquire o estatuto de acontecimento pertinente do ponto de vista jornalístico: quanto menos previsível for, mais probabilidades tem de se tornar notícia e de integrar assim o discurso jornalístico.” (Rodrigues, 1988: 9).

Um acontecimento inesperado, com pouca previsibilidade de suceder, pode dar-se em qualquer região ou país do mundo, sem ter de estar ligado a uma zona central ou

periférica do mundo. Vários exemplos de acontecimentos poderiam ser aqui referidos, como catástrofes naturais ou actos de terrorismo, mas, o essencial a reter da questão não é o carácter do acontecimento, mas sim, o facto da população mundial ser informada acerca dele em qualquer parte do mundo.

1.1 As notícias internacionais

As notícias sobre o mundo são notícias internacionais. São notícias transnacionais. Furio Colombo distingue notícias internacionais de notícias transnacionais, sendo as primeiras, de forma simplista e redundante, aquelas que dizem respeito a governos e a todas as suas formas de actividade. As notícias transnacionais, de acordo com as palavras de Colombo, são aquelas que dizem respeito a povos, sem o estabelecimento de fronteiras ou de outros limites físicos (Colombo, 1998). Apesar desta distinção, optamos por utilizar as seguintes palavras como definição de notícias internacionais: “(...) notícias que não nascem próximo, mas têm consequências próximas, que ocorrem noutra lugar, mas que envolvem o mundo ou vastas regiões. Ou então acontecimentos que ocorrem num único pequeno lugar, mas não são nem explicáveis nem solucionáveis naquele lugar porque o «cérebro» daqueles acontecimentos se encontra algures.” (Colombo, 1998: 126). Acreditamos que estas palavras expressam as características das notícias internacionais, particularmente porque nos demonstra a ideia da ausência de barreiras, de que a notícia não está circunscrita a um lugar.

Para que os acontecimentos do mundo possam ser notícias internacionais que cheguem ao conhecimento mundial, a existência de profissionais do jornalismo é uma necessidade. Nelson Traquina caracteriza o jornalismo como sendo feito de histórias: “(...) histórias da vida, histórias das estrelas, histórias de triunfo e de tragédia. Será apenas por coincidência que os membros da comunidade jornalística se refiram às notícias, a sua principal preocupação, como histórias. Eles vêem os acontecimentos como histórias, como narrativas não isoladas de histórias e narrativas passadas.” (Traquina, 2002: 10-11). Os acontecimentos ou histórias, que falam de pessoas e do mundo e que são transmitidos pelos jornalistas, não são mais que manifestações da realidade. Como é referido por José Rodrigues dos Santos, no seu livro *A Verdade da Guerra*, o jornalista, à semelhança dos restantes seres humanos, apenas tem acesso a manifestações da

realidade. No entanto, devido à sua profissão, as manifestações da realidade permitem ao jornalista “(...) elaborar um discurso que constitui, ele próprio, uma construção da realidade.” (Santos, 2005: 56). Mas o autor sublinha que não se trata de uma construção qualquer: “Não é, claro, uma construção aleatória ou puramente arbitrária. Ela emerge da percepção humana, do seu funcionamento cognitivo e das características e limitações do seu discurso. Mais do que uma construção, esse discurso é, em bom rigor, uma reconstrução.” (Santos, 2005: 56). Isto significa que, aquilo que os jornalistas transmitem são *reconstruções da realidade*, a que eles assistem ou assistiram, com o objectivo de as transmitirem de acordo com os preceitos da profissão.

A responsabilidade da transmissão das *reconstruções da realidade* mundial está assim entregue aos jornalistas. Não seria de estranhar que o cidadão comum, habitualmente associe jornalistas a acontecimentos, bem como tenha conhecimento de mais acontecimentos de uma área mundial que de outra. Os correspondentes estrangeiros, ou seja, os jornalistas que trabalham num país diferente do seu, são os responsáveis, na maioria dos casos, por reportar a realidade de um país ou de uma região, esteja esta, ou não, em conflito, como veremos adiante.

Mas depois de termos chegado a um conceito de notícias internacionais e de sabermos que os correspondentes estrangeiros são os responsáveis, por assim dizer, pela sua proliferação, é importante entendermos um pouco a questão da existência de zonas com um maior número de acontecimentos importantes para o mundo e outras com menos protagonismo. Para que seja mais facilmente perceptível a razão pela qual regiões do mundo têm maior destaque que outras temos, primeiramente, que atender a um facto. Os *media* são uma indústria e como tal, têm como objectivo último, o lucro. Mas para que consigam o lucro é necessário, se não sempre, na maioria dos casos, um forte investimento económico em tecnologia, daí que muitos meios de comunicação estejam integrados num grupo de empresas de comunicação, o que facilita a utilização de recursos. Este facto vai de encontro àquilo que é mencionado por McQuail quanto à teoria da economia política dos *media* “ (...) as instituições mediáticas têm de ser consideradas como parte do sistema económico, com fortes ligações ao sistema político. ” (McQuail, 2003: 85). O autor cita Garnham a propósito das orientações de mercado que influenciam a conduta dos *media*: “O carácter dominante do que os *media* produzem pode ser largamente explicado pelo valor de troca de diferentes tipos de conteúdo, sob condições de pressão para expandir mercados e pelos interesses

económicos subjacentes dos proprietários e fazedores de decisão.” (Garnham, in McQuail, 2003: 85). Estes dois factores explicam que os países como menores recursos financeiros e com um sistema político menos desenvolvido (casos de países com democracias recentes, ou em transição para a democracia) tenham menos oportunidade de produzir conteúdos mediáticos. Não queremos dizer que estes países não possuem acontecimentos noticiáveis, apenas queremos notar que, o que estes países não têm, é recursos financeiros e políticos para o fazerem.

O desequilíbrio no que se refere aos níveis de importação de notícias internacionais foi uma realidade bem presente no século XX. Por norma, os considerados países em desenvolvimento, importam mais notícias que os ditos países desenvolvidos. (McQuail, 2003). Ou seja, os países que se encontram na zona periférica mundial têm um elevado grau de interesse naquilo que acontece nas ditas zonas centrais, sendo que, o oposto não acontece com tanta frequência. Os países em desenvolvimento “olham”, muitas vezes, os países desenvolvidos como exemplo a seguir. Mas para além disso, os países em desenvolvimento necessitam de apoios que permitam a sua evolução que muitas vezes lhes chegam de várias formas, nomeadamente, através de parcerias com os países desenvolvidos. No entanto, temos que tomar em consideração que as notícias produzidas nos países “centrais” são produzidas em grande escala. Não esqueçamos que nos dias de hoje, os órgãos de comunicação se encontram integrados em grupos empresariais, o que lhes permitem estarem espalhados um pouco por todo o mundo (particularmente, pelos países centrais, considerados decisores mundiais), sendo lhes permitido assim vender os seus serviços àqueles com menores condições de produção.

Por outro lado, o interesse dos países desenvolvidos é menor pelos países subdesenvolvidos, sobretudo quando não têm interesses estratégicos nesses países. Nesses casos, a atenção do “centro” fica reduzida a episódios não regulares:

“Grandes áreas do mundo físico estavam sistematicamente ausentes ou eram tornadas minúsculas no «mapa» implicado do mundo representado pelo universo da localização dos acontecimentos noticiados (p.ex.: Gerbner e Marvanyi, 1977; Womack, 1981). Em particular os países em desenvolvimento só pareciam entrar nas notícias dos países desenvolvidos quando certos acontecimentos eram ameaçadores para os interesses económicos ou estratégicos das «grandes potências». Alternativamente, eram feitas notícias quando problemas e desastres atingiam uma escala capaz de interessar as audiências em terras distantes e seguras.” (McQuail, 2003: 232-233).

A questão de existir um nível desigual na produção noticiosa internacional não é um facto novo. Em 1980, no período de Guerra Fria, foi publicado o relatório McBride, que dava conta dessas mesmas disparidades na circulação de notícias internacionais. O relatório proponha medidas para combater este problema que foram, no entanto, ignoradas pelos países, continuando a discrepância a verificar-se:

“A Guerra Fria providenciou duas posições. Uma era o Bloco Soviético, que queria o direito de manter o seu espaço de notícias sem a indesejada influência estrangeira, em nome da soberania. Outra era o Bloco Americano ou Ocidental que queria um «fluxo livre», ilimitado, seguro no conhecimento que seria favorável ao seu interesse político e comercial. O objectivo de uma Nova Ordem Mundial para a Informação e Comunicação que substituiria o mercado livre de notícias foi por fim abandonado depois da derrota da UNESCO. O Relatório McBride (1980), que fazia recomendações para implementar os novos princípios, foi largamente ignorado. De acordo com Hamelink (1998), o falhanço da Comissão McBride deveu-se em parte a uma inadequada compreensão da realidade social.” (McQuail, 2003: 232)

A importância de cada país no seio de um mundo globalizado pode ser notada por vários factores como os económicos, os sociais, factores esses que se constituem como notícias acerca desse mesmo país. Numa tentativa de explicar melhor o porquê de uns países serem mais importantes para os meios de comunicação internacionais do que outros, é importante levar em consideração aquilo que Galtung e Ruge afirmam:

“(…) o mundo é composto por actores individuais e nacionais, e uma vez que é evidente que a acção se baseia na imagem que o actor faz da realidade, a acção internacional será baseada na imagem da realidade internacional. Esta imagem não é só moldada pelos *media* noticiosos (imprensa, rádio, televisão, filmes de actualidades); as impressões e os contactos pessoais, as relações profissionais no estrangeiro, os despachos diplomáticos, etc., também contam – se pouco ou muito não sabemos. Mas a regularidade, a ubiquidade e a perseverança dos *media* noticiosos transformá-los-ão em competidores de primeira categoria em busca da primeira posição, enquanto modeladores de imagem internacionais. Dado que a adequação de uma acção está (mas de modo nenhum sempre) geral e positivamente relacionada com a adequação da imagem em que se baseiam, o estudo que os *media* noticiosos dão do mundo, é de importância primordial.” (Galtung e Ruge, 1965:62)

Galtung e Ruge apontam que a perseverança, a ubiquidade e a regularidade de determinados países são factores importantes para o seu reconhecimento internacional, mas convém lembrar que, tal como os mesmos afirmam, o contributo das suas actividades diplomáticas, bem como outros tipos de relacionamentos que estabelecem com outros países, é importante. Essas actividades que fomentam, dão o mote para que notícias sejam produzidas acerca de um país, iniciando-se assim um reconhecimento desse país perante os outros e permitindo-lhe a entrada na esfera das notícias

internacionais. É claro que esses acontecimentos não serão meramente esporádicos, mas sim recorrentes, pois uma vez estabelecidos eles ir-se-ão repercutindo e gerando novos acontecimentos que acabam por se transformar em novas notícias.

Os acontecimentos mundiais são vastos e como é natural nem todos têm relevo, por isso nem todos chegam ao conhecimento mundial. No seio do jornalismo foi criado o conceito de valores-notícia ou, se quisermos, critérios de noticiabilidade, que permite perceber como a selecção de notícias é feita. Isto é, que tipo de acontecimentos são de facto, relevantes para serem notícia.

Galtung e Ruge, são alguns dos teóricos que explicam quais as características a que os acontecimentos devem corresponder para serem notícia. Os doze parâmetros a que Galtung e Ruge chegaram são os seguintes: frequência, amplitude, inequivocidade, significância, consonância, imprevisibilidade, continuidade, composição, referência a nações de elite, referência a pessoas de elite, referência a pessoas e referência a algo negativo (Galtung e Ruge, 1999: 61-73). Através destes doze parâmetros podemos entender o porquê de existirem mais notícias internacionais de um local que de outro. Porventura, um acontecimento que envolva personalidades conhecidas, como será o caso de actores de Hollywood, políticos de potências económicas, será foco de atenção mediática, e por conseguinte, será mencionado o país de onde é proveniente a pessoa. O mesmo acontece no caso de um país de elite. Um acontecimento que tenha ocorrido numa nação de elite terá uma repercussão global, porque esse mesmo país é considerado uma referência à escala mundial. Para além destes dois factores, as ditas nações de elite têm uma outra vantagem sobre as nações não de elite, que é o facto de conseguirem manter a noticiabilidade de um acontecimento por muito tempo. Ou seja, a continuidade, um valor-notícia apontado por Galtung e Ruge, é uma característica existente nestes países, uma vez que são capazes de manter a longevidade de um acontecimento, ainda que este não mantenha a mesma amplitude, isto é, que com o passar do tempo vá perdendo intensidade.

As características como referência a algo negativo, a imprevisibilidade e a significância podem ser encaradas como comuns a ambos os tipos de países. Um acontecimento negativo, seja ele de que ordem for, vai ser importante mundialmente quer aconteça num país desenvolvido quer num país em vias de desenvolvimento. Num acidente, por exemplo, serão mais determinantes outras características inerentes ao facto, fundamentalmente, a amplitude do acontecimento como: o número de vítimas ou

os prejuízos que causaram, seriam os factores de relevo e não, propriamente a localização do país.

Podemos considerar que a surpresa de um acontecimento, não está directamente ligada a um país, seja ele desenvolvido ou não. Um acontecimento inesperado internacionalmente pode acontecer no país mais pobre de África como no país mais rico do Ocidente. No entanto, temos que atender às características do local em que o acontecimento se dá. O inesperado do acontecimento está directamente relacionado com a localização. A morte de cem pessoas em África devido à malária, talvez não seja visto como inesperado, nem surpreendente atendendo às características económicas e sociais daquele continente. Mas se houver dez pessoas a morrerem dessa mesma doença em Inglaterra, talvez já o seja. A malária é uma doença que é habitualmente associada a África, pelo que a existência de casos da doença na Europa pode ser surpreendente e ser alvo de atenção mediática.

Quanto à significância, esta tem inerente a si duas particularidades. A primeira é a da proximidade cultural e a segunda, a da relevância. Um acontecimento terá mais importância quanto mais próximo estiver dos seus vizinhos, dos seus aliados, o que é uma situação comum a qualquer país. Por outro lado, a relevância prende-se com o carácter do acontecimento. Um acontecimento pode suceder a quilómetros de distância e ter um significado bastante importante para o país, como também pode acontecer a poucos quilómetros da fronteira e não ter nenhuma relevância para esse país. A relação entre a proximidade e a relevância de um acontecimento não é facilmente definível. Mas a relevância parece ter sempre outros factores subjacentes, como a probabilidade de um país ser afectado, mesmo por um acontecimento distante (como no acidente nuclear de Chernobyl), ou a possibilidade de acontecer algo semelhante no próprio país (as notícias sobre Chernobyl foram, certamente, mais relevantes para os países com centrais nucleares do que para os outros).

1.2 O Correspondente Estrangeiro

A figura do correspondente estrangeiro está, desde há muito, associada ao expoente máximo do jornalismo: “(...) no espaço simbólico da sua cultura profissional, *les chevaliers* da profissão são os repórteres, os correspondentes estrangeiros e os correspondentes de guerra.” (Traquina, 2004: 83). O trabalho dos correspondentes

exige, como refere Ana Luísa Rodrigues, que vivam “(...) entre duas [ou mais] linhas paralelas: duas realidades, dois países, duas culturas, dois fusos horários, duas línguas.” (Rodrigues, 2008: 47). O facto de os correspondentes viverem entre o país em que estão [presentemente a viver] radicados e o país para o qual trabalham, aliado à ideia criada no imaginário humano pelos filmes, contribui em grande parte para a mitificação da figura do correspondente como o grande herói do jornalismo. Esta ideia mítica sobre os correspondentes estrangeiros é, no entanto falsa. O “mundo dos correspondentes” distancia-se daquele criado no imaginário humano como é notado pelas palavras de um correspondente, Enrique Müller:

“Segundo, este panel se llama «*la figura del corresponsal, entre la pasión y la obligación*», muchas veces la figura del corresponsal está también rodeada de una aureola de aventuras, de magia, de miedos, de sudor; pero también muchas veces nuestro trabajo diario está marcado por la rutina.” (AA.VV, 1999: 33)

Müller acrescenta ainda que:

“El trabajo del corresponsal, una rutina o una aventura, yo diría que es una mezcla de sacrificio, burocracia e mucha suerte, porque muchas veces nuestro trabajo no depende de uno, sino de los hechos que se den en el lugar.

Casi siempre si uno trabaja como corresponsal en un país normal, el trabajo es muy rutinario, no tiene nada que ver con la aventura y la pasión, correr el riesgo de cubrirse de musgo ante la ausencia de un elemento que despierte la curiosidad y el instinto, que es el miedo.” (AA.VV, 1999: 34)

O mundo dos correspondentes estrangeiros ou dos correspondentes de guerra é feito de nomes como o de Christiane Amanpour, correspondente da CNN, Henrique Cymerman, correspondente da SIC em Israel e de Carlos Fino, ex-correspondente da RTP em Moscovo e repórter nas Guerras do Golfo, entre muitos outros. Os jornalistas citados são apenas alguns dos nomes que pessoas mais ou menos atentas ao mundo reconhecem como repórteres ou correspondentes, reconhecimento esse que advém do trabalho que estes profissionais desenvolveram e desenvolvem. Os correspondentes estrangeiros são definidos por Ulf Hannerz (antropólogo sueco que desenvolveu uma investigação sobre este grupo profissional) como:

“(...) individuals who are stationed in other countries than that of their origin for the purpose of reporting on events and characteristics of the area of their stationing, through news media based elsewhere (usually in their countries of origin).” (Hannerz, 2004: 5).

A definição de Hannerz é exacta e revela claramente o que é um correspondente estrangeiro, mas esta definição não nos permite desmitificar o trabalho de

correspondente. Por isso é importante entender como é, e o que é, o trabalho destes profissionais, para que seja possível entendê-los para além da figura mítica criada. Jose Luis Peñalva, director das *II Jornadas de Prensa Vasca*, descreve o trabalho de um correspondente no estrangeiro como:

“ (...) un oficio muy solitario, es un oficio al mismo tiempo muy mitificado, el corresponsal realmente es un hombre que tiene que implicarse, entender, integrarse, en el país en el que está. Al mismo tiempo sirve de ojos al periódico que lo envía y por lo tanto esos «ojos» no pueden perder de vista cuál es el destino final de su trabajo; Sus lectores tienen unas características. El tiene que adaptarse a esas características; no puede trabajar por libre. Está en permanente relación y vinculación con la Redacción central del periódico. Y hace un labor muy importante que es interpretar, traducir lo que sucede a un lenguaje útil para sus lectores.” (AA.VV, 1999: 24).

Ao pensarmos em nomes de correspondentes como os acima citados, podemos ter a tendência inocente de acreditar, ainda que pouco, na imagem criada e reproduzida pelos filmes. Afinal, estes correspondentes não são vistos diariamente nos órgãos para os quais trabalham, podendo isso levar a crer que o seu trabalho se limita a chegarem a um local e noticiarem. Mas a realidade de trabalho dos correspondentes não é essa. O seu trabalho não se limita àquilo que é visível pelos leitores ou telespectadores. Santiago Fernández Ardanaz, foi correspondente espanhol e descreve as dificuldades inerentes ao trabalho de um correspondente estrangeiro:

“Cómo trabaja el corresponsal? Las dificultades principales del corresponsal naturalmente son la prisa, pero esto es normal para todo periodista. Y después, la tremenda rutina. La rutina es que todo acontecimiento que llega a través de radio y televisión, hay un tipo de prensa que lo tiene que reflejar absolutamente porque si no, hemos fallado. El gran cambio, precisamente el reto de nuestra prensa escrita en este momento, está en que nuestra información no puede ser, ni debe ser, la de la radio y televisión, sino otra, que es la del día siguiente. Y la del día siguiente es una información donde se dan todo el máximo de datos, para que el lector pueda unos cauces de interpretación.” (AA.VV, 1999: 32)

Um aspecto que torna ainda mais complexo o trabalho deste grupo profissional, é que o correspondente pode exercer a sua actividade profissional para uma variedade de órgãos de comunicação com diferentes objectivos. Os meios de comunicação podem ser agências noticiosas, que pretendem informações sobre todos os aspectos da sociedade, desde economia ao desporto passando por *faits divers*, pois o seu objectivo é informar outros órgãos de comunicação. Mas também podem ser estações de rádio ou

de televisão ou jornais, sendo que, neste caso, o objectivo não é exactamente igual de um correspondente que trabalhe para uma agência de notícias. O trabalho de um correspondente de agência é diferente na medida em que o jornalista não é reconhecido publicamente pelo seu trabalho, o seu nome não é divulgado nem a sua cara ou voz reconhecida pelo público. François Campredon, que foi correspondente da agência France Press em Espanha, refere qual o papel de um correspondente de agência:

“Nuestro papel básico es el de dar cuenta a nuestros abonados, de lo que sucede en España en todos los campos. Proporcionar todas las informaciones de interés para su publicación, o también para «alerta». «Alerta» quiere decir que nuestros despachos pueden servir para la redacción de los periódicos, para que despache un enviado especial o para preparar todo un dossier sobre un asunto y ya tomar las providencias necesarias para un cobertura más especializada para el periódico, obviamente, cubrimos todos os aspectos de la información, bien sean deportes, economía, diplomacia, política, sucesos.” (AA.VV, 1999: 28)

Com já foi referido, o mundo encontra-se dividido, por assim dizer, em duas áreas, uma central e uma periférica. Como é natural, os principais órgãos de comunicação têm um interesse especial pela dita zona central do mundo, uma vez que desperta mais motivos de notícia que as zonas periféricas. Com isto não queremos dizer que, as zonas periféricas não são alvo de atenção por parte dos *media* mundiais. Apenas queremos salientar que a atenção dada a estas zonas é menor, uma vez que está mais focalizada nos centros de decisão mundiais.

A realidade dos correspondentes estrangeiros estabelece-se em relação directa com estas duas zonas mundiais. Os países capazes de suscitar mais interesse noticioso atraem um maior número de correspondentes e de um maior número de países. Por outro lado, os países como menor interesse noticioso dispõem de um número mais reduzido de correspondentes e de um menor número de países. Ainda assim, torna-se pertinente citar uma vez mais Hannerz que refere, na sua obra, uma situação que reflecte a realidade que envolve os correspondentes estrangeiros e que deixa antever as situações de interesse para estes jornalistas:

“Whenever you find hundreds of thousand of sane people trying to get out of a place and a little bunch of madmen struggling to get in, you know the latter are newspapermen. This observation by an early practitioner of the craft is one that many foreign correspondents are fond of.” (Hannerz, 2004: 39).

Com este exemplo, procuramos clarificar que não é obrigatório que os correspondentes se localizem apenas em centros mundiais. Estes profissionais

deslocam-se, para outros cenários sempre que isso se justifique. Se, por exemplo, acontecer uma catástrofe natural num país de terceiro mundo, um correspondente de um órgão de comunicação mundial, que trabalhe num país próximo, irá para o local. Se não for este o caso, e o acontecimento for de uma grande magnitude, o meio de comunicação irá destacar um enviado especial para noticiar o acontecimento.

Na sua investigação, Hannerz caracteriza em dois tipos os correspondentes estrangeiros. Esta caracterização remete para o tempo em que cada correspondente permanece no país a partir de onde está a trabalhar. Hannerz denomina os correspondentes que ficam pouco tempo no mesmo país como *spiralists*:

“For the people who move about a great deal, the term “expatriate” comes naturally to mind, since these correspondents are not strongly rooted in the territory where they reside for a period and may engage in a lifestyle and a pattern of social contacts that somehow do not quite belong there. If they are rooted anywhere, it is someplace else. “Sojourners” would also be appropriate general label, and I will use it occasionally. They could perhaps be described as “cosmopolitans”, in the particular sense of Robert Merton’s classic distinction (1957, 387-402) between cosmopolitans and locals – they are people who tend to take their most important contacts and knowledge along as they move. (...) I lean, however, toward the term “spiralists”, coined by William Watson (1964, 147 – 51), from the classic Manchester school of social anthropology, to refer to the way social mobility within the hierarchy of an organization can be coordinated with geographical mobility.” (Hannerz, 2004: 82-83).

Por outro lado, existem os correspondentes que permanecem por um longo período de tempo num país, a que Hannerz chama *long-timers*:

“The contrasting type of foreign correspondence, which involves remaining for a longer period – or even throughout the correspondent’s life – in a single territory, one might call “local” (as in the cosmopolitan-local dichotomy). But that may be too vague, or in some ways misleading, or perhaps oxymoronic. “Settler” may be almost right but perhaps has unfortunate overtones, particularly in some settings. So I will call these correspondents “long-timers”, referring to their more durable presence in a place.” (Hannerz, 2004: 83).

É necessário salientar dois pontos a propósito da distinção feita por Hannerz. O primeiro prende-se com os denominados *spiralists*. Estes correspondentes, designados assim por se considerar que passam pouco tempo num país, não passam tão pouco tempo como passaria um enviado especial, assunto que será tratado mais à frente. Eles passam pouco tempo relativamente aos designados *long-timers*, que permanecem num país, como o próprio autor refere, durante toda a sua vida de correspondente, daí que possam ser considerados com pertencentes àquele lugar. O segundo ponto remete-nos para os correspondentes *long-timers*. A permanência de um correspondente, por um

alargado período de tempo, está a tornar-se cada vez menos recorrente. E ainda de acordo com o investigador, a decisão de manter um correspondente por um longo período de tempo prende-se com questões económicas, assinalando que, na actualidade, os correspondentes que permanecem mais tempo num país são *freelancers* ou *stringers*. (Hannerz, 2004).

1.3 O Correspondente de Guerra e o Enviado Especial

No “mundo dos correspondentes” frequentemente se distingue entre correspondente estrangeiro e correspondente de guerra. O desenvolvimento deste tipo de jornalismo aconteceu no século XIX, fruto do desenvolvimento da *penny press* e se tentarmos entender o conceito de correspondente de guerra, percebemos que não é muito diferente do de correspondente estrangeiro.

O correspondente de guerra, assim como o próprio nome o indica, vai reportar os acontecimentos bélicos. Porventura, se procurarmos encontrar uma distinção clara entre estes dois tipos de correspondência, o primeiro factor que nos surge na mente, é que o perigo que um correspondente de guerra enfrenta é bastante diferente do que acontece com um correspondente estrangeiro. Para além dos perigos a que estará sujeito, e que advêm das circunstâncias, os movimentos do jornalista estarão limitados e o desempenho do seu trabalho está condicionado por vários factores (Leão, 2000). No trabalho de um correspondente de guerra, os acontecimentos que serão reportados estão dependentes, muitas vezes da cooperação dos exércitos envolvidos no conflito ou de guerrilhas locais. Muitas das vezes, os próprios correspondentes estão integrados num dos exércitos, ou seja, vivem diariamente com as tropas e para se deslocarem a outros locais, fora do acampamento militar, necessitam de ir com soldados para a sua própria protecção. O cenário de guerra não permite, na maioria das vezes, senão sempre, que o jornalista circule pelo território com facilidade e sem perigo. Para além deste constrangimento, o facto de os exércitos apenas divulgarem as informações mais apropriadas para eles, bem como “mascararem” o cenário de conflito, são outros entraves que os correspondentes enfrentam. José Rodrigues dos Santos relata um episódio de manipulação dos *media* durante a primeira Guerra do Golfo:

“Do meio da nuvem conseguimos ver soldados a sair dos *Sea Knight*, movendo-se pesadamente com mochilas e armas. Os *Super Stallion* abriram as portas da retaguarda e largaram *Humvees*, jipes de assalto que tomaram posições nos flancos. De imediato, os oito helicópteros de transporte levantaram voo, deixando os soldados lá em baixo em posição de combate.

Foi nessa altura que começou um estranho espectáculo. Um oficial americano fez sinal e os jornalistas começaram a correr, largando a estrada alcatroada e acelerando em direcção das tropas que tinham desembarcado. Corríamos desajeitadamente, e os *Marines* permaneciam deitados no chão, as metralhadoras e as bazucas apontadas para nós. Fotógrafos e operadores de câmara rodearam as tropas à procura de imagens, enquanto os soldados permaneciam quietos, o olhar fixo no infinito ou na mira da metralhadora, em pose heróica e determinada. Havia uma média de três jornalistas para cada *Marine*, e o espectáculo tornou-se cómico.

(...) Na sala de montagem descobri que em nenhuma imagem se viam jornalistas. A cassete estava recheada de *Marines* em posição de combate, metralhadoras em riste, olhares firmes à Clint Eastwood – tudo, excepto o que eu vira. Os jornalistas, as câmaras e as máquinas fotográficas apontadas não se encontravam nas imagens. O cómico circo mediático estava ausente. Em compensação, nas imagens transbordavam ameaçadoras posições bélicas.

(...) Ao efectuar aquele exercício em Mutla, o primeiro em solo kuwaitiano desde o início da crise, as forças armadas americanas tinham como único objectivo impressionar o Iraque – e conseguiram-no com apenas um pelotão de *Marines* e a cumplicidade mediática. Mas, pelo menos neste caso, é uma cumplicidade inadvertida, quase inconsciente. Como é evidente, o operador de câmara libanês, tal como a generalidade dos restantes colegas no local, não estava em conluio com as tropas americanas. O que se passara é que ele, por pressões editoriais já interiorizadas, procurou captar as imagens espectaculares, tentou obter o lado estético do que estava a acontecer. E, claramente, os jornalistas a rodear os soldados emergiam como ruído na imagem.” (Santos, 2005: 10-11)

Se pensarmos em termos de produção noticiosa, o trabalho de correspondente de guerra é diferente e também, como já foi referido, um pouco mais limitado que o de um correspondente estrangeiro, na medida em que este último, não está impedido, pelas circunstâncias, de se movimentar. Ainda que o objectivo de um correspondente de guerra seja reportar os acontecimentos inerentes e relacionados com a guerra, o seu trabalho distingue-se assim de um correspondente estrangeiro que relata os acontecimentos da sociedade em questão em todas as suas vertentes.

Por vezes, tal como acontece com os correspondentes estrangeiros ainda que com características diferentes, o correspondente de guerra pode também tornar-se especialista. Não propriamente num local específico, mas em cenários de conflito. Isto sucede quando um correspondente já noticiou vários conflitos, conhecendo assim os meandros deste tipo de acontecimento. Ser-lhe-à possível antever certo tipo de acontecimentos e reacções das partes em conflito. Se pensarmos na região do Golfo Pérsico sabemos que esta zona possui determinadas características demográficas, sociais e económicas, assim como sabemos que essas características estão na base de muitas lutas e mesmo de guerras entre os países dessa área do globo. Um correspondente que

tenha feito a cobertura de mais que um episódio de conflito naquela zona do globo começa a ambientar-se com as características daqueles povos, sendo-lhe assim possível prever algumas reacções que terão. Por essa razão, afirmamos que os correspondentes de guerra podem-se tornar especialistas. A “bagagem” que adquirem de um acontecimento para o outro permite-lhe antever algumas reacções e desenvolvimentos.

Por outro lado, há também uma figura no mundo jornalismo que pode ser confundida com o correspondente de guerra e mesmo com um correspondente estrangeiro: o enviado especial. O dicionário de Ciências da Comunicação define-o como um “jornalista enviado para um determinado local, com o objectivo de fazer a cobertura noticiosa de um acontecimento específico.” (Leão, 2000: 89). Se atendermos a esta definição, rapidamente percebemos a diferença que existe entre um correspondente estrangeiro e um enviado especial. Como é referido por Letria, “a diferença fundamental entre a crónica dum enviado especial e a dum correspondente permanente reside no facto dos serviços do enviado especial terem um carácter ocasional e limitado no tempo.” (Letria, 2000: 64). Assim, podemos concluir que a grande diferença no trabalho destes dois tipos de profissionais é o tempo. O enviado especial desloca-se a um país, ou a uma região, para reportar um acontecimento, uma realidade específica, previamente acordada com os seus editores, sendo esse apenas o seu objectivo. Quando terminada essa sua tarefa, o jornalista abandona o local, voltando para o seu lugar habitual de trabalho. Ainda que o correspondente estrangeiro possa seguir indicações do seu editor, podemos dizer que, o propósito do seu trabalho é chegar onde os outros não chegam. Isto é, o trabalho do correspondente deve diferenciar-se tanto do trabalho que é efectuado pelos enviados especiais como o dos colegas das agências noticiosas. Por norma, os correspondentes colocados em determinado país estão bastante enraizados na sociedade, na cultura e na economia desse mesmo país, o que faz deles *especialistas* sobre esse mesmo país, devendo esse facto reflectir-se nas suas notícias.

Assumindo que o correspondente é um ávido conhecedor da realidade que se apresenta diante dele, é esperado que ele consiga transmitir essa mesma realidade de forma simples e clara, por mais complexa que ela se apresente no terreno. (Letria, 2000) O correspondente, como menciona Letria, “(...) tem obrigação de seleccionar as notícias que mais se relacionem com os seus leitores ou mais directamente tenham a ver com os assuntos de interesse bilateral.” (Letria, 2000: 61). Este factor não pode ser desprezado. A principal razão para enviar um correspondente para determinado lugar no

mundo prende-se com o interesse que esse mesmo local detém para o país receptor da informação. Se tomarmos como exemplo um órgão mediático de um país da zona periférica, é natural que ele tenha correspondentes nos seus países vizinhos. Isto acontece porque existem ligações de vários âmbitos entre países vizinhos (comerciais, de segurança, financeiras, etc.) e que são motivos de notícia. No entanto, esse país não terá correspondentes em outros países com quem não tenha laços que promovam o interesse dos seus meios de comunicação.

A mesma situação não acontece com um enviado especial. É certo que um enviado especial se desloca a um determinado lugar porque lá existe um acontecimento relevante para o órgão de comunicação para o qual trabalha, mas esse interesse não é contínuo. Se houvesse acontecimentos que tivessem interesse contínuo para o órgão, existiria um correspondente nesse país de forma permanente. Para além disto, o facto de um enviado especial não estar diariamente inserido naquela sociedade, como acontece com o correspondente estrangeiro, não lhe dá a oportunidade de conhecer verdadeiramente os preceitos daquele local, podendo-se assim distinguir o trabalho de ambos.

Neste capítulo procuramos distinguir as diferentes formas que o jornalista pode assumir no desempenho da sua actividade profissional no estrangeiro. Não procuramos diminuir o trabalho de nenhum das formas que foram referidas, apenas apontar as diferenças que existem entre elas. Era nosso objectivo sublinhar que um correspondente estrangeiro e um correspondente de guerra têm diferentes objectivos na concretização do seu trabalho. Por um lado, o correspondente estrangeiro não se encontra circunscrito a um acontecimento, deve sim reportar a realidade social, económica e cultural de um país sem que para isso exista como pano de fundo um conflito bélico. Por outro lado, um correspondente de guerra tem também por missão descrever a realidade que se lhe apresenta mas nunca pode ignorar o facto de o país ou a região se encontrarem em guerra ou na iminência dela. Está, por assim dizer, condicionado por esse factor e por todos os outros que dele advêm. Quanto aos enviados especiais é importante entender que a sua missão senão sempre, na maioria dos casos, é limitada temporalmente. Os jornalistas que são enviados especiais deslocam-se a um local estrangeiro para cobrir determinado acontecimento, que pode ser ou não de guerra. Quando o propósito que o levou a determinado local está cumprido, ele regressa ao seu local de trabalho habitual.

Os correspondentes estrangeiros não. Permanecem num local por muito tempo, por vezes durante toda a sua vida.

Estes conceitos servirão de base para os capítulos que se seguem, bem como para abordar a realidade que um país como Portugal pode oferecer em termos de produção noticiosa para estes profissionais.

Capítulo 2 - Correspondentes estrangeiros em Portugal

O mundo altera-se diariamente. Todos os dias, novos acontecimentos preenchem as páginas dos jornais e ocupam o tempo dos telejornais. O jornalismo faz-se de acontecimentos novos todos os dias, a todas as horas, a todos os minutos porque, a cada minuto que passa algo acontece no mundo. Acontecimento esse que vai ser transmitido para um ou para vários locais. Mas porquê? Porque é relevante no panorama internacional. E também porque havia um repórter lá para o transmitir.

Mas nem sempre o mundo foi como o conhecemos hoje. Houve tempos em que a informação não estava disponível com rapidez e facilidade. Os dados históricos mostram que a profissão de repórter, até ao século XIX, era pouco prestigiada mundialmente. O desenvolvimento desta profissão é a resposta às necessidades criadas pelo desenvolvimento da *penny press*. As transformações que o século XIX operou no mundo do jornalismo foram vastas. Em meados do século dá-se o desenvolvimento de uma figura importante para o mundo do jornalismo, o correspondente: “(...) a figura do repórter iria criar prestígio dentro da profissão emergente, e a contratação de ainda mais repórteres seria a tendência geral ao longo do século, com especialização em situações cada vez mais diversificadas, tais como o correspondente especial ou o correspondente de guerra.” (Traquina, 2002: 41). O desenvolvimento da figura correspondente não foi linear nos vários países, tendo se verificado um desenvolvimento mais acelerado em países como a Inglaterra e os Estados Unidos da América e com mais demora em França. A guerra civil norte-americana foi um dos primeiros conflitos bélicos a serem alvo de uma cobertura jornalística extensiva (Traquina, 2002). As mudanças proporcionadas pelo século XIX para o mundo do jornalismo prepararam-no para o século seguinte, o século XX.

O século XX marcou as páginas da história mundial com acontecimentos até então nunca pensados. Duas guerras mundiais deixaram a Europa destruída. A emergência de sistemas ditatoriais no período pós Primeira Guerra Mundial gerou as circunstâncias que levaram a um segundo confronto bélico. Em 1945, com o final da Segunda Guerra Mundial, emergiram duas novas potências mundiais, os Estados Unidos da América e a União Soviética. As duas potências mundiais ajudaram na reconstrução europeia e acabaram por dividir o mundo em duas áreas de influência

política e ideológica, estando assim declarado o estado de Guerra Fria. Este conflito demarcou-se das outras guerras pelo facto de nunca ter existido um confronto directo entre as duas potências (Vaisse, 1996), mas vários foram os confrontos à escala mundial em que os dois países apoiaram lados opostos (por exemplo na Coreia e no Vietname).

A Segunda Guerra Mundial destronou os regimes totalitários existentes na Europa, mas não todos. Portugal foi uma das excepções. O regime fascista prolongou-se até 1974. Com o final da guerra e a necessária reconstrução da Europa a progredir, um novo factor de preocupação surgiu: as colónias europeias em África. A Europa começa o seu processo de descolonização em finais dos anos cinquenta do século XX, mas este processo não foi efectuado de forma uniforme pelos países colonizadores europeus. Uma vez mais, Portugal foi excepção. O regime vigente opunha-se à independência das colónias portuguesas em África, sendo esta a razão de fundo para a Guerra Colonial portuguesa. A história recorda este conflito como o fundamento para a queda do regime fascista português que dá lugar à democracia em 1974.

Mas, o século XX não termina sem mais acontecimentos históricos. Com a aproximação do final do século, a realidade mundial altera-se novamente. A queda do Muro de Berlim e a desintegração da União Soviética são factores que marcam o mundo.

É importante falar, de forma muito concisa, sobre o século XX para que se possa entender a realidade dos correspondentes estrangeiros em geral e em particular, o caso português. Os acontecimentos do século XX constituíram matéria para os repórteres da época, particularmente nos países de “elite” ou nos países onde existia uma abertura social para falar sobre os acontecimentos estrangeiros, que tiveram assim a oportunidade de desenvolverem a sua actividade profissional. Se atendermos ao relato de correspondentes estrangeiros na época da Guerra Fria, podemos verificar que eles afirmam ter sido uma época única, que lhes permitiu ver o mundo de uma forma muito particular:

“Nos hemos criado en la guerra fría, nos hemos movido en ella y hemos tenido los parámetros de la guerra fría y esto, por lo menos, a mí me añade una gran frustración, porque no hicimos un buen trabajo, en el sentido de que, no solamente no tuvimos ocasión de estudiar a fondo lo que ocurría al otro lado de nuestro mundo, el mundo occidental, el llamado mundo de la esfera soviética, sino que no supimos predecir su evolución.

Yo creo que hay personas que han tenido gran influencia en nuestra formación como periodistas que todavía no se han creído, o todavía no han asumido, que el mundo no está dividido en bloques. Uno de ellos es Henry Kissinger, que todavía va con la retórica de

los bloques. Esto de ser periodistas de la guerra fría nos há puesto en la perspectiva de analizar las situaciones, siempre en base al equilibrio de poderes, al equilibrio de fuerzas, al equilibrio ideológico o a la contraposición ideológica. Y, entonces, nosotros nos formamos en eso, y anduvimos por el mundo y viajamos por todas partes, siempre com este «chip».” (AA.VV, 1999: 124)

Este relato de Lluís Foix transmite a ideia de que nas notícias estrangeiras estava bem presente a divisão entre o Ocidente e o Bloco de Leste. A realidade da época é diferente da actual. Neste momento não se pode dizer que existe uma divisão mundial em duas partes, mas existem questões que nos podem levar a pensar que o mundo se encontra dividido entre países bons e países maus.

Se recordarmos a história portuguesa do século XX, sabemos que o país viveu quase meio século sob um regime ditatorial, que reprimia a sua população e que estava de costas voltadas para o exterior. Por essa razão, os correspondentes estrangeiros encontravam poucos focos de interesse sobre Portugal, sendo assim natural que a sua presença fosse reduzida. Portugal foi, até ao 25 de Abril de 1974, um país apagado e considerado com pouco interesse. Até essa época, apenas foram noticiados acontecimentos nacionais esporádicos na imprensa estrangeira, como veremos mais adiante. Com a revolução de 25 de Abril de 1974, muitos correspondentes chegaram ao país a fim de cobrirem a realidade noticiosa nacional. No entanto, a sua permanência foi curta. A realidade portuguesa foi passada para segundo plano da atenção mundial, sendo ultrapassada por novos acontecimentos que despertam a curiosidade e o interesse internacional.

Nos dias de hoje, Portugal tem cerca de 60 correspondentes estrangeiros acreditados pela Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP) fundada em 1978, época em que “Portugal estava no centro da informação.”¹, nota a actual presidente da AIEP, Belén Rodrigo². A responsável, ao falar da época da fundação aponta que: “Segundo me contam os meus colegas, havia muitos correspondentes, os jornalistas sentiam-se parte da história”³. No entanto, nos dias de hoje, a realidade é

¹ Diário de Notícias de 22 de Abril de 2008 http://dn.sapo.pt/2008/04/22/media/associacao_imprensa_estrangeira_30_a.html; visto em 9 de Fevereiro de 2009

² Na altura da execução desta parte da investigação a presidência da AIEP era ocupada por Belén Rodrigo. No entanto, esta situação alterou-se com o decorrer da investigação sendo, actualmente, a presidência ocupada por Adriana Niemeyer.

³ *idem*

diferente, refere a dirigente: “Não diria que há dificuldades, mas é um tipo de jornalismo diferente. Muitas vezes está-se sozinho”.⁴ A evolução social criou mudanças no trabalho de jornalista e de correspondente. A realidade nacional não é a mesma que era no período da Revolução. Portugal é desde 1986 membro da União Europeia (UE), o seu papel não é principal, mas através das presidências rotativas que este organismo prevê, Portugal ganha algum protagonismo durante os seis meses de presidência, o que atrai correspondentes estrangeiros. Esta organização tem 27 membros, e as decisões tomadas pela presidência afectam e dirigem-se a toda a Europa. Grandes acontecimentos realizados no final do século XX e já no início do século XXI (como por exemplo o Euro 2004) marcam também o panorama informativo internacional, o que promove a chegada de correspondentes. Mas devido à curta duração destes eventos, a estada destes mesmos correspondentes não se prolonga por muito tempo.

2.1 “O país onde nada acontece”

Durante cerca de cinquenta anos, Portugal foi um país fechado ao mundo e para o mundo. Com a chegada de António Oliveira Salazar, em 1932, a presidente do Conselho de Ministros, Portugal entrou numa era de obscurantismo. Kenneth Maxwell caracteriza o regime de Salazar como “um regime «corporativo» segundo o modelo daquele que Benito Mussolini tinha acabado de estabelecer em Itália.” (Maxwell, 1999: 31). O governo chefiado por Salazar ficou conhecido como Estado Novo e conduziu o país para um atraso significativo relativamente às democracias europeias devido às suas políticas sociais, económicas e culturais. Salazar não era adepto da mudança e regeu o país de acordo com modelos económicos e sociais tradicionais. Portugal é descrito por Maxwell, durante o período de ditadura, como “arcaico, isolado e puritano, rejeitando a industrialização como precursora dos problemas de classe e do trabalho, glorificando uma tradição salutarmente rural e folclórica (...)” (Maxwell, 1999: 16).

O Estado Novo tinha vários métodos para assegurar que o regime se mantinha de acordo com os princípios ditados pelo presidente do Conselho de Ministros. Fundamentalmente, assegurava que não existia oposição ao sistema vigente e que, se

⁴ *idem*

existisse, seria de imediato aniquilada. As formas de repressão eram variadas e inseriam-se nos vários sectores da sociedade. A Polícia Internacional de Defesa do Estado (PIDE), que na verdade, desempenhava funções de polícia política, mantinha a ordem pública e a Censura garantia que não era publicada, transmitida ou difundida nenhuma notícia ou conteúdo, que pudesse ser nocivo ao regime. Todos os meios do regime eram eficazes no cumprimento das suas funções, valendo-se dos mais diversos instrumentos, nomeadamente a polícia política que estava dotada “(...) de uma rede de colaboradores e espiões.” (Maxwell, 1999: 31). Mas a repressão não era apenas sentida pelos cidadãos no seu quotidiano, a liberdade de ideias e pensamentos era também controlada: “ (...) a Guarda Nacional Republicana (GNR) e a Polícia de Segurança Pública (PSP) garantiam a presença de agentes de segurança fardados em todas as casas de espectáculos e outros locais de concentração pública.” (Maxwell, 1999: 31).

A liberdade de expressão nos órgãos de comunicação social nacionais era restringida pela mão pesada da Censura, aquela que foi considerada por Francisco Rui Cádima como um dos meios mais decisivos para a continuidade do regime salazarista e, posteriormente, de Marcello Caetano (Cádima, 1996). A liberdade de expressão estava assim submetida à Censura Prévia, que tinha por missão “(...) impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e que deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os factores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa administração e o bem comum, e evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade” (in Correia, 2006: 26). A imagem de marca da censura eram os cortes feitos a lápis azul, mas não era apenas este o método de actuação. A Censura, com a sua força oficial, obrigava os órgãos de comunicação a publicarem os comunicados oficiais do governo (Correia, 2006), controlando também assim a liberdade de expressão e de pensamento dos cidadãos.

No desempenho do seu trabalho, os agentes da Censura, asseguravam-se que os vários objectivos do regime eram cumpridos. Como refere Cândido de Azevedo, a Censura “(...) salvaguardava a recriação propagandística e apologética da realidade do País, tal como era traçada pelos ideólogos e propagandistas da ditadura, na linha de orientação apontada por Salazar, segundo a qual: «*a aparência vale a realidade*».” (Azevedo, 1999: 23).

A imagem de um país que não correspondia à realidade, um “(...) país literalmente virtual (...)” como lhe chamou Cândido de Azevedo (1999: 24),

despoletou num total desconhecimento da realidade portuguesa durante quarenta e oito anos. Uma das poucas formas que alguns meios de comunicação nacionais tinham, para difundir aquilo que ia acontecendo no país era dissimulando as mensagens para que não fossem interditas pela Censura, recorrendo “(...) ao longo dos anos, a uma linguagem também de fingimento, de disfarce, de fabulação (...)” (Azevedo, 1999: 30). Ainda que as artimanhas por vezes obtivessem resultados, muitas vezes a mão pesada da censura, ocultava os factos da sociedade portuguesa.

O arcaísmo da sociedade portuguesa, impedindo o desenvolvimento dos vários sectores da sociedade, impediu também o jornalismo nacional de crescer. O jornalismo português até ao 25 de Abril estava pouco desenvolvido, sendo as condições do próprio país a causa mais provável para este tímido crescimento. A difícil conjuntura social e económica e o facto de o jornalismo ser uma profissão mal remunerada e sem prestígio condicionou-o a um tímido desenvolvimento, como é descrito por Nelson Traquina:

“(...) incluindo a fragilidade das liberdades políticas, contribuíram para o fraco desenvolvimento do jornalismo e uma situação generalizada de pouco prestígio social e baixos vencimentos dos jornalistas, não só no século XIX mas durante uma grande parte do século XX. Norberto Lopes comenta os tempos em que começou a sua carreira profissional, considerando que os jornalistas eram muito mal pagos. Num relatório sobre a situação dos jornalistas elaborado pelo Sindicato dos Profissionais de Lisboa em 1925, a situação profissional é descrita como «muito má», com quase todos os jornalistas em situação de duplo emprego, não muito diferente à situação no país em vésperas de 25 de Abril de 1974. Segundo aquele relatório, é dito que há em Portugal nessa altura de 300 jornalistas, dos quais talvez 30 vivam exclusivamente da profissão.” (Traquina, 2002:61).

A repressão exercida sobre os *media* nacionais pode dever-se à apreensão que o Estado tinha, uma vez que estes são frequentemente associados às democracias, pois criam “uma arena e um canal para um debate alargado, tornando mais conhecidos os candidatos aos lugares políticos e distribuindo informações e opiniões diversas.” (McQuail, 2003: 4). Um regime não democrático não se guia por estes fundamentos, a troca de ideias que fomentam um debate e que permitem um progresso democrático não se coadunam com os preceitos de um sistema de partido único. Nelson Traquina no seu livro *O que é Jornalismo* nota que, desde os primórdios da teoria democrática, a liberdade de informar e opinar é um factor de vital importância. O que dá a oportunidade ao jornalismo de informar mas, também, de vigiar o governo (Traquina, 2002). Segundo Traquina: “Tal como a democracia sem uma imprensa livre é impensável, o jornalismo, sem liberdade, ou é farsa ou é tragédia. Definir o jornalismo

num regime totalitário, quer sob as formas seculares, como, por exemplo, o fascismo, quer sob a forma religiosa, como por exemplo, o ex-regime dos Taliban no Afeganistão, é fácil: aí o jornalismo é propaganda ao serviço do poder instalado.” (Traquina, 2002: 12).

O regime português teve dois ditadores, mas sempre a mesma inspiração. O primeiro foi António de Oliveira Salazar e o segundo Marcello Caetano, que assumiu o poder em 1968, depois de Salazar ter ficado gravemente doente. Mas, a mudança de primeiro-ministro em pouco alterou a condição da sociedade portuguesa. Com a chegada ao poder de Marcello Caetano deu-se um ligeiro abrandamento nas políticas repressivas, verificando-se uma pequena abertura social. A *Primavera Marcelista*, como ficou conhecida, teve uma curta duração, mas modificou alguns aspectos do regime. Em 1969, a PIDE foi extinta e criada a Direcção-Geral de Segurança (DGS) que desempenhava funções similares às da extinta PIDE e, por sua vez, a Censura Prévia passou a chamar-se Exame Prévio, que também desempenhava as mesmas funções que a sua congénere.

A sociedade portuguesa, pode considerar-se que não possuía os fundamentos de uma sociedade aberta do ponto de vista da comunicação. Não existiam em Portugal os alicerces exigidos pela liberdade de comunicação, como a “ausência de censura, de licenciamento ou de outros controlos pelo governo;” (McQuail, 2003: 169). A liberdade de imprensa, uma das pedras angulares de um sistema democrático, não existiu em Portugal até à Revolução dos Cravos. A sociedade em geral, e os meios de comunicação em particular, viviam sob a égide da repressão, o que permitia ao governo actuar da maneira que entendia, sobre o que entendia, sem ter que levar em linha de conta nem a opinião da oposição ao governo, uma vez que a União Nacional era o partido único, nem a opinião dos cidadãos. A contestação popular, ou seja, as manifestações anti-governamentais também não eram permitidas. A contestação ao governo era rapidamente terminada por parte das forças policiais, no caso da população civil, e pela censura no caso dos meios de comunicação social.

Nos países democráticos, os *media* operam como “Quarto Poder”⁵. Podem ser «observador», exercendo vigilância pública em relação aos que detêm mais poder,

⁵ “Termo atribuído pelo historiador Thomas Carlyle ao polemista do século XVIII Edmund Burke e aplicável à galeria da imprensa da Câmara dos Comuns. Burke afirmou que o poder da imprensa era pelo

especialmente governos e grandes empresas. Media livres terão que estar preparados quando necessário, para atacarem os poderosos, expressarem pontos de vista controversos e desviarem-se de convenções e do senso comum» (in McQuail, 2003: 170). No entanto, em países com regimes não democráticos, a realidade não pode ser esta. A existência de realidades sociais distintas das existentes em regimes ditatoriais e o conhecimento destas por parte da população põem em causa o próprio regime. Uma situação nada apropriada para o sistema. Este factor, que pode desencadear contestação ao governo, pode explicar o controlo sobre os *media* nestes regimes. Este retrato traçado corresponde ao caso de português. A forte vigilância estatal permitia que críticas às instituições vigentes não acontecessem e que os valores instituídos não fossem contestados. O país pode ser assim enquadrado no “modelo dos media dominantes”, que tem como oposição o “modelo dos media pluralistas” (McQuail, 2003: 72). Este modelo pauta-se pelo facto de os media serem controlados por um pequeno número de pessoas que detenham o mesmo tipo de interesses. Assim, é gerada uma visão do mundo “limitada e indiferenciada” (McQuail, 2003: 72), que perspectiva os interesses dos controladores, deixando a audiência passiva e sem poder crítico o que reforça e legitima a “estrutura prevalecente do poder” (McQuail, 2003: 72), o que acaba por manter o sistema político vigente (McQuail, 2003).

Entender a realidade portuguesa até ao 25 de Abril é entender o porquê da falta de interesse dos órgãos de comunicação internacionais por Portugal. Não podemos esquecer as palavras de Galtung e Ruge: “(...) [a]imagem não é só moldada pelos *media* noticiosos (imprensa, rádio, televisão, filmes de actualidades); as impressões e os contactos pessoais, as relações profissionais no estrangeiro, os despachos diplomáticos, etc., também contam – se pouco ou muito não sabemos.” (Galtung e Ruge, 1965: 62). Como pudemos perceber, Portugal não queria dar-se a conhecer internacionalmente.

As opiniões dos correspondentes estrangeiros, ou enviados especiais a Portugal, na época anterior ou posterior à queda do Estado Novo, que podem ser lidas no livro “O 25 de Abril nos Media Internacionais” organizado por Mário Mesquita e José Rebelo⁶, reflectem essa mesma realidade.

menos igual ao dos três «estados reais» - Lordes, Comuns e Igreja. Tornou-se um termo convencional para jornalistas no seu papel de repórteres e observadores do governo.” (McQuail, 2003: 508)

⁶ O livro contém as actas de um colóquio intitulado «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais», organizado em Abril de 1990 pelo *Diário de Lisboa*

Hans Hubner, jornalista da televisão alemã esteve em Portugal na época da ditadura e caracterizou o país como sendo “um cemitério informativo” (Mesquita e Rebelo, 1994:197). Uma opinião partilhada por Marcel Niedergang, jornalista do *Le Monde*, que nota que “a obsessão do regime em guardar silêncio, é a vontade de Salazar de fechar as fronteiras, é a hostilidade contra tudo o que poderia vir do exterior e corromper Portugal, o Portugal que se revia no seu Império, que explica a ausência de interesse, a ausência da cobertura jornalística de Portugal pela imprensa estrangeira.” (Mesquita e Rebelo, 1994: 161). O regime com a sua obstinada crença em fechar as portas ao mundo, que poderia constituir-se como uma ameaça, voltou o país para um total desinteresse e desconhecimento tanto por parte dos *media* internacionais como da população mundial, que poucas referências via sobre Portugal nos meios de comunicação mundiais. Para contribuir para este desconhecimento existia também o facto de a comunidade internacional, bem como os próprios *media* internacionais, perspectivarem António Salazar como «um ditador suave», e o regime que chefiava como o «regime de partido único» (in Mesquita e Rebelo, 1994: 243). Esta designação do chefe de Estado português e do próprio país podem ser explicadas pelo facto de se considerar que “ditadores conservadores que não são brutais estão melhor posicionados para serem tratados de modo mais suave do que os ditadores socialistas, ou porque são aliados americanos, ou porque mantêm a ordem pública” (Gans, in Rodrigues, 2008, p.66). Mas Herbert Gans salienta ainda que as notícias sobre países que vivem em ditadura são habitualmente censuras às condições que impõem às suas populações acrescentando ainda que “ditadores que não são conhecidos pelo seu lado brutal são tratados mais compreensivamente ou nem sequer aparecem nas notícias, como Salazar em Portugal e Franco em Espanha” (in Rodrigues, 2008: 66).

Susannah Ross, da BBC, mostra o distanciamento que os britânicos tinham em relação ao que se passava em Portugal, afirmando que “Salazar – e muito menos Caetano – não era encarado como um ditador ao nível de Franco. ” (Mesquita e Rebelo, 1994: 205). O facto Portugal estar sob regime de ditadura, para a Grã-Bretanha era um factor de reprovação. No entanto, por razões políticas, os britânicos preferiam ignorar esse facto, daí que a jornalista afirme que: “Embora o governo britânico estivesse a dismantelar o seu próprio império e desaprovasse ditaduras, Portugal era um membro valioso da NATO e, tradicionalmente, um amigo.” (Mesquita e Rebelo, 1994: 205).

A imagem externa de Portugal é também uma das razões apontadas por Marcel Niedergang, do *Le Monde*, para que o interesse da imprensa mundial sobre Portugal fosse diminuto: “A Portugal associava-se, e ainda se associa, a imagem de um país bem mais modesto que a Espanha, sem dúvida, mas pacífico, aberto ao diálogo, ao compromisso.” (Mesquita e Rebelo, 1994: 163). Portugal era então, visto como um país pacífico e de «brandos costumes» (in Mesquita e Rebelo, 1994: 151). Esta “imagem de marca” de Portugal, aliada à pouca vontade do Estado de se demarcar dela, tiveram como resultado uma total surpresa dos *media* internacionais perante os acontecimentos de 25 de Abril de 1974.

Mário Soares, numa entrevista que deu ao Diário de Lisboa a 17 de Abril de 1990 afirmou: “No antigo regime, os meios de comunicação social estavam sujeitos à censura e ainda que os jornalistas fossem, na sua esmagadora maioria, da Oposição ou simpatizantes, não podiam publicar a mínima crítica. Não era assim, obviamente, com a imprensa estrangeira. Nós procurávamos, através dos órgãos importantes da imprensa internacional, furar a barreira de silêncio que havia relativamente a Portugal. Acho que o conseguimos em muitas oportunidades” (Mesquita e Rebelo, 1994: 295). É importante referir o trabalho desenvolvido pelos ex-exilados políticos, que lutaram para alertar o mundo sobre a situação portuguesa. A tentativa de «furar a barreira do silêncio» de que fala Mário Soares, acabou por ter alguns casos de sucesso. Ainda que não nos seja possível determinar o peso da influência dos exilados políticos na difusão da realidade portuguesa, pelo relato do jornalista Henry Giniger, correspondente do *New York Times* na Península Ibérica na época, podemos perceber que os últimos anos da ditadura não passaram totalmente despercebidos por alguns membros dos *media* internacionais: “Tive, assim, ocasião de verificar, ao longo de 1973 e nos primeiros meses de 1974, sinais de uma possível mudança em Portugal. Em Fevereiro de 1974, por exemplo, deparei como um livro de um tal António Spínola, intitulado *Portugal e o Futuro*, onde, para meu grande espanto, se afirmava que a guerra, não podendo ser ganha em termos militares, exigia uma solução política.” (Mesquita e Rebelo, 1994: 239).

Algumas semanas antes do Golpe de Estado, a 16 de Março de 1974, um grupo de militares, descontentes como a situação do país, executa uma tentativa de derrubar o governo. O golpe das Caldas da Rainha, foi uma tentativa falhada devido à rápida intervenção das Forças Armadas fiéis ao presidente do Conselho de Ministros de então, Marcello Caetano. O acontecimento, na época, teve pouco impacto na imprensa

internacional. No entanto, depois da revolução, esta sublevação foi descrita pelos media internacionais como a preparação para o “(...) desfecho final – e desta vez a sério. ” (AA.VV., 1974: 49)⁷.

Já aqui foi mencionado que o papel dos governos é muito importante no despoletar do interesse dos *media* internacionais. Ainda assim e contrariamente à vontade do regime, durante a ditadura houve dois momentos que não passaram despercebidos pelos órgãos de comunicação internacionais. As eleições presidenciais de 1958 e o massacre de Wiriyamu em Moçambique. A repercussão destes dois acontecimentos na imprensa estrangeira foi vasta, o que revela que a comunidade internacional estava consciente do panorama português, apenas não tinha intenção de tentar alterá-lo. As palavras acima referidas pela correspondente da BBC acerca de Inglaterra podem-se aplicar ao resto do mundo Ocidental. Portugal estava intencionalmente fora dos *media* internacionais e o mundo intencionalmente fechava os olhos a Portugal.

2.2. Eleições de 1958 e o Massacre de Wiriyamu

As eleições presidenciais de 1958 foram alvo da atenção mediática internacional. A candidatura do General Humberto Delgado lançou para as páginas dos jornais internacionais o apagado nome de Portugal por breves momentos. Através da cobertura de dois jornais estrangeiros, considerados de referência no panorama mediático internacional, o britânico *The Times* e o norte-americano *The New York Times*, é possível perceber que a realidade nacional nesse período não passou despercebida no seio da comunidade internacional, particularmente na Inglaterra, um país que o regime considerava amigo devido à velha aliança, e nos Estados Unidos da América, o novo aliado de Portugal na NATO e na ONU.

Mas, antes de explicarmos o fenómeno mediático que gerou a candidatura do general Humberto Delgado é necessário recapitular a relevância concedida a Portugal pelos *media* internacionais. Através de dois excertos de Douglas L. Wheeler, presentes no livro *Humberto Delgado - As eleições de 58*, é possível entender, com clareza, a visão mediática internacional de Portugal. No que se refere à imprensa britânica o autor

⁷ Time, Um livro, uma canção e depois uma revolução, 1974, p. 49.

afirma: “Com algumas exceções significativas, sobretudo revelações de má governação e negligência de Portugal nas suas colónias africanas, a cobertura da imprensa estrangeira sobre Portugal nos anos cinquenta era invariavelmente laudatória e acrítica. Salvo jornais de pendor esquerdista, como o *Manchester Guardian* e *The Observer*, a imprensa inglesa, nos raros casos em que se referia a Portugal, fazia-o de forma não crítica.” (Delgado, 1998: 449-450) [itálico no original]. Quanto àquilo que era veiculado nos Estados Unidos da América, o autor menciona que: “(...) a maior parte do jornalismo e do que se escrevia sobre Portugal, que apareceu nos Estados Unidos no período de 1950 a 58, centrava-se no *Portugal ensolarado*, turismo e viagens, e não em análise de questões” (Delgado, 1998: 449-450) [itálico no original]. A importância mediática dada a Portugal durante os anos do regime era muito pouca e como podemos depreender, aquilo que era veiculado não tinha grande expressão. Não colocava em causa o regime e por isso é importante entender porque é que as eleições presidenciais de 1958 marcaram a diferença.

A cobertura noticiosa das eleições por parte dos *media* britânicos pode ser caracterizada como algo que:

“(...) teve o condão de alertar a opinião pública internacional para a crueza dos métodos do regime salazarista, pondo em causa a imagem da respeitabilidade que aquele vinha pacientemente construindo desde finais dos anos 40, e reforçada pela participação do país na NATO e nas Nações Unidas.

Todavia, a estabilização política operada a ferro por Salazar, a par de um esforço persistente da diplomacia e do *lobby* português em Londres, acabariam por limpar um pouco a imagem do Estado Novo no Reino Unido (...)” (Delgado *et al.*, 1998: 391)

Portugal possuía um círculo alargado de amizades na sociedade britânica. Estas amizades estavam como que organizadas “(...) numa espécie de *lobby* pró-português: a *Anglo-Portuguese Society* (...)” (Delgado *et al.*, 1998: 393) e tinha como objectivo «disseminar informação fidedigna sobre os dois países» (in Delgado, 1998:393). A organização era presidida pelo embaixador português em Inglaterra, Teotónio Pereira, e a sua influência verificava-se nos vários sectores da sociedade inglesa, incluindo no seio da imprensa britânica, onde “(...) o Estado Novo gozava da simpatia do circunspecto *The Times*, do *Catholic Times* e, muito especialmente, do fiel apoio do conservador *Daily Telegraph*.” (Delgado *et al.*, 1998: 394). Os autores apontam ainda que: “O correspondente em Lisboa deste último jornal, Luís Marques, era, aliás, um profissional conhecido SNI.” (Delgado *et al.*, 1998: 394).

Com o recurso a este método, o regime de Salazar não se tinha, até então, deparado com grandes reprovações acerca da realidade do país. Afinal Portugal gozava de amizades em certos círculos sociais britânicos, o que permitia uma certa condescendência quanto à realidade portuguesa. No entanto, as eleições de 1958 não poderiam passar em branco na imprensa britânica. Os acontecimentos foram seguidos pelos jornais britânicos, é certo que por uns com mais benevolência do que por outros.

Os jornais britânicos produziam as notícias através daquilo que lhes chegava pelas agências de notícias, mas ainda assim houve meios que destacaram correspondentes para Portugal. Desta forma, conseguiam obter mais pormenores dos acontecimentos de 1958. O excerto descreve de forma sucinta a cobertura noticiosa das eleições desse ano:

“A imprensa escrita, único meio de comunicação social considerado neste artigo, dedicou às eleições portuguesas uma muito apreciável cobertura. Embora a maior parte dos jornais confiasse exclusivamente no que as agências noticiosas, como a *Reuters*, reportavam, uns houve que, utilizando os seus correspondentes em Lisboa, procuraram ir mais longe na exploração do acontecimento.

Começaram estes por, em meados de Maio, anunciar a realização do sufrágio e prosseguiram nas semanas seguintes com o perfil dos vários candidatos, o relato da agitação em comícios de Humberto Delgado, a desistência de Arlindo Vicente em favor do general e, nas vésperas do acto eleitoral, com vaticínios pouco surpreendentes sobre a vitória de Américo Tomás. Após o dia 8 de Junho, o volume de notícias decresceu significativamente e os únicos acontecimentos a merecerem destaque, para além da apresentação dos resultados finais, foram a substituição de Delgado no cargo de Director-geral da Aviação Civil e subsequentes críticas da oposição à forma como todo o processo decorrerá. A generalidade das notícias vindas a lume nos tablóides, tanto as transcritas das agências como as enviadas pelos próprios correspondentes, enquadravam-se num registo factual, não comprometido. Apenas os jornais mais «sérios», como o *Times*, o *Manchester Guardian* e o *Daily Telegraph* e as revistas como o *Economist* ou o *New Statesman*, se preocuparam em contextualizar o fluxo noticioso com editoriais e/ou artigos de opinião assinados. Mas não deixa de ser curioso que, fugindo à regra, um tablóide como o *Daily Express* se tenha dado ao trabalho de entrevistar Humberto Delgado, ou que o *Reynolds News* (outro tablóide), tenha publicado um editorial acerca das eleições.” (Delgado *et al.*, 1998: 394-395).

Apesar de um influente círculo de amigos no Reino Unido, as notícias que eram veiculadas na imprensa britânica sobre Portugal nem sempre demonstravam o apoio de outrora. Algumas tinham mesmo implícito um tom negativo e desaprovador do sistema vigente. O jornal *The Times*, que tinha alguma simpatia pelo regime português, publicava a 12 de Maio de 1958 o seguinte: «Respondendo a questões numa conferência de imprensa, o general Humberto Delgado, candidato independente da oposição nas próximas eleições presidenciais, disse que se fosse eleito demitiria o

Doutor Salazar.» (in Delgado *et al.*, 1998: 395) [itálico no original]. O artigo, pelo que se pode ler, reflecte o descontentamento relativamente à figura do primeiro-ministro e às suas políticas. Mas alguns dias depois, a 24 de Maio, a revista *News Statesman* veiculava: «*O general Delgado (...) está rapidamente a transformar-se no maior desafio ao regime desde que [Salazar] tomou o poder em 1928. Os Americanos gostam dele (esteve em Washington como adido da Aeronáutica, e delegado permanente do Comité Militar da NATO). É popular no Exército, especialmente entre os oficiais mais novos, que detestam Santos Costa, o ex-nazi ministro da Defesa de Salazar. Tem um aliado silencioso no Presidente Gomes (que Salazar não quis que concorresse à reeleição) (...)*». (in Delgado *et al.*, 1998: 399) [itálico no original]. No mesmo artigo a revista acrescenta ainda: «*O número e o comportamento ordeiro dos apoiantes de Delgado impressionaram a opinião pública portuguesa conservadora: a tática de Salazar (...) foi provocar, apresentar o general como um demagogo e o seu desafio ao regime como um convite ao caos.*». (in Delgado *et al.*, 1998: 399) [itálico no original]. Este artigo tem um efeito muito mais perturbador para Portugal que o anterior. A realidade portuguesa é, neste último artigo, mais pormenorizada, demonstrando-se um real conhecimento acerca das condições do país. A publicação de artigos como estes, originou que o Embaixador português se questionasse se a amizade e a benevolência existentes outrora no Reino Unido ainda vigorava. O telegrama, de 9 de Junho de 1958, do Embaixador português em Inglaterra demonstra-o:

«Toda esta imprensa faz referência resultado da eleição presidencial. No momento final campanha eleitoral ou já depois foram publicados quatro ou cinco artigos de comentário. Tom desses artigos oscilou conforme posição ideológica desde: tom amigável mas de certo modo crítico de Times e Economist até expressões de ódio com que New Statesman se rejubilou com o que disse ser o final da lenda pacífica do regime. News Chronicle publicou uma carta atacando o regime português que vem assinada praticamente por todos os inimigos que em vários campos de acção se manifestaram contra nós nos últimos anos - dez ou doze nomes. Daily Telegraph foi o que compreendeu melhor o significado desta eleição em Portugal que teve coragem denunciar contradições dos membros esquerdistas a nosso respeito. Seu editorial dia 5 merece registo. Penso que o correspondente Luís Marques deve ter boa parte na atitude deste jornal. Telegramas mandados de Lisboa por correspondentes (...) têm sido invariavelmente hostis política governo, nunca reflectindo aspectos pudessem ser favoráveis e repisando sempre declarações mais chocantes Delgado e suspeitas acerca correcção eleitoral. Aparte resultado final vitória almirante Tomás todos os pormenores telegrafados de Lisboa foram desagradáveis ou hostis. Perigo ordem pública parece nunca ter sido tomado a sério por esses indivíduos e nunca saiu aqui qualquer expressão registando especialmente boa ordem eleição ou reconhecimento por parte delegados Delgado lealdade acto eleitoral. Barragem jornalistas esquerdistas diminuiu portanto significado vitória almirante Tomás. Jornais já referem afastamento Delgado lugar Aviação Civil mas sem fazer qualquer comentário directo aparte recordarem sua declaração inicial que propunha demitir o presidente

Conselho. Levará tempo a restabelecer neste meio nosso prestígio que foi infelizmente muito afectado pelas delirantes declarações de Delgado e pelo apoio que lhe deram muitas pessoas com quem conviveram durante esses dias os correspondentes estrangeiros.» (in Delgado *et al.*, 1998: 405-406) [itálico no original].

Há um dado que tem de ser tido em conta quanto à cobertura britânica destas eleições: a imagem do regime foi senão alterada, foi pelo menos abalada. As notícias revelaram o “ataque” que a candidatura do general Humberto Delgado perpetrou sobre o regime, apoiado por massas de populares. As reais condições do país foram reportadas, o que contribuiu para que a imagem externa do regime não fosse pelo menos a mesma do que antes das eleições.

Quanto à cobertura norte-americana, o *The New York Times* foi o jornal que mais destaque deu às eleições portuguesas. O jornal americano tinha um correspondente em Madrid, Benjamin Welles, que passou várias semanas em Lisboa nesse período. As notícias que foram publicadas por este órgão, eram uma combinação daquilo que era veiculado pelas agências noticiosas e daquilo que era reportado pelo próprio correspondente. É necessário ter em conta um factor que distingue a cobertura norte-americana da cobertura britânica. O general Humberto Delgado não era uma figura desconhecida nos Estados Unidos da América. O general já tinha trabalhado “(...) nas negociações entre Portugal e os Aliados para a concessão de bases no arquipélago dos Açores e, entre 1952-55, exercera o cargo de adido militar e aeronáutico na Embaixada de Portugal em Washington, bem como representante português na NATO.” (Delgado *et al.*, 1998: 429). O facto de o general ser conhecido nos círculos diplomáticos e governamentais (Delgado *et al.*, 1998), bem como o facto de Portugal não ter amizades benevolentes nos Estados Unidos, levou a que a sua candidatura fosse aceite e respeitada como um novo fôlego na sociedade portuguesa.

A primeira notícia escrita pelo correspondente em Lisboa revelava a intenção do general Humberto Delgado candidatar-se à presidência da República, que caracterizava como «*contra o regime de Lisboa*» e um «*partidário e franco amigo dos Estados Unidos.* » (in Delgado *et al.*, 1998: 429) [itálico no original]. Mas os elogios a Delgado não se ficavam por aí, o correspondente adianta que a candidatura era « (...) *uma audácia política raramente encontrada em Portugal*», acrescentando ainda que « (...) *as críticas que se espera que o general Delgado venha a fazer do reinado de Salazar certamente atrairão a atenção do mundo(...)*» (in Delgado *et al.*, 1998: 429) [itálico no original]. A cobertura do *The New York Times* privilegiava a campanha eleitoral de

Humberto Delgado, demonstrando de forma clara a sua posição. As notícias que eram publicadas sobre o país focavam habitualmente a candidatura do general:

“A partir de 16 de Maio a campanha eleitoral passa a dominar as frequentes referências a Portugal nas páginas do *The New York Times*. As notícias publicadas neste periódico, quer as provenientes do correspondente em Lisboa, quer as oriundas das agências noticiosas, referem-se quase em exclusivo à campanha de Humberto Delgado. Especificamente, o jornal dava particular cobertura às notícias de incidentes e actos de violência contra os apoiantes de Delgado e às acusações do general em relação ao comportamento do governo e forças policiais.” (Delgado *et al.*, 1998: 431)

De acordo com o livro *Humberto Delgado – As eleições de 58*, o jornal apenas fez uma cobertura noticiosa da candidatura de Américo Tomás, candidato apoiado por Salazar. Esta notícia foi publicada na véspera das eleições e dava conta do “(...) discurso de encerramento proferido por Salazar.” O periódico, na única vez que fala da candidatura apoiada pelo regime, salienta a questão levantada por Salazar durante o discurso: “Este interrogava-se se a campanha eleitoral de Delgado teria sido uma campanha à *portuguesa ou à americana*, ou antes *um movimento sedicioso baseado no modelo russo*.” (Delgado, 1998: 435). Apesar de poder antever o resultado das eleições, o correspondente Benjamin Welles “(...) faz o balanço da campanha eleitoral e analisa os possíveis cenários eleitorais. O jornalista considera a vitória de Américo Tomás um dado adquirido. (...) Mas apesar da continuidade política se encontrar assegurada, Welles julga que a campanha presidencial introduziu na normalmente «sonolenta» actividade política portuguesa um fenómeno inteiramente diferente. O candidato da oposição, Humberto Delgado, levava até ao fim a sua campanha pautando-a por (...) *táticas dinâmicas, abertas e anti-salazaristas*.” (Delgado *et al.*, 1998:433-434). Dois dias após as eleições, o *The New York Times* publica um editorial não assinado que é importante ter em conta, uma vez que demonstra com clareza o significado das eleições na comunidade internacional e prova que a realidade portuguesa, neste período, não era totalmente desconhecida:

“Em circunstâncias normais, afirma o editorial não assinado, as eleições presidenciais portuguesas seriam ignoradas pelo mundo com um simples encolher de ombros. Desta vez, porém, as eleições atraíram interesse mundial devido à *corajosa campanha do general Humberto Delgado*. Os resultados, prossegue o editorial, indicam que o candidato escolhido pelo «ditador» Oliveira Salazar foi o vencedor. O seu nome é Américo Tomás, embora esse facto não tenha *qualquer consequência*. Tomás (...) *não terá qualquer tipo de poder e o Dr. Salazar poderia inclusive ter escolhido o polícia de trânsito mais próximo*. O editorial desenvolve depois uma contundente crítica ao regime salazarista. De acordo com o texto, tem sido hábito na Inglaterra, nos Estados Unidos e um pouco por toda a

parte, julgar a ditadura portuguesa como *benevolente, apropriada e eficiente*. Salazar trouxera alegadamente ordem e estabilidade aos portugueses, *turbulentos e incapazes de governar o seu país*. O editorial discorda profundamente desta visão, que considera ser agora totalmente desadequada. E pergunta: *O país cujo povo tem o mais baixo nível de vida do Ocidente Europeu, a mais alta taxa de iliteracia em toda a Europa e uma das piores distribuições de riqueza – poucos ricos e muitos pobres – tem sido bem governado?*

Também existe ordem e estabilidade num «cemitério», prossegue o editorial, mas quando, (...) *na segunda metade do século XX* (...), essa ordem e estabilidade são impostas (...) *com a privação de todas as liberdades* (...), o resultado é (...) *degradante e não edificante*. A prisão de Vieira de Almeida *por ter dirigido a campanha de Delgado* é por si só, suficiente para que se entenda o que o regime de Salazar realmente é. O próprio Delgado, afirma o editorial, corre agora o risco de prisão por ter cometido o (...) *crime de se opor vigorosamente ao regime de Salazar*. O editorial conclui dizendo que, quando a história destes tempos for escrita no futuro, é bem possível que os 25% de votos de protesto em Delgado pesem mais do que os 75% do almirante Tomás. Estas eleições podem bem ter sido (...) *o primeiro passo hesitante do povo português em direcção à liberdade.*” (Delgado et al., 1998:436-437).⁸

Este jornal foi o periódico norte-americano que mais exaustivamente reportou as eleições presidenciais portuguesas. Este facto é importante. O jornal em questão é um dos maiores periódicos dos Estados Unidos e, ao publicar um editorial como o acima transcrito, dá o alerta para a realidade portuguesa. Anteriormente demonstramos que o país era pouco importante no panorama internacional e, conseqüentemente, pouco importante no panorama mediático internacional, mas este episódio demarca-se assim da imagem que era feita de Portugal.

A cobertura do *The New York Times* não terminou com as eleições. O periódico manteve a sua atenção no candidato e nos vários episódios relacionados com o mesmo depois de terminado o período eleitoral. O interesse em Humberto Delgado prolongou-se durante cerca de mais um ano e meio, fazendo assim notícia sobre a sua partida para o exílio.

O trabalho desenvolvido pelo *The New York Times* sobre as eleições de 1958 foi, claramente, favorável a Humberto Delgado. Como já aqui foi referido, apenas uma vez foi feita a cobertura da campanha eleitoral de Américo Tomás, candidato apoiado pelo regime, o reflecte assim um claro favorecimento da causa de Humberto Delgado em

⁸ Devido à impossibilidade de aceder ao editorial original do *The New York Times* e por acreditarmos que o conteúdo do mesmo é fulcral na percepção da atitude dos meios de comunicação internacionais face a Portugal na época das eleições de 1958, optamos por transcrever este excerto, que correspondente praticamente na totalidade, ao editorial do mesmo jornal. A utilização desta fonte secundária deve-se exclusivamente à impossibilidade de aceder ao editorial original, bem como ao facto de acreditarmos que o conteúdo do mesmo, é de extrema importância. Acreditamos que revela se forma indubitável a percepção dos *media* internacionais quanto a Portugal no período eleitoral de 1958.

detrimento do candidato oficial. Do ponto de vista do jornalismo, a cobertura deste periódico das eleições não foi isente. O interesse em apenas um candidato revela que a objectividade não foi conseguida bem como, o dever de fazer uma cobertura equilibrada, dando o mesmo tempo de antena a ambos os candidatos. Nesta extensa cobertura noticiosa, a crítica ao regime português e a repressão operada pelas forças policiais sobre os apoiantes do general foram factos presentes nas notícias do jornal. A amizade recíproca de Delgado pelos Estados Unidos, fruto de um conhecimento amplo, por parte do candidato do país, bem como dos EUA pelo candidato, não foi esquecida sendo uma das justificações que encontramos para o interesse deste meio na cobertura noticiosa das eleições. Para além da existência de um candidato independente ao regime ser, por si só, um facto inesperado, encontramos uma outra razão para o interesse demonstrado pela candidatura de Humberto Delgado. A condição de Portugal como membro da NATO. Sabemos que Portugal foi um membro fundador deste organismo, no entanto, Portugal era o único membro da organização a viver em ditadura. C.L.Sulzberger, colunista, na época, do *The New York Times* para questões de política externa norte-americana escreveu um artigo intitulado «Portugal: a Anomalia na NATO» (Delgado *et al.*, 1998: 446) onde a pretexto de falar da política externa portuguesa, menciona a realidade interna do país:

“O articulista reconhece que a ditadura salazarista se encontra numa (...) *linha clássica, anterior ao século XX* (...), Salazar nunca favoreceu (...) *camisas coloridas, saudações romanas, racismo* (...), e nunca se auto-intitulou *Duce of Fuhrer*. Todavia, no regime salazarista as actividades oposicionistas são proibidas, os funcionários públicos que expressem «doutrinas subversivas» podem ser despedidos e as greves são ilegais. A polícia política, continua Sulzberger, pode prender suspeitos por um tempo indeterminado, (...) *enquanto se continuarem a mostrar perigosos*. Numa palavra, (...) *um aliado com doutrinas ultrapassadas e anómalas* (...) é, no mínimo, como o Estado português pode ser considerado.” (Delgado *et al.*, 1998: 446)

Os factos acima mencionados demonstram que Portugal nem sempre foi ignorado pelos *media* estrangeiros. As eleições de 1958 marcaram por instantes o panorama português e internacional. É indiscutível que se tornaram numa dor de cabeça para o regime português de então. No entanto, e como seria de esperar dadas as circunstâncias do país, a vitória do candidato apoiado por Salazar não foi inesperada e levou, a médio prazo, que o país voltasse a restabelecer as suas antigas políticas. Este facto desencadeou um novo afastamento da imprensa internacional em relação ao país, que voltou praticamente ao esquecimento.

O massacre de Wiriyamu é distinto dos acontecimentos de 1958. O *The Times* de Londres, no dia 10 de Julho de 1973 noticiava o caso em primeira página. O massacre perpetrado pelas Forças Armadas portuguesas presentes em Moçambique, tinha acontecido no final do ano anterior, a 16 de Dezembro de 1972. A notícia do *The Times* não foi produzida por um correspondente presente na Guerra Colonial portuguesa, mas sim pelo Reverendo Adrian Hastings. A notícia era uma cobertura alargada do massacre e apontava para morte de mais de quatrocentos moçambicanos.

A publicação desta notícia em Julho de 1973 não poderá ser vista como mera coincidência. Ainda que a realidade da época não permitisse um fácil acesso à informação como acontece nos dias de hoje, há um hiato temporal superior a seis meses. A divulgação do massacre aconteceu na mesma altura em que Marcello Caetano, presidente do Conselho de Ministro, está de visita oficial a Londres. A visita oficial do presidente do Conselho ficou marcada pelos protestos, nomeadamente em frente ao parlamento britânico, e pelo pedido do Partido Trabalhista britânico do cancelamento da visita oficial de Caetano, algo que não se verificou. O massacre desencadeou protestos que foram reproduzidos amplamente pelos jornais britânicos, chegando mesmo a ser assunto de capa em alguns dos diários daquele país.

O massacre de Wiriyamu voltou a atrair a atenção mediática britânica para Portugal. Ainda que o alcance deste acontecimento tenha sido menor que as eleições de 1958, a sua influência não pode ser esquecida. Uma vez mais as políticas portuguesas eram alvo de reprovação nos *media* mundiais. Este facto não era nada favorável ao país. Com vimos anteriormente Portugal, tinha uma relação privilegiada com o Reino Unido, mas acontecimentos com este têm uma dimensão que não permite serem “abafados” pelas amizades. A vinda a pública destes dois acontecimentos apenas serviu para danificar ainda mais a já desfavorável imagem que o mundo tinha de Portugal. É certo que despertou o interesse por parte dos *media* internacionais em Portugal, mas pelas piores razões. A imagem que Portugal tinha no exterior era já comprometida com a mão pesada do regime, que utilizava todos os meios para conseguir assegurar o seu poder. Mas a partir do momento que os *media* internacionais repercutem estes acontecimentos, a imagem de Portugal deteriora-se ainda mais. Aquilo que o mundo já sabia sobre Portugal é confirmado na informação sobre estes acontecimentos.

2.3 25 de Abril de 1974

O dia 25 de Abril de 1974 foi um marco histórico para Portugal e, esse marco foi acompanhado pelo mundo. Os acontecimentos proporcionados por este dia focaram a atenção mundial em Portugal. A comunidade internacional já tinha assistido a muitas revoluções e, ainda que não anteviesse o golpe de Estado português, o facto que mais a surpreendeu foram as condições e a forma em que tudo ocorreu. O golpe de Estado foi pacífico, tendo apenas havido alguns tiros por parte de elementos da DGS, fiéis ao regime, que não queriam render-se ao Movimento das Forças Armadas (MFA). Uma revolução calma e sem sangue foi um facto inesperado para o mundo que, em situações semelhantes, tinha assistido a derramamentos de sangue e a elevado número de mortos. A Revolução apanhou de surpresa a maioria dos meios de comunicação internacionais, que até àquele momento desvalorizavam o contexto social português.

Portugal era, até à revolução, o único país europeu ainda detentor de colónias em África, um factor negativo para a comunidade internacional que tinha iniciado o seu processo de descolonização no início da década de 1960, época em que também começou a Guerra Colonial portuguesa. Para além disso, Portugal, assim como a Espanha, eram das poucas ditaduras vigentes na Europa Ocidental, ainda que ambos os países tivessem políticas económicas e sociais díspares. Com a queda do regime, muitas questões se levantaram quanto ao futuro de Portugal.

O golpe militar levado a cabo pelas baixas patentes das Forças Armadas, altera assim a situação portuguesa que, de um dia para o outro, preenche as páginas dos jornais internacionais. A queda do regime restitui a liberdade e a transição para um regime democrático entra em marcha.

Com a restituição da liberdade, é possível começar a falar sobre os temas que importam à população e que estavam proibidos, os órgãos de comunicação podem publicar ou difundir a realidade do país, sem a repressão do lápis azul. O país «onde não acontecia nada» (in Borga, 1982: 31) transforma-se no país em que tudo acontece. E para relatar as muitas alterações que acontecem, muitos correspondentes estrangeiros chegam a Portugal, o que é um dado marcante, uma vez que até então, devido à conjuntura nacional, o número destes profissionais era baixo.

Portugal entrou assim para o centro da atenção mediática e, como refere Mário Mesquita, “(...) transformou-se, após a Revolução do 25 de Abril, no «laboratório

político da Europa» e, simultaneamente, em factor de instabilidade face ao equilíbrio político europeu estabelecido em Ialta. ” (Mesquita e Rebelo, 1994:13). As alterações sociais ocorridas, fruto do golpe de Estado, foram rapidamente visíveis, um factor que chamou a atenção dos órgãos de comunicação internacionais e que é perceptível pelo relato de Maxwell: “Em 24 de Abril, numa quarta-feira, os cartazes de propaganda difundiam a imagem de felizes multidões multirraciais de banhistas nas praias de «sol e de sonho» de Moçambique; em 26 de Abril, sexta-feira, as paredes encontravam-se adornadas da foice e do martelo. Os velhos liberais estavam horrorizados. Era de mais, em tão pouco tempo.” (AA.VV., 1974: 12).

A surpresa dos *media* internacionais quanto ao processo revolucionário português, que ocorreu de forma célere e sem violência foi repercutida na imprensa internacional: “Na semana passada, um grupo estreitamente coordenado de oficiais do Exército aplicou essa tradição civilizada a um acto muitas vezes violento – um golpe militar. Mal se disparou um tiro, e apenas um punhado de vidas se perderam quando os rebeldes atacaram e – em treze horas – arrebatarem o «controle» do país das mãos do regime caduco e ultraconservador que manteve Portugal num sistema feudal. No entanto, embora tenha sido calmo e rápido, o golpe assinalou uma nova era na história.” (AA.VV., 1974: 55).

O cenário internacional da época está marcado por vários acontecimentos importantes e que tiveram eco nos *media* internacionais como a Guerra Fria, o caso Watergate, o golpe de Estado no Chile, etc.. Este factor, aliado às fracas condições oferecidas por Portugal, antes da queda do regime, tiveram como resultado um baixo interesse dos órgãos de comunicação internacionais, o que significa que não existiam muitos correspondentes estrangeiros em Portugal. Por esta razão, a insurreição militar que depôs o regime suscitou o envio de muitos correspondentes estrangeiros para reportarem a realidade portuguesa emergente. Muitos dos correspondentes que chegavam a Portugal nas horas seguintes à Revolução do dia 25 de Abril tinham feito a viagem de automóvel, uma vez que o aeroporto de Lisboa estava encerrado. Foi esse o caso de Henry Giniger, na época correspondente na Península Ibérica na época do *New York Times*: “A manhã do 25 de Abril surpreendeu-me em Madrid. Pela rádio, soube que algo de importante se passava em Lisboa. Que não se tratava de uma repetição dos acontecimentos de Março. Como o aeroporto tinha sido encerrado, eu e três outros correspondentes dirigimo-nos de carro para a fronteira, que atravessamos sem qualquer

dificuldade. (...)”(in Mesquita e Rebelo, 1994: 240). Mas por várias razões, nem todos os correspondentes chegaram no próprio dia da revolução. Muitos chegaram nos dias subsequentes e puderam fazê-lo por via aérea, aterrando no aeroporto da Portela. Para os que chegaram de avião, o cenário era distinto de outros golpes de Estado. A presença em outros confrontos semelhantes tinha-os preparado para cenários de morte e impetuosidade, tendo sido com admiração que constataram o cenário português. A calma reinante e a falta de aparato bélico foram algumas das surpresas sentidas pelos correspondentes: “Espreitando pelos vidros das janelas do avião, em vez do inevitável aparato bélico e da infinidade dos controlos, se lhes depararam as pistas livres, dominadas pelo pessoal de serviço e um controlo fronteiriço que se satisfazia com uma simples verificação dos passaportes. «E depois de tudo isto, como declarava um grande semanário alemão, era só tomar um táxi, pôr as malas no hotel e mergulhar nos acontecimentos.» (in Borga,1982: 31).

No dia da Revolução, e devido ao inesperado dos acontecimentos bem como à falta de canais de comunicação para os meios internacionais, a informação escasseava e muitos *media* mundiais socorriam-se da emissão do Rádio Clube Português para poder fazer a cobertura noticiosa: “É a escuta dessa emissora que permite às agências elaborar os seus primeiros despachos emitidos pelas estações de rádio dos países da Europa e da América. ” (Borga, 1982:31). Isto comprova a falta de preparação dos *media* internacionais para esta situação.

A Revolução portuguesa distanciava-se, assim, dos acontecimentos que muitos já tinham visto, levando mesmo Hans Hubner, jornalista da televisão alemã, a considerar estar perante um «carnaval revolucionário»: “Não dominando a língua, corri desabridamente atrás de acontecimentos que se desenrolavam em catadupa, quantas vezes sem os compreender. Visto de fora, Portugal assumia contornos de um país exótico. ” (in Mesquita e Rebelo, 1994: 198). O país deixava de ser obscuro e fechado para proporcionar uma grande dinâmica informativa. Todavia, os jornalistas estrangeiros, uns talvez por já terem coberto outros acontecimentos deste género, outros por estarem em início de carreira, tinham sentimentos confusos em relação aos factos. Por um lado, tinham a incumbência de relatar os factos de acordo com os princípios basilares do jornalismo, mas por outro lado a efervescência dos acontecimentos criava a vontade de se juntarem aos portugueses nas celebrações da queda da ditadura, como nota José Rebelo acerca dos enviados do jornal francês *Libération*, que fizeram a

viagem de automóvel: “Chegar para descrever. Mas chegar para participar, também, na festa marcada para o primeiro dia de Maio. Os princípios clássicos de objectividade e independência deixam-nos na fronteira. Ninguém é neutral.” (Mesquita e Rebelo, 1994: 83).

Os acontecimentos, tal como a Revolução, desenvolveram-se de forma célere. Steeve Broening, chefe da delegação da Associated Press na época confessou que, para quem tinha de fazer a cobertura jornalística dos acontecimentos, Portugal era um cenário espantoso devido à panóplia de assuntos que suscitava: “(...) problemas importantes, actividade constante e resultado final deliciosamente imprevisível. Por outro lado, o facto de se tratar de um país pequeno, proporcionava a recolha de acontecimentos em primeira mão e a oportunidade de conhecer, ou pelo menos de conversar, com, praticamente, todos os principais protagonistas, desde Álvaro Cunhal e Vasco Gonçalves a Sanches Osório.” (in Mesquita e Rebelo, 1994: 237).

Mas o trabalho dos jornalistas estrangeiros não estava facilitado pelo facto das condições não serem as mesmas de outros golpes de Estado. Se para os portugueses, por terem vivido sob um regime ditatorial que ocultava e omitia a realidade do país, os acontecimentos de 25 de Abril não eram facilmente perceptíveis, nomeadamente ao nível de quem eram os mandantes daquela revolução que punha termo a quarenta e oito anos de ditadura, para os jornalistas internacionais mais difícil era. Um grupo de militares, que se intitulava Movimento das Forças Armadas (MFA), depunha o regime. Mas a interrogação mantinha-se: quem era o MFA? Seriam todos os militares ou apenas uma facção? Qual era a principal motivação para a queda de um tão longo regime? Este desconhecimento da realidade portuguesa suscitou alguma confusão que foi repercutida na imprensa estrangeira.

A figura do General Spínola, “com o seu livro e o seu monóculo” (Mesquita e Rebelo, 1994:205), está no centro das controvérsias existentes quanto aos mandantes da Revolução:

“Numa segunda fase, que se pode situar depois da apresentação da Junta ao país, será Spínola o herói visível, que veio encarnar, após um «tempo de expectativa e de apelo» (...). Por enquanto, a Imprensa atribuirá ao «movimento dos capitães», e ainda na sombra, um papel secundário, de apoiante de chefe carismático cujo objectivo seria a instauração da democracia. Numa terceira fase, depois do 1º de Maio, o herói colectivo, até então escondido, emergiu lentamente nas páginas dos jornais – trata-se dos «capitães de Abril», que vão institucionalizar, progressivamente, o Movimento das Forças Armadas (MFA) – o qual reivindicará o papel de autor da Revolução e apresentará Spínola como um desvio

conservador, e até como um risco de restauração do regime autoritário. De principal protagonista, o chefe carismático passa a opositor...” (Mesquita e Rebelo, 1994: 68-69).

2.4 Os primeiros dias da Revolução

O país viveu os dias seguintes à revolução num clima de delírio. A população comemorava a queda do regime nas ruas e os novos acontecimentos promovidos pela restituição da liberdade sucediam-se em catadupa. O acompanhamento feito por parte dos *media* internacionais não foi igual para todos os países, tendo alguns feito uma cobertura mais pormenorizada dos acontecimentos portugueses.

A Espanha, sob o regime ditatorial de Francisco Franco, acompanhou os acontecimentos nacionais e encarou com alguma preocupação as informações que lhe iam chegando. A apreensão espanhola não pode ser tida como inesperada, uma vez que as repercussões do golpe de Estado português poderiam alcançar a Espanha. Cesário Borga cita um jornal espanhol que, questionou figuras ligadas ao regime para saber qual o impacto que a revolução portuguesa poderia ter em Espanha: “(...) dois procuradores às cortes espanholas dizem claramente que qualquer «situação anómala que se verifique em Portugal terá inevitáveis reflexos negativos em Espanha». ” (in Borga, 1982: 33). Apesar de ser um regime ditatorial, a Espanha, no dia seguinte aos acontecimentos portugueses, veiculava na imprensa a notícia dos factos ocorridos em Lisboa, dedicando “(...) a Portugal grande parte do seu espaço. ” (Borga, 1982: 32). A Revolução portuguesa acabou por questionar a sociedade espanhola quanto ao regime vigente, como adiantou Cesário Borga citando um comentador político que afirmava: «Penso que os acontecimentos verificados em Portugal nos devem fazer meditar seriamente na realidade espanhola.» (in Borga, 1982: 33). Na verdade, o regime de Franco não se regia pelos mesmos parâmetros do regime português. A Espanha tinha introduzido uma série de medidas que tinham possibilitado a evolução da sociedade a vários níveis, mas ainda assim continuava em ditadura. Marcel Niedergang, do *Le Monde*, retrata a sociedade espanhola da época e as consequências que poderia antever da revolução portuguesa: «A Espanha, que ganhou dez pontos de avanço sobre o seu vizinho português, graças à sua taxa de crescimento recorde, não enfrenta nenhuma crise nacional grave, e não se vê despontar no horizonte nenhum general Spínola. Mas as Forças Armadas, reflexo das classes médias em expansão, solicitadas por uns e por outros para serem o guardião de

um pós-franquismo ainda mal definido, não podem deixar de se interrogar sobre a explosão de entusiasmo que varre as ruas de Lisboa». (in Mesquita e Rebelo, 1994: 58).

Os *media* franceses, fizeram uma ampla e vasta cobertura jornalística dos acontecimentos do 25 de Abril. José Rebelo menciona que os jornalistas franceses ocupavam “(...) todo o sétimo andar do [Hotel] Mundial, assim convertido numa enorme sala de redacção (...)” (Mesquita e Rebelo, 1994: 84). Os acontecimentos no Portugal pós- 25 de Abril eram muitos e iam surgindo a uma velocidade elevada, o que não dava a oportunidade aos jornalistas de os cobrirem a todos. Para os jornalistas franceses, o facto de serem vários e estarem instalados no mesmo hotel era uma vantagem, pois permitia-lhes trocarem informações: “São diferentes os jornais. Presume-se que sejam diferentes os públicos. Mas há que rentabilizar ao máximo os contactos de uns e de outros. Até porque se torna materialmente impossível cobrir tudo o que se passa num dia. Ao jantar (...), trocam-se informações (...)” . (Mesquita e Rebelo, 1994: 85). Cada sociedade via de diferentes ângulos as repercussões que a Revolução iria trazer. O destaque da imprensa francesa foi para as colónias em África, que Portugal teimava em manter durante a ditadura. O jornalista francês Jorges Dupoy, nota que a questão colonial por ser, na época, um ponto sensível na sociedade francesa devido ao processo de descolonização da Argélia, foi a razão do enfoque da imprensa daquele país: “Não era tanto a queda de uma ditadura velha, de quase meio século, ditadura esquecida, discreta, quase secreta, que apaixonava os franceses, mas o fim do último grande império colonial europeu que abria a ferida ainda viva da nossa difícil descolonização. ” (Mesquita e Rebelo, 1994: 139).

Os Estados Unidos da América, por outro lado, viram os acontecimentos desenrolados em Portugal de um prisma diferente daquele que outros países o viram. As primeiras horas da Revolução surpreenderam os Estados Unidos, que desconheciam a conjuntura nacional. Os primeiros relatórios da CIA afirmam que a imprensa transmite que um levantamento militar está a suceder em Lisboa. A calma aparente que Portugal habitualmente transmitia, levou a que nem os meios de comunicação norte-americanos nem os serviços secretos anteviram o desencadear destes acontecimentos. Como nota Cesário Borga, “(...) os Estados Unidos apanhados de surpresa sem informações, não iam além de declarações vagas e cautelosas. ” (Borga, 1982: 33). A conjuntura social e política norte-americana era peculiar. O escândalo do Watergate tinha já rebentado há cerca de dois anos e estava a pôr a descoberto o envolvimento do Presidente Nixon

nesse episódio. Para além disso, a Guerra do Vietname ainda perdurava, criando grande contestação social.

Steeve Broening, da Associated Press, relatou: “Como nenhuma cadeia de televisão nem nenhum jornal americano dispunha de uma delegação em Lisboa (...) eram, sobretudo, as agências noticiosas que elaboravam tudo o quanto se lia e dizia nos Estados Unidos sobre Portugal. Durante os dois anos em que por cá permaneci, a AP enviou centenas de notícias. ” (Mesquita e Rebelo, 1994: 238). A agenda norte-americana é normalmente “(...) atraída pelo facto político, dando pouca atenção ao pano de fundo social e histórico. ” (Mesquita e Rebelo, 1994: 228).

Quanto ao Brasil, no próprio dia da Revolução e nos dias subsequentes, deu grande destaque aos acontecimentos portugueses, interrompendo “as emissões de rádio e de televisão para darem notícias de Lisboa (...)”(Borga, 1982:32), podendo assim ser notado algum relevo na sociedade brasileira os acontecimentos portugueses. Na época, o Brasil demonstrava interesse em formar uma comunidade de língua portuguesa, daí que tenha vistos os acontecimentos de Portugal como positivos. Como refere Marcel Niedergang, do jornal *Le Monde*: «O Brasil, que não esconde o seu desejo de construir uma nova comunidade de língua portuguesa “dos dois lados do Atlântico”, e cujos interesses em Angola são já importantes, não pode deixar de se felicitar por esta evolução...» (in Mesquita e Rebelo, 1994: 58).

2.5 Os primeiros meses pós-25 de Abril

A Revolução teve como efeito imediato a queda do regime vigente, mas os seus efeitos prolongaram-se. Com a nova realidade emergente, muitas alterações sociais tinham de necessariamente acontecer. É caso para dizer que a revolução aconteceu num dia, mas as mudanças que promoveu perduraram no tempo. Os primeiros dias do pós-Revolução ficaram marcados pela celebração e entusiasmo da população, que os *media* internacionais noticiaram. Mas, com o serenar do entusiasmo dos primeiros dias foi necessário criar as infra-estruturas sociais para que a transição para a democracia fosse completa e eficaz. Portugal, depois de quase cinquenta anos de ditadura, tinha que criar um governo que trabalhasse para conseguir suprir as carências sociais, económicas e culturais para que, o país pudesse viver plenamente em democracia. Estas alterações

demoraram algum tempo e num país que estava a conhecer o significado de liberdade, a estabilidade demorou alguns meses a chegar.

O cenário português depois da revolução, com muitos acontecimentos necessários à estabilização democrática, foi reportado pela imprensa internacional. Os correspondentes começaram a focar o seu trabalho nos assuntos que suscitavam mais interesse para o país para onde trabalhavam. O trabalho destes profissionais, se quisermos, começou a ser mais específico, não foi semelhante ao dos primeiros dias em que se retratava sobretudo as manifestações de agrado da população.

Portugal, já liberto do regime ditatorial, restituiu as liberdades anteriormente proibidas, nomeadamente a liberdade de associação e a existência de partidos políticos. Muitos dos partidos políticos que existiam apenas na clandestinidade puderam emergir na sociedade, tentando todos eles conseguir o maior número de apoiantes possível. O Partido Comunista Português (PCP), que como todos os outros, à excepção da União Nacional, outrora vivia na clandestinidade, teve também assim a sua oportunidade de se manifestar e promover os seus ideais. A sua chegada aos governos provisórios foi o factor mais importante para a imprensa norte-americana.

Em plena Guerra Fria, que opunha os EUA à União Soviética, os Estados Unidos viam com preocupação a “(...) ameaça comunista, que se intensificou e perdurou ao longo de 1975.” (Mesquita e Rebelo, 1994: 228). A saída do Partido Comunista Português da clandestinidade e os seus lugares cimeiros no poder assustavam os EUA. A ameaça de um país comunista no extremo ocidental da Europa e pertencente à NATO, era totalmente desfavorável aos Estados Unidos: “(...) deseja-se que o novo governo consiga travar os elementos extremistas que querem retirar Portugal da área de influência atlântica». ” . (Mesquita e Rebelo, 1994:59). Henry Giniger, do *New York Times*, confirma a importância dada a Portugal naquela época: “Portugal tornava-se o centro do mundo, o que se traduzia na ocupação de espaços consideráveis nos jornais americanos. Devo acrescentar que, regra geral, a imprensa dos Estados Unidos não presta grande atenção a acontecimentos estrangeiros. Este facto, aliado à intensa actividade política que, então, se vivia em Washington, fruto da queda iminente do Presidente Nixon, torna ainda mais relevante a importância conferida a Portugal e a gravidade com que os acontecimentos portugueses foram encarados. ” (Mesquita e Rebelo, 1994: 241). A realização de um estudo por Gans comprova esse mesmo facto. O estudo realizado nos anos 70 e citado por Traquina, revela o seguinte: “em termos da

cobertura jornalística norte-americana no estrangeiro, havia três categorias de países: 1) os Estados Unidos e os seus aliados; 2) a União Soviética e os seus satélites; 3) os restantes países, que só esporadicamente eram assunto noticiável. Em relação a esta terceira categoria de países, Gans escreve que constituíram notícia apenas quando eram teatro de acontecimentos muito dramáticos, como conflitos, golpes de Estado e grandes catástrofes. ” (Traquina, 2002: 189). Portugal enquadra-se nesta terceira categoria, mas a Revolução foi inesperada e com significado para os Estados Unidos.

Com a queda do regime, Portugal teve que introduzir muitas mudanças para recuperar o atraso provocado pela ditadura. Os acontecimentos surgiam a grande velocidade, o que dava aos correspondentes múltiplos temas sobre o que escrever. No entanto, e depois dos tempos agitados da transição para a democracia, a estabilidade e a calma surgiram desvanecendo assim os motivos de reportagem para os correspondentes estrangeiros. Portugal voltava a perder o protagonismo que tinha alcançado.

No último trimestre de 1975, a também longa ditadura espanhola termina. O General Franco morre e deixa o poder nas mãos do rei Juan Carlos II, que fez a transição para a democracia. Desta vez era a Espanha que ia ganhar protagonismo. Os acontecimentos espanhóis desenvolveram-se de certa forma com mais calma que em Portugal. A Espanha não presenciou nenhum golpe de Estado e ao contrário do que aconteceu em Portugal, que Salazar não tinha apontado qualquer sucessor, o general Franco tinha nomeado o rei Juan Carlos II para lhe suceder. Ainda assim, a actualidade espanhola da época estava dotada de acontecimentos novos o que, despoletou o interesse dos correspondentes estrangeiros que rumaram para Espanha. A calma proporcionada pela transição para a democracia desencadeou o afastamento dos correspondentes estrangeiros de Portugal:

“ A agitação nos media internacionais durou um ano e meio. Quando as ameaças de golpes comunistas se dissiparam, a atenção do mundo dispersou-se. Outros dramas fizeram “passar de moda” a história de um pequeno e empobrecido país e do seu hesitante progresso em direcção à democracia depois de meio século de uma ditadura solitária”. (Smith, in Rodrigues, p.76).

A pouco e pouco Portugal foi perdendo o interesse para os *media* internacionais. Outras realidades emergiram que cativavam o interesse da imprensa internacional. José Rebelo menciona que as eleições de 1976 marcam o fim do interesse em Portugal, ou seja, que é nesse período que “(...) se atinge o kairós: instante preciso em que a curva

descendente do interesse, perceptível desde o início do ano, é substituída pela curva ascendente do desinteresse.” (Rebelo, in Rodrigues, p.76).

2.6 Até à actualidade

De acordo com a distinção estabelecida por Galtung e Ruge, Portugal insere-se nos países periféricos, que protagonizaram poucos acontecimentos que tenham repercussão nos órgãos de comunicação internacionais. Por esta razão podemos entender o porquê de, depois do golpe de Estado e da consequente estabilização democrática, os *media* internacionais terem-se voltado para outros acontecimentos. O facto de Portugal já ter enraizado os principais valores democráticos na sua sociedade e o seu percurso estar a ser traçado para a adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE), afastou cada vez mais os correspondentes estrangeiros de Portugal. Poder-se-à dizer que a rotina abateu-se sobre a sociedade portuguesa tornando-a desinteressante para os *media* estrangeiros.

Antes da Revolução, em 1973, o investigador Manuel Correia estima que o número de correspondentes em Portugal ronda-se os cerca de vinte e cinco profissionais (Correia, 1994:58). Com a Revolução o número estimado de correspondentes sobe para os trezentos, sendo esta a época na qual afluíram mais profissionais a Portugal pelas razões conhecidas (Correia, 1994:58). Em 1994, o investigador refere que existem cento e vinte e seis profissionais acreditados a trabalham em Portugal (Correia, 1994:58), sendo que em 2009 estão acreditados cerca de setenta profissionais pela Comissão de Carteira Profissional.

O ano de 1986 marca a entrada de Portugal na CEE. É também, por essa altura, que chega a Portugal Barry Hatton, actual correspondente da Associated Press em Portugal. O jornalista refere que:

“ (...) quando eu cheguei em 86, havia muita curiosidade lá fora sobre este país, porque as pessoas não conheciam, estava a sair da ditadura e do pós-25 de Abril e foi quando entrou na União Europeia, na CEE como era na altura em 86, muita gente tava muito curiosa sobre o que estava a acontecer aqui, o que é que era Portugal. E também houve aquela coisa, um enorme investimento estrangeiro, a economia estava a lançar com a ajuda do dinheiro de

Bruxelas e havia muitas oportunidades, o país precisava de crescer e pronto, tinha muito trabalho na altura. Acho que toda a gente tinha.”⁹

O interesse num Portugal democrático existia. A curiosidade em saber como o país ia enfrentando os desafios lançados pela integração na comunidade europeia, bem como a possibilidade de lançar investimentos eram factores relevantes. Mas o interesse mediático em Portugal a partir do final da década de 1970 até ao final da década de 1990 não estava focalizado no país. O foco da imprensa internacional esteve bastante voltado para as ex-colónias portuguesas em África. Após o golpe de Estado, Portugal concedeu a independência às suas colónias africanas, que transitavam assim para países independentes. O decorrer desse processo não foi pacífico nem consensual em todos os países. Algumas das ex-colónias portuguesas enveredaram por conflitos chegando mesmo a guerras civis. Factos importantes para a comunidade internacional e acompanhados pelos *media* internacionais, que preenchiam assim as agendas mundiais com acontecimentos africanos a partir de Portugal. Segundo Correia, as duas razões que explicam os mais de cem correspondentes em Portugal nos anos noventa prendem-se com estes factores:

Uma das principais razões apontadas para a existência de correspondentes estrangeiros em Portugal nessa época prende-se com este factor: “(...) a proximidade de África – mais histórica e cultural do que geográfica – e das ex-colónias portuguesas; a integração na Europa Comunitária formalizada em 1986. Com poucas excepções, os representantes dos órgãos com sede no hemisfério norte, estão em Portugal sobretudo por causa dessa proximidade com África; enquanto os representantes de órgãos com sede em África tratam Portugal como a “porta” de acesso à agora denominada União Europeia.” (Correia, 1994: 54).

Todavia, a importância de Portugal para os *media* estrangeiros não se prende apenas com os conflitos africanos. As ex-colónias portuguesas, ainda que nem todas por igual, eram países subdesenvolvidos e alguns em guerra civil, o que propiciou o aumento do número de imigrantes africanos em Portugal. Desta forma, o número de profissionais destes países aumentou, particularmente a partir da década de noventa do século XX (Rodrigues, 2008).

Por outro lado, no final da década de noventa, os acontecimentos timorenses (ex-colónia portuguesa ocupada pela Indonésia após a independência em 1975 e que, em

⁹ O excerto citado faz parte da entrevista conduzida a este correspondente pela autora.

1999 votou favoravelmente à independência num referendo organizado pela ONU) foram também decisivos para a importância portuguesa no cenário mediático internacional. Muito devido às condições de Timor, um país subdesenvolvido com fracas infra-estruturas sociais e sob um clima de guerrilha, bem com o facto de Portugal intervir diplomaticamente para resolução deste conflito, originaram que os acontecimentos, ocorridos do outro lado do mundo, fossem reportados a partir de Portugal pelos correspondentes estrangeiros. Nem todos os meios certamente efectuaram a cobertura noticiosa a partir de Portugal mas, e tal como acontecera com os conflitos africanos nas décadas anteriores e que se prolongaram pelos anos noventa, a proximidade cultural que liga Portugal às suas ex-colónias foi um factor determinante na escolha de efectuar a cobertura noticiosa de Portugal para o mundo.

Barry Hatton, actual correspondente da Associated Press, não consegue precisar a altura da quebra de interesse em Portugal, mas marca o final do século XX como o ponto de viragem: “ Isto durou até quando? Se calhar a entrada do euro ou até ao final dos anos 90...A partir daí aquando a expansão da União Europeia para vinte e sete países e depois...no final do século XX Portugal ficou muito pequeno. Um país de dez milhões de pessoas, no bloco europeu são quase quinhentos milhões e mundialmente também são milhões, portanto, Portugal foi encolhendo digamos, portanto todo aquele interesse que houve em Portugal a partir de 86 mudou para os países do Leste (...)”¹⁰.

Assim, a maior parte do trabalho que ocupava os correspondentes estrangeiros em Portugal em finais da década de setenta, oitenta e noventa não se centrava em território nacional, mas através da intervenção diplomática nestes cenários e da sua proximidade cultural com estes países, Portugal reassumiu assim algum interesse internacional. Esta é uma das diferenças mais notórias quanto ao interesse em Portugal por parte dos correspondentes estrangeiros depois do golpe de Estado.

No século XXI, a importância portuguesa é esporádica. É marcada por acontecimentos esporádicos. A realidade portuguesa apenas gera acontecimentos relevantes internacionais espaçadamente. Ainda que estes acontecimentos importantes internacionalmente não sejam uniformes para todos os países, existem alguns que serão de alguma importância para todos, como é o caso do Euro 2004 ou da presidência da

¹⁰ O excerto citado faz parte da entrevista conduzida a este correspondente pela autora.

Comissão Europeia. Há ainda um pequeno ponto que é importante referir. Existem as comunidades de imigrantes em Portugal, que por vezes, criam acontecimentos de interesse para os correspondentes que trabalham para os países de onde as comunidades de imigrantes são originárias.

Se procurá-se-mos resumir o percurso dos correspondentes estrangeiros em Portugal poderíamos dizer que estes acompanharam a história contemporânea portuguesa. Se por um momento esquecermos a Revolução de Abril de 1974, Portugal foi notícia em ocasiões esporádicas, nas quais os acontecimentos despoletaram um elevado interesse. As eleições presidenciais de 1958 são um exemplo disso mesmo. O mundo sabia aquilo que acontecia em Portugal, mas como a situação não se alterava, podemos afirmar que a situação portuguesa se tornou uma rotina. E se, como acontece com todas as rotinas, os *media* não se interessam por elas, a verdade é que quando ocorre um acontecimento que quebra a rotina isso desperta ainda mais o interesse dos *media*. É essa uma das razões para que a Revolução dos Cravos tenha tido tanto impacto na imprensa mundial. Afinal, Portugal esteve mergulhado durante quase cinquenta anos numa rotina duramente imposta pela ditadura. Com a estabilização democrática Portugal tornou depois a entrar na rotina, voltando a não produzir acontecimentos relevantes para os meios de comunicação internacionais. O facto de as ex-colónias portuguesas terem tido processos de independência complexos até à democracia propiciou que os correspondentes estrangeiros continuassem em Portugal, mas não obrigatoriamente para produzirem sobre Portugal. A proximidade cultural que liga Portugal às suas ex-colónias operava como um factor importante para a chegada de correspondentes estrangeiros mas, para além disso, o facto de por vezes o país intervir nestes cenários conturbados era uma mais-valia para a entrada de correspondentes. Mas fundamentalmente, o que era importante sobre Portugal para a imprensa estrangeira são acontecimentos não regulares. Este facto não é obrigatoriamente negativo. Podemos considerar que é relativamente natural e consequência da posição e da sua condição geográfica. O mesmo acontece com muitos outros países mundiais, incluindo com outros parceiros europeus.

Capítulo 3 – Estado da arte, objectivos e métodos

Ao desenvolver esta investigação procuramos descortinar aquilo que interessa aos *media* internacionais sobre Portugal. Assumimos que o trabalho dos jornalistas é relatar a realidade que observam, por essa razão entendemos que os correspondentes estrangeiros em Portugal seriam o veículo mais indicado para perceber aquilo que faz de Portugal notícia no estrangeiro. Procuramos através destes profissionais entender aquilo que se escreve e porque se escreve. Fundamentalmente, procuramos saber quais são os acontecimentos da actualidade que são relevantes para os correspondentes estrangeiros para que assim possamos entender aquilo que os meios de comunicação mundiais transmitem sobre Portugal.

Ao investigarmos o universo dos correspondentes estrangeiros em Portugal percebemos que um grande número destes profissionais se inseria na Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP). Este facto vai de encontro a uma questão que a investigação de Ulf Hannerz levantou: “Do foreign correspondents make up a “community”? The term obviously has a mixed tradition of a strict and loose usages, but there are ways in which correspondents may form a community even on a worldwide bases.” (Hannerz, 2004: 155). O autor acrescenta ainda: “One institution that certainly plays a part in turning the foreign correspondent’s club, existing under that or similar name. There is one in most places with any sizable number of resident correspondents, although the club’s scales of operation differ considerably. ” (Hannerz, 2004: 160).

Procurando saber se os correspondentes estrangeiros formam uma comunidade, verificamos que estes jornalistas formam, de facto, uma comunidade jornalística que pode ser encarada como uma comunidade interpretativa. Para melhor entendermos o porquê do jornalismo formar uma comunidade interpretativa temos de atender às circunstâncias actuais e passadas do jornalismo. O desenvolvimento que o jornalismo tem vindo a ser alvo desde o século XIX, proporcionou que este se tornasse uma comunidade interpretativa. O jornalismo cresceu, criando valores-notícia que concebem uma forma especial do profissional observar a realidade. A forma como o jornalista vê o mundo, como interage com o mundo, a maneira como fala e a sua própria batalha como o tempo são características da sua cultura profissional, que constitui o seu *ethos* profissional (Traquina, 2002). O *ethos* profissional engloba vários mitos que constituem o imaginário do jornalismo, mas engloba também valores como a liberdade de

expressão e autonomia relativamente aos poderes sociais vigentes, a objectividade na produção noticiosa, a paixão pelo imediatismo. Estes valores estão presentes em qualquer profissional do jornalismo, independentemente do país em que trabalhe (Traquina, 2002). O facto de os jornalistas partilharem todos estes valores cria neles uma forma de pensar e agir perante os acontecimentos, bem como perante a sociedade, bastante semelhante. Não queremos dizer que os jornalistas pensam todos exactamente da mesma forma, apenas procuramos salientar que os jornalistas, por partilharem os valores e referências entre si, defendem as mesmas posições. Esta realidade do jornalismo abrange todos os profissionais do jornalismo.

Hannerz defende que um dos factores que fazem com que os correspondentes estrangeiros formem uma comunidade é o facto de estes criarem um clube ou uma associação. Em Portugal, existe a Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal (AIEP), que agrega jornalistas estrangeiros que residem legalmente em Portugal¹¹ e que possuem “a sua acreditação como jornalista correspondente e a documentação periódica da sua actividade principal como tal para um ou vários órgãos com sede no estrangeiro.”¹². Formam uma comunidade porque se associam, formaram aquilo que Hannerz considera recorrente na realidade dos correspondentes estrangeiros a nível mundial. Consideramos também que os correspondentes estrangeiros em Portugal formam uma comunidade interpretativa, uma vez que, como é definido por Hymes, é “ (...) um grupo unido pelas suas interpretações compartilhadas da realidade.” (in Zelizer, 2000: 38). Barbie Zelizer aprofunda esta ideia: “os jornalistas estão unidos, enquanto comunidade interpretativa, pelas interpretações colectivas de determinados acontecimentos-chave. O discurso compartilhado que produzem é assim um indicador de como se vêem a si próprios como jornalistas. ” (Zelizer, 2000: 39). A autora refere ainda que uma comunidade interpretativa não se pauta por elementos rígidos mas sim “ (...) por associações informais que se produzem em torno das interpretações compartilhadas. ” (Zelizer, 2000: 38). Esta comunidade interpretativa que os jornalistas formam revela-se por aquilo que defendem e não por elementos fixos. Formam uma comunidade interpretativa porque têm os mesmos, ou semelhantes, valores e defendem-nos. Hannerz afirma que os correspondentes formam uma comunidade, sem se referir a

¹¹ Estatutos da AIEP disponíveis em: http://www.aiep.eu/estatuto_frame.html

¹² *idem*

uma comunidade interpretativa, contudo as suas seguintes palavras deixam antever, na nossa perspectiva, uma comunidade interpretativa:

“No doubt there is a certain “consciousness of kind”, a sense of sharing particular types of experiences and values. In more relational terms, this is clearly not a population in which all the individuals involved are ever in face-to-face contact, or even known to one another. But there are frames of relative cohesion that, as they intersect with each other, may create an overall network of relationships.”(Hannerz, 2004: 155).

De acordo com Zelizer, “os jornalistas adquirem o seu estatuto devido ao trabalho que efectuam agindo «como profissionais» e exibindo certas características predefinidas de uma comunidade «profissional» ” (Zelizer, 2000: 34). Tal como qualquer jornalista, o correspondente internacional no seu trabalho pauta-se por normas profissionais que lhe conferem um estatuto profissional e que partilha com os seus pares. Ao referir-se a uma comunidade interpretativa Nelson Traquina apelida-a de «tribo» justificando-o com a seguinte explicação: “o termo «tribo» transmite também a ideia de que os membros desta comunidade são homens e mulheres de acção, marcados por uma atitude de anti-intelectualismo, que é um «*constrangimento cultural no mundo do jornalismo*»¹³.” [itálico no original] (Traquina, 2004:19). Os correspondentes internacionais são homens e mulheres de acção em busca da melhor «estória» para transmitir sobre Portugal. O seu objectivo de trabalho é transmitir a realidade nacional, mas aquilo que a nós nos interessa saber é quais os principais motivos de notícia que Portugal desperta.

Stephen Hess cita uma carta, escrita em Dezembro de 1992 pelo editor de internacional do jornal *The New York Times* para os seus correspondentes, onde demonstra aquilo que gostava de ver expresso nas notícias enviadas pelos seus correspondentes:

«Imagine you are being asked to write a letter home every week to describe a different aspect of life in the area you are assigned. We want to know what the aspirations of the people are, what kind of lives they lead, what kind of schools they attend and what they learn in school, what the role of religion is in their lives, how they socialize in the broadest terms, how men and women interact, what cultural tendencies should be noted, what are their movies like? Any prominent writers? How do they handle immigrants and emigrants? How do they act in the workplace? Are unions important? What medical care is available? How is a society ravage by such illness as AIDS coping? How are orphans handled? What is the role of the military? How important are sports and fashion? And who are preeminent people in

¹³ Esta citação de Nelson Traquina contém uma citação de Pierre Bourdieu, retirada do livro *Sobre a Televisão*, publicado em Portugal pela Celta Editora, em 1998, na página 58.

such societies? Whom would you like to read about the length? Above all, we want to hear their voices in your stories.» (in Hess, 1996: 102).

Esta descrição pode constituir exemplo daquilo que todos os editores esperam dos seus correspondentes. O país para o qual os correspondentes trabalham pode, ou não, ser o seu de origem, mas é distinto daquele de onde está a trabalhar. Cada país tem a sua própria cultura, os seus próprios valores, o que o distingue dos outros países. Quando um correspondente relata a realidade do país de onde está a trabalhar, tem de transmitir os sentimentos e as dúvidas presentes nesse mesmo país, para que os receptores da informação possam entender o que está a acontecer.

3.1 O que sabemos sobre os correspondentes estrangeiros em Portugal

Portugal, demográfica e politicamente pequeno, não tem o número de correspondentes que os países ditos decisores mundiais têm. Dada esta condição, pode ser natural que o número de correspondentes estrangeiros em Portugal não seja elevado. No entanto, o não elevado número destes profissionais não pode ser sinónimo de pouca relevância do seu trabalho. O desempenho destes profissionais é valioso para que o mundo conheça uma sua pequena parte. Não queremos aqui argumentar os efeitos que o trabalho destes profissionais tem para o país. Queremos apenas que se entenda o que são estes jornalistas, quantos são e qual foi a evolução desta comunidade em Portugal. Para isso recorreremos a investigações já efectuadas, como base para fazermos uma breve síntese.

O último estudo efectuado sobre estes profissionais demonstra a existência de vinte nacionalidades diferentes entre os correspondentes estrangeiros em Portugal, sendo que, os correspondentes oriundos de Espanha e, seguidamente do Brasil, os que mais representação têm no país (Rodrigues, 2008). No entanto, a situação em 1994 difere um pouco da apresentada em 2004¹⁴. Manuel Correia aponta que: “os cinco primeiros países em número de correspondentes são a Espanha (16), o Reino Unido (15), o Brasil (12), os Estados Unidos e a Alemanha (11).” (Correia, 1995: 58). Em

¹⁴ Os dados do estudo de Manuel Correia são referentes ao ano de 1994, sendo o artigo publicado no ano seguinte. O mesmo acontece com a investigação de Ana Luísa Rodrigues. A investigação decorreu no ano de 2004 e o livro publicado no ano de 2008.

1994 verificava-se, em Portugal, uma pequena predominância de correspondentes europeus em detrimento dos restantes continentes. Em 2004 registava-se um maior número de correspondentes espanhóis e brasileiros (dez e sete respectivamente), seguidos dos norte-americanos com cinco elementos. (Rodrigues, 2008) Os números revelam assim que as nacionalidades que atraem mais correspondentes vão alternando consoante a evolução dos tempos. Ana Luísa Rodrigues menciona que a origem dos correspondentes estrangeiros em Portugal “(...) é sensível a “vagas” de nacionalidades (...)” e acrescenta que “(...) pode afirmar-se com toda a pertinência que actualmente a “onda” é espanhola.” (Rodrigues, 2008: 100).

Portanto, a comunidade de correspondentes sofre, ao longo da sua evolução, oscilações tanto no número como na nacionalidade dos seus profissionais. Como já tivemos oportunidade de referir durante o Estado Novo o número de correspondentes em Portugal era muito baixo, não sendo possível precisar como exactidão o número dos mesmos, nem a sua nacionalidade. No entanto, e com a chegada da Revolução do 25 de Abril o número estimado de correspondentes ascendeu aos 300. No entanto, em 1994 o número destes profissionais já tinha decrescido para 126 correspondentes acreditados (Correia, 1995). Em 2009, estão acreditados pela Comissão da Carteira Profissional de Jornalista, 76 correspondentes estrangeiros. Uma das elações que podem ser retiradas a partir destes números é que a atenção internacional esteve centrada em Portugal na época da Revolução dos Cravos, tendo depois vindo a decrescer sistematicamente. O decréscimo em cerca de 200 profissionais até aos dias de hoje tem, certamente, muitas razões implícitas que o explicam. Contudo, e ao investigarmos a rotina dos correspondentes estrangeiros em Portugal, percebemos que uma das razões que pode estar implícita na redução destes profissionais pode ser a conjugação de meios para que cada correspondente trabalha. Um correspondente que trabalhe para vários órgãos de comunicação diminui a necessidade, dos mesmos, enviarem outros profissionais para ocuparem o lugar. Para além deste facto, e já aqui o expressamos, Portugal pode inserir-se nos chamados “países periféricos” o que leva alguns meios de comunicação internacionais a efectuarem a cobertura do país a partir de Espanha. Não é estranho o caso de um meio de comunicação ter um correspondente para a Península Ibérica, que fica sediado em Espanha. Além destas duas hipóteses pudemos considerar mais duas: as novas tecnologias, que disponibilizam a informação à distância, podem diminuir a necessidade, por parte dos *media* internacionais, em terem correspondentes em “países

periféricos”, como é o caso de Portugal. E ainda, no seguimento desta última hipótese, o facto de o mundo possuir, cada vez mais, acontecimentos dispersos pelo mundo que reclamam a atenção mediática por parte dos mesmos, não justificando assim a permanência de um correspondente em Portugal.

A investigação de Ana Luísa Rodrigues demonstra que, em 2004, existia um maior número de correspondentes estrangeiros masculinos a trabalhar em Portugal, bem como um maior número de correspondentes com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos (Rodrigues, 2008). A situação em 2004 em pouco se distancia da realidade transmitida pelo estudo realizado por Sandro Arruda, intitulado *Correspondentes Estrangeiros - Uma caracterização sociográfica e algumas representações sobre Portugal*, publicado em 1995. De acordo com este estudo, que inquiriu por questionário cerca de 50 profissionais, membros da AIEP, a amostra revela que a “(...) média de idades é de 43 anos, distribuída entre 60% de homens e 40% de mulheres (...)” (Arruda, 1995: 60). No que se refere aos órgãos de comunicação para que trabalham os correspondentes actuais, a investigadora aponta “(...) uma multiplicidade de situações, motivada pelo facto de grande parte ser *free-lancer* e, como tal, acumular funções para mais do que um tipo de órgão de comunicação.” (Rodrigues, 2008: 89) [itálico no original].

A autora desenvolveu o seu estudo com uma amostra de 44 inquiridos analisados, pelo que desse número resultou que 27 correspondentes mencionaram trabalhar para um órgão de comunicação, onde ficou expresso um “(...) domínio claro das agências e da imprensa.” (Rodrigues, 2008: 89). Os restantes 15 membros da amostra revelaram trabalhar para mais que um tipo de meio de comunicação, avançando ainda a investigadora que se encontra “(...) várias combinações possíveis, sendo mais frequente a conjugação entre Imprensa e Rádio (três correspondentes).” (Rodrigues, 2008: 89). O facto de, um número significativo de correspondentes trabalhar em regime de *free-lancer* é justificado pela investigadora como “(...) a forma encontrada pelos jornalistas para se sustentar e fazer face à pouca actualidade noticiosa que um país como Portugal gera.” (Rodrigues, 2008: 89). Esta situação é a mais comum entre os correspondentes internacionais em Portugal.

Pela recolha de dados, a investigadora apurou que a experiência profissional era um dado adquirido entre muitos dos profissionais. A maioria dos jornalistas inquiridos, revelou estar a trabalhar na profissão há mais de uma década (entre 11 e 20 anos)

(Rodrigues, 2008). Contudo, no que diz respeito a terem sido correspondentes em outros países, para além de Portugal “(...) existe um predomínio claro dos que nunca o foram em mais nenhum lugar (25) ou em apenas um.” (Rodrigues, 2008: 92). Os dados expostos por Arruda denotam uma ligeira diferença quanto à situação profissional dos correspondentes. De acordo com este investigador, era a seguinte a situação dos correspondentes, em meados dos anos 90 do século XX: “No que concerne aos órgãos de informação para onde trabalham, é de salientar que cerca de 60% dos inquiridos são correspondentes de órgãos de comunicação sediados em países europeus (dos quais, 33% têm sede em Espanha); 20% nos PALOP e 20% na América Latina. Possuem, ainda, uma sólida experiência profissional (cerca de 93% possui mais de oito anos de actividade), muitas vezes anteriores à sua presença entre nós (cerca de 53% esteve em serviço noutros países) (...)” (Arruda, 1995: 60).

A experiência profissional é uma matriz para os correspondentes internacionais em Portugal. Contudo, a situação de já terem trabalhado em outros países para além de Portugal é algo que tem vindo a decrescer com o passar dos anos. Se em 1995 mais de metade dos inquiridos já tinham trabalhado em outros países, em 2004 a situação que nos é revelada aponta para mais de metade dos inquiridos nunca terem trabalhado em outros países. Quanto à permanência dos profissionais no país, verifica-se que o escalão mais referenciado foi o dos seis aos dez anos de estada em Portugal (Rodrigues, 2008).

A importância do país a nível internacional também não foi esquecida, sendo que os correspondentes apontam significativamente, que “(...) Portugal é um país “Pouco Relevante” na organização geoestratégica mundial (...)” (Rodrigues, 2008: 98). A pouca importância de Portugal no cenário internacional não é exclusivamente visível no estudo efectuado por Ana Luísa Rodrigues. O artigo intitulado *Onze apontamentos acerca dos correspondentes estrangeiros em Portugal*, de Manuel Correia, também dá conta disso: “ Na larguíssima maioria dos casos, os correspondentes apontam Portugal como um sítio “desinteressante”, onde “não acontece nada” desde a Revolução do 25 de Abril. Logo, com um baixíssimo perfil noticioso.” (Correia, 1995: 54). Entre 1994 e 2004 a situação do país em termos políticos ou geo-estratégicos não se alterou, daí que nos pareça pertinente a conclusão apontada por Ana Luísa Rodrigues: “ (...) é corroborada a ideia de que não é a relevância ou o protagonismo de Portugal que traz para o nosso país correspondentes estrangeiros e aqui os faz permanecer.” (Rodrigues, 2008: 98).

No domínio da língua portuguesa, uma das questões levantadas pela autora, é possível notar que as facilidades se encontram na leitura e a principal dificuldade na escrita. A oralidade e a compreensão da língua são duas características linguísticas consideradas fáceis na avaliação realizada pelos correspondentes (Rodrigues, 2008).

Quanto aos temas abordados pelos correspondentes, eles não são consensuais. A autora refere que: “a esmagadora maioria assinalou vários temas mais frequentemente trabalhados e outros ainda afirmaram que versam todos os temas.” (Rodrigues, 2008: 95). Todavia, Ana Luísa Rodrigues acrescenta: “O item “Política” é o mais referido, contrariando aparentemente a ideia defendida por vários correspondentes de que a política portuguesa não interessa para a cobertura internacional.” (Rodrigues, 2008: 95). A autora concluiu também que, o segundo assunto mais referenciado pelos jornalistas estrangeiros é a economia. Outra área noticiosa que a investigadora destacou, e que se insere na secção de sociedade, são os “(...) temas relacionados com a imigração e as relações internacionais/bilaterais.” (Rodrigues, 2008: 95). É referida a importância deste factor por poder “(...) indicar a importância que as notícias sobre as relações entre os povos e as comunidades imigrantes pode alcançar para alguns correspondentes, sobretudo aqueles que pertencem a nacionalidades com alguma presença em Portugal.” (Rodrigues, 2008: 95).

No que se refere às fontes de informação, os correspondentes admitem que o recurso aos jornais nacionais, à televisão e à Internet são as principais fontes seguidas da rádio e das agências de notícias. Admitem, contudo, muitas vezes ser “(...) necessário recorrer à fonte “original”, porque a informação dos órgãos portugueses não tem o enfoque que lhe convém ou revela-se insuficiente ou “pouco rigorosa”.” (Rodrigues, 2008: 97). Para além disto, os correspondentes também mencionam que o acesso a fontes oficiais é bastante difícil: “É muito frequente haver entre os correspondentes queixas relativamente à dificuldade que assessores, secretárias e outros intermediários põem no acesso à informação e às fontes. Uma “barreira” que muitos relacionam com a existência de uma cultura burocrática.” (Rodrigues, 2008: 148).

No que diz respeito às palavras ou ideias associadas a Portugal, a análise feita por Ana Luísa Rodrigues, apura que a categoria, definida pela autora como «Lazer e qualidade de vida» é a que colhe maior número de inquiridos - dezassete correspondentes (Rodrigues, 2008: 97). A autora especifica: “nesta categoria, incluímos

as referências ao “bom clima”, à “boa gastronomia”, à beleza natural, ao mar, à “tranquilidade”, ao futebol (...)” (Rodrigues, 2008: 97).

Contudo, nem todos os correspondentes mencionaram características positivas acerca do país. Dez dos inquiridos referiram a categoria «Inércia e ineficiência». A autora nota que: “foram vários os que, referindo-se à realidade do país ou a características do povo português, utilizaram expressões que apontam para esta ideia, onde se incluem alusões à “burocracia”, à “lentidão”, à “passividade”, “complacência” e “comodismo”.” (in Rodrigues, 2008: 98).

A investigação de Sandro Arruda, apesar de anterior, não se distancia muito nas ideias que os correspondentes estrangeiros associam ao país. O autor nota que: “as representações sobre Portugal e os portugueses, estão associadas em torno de um conjunto de «factores de ideias» que poderemos considerar tradicionais.” (Arruda, 1995: 63). Os aspectos tradicionais a que o autor se refere são os Descobrimentos, o cartaz turístico e a emigração (Arruda, 1995). No entanto, tal como na situação anterior, não foram esquecidas características menos positivas: “(...) Portugal e os portugueses não conseguem «escapar» a serem associados em torno de ideias como «3º mundo europeu», «pobreza», «periferia», «atraso», «provincianismo», etc., apesar do esforço que tem sido feito nos últimos anos para modificar. Por outro lado, somos também vistos como cordiais, fraternos, hospitaleiros e solidários, embora, paradoxalmente, nos seja também apontada o defeito de sermos individualistas.” (Arruda, 1995: 63). As ideias que os correspondentes associam ao país não se terão modificado muito, apesar dos estudos terem uma diferença temporal de cerca de dez anos.

3.2 O queremos saber sobre os correspondentes estrangeiros em Portugal

Partimos dos dados sociográficos acima referidos para podermos estudar a agenda dos correspondentes. É nosso intuito perceber quais as temáticas mais presentes nas notícias produzidas pelos correspondentes. Temos bem presente que Portugal não está no centro da agenda mediática internacional. Sabemos também, como é mencionado por Sandro Arruda que se trata de “(...) profissionais da informação que projectam uma determinada imagem de Portugal no exterior, o que os torna, conseqüentemente, grandemente responsáveis pela «construção da realidade social»

portuguesa que os outros irão reter.” (Arruda, 1995: 60). É certo que as notícias produzidas pelos correspondentes sobre Portugal moldam a imagem do país ao nível externo, mas o que queremos saber é aquilo que produzem e porque é que o produzem.

Para atingirmos o objectivo de descortinar os acontecimentos nacionais que preenchem a agenda dos correspondentes estrangeiros em Portugal, há que colocar um largo conjunto de questões. Cada correspondente é um caso diferente, a sua visão é única e a sua perspectiva formada a partir do trabalho que realiza. Sabemos que o número de correspondentes espanhóis e brasileiros é superior ao dos restantes países e, por essa razão, julgamos que é importante saber se os países e os órgãos para onde trabalham ditam o tipo de notícias que produzem. Por sermos conhecedores do perfil noticioso português, queremos entender como é que estes profissionais seleccionam as notícias que produzem. Se é mais habitual haver um pedido, por parte do meio de comunicação, para o correspondente produzir determinado conteúdo ou se predomina a iniciativa do correspondente que vive em Portugal e que conhece os contornos da sociedade portuguesa, funcionando autonomamente para a produção de notícias.

A situação profissional de free-lancer de muitos dos correspondentes estrangeiros em Portugal, é encarada como um reflexo da condição do país nos meios de comunicação internacionais, mas é importante saber, uma vez que muitos trabalham para mais que um órgão de comunicação, se conseguem sempre que as notícias que propõem sejam aceites pelos seus editores. Se não é esse o caso, então qual é a razão para não serem aceites? Ainda derivado desta condição, é importante saber se existe, ou não, uma relação nas notícias que produzem entre Portugal e o país do órgão receptor de informação. A existência de muitos correspondentes free-lancer pode, ou não, desencadear diferentes realidades perante este cenário consoante os vários órgãos para que trabalhem que podem, também eles, ser de diferentes nacionalidades. De acordo com os dados obtidos, muitos dos correspondentes já se encontram no país há pelo menos cinco anos, o que lhes permite serem conhecedores da realidade nacional. Por esta razão, torna-se pertinente saber se isso condiciona ou influencia as notícias que produzem. E se isso acontece, de que forma são condicionados ou influenciados?

A realidade portuguesa altera-se diariamente. Surgem vários acontecimentos que podem, ou não, ser alvo de grande atenção mediática. É importante saber a opinião daqueles que lidam com a realidade de outros países, para que possamos entender como são percebidos estes acontecimentos.

A ideia romântica do correspondente estrangeiro como sendo a elite do jornalismo já está ultrapassada. Mas, ainda assim, é importante saber como os correspondentes lidam diariamente com a realidade da Internet, que possibilita cada vez mais, o fácil acesso à informação. Se esta tecnologia é um aliado ou um oponente. Uma vez que, no mundo do jornalismo as fontes, são os principais aliados dos jornalistas é, também, vital entender como é que os jornalistas estrangeiros se relacionam com elas. Assim como, numa altura em que o mundo vive uma crise económica mundial, torna-se relevante saber este facto alterou em algum aspecto a realidade noticiosa nacional no cenário internacional.

A agenda dos correspondentes internacionais é feita de muitos aspectos e talvez muitas outras questões pudessem ser levantadas para melhor se entender os assuntos que figuram nas agendas destes profissionais. No entanto, é importante ressaltar que tentamos abordar todos os pontos que pensamos serem vitais para atingirmos o nosso objectivo. Como já referimos cada correspondente é uma visão diferente, uma agenda diferente. Mas tomando em consideração tudo aquilo que já expressámos, justifica-se pesquisar se que existem pontos comuns a todos, ou se há agendas específicas de subgrupos com determinados perfis o que nos permitirá concluir quais os assuntos mais referenciados pelos correspondentes. O que faz de Portugal notícia além fronteiras.

3.3 Metodologia

Para que nos fosse possível explorar os objectivos traçados anteriormente, propúnhamo-nos utilizar dois métodos. A escolha dos inquéritos por questionários e da entrevista, afiguravam-se apropriadas. Seriam técnicas complementares e dar-nos-iam uma perspectiva bastante ampla do universo em estudo.

Inquéritos

Para melhor compreender a agenda noticiosa dos correspondentes estrangeiros em Portugal era oportuna a realização de um inquérito. Se atendermos à definição de inquérito podemos verificar que: “realizar um inquérito é *interrogar* um determinado número de indivíduos tendo em vista uma *generalização*.” (Ghiglione e Matalon, 1992:1) [itálico no original]. Apesar de existirem mais correspondentes registados na

Comissão de Carteira Profissional, os membros da Associação de Imprensa Estrangeira em Portugal foram a amostra escolhida para responder ao inquérito. A principal razão para esta escolha prende-se com o facto de ser muito difícil contactar todos os correspondentes estrangeiros em Portugal e, visto que a associação reúne um grande número dos mesmos, pareceu-nos oportuno realizar o inquérito a este grupo.

A impossibilidade de estar presente na rotina diária dos correspondentes, por vários factores, tornava a utilização do inquérito uma mais-valia para a investigação. As palavras de Ghiglione e Matalon denotam que esta prática é comum em casos como este: “(1) o recurso ao inquérito é necessário de cada vez que temos necessidade de informação sobre uma grande variedade de comportamentos de um mesmo indivíduo, comportamentos cuja observação directa, mesmo que possível, levaria demasiado tempo, ou seria completamente impossível (...)” (Ghiglione e Matalon, 1992: 13). Os inquéritos por questionário seriam, assim, uma vantagem, uma vez que nos permitiriam apurar a informação que procurávamos, ou seja, quais são os assuntos que são mais noticiados sobre Portugal. Para além deste facto, a realização dos inquéritos é bastante fácil e simples. Como é mencionado por Ghiglione e Matalon “o inquérito pode ser realizado em praticamente qualquer lugar, não são necessários aparelhos complicados (...)” (Ghiglione e Matalon, 1992: 14), acrescentam ainda estes autores que: “daqui resulta o facto do inquérito ser praticamente o único método que podemos, se necessário, aplicar em grande escala, escolhendo os indivíduos.” (Ghiglione e Matalon, 1992:14 e 15).

A nossa intenção ao utilizarmos o inquérito seria obter dados de todos os correspondentes filiados na AIEP, cerca de 60. Na elaboração e no envio do inquérito por questionário sabíamos, de antemão, que seria difícil obter, um universo completo de respostas ao inquérito. Ainda assim, tentámos várias vezes obter a colaboração, mas a taxa de resposta acabou por ser muito baixa. Este facto impossibilitou que fossem extraídas conclusões válidas a partir do inquérito.

Entre o pré-teste e os inquéritos finais devolvidos, acabámos por ter acesso apenas a questionários preenchidos de cerca de 15% dos jornalistas membros da AIEP. Os dados recolhidos através desta técnica acabaram por não ser completamente desperdiçados, pois optámos por encará-los como informação exploratória para desenvolver uma técnica alternativa de pesquisa empírica.

A recolha dos dados que tentava-mos obter relacionava-se directamente com a prática jornalística. Procuráva-mos saber, entre outras coisas, como desenvolviam diariamente o seu trabalho, como procuravam as temáticas a abordar nas suas notícias, como era formada a sua agenda, quais eram os conhecimentos que tinham da língua, do país e da cultura portuguesa.

Para a elaboração do inquérito cruzamos informações e referências. O já referido livro *Aos Olhos do Mundo – Portugal e os Portugueses retratados por correspondentes estrangeiros*, de Ana Luísa Rodrigues, foi uma valiosa ajuda, uma vez que nos permitiu tomar conhecimento sobre a realidade dos correspondentes em Portugal. Por outro lado, o livro *International News and Foreign Correspondents*, de Stephen Hess, permitiu-nos saber um pouco mais da realidade dos correspondentes estrangeiros. A investigação levada a cabo por Hess focou várias características profissionais dos correspondentes estrangeiros, como o tipo de notícias que produzem, a quantidade e para que órgãos de comunicação trabalham. Esta perspectiva um pouco diferente da anterior autora, permitiu-nos ter uma visão mais ampla das questões que iriam constar no inquérito.

Este inquérito continha questões abertas e fechadas. Ainda que soubéssemos que “(...) as respostas fechadas apresentam a dupla vantagem de diminuir o trabalho envolvido na codificação, permitindo uma maior economia de recursos e uma maior rapidez no tratamento de dados (...)” (Moreira, 2004: 24), a opção do inquérito ter perguntas abertas e fechadas prende-se com o facto de apurar com mais clareza algumas respostas que permitiriam conhecer melhor a realidade que estamos a estudar. Uma vez que, e como admite o autor, os inquéritos fechados têm uma desvantagem que “situa-se na rigidez do processo, que normalmente não admite outras respostas senão as que foram previstas à partida pelo investigador, e que poderão, afinal, não ser as mais adequadas para o que se pretende.” (Moreira, 2004: 24). A existência de inquéritos mistos é uma realidade nas investigações das ciências sociais como é referido por Ghiglione e Matalon: “na prática, é frequente recorrer a métodos mistos como, (...) um questionário alternando questões abertas e fechadas.” (Ghiglione e Matalon, 1992: 64). As vantagens e desvantagens da realização de um inquérito misto eram do nosso conhecimento, mas com o intuito de apurar com clareza o nosso objecto de estudo, foi tomada a decisão de realizar este tipo de inquérito para que as respostas dos correspondentes não fossem condicionadas por algum aspecto que não fosse anteriormente previsto.

Para estudar a comunidade de correspondentes estrangeiros, procurámos realizar o inquérito através da Internet. O inquérito foi enviado, por e-mail, à presidente da AIEP, que o enviou aos restantes membros da associação, à excepção dos cinco elementos que já tinham realizado o pré-teste. O inquérito foi devolvido apenas por um pequeno número de correspondentes, insuficiente para constituir uma amostra. Por esta mesma razão optámos por não analisar formalmente os resultados. As respostas ficaram, por isso, reduzidas a funcionar como base para o principal procedimento que utilizámos para a investigação: a entrevista.

Mesmo sem análise formal, vale a pena salientar um aspecto que nos saltou à vista através dos inquéritos. A maior parte destes profissionais a trabalhar em Portugal trabalham como freelancers para vários meios de comunicação. Essa condição é, ou não, entrave na produção noticiosa de cada correspondente? Obriga-o, ou não, a uma maior versatilidade que já é comum o correspondente ter?

Entrevistas

Ao definir-mos a metodologia a seguir, tínhamos previsto a utilização de dois métodos para a elaboração da tese. O primeiro seria inquirir os correspondentes através de um inquérito por questionário. O segundo, que desempenharia uma função complementar ao inquérito, seria a entrevista a alguns correspondentes estrangeiros em Portugal. Mas e devido às razões já apontadas, a utilização do inquérito tornou-se inviável, tendo a entrevista assumido uma função preponderante. Esta técnica transformou-se assim em técnica principal da tese, tendo o seu teor sido aprofundado e o número de correspondentes a entrevistar sido revisto e aumentado, relativamente àquilo que tinha sido previsto anteriormente. O perfil dos correspondentes a entrevistar também sofreu pequenas alterações no sentido obter as informações essenciais para a elaboração da tese. Citando Ghiglione e Matalon, «a primeira, que podemos considerar como a própria definição de entrevista, foi formulada desde 1924 por Bingham e Moore: “ A entrevista é uma conversa com um objectivo.”» (in Ghiglione e Matalon, 1992: 64).

A utilização da entrevista como meio de apurar informações ainda não obtidas, neste caso, através do inquérito, não é um dado novo. A entrevista é mesmo descrita “(...) como o único meio de recolha de dados em certas investigações, a entrevista é também muitas vezes associada a outras técnicas de inquérito. ” (Albarello, 1997: 84).

Acrescentando ainda o autor que “a elaboração de um questionário é frequentemente precedida de uma fase de entrevista junto de testemunhas privilegiadas ou da própria população inquirida.” (Albarelo, 1997:84). No entanto, as circunstâncias propiciaram a que este trabalho tenha utilizado o método inverso. Os dados recolhidos através das respostas obtidas pelo pré-teste ao inquérito, bem como as respostas ao questionário definitivo, foram utilizados como técnica de recolha de dados exploratórios e de preparação para o método principal, a entrevista.

Sem conclusões obtidas através do inquérito, a nossa missão tornou-se em conduzir uma entrevista semi-directiva, em que “(...) o entrevistador conhece todos os temas sobre os quais tem de obter reacções por parte do inquirido, mas a ordem e a forma como os irá introduzir são deixadas ao seu critério, sendo apenas fixada uma orientação para o início da entrevista. ” (Ghiglione e Matalon, 1992: 64). Assim, partimos para a entrevista com um guião previamente elaborado, que nos permitiu abordar os mesmos assuntos com todos os correspondentes, ainda que a ordem não tenha sido idêntica com todos. Houve questões que, à medida que a entrevista ia acontecendo, se tornaram pertinentes antecipar ou retardar.

Para a elaboração do guião da entrevista utilizámos informações possibilitadas através da investigação de outros autores, mas, como já referimos, os dados obtidos pelos poucos inquéritos recebidos forneceram informações que foram oportunas para a elaboração da entrevista. Estes permitiram-nos estabelecer alguns pontos que deveriam constar na entrevista, nomeadamente as questões relativas às fontes, as questões relativas à permanência e ao tempo de trabalho em Portugal, qual a importância nacional no panorama internacional, bem como quais os aspectos mais conhecidos do país a nível externo.

O nosso objectivo para esta tese é descortinar quais os assuntos que mais fazem de Portugal notícia no estrangeiro, por essa mesma razão as questões que foram colocadas aos correspondentes tinham, substancialmente relação com a sua rotina profissional. Algumas das questões levantadas pela entrevista foram: Há quanto tempo trabalham em Portugal? Porque é que trabalham em Portugal? Quais são os critérios utilizados para seleccionar as notícias que escrevem? Como é a rotina de um correspondente estrangeiro em Portugal? Quais são os assuntos mais procurados sobre Portugal? E qual a relação como as fontes, tanto com as fontes oficiais como com as fontes não-oficiais?

Ao observarmos os membros da AIEP e pelos dados já obtidos, verificamos que existem duas nacionalidades que surgem mais recorrentemente: a espanhola e a brasileira. Após termos constatado este facto, optamos por dividir os correspondentes em três grupos consoante a sua nacionalidade: um grupo de correspondentes espanhóis, um grupo de correspondentes brasileiros e, por fim, um grupo de correspondentes daquilo que chamamos países centrais. Estes grupos são compostos por três ou quatro elementos cada. E procuramos em cada um deles incluir profissionais que trabalhem para agências de notícias, bem como profissionais a trabalharem para outros órgãos de comunicação. Na maioria dos casos as entrevistas foram presenciais. No entanto, e por motivos de volume de trabalho dos profissionais, houve três casos em que as entrevistas ocorreram telefonicamente. Três elementos dos quatro que constituem o grupo de correspondentes espanhóis concederam, pois, as suas entrevistas por telefone.

Quando partimos para a realização das entrevistas, partimos com a noção das condições do país. Já tínhamos observado a história que envolve os correspondentes estrangeiros em Portugal, e a partir daí já tínhamos uma breve noção daquilo que poderíamos esperar dos relatos dos correspondentes. Ao inserimos os correspondentes em três grupos não pretendemos de forma alguma denegrir ou desvalorizar o trabalho dos restantes correspondentes, apenas tomamos essa opção por nos parecer importante entender o porquê da maior incidência dessas nacionalidades. A razão para termos criado um grupo de correspondentes espanhóis e outros de correspondentes brasileiros prende-se com o facto destes profissionais serem os mais representativos dentro da comunidade em estudo. Isto é, o número de correspondentes espanhóis e brasileiros é superior ao dos outros países. Uma das razões para este facto é a proximidade e cultural existente entre Portugal e os dois países, para além da proximidade geográfica entre Portugal e Espanha, que proporciona a noticiabilidade portuguesa naquele país. No caso do grupo dos correspondentes dos países centrais, acreditamos que se torna importante apurar qual interesse noticioso, para estes, em Portugal. Não poderá ser esquecido que, e como já referimos, Portugal já teve a atenção mediática destes países. Se por um lado, existe um grupo que pode explicar a sua estada no país pelas fortes ligações existentes, por outro lado, é importante apurar qual é o interesse daqueles que não possuem fortes ligações nem culturais nem geográficas. Procuramos, através daquilo que nos diriam sobre o que escrevem sobre Portugal, entender o porquê da sua maior presença em

Portugal e procuramos saber se Portugal é, ou não, um país com alguma importância no país para o qual trabalham.

Neste capítulo procuramos expor aquilo que nos propusemos a investigar. Para isso, considerámos importante reflectir as principais características sociográficas que envolvem os correspondentes estrangeiros em Portugal. Tomámos essa opção por acreditarmos ser necessário dar a conhecer aquilo que já tinha sido revelado por outros autores. Não se trata de fazer uma apreciação dos seus trabalhos, apenas referimos os dados por eles recolhidos para que seja mais fácil a compreensão. Ao revelarmos o baixo perfil noticioso português, bem com as características da comunidade de correspondentes em Portugal estamos a explicar algumas das decisões tomadas no decorrer deste trabalho.

Capítulo 4 – Análise das entrevistas

Ao realizarmos as entrevistas a correspondentes estrangeiros em Portugal tínhamos como objectivo desmitificar a realidade destes profissionais no país. Não procuramos que as entrevistas fossem rígidas, seguindo uma estrutura formal que teria de ser igual para todos os entrevistados. Pelo contrário. Procuramos que fosse uma entrevista semi-directiva, ou seja, uma conversa na qual os entrevistados seriam sujeitos as mesmas questões, não tendo no entanto, uma ordem rigorosa para o fazer. O nosso objectivo era que a conversa fluísse, introduzindo as questões à medida que os temas fossem surgindo. Com o decorrer e com o rumo das conversas, verificamos que, as características do trabalho dos correspondentes mudavam de caso para caso. Perante estas circunstâncias, não era de todo oportuno colocar todas as questões previamente elaboradas para o efeito. Na sequência disto, existiram questões que não estavam previamente pensadas, mas que o rumo da entrevista tornou pertinentes.

As temáticas abordadas com os correspondentes já foram atrás mencionadas, no entanto, é oportuno clarificar que, apesar de nos termos socorrido de dados de outros autores, existiram questões que voltaram a ser colocadas. Tínhamos por objectivo averiguar se houve alguma alteração nos dados, uma vez que a investigação mais recente data de 2004. Por outro lado, queríamos também compreender melhor a realidade destes correspondentes estrangeiros que se disponibilizaram a responder às questões colocadas, revelando assim o seu quotidiano profissional e todas as certezas e dúvidas inerentes ao seu trabalho.

Para a elaboração da tese foram entrevistados dez correspondentes estrangeiros em Portugal: quatro de nacionalidade espanhola; três de nacionalidade brasileira e, finalmente, três de várias nacionalidades, que formam o grupo que denominamos de países centrais.

Na análise que se segue, não procuramos analisar quantitativamente nenhum dado que nos tenha sido referido pelos entrevistados. Procuramos sim, apresentar o que apuramos para que possamos extrair, a partir daí, as nossas conclusões. Apesar de apresentarmos alguns dados numéricos, esta investigação não incide sobre números, mas sim, em testemunhos reais que nos forneceram as conclusões para a temática que nos propomos a estudar.

4.1 Tempo de permanência em Portugal, motivos da sua presença no país e a correspondência em outros países

No desenrolar das entrevistas verificamos que o tempo de permanência dos correspondentes variava bastante. Se por um lado, temos correspondentes que se encontram no país há cerca de um ano (como temos um caso), por outro lado, temos mais que um caso de correspondentes que se encontram no país há mais de duas décadas. Todavia, existe um factor importante que deve ser notado. Quando questionados acerca das razões para estarem a desempenhar a sua profissão em Portugal, ou seja, se a fundamentação para virem exercer a sua profissão cá prendia-se mais com aspectos profissionais ou pessoais, grande parte deles afirmaram terem vindo para Portugal por opção pessoal. Sabemos que dentro do foro das razões pessoais inerentes a uma mudança do local de trabalho pode haver vários aspectos a considerar. No entanto, parece-nos claro que qualquer que seja a razão, ela não está ligada directamente à capacidade de produção noticiosa do país para o estrangeiro. No caso dos correspondentes que se encontram no país há mais tempo, pudemos verificar que houve situações em que estes se reajustaram para continuarem no país. Este reajustamento surge, muitas vezes, na mudança do órgão de comunicação para que trabalham tendo, por vezes, mudado para órgãos que poderiam ser vistos como concorrentes daqueles para que anteriormente trabalhavam. Esta mudança pode ser vista como a alternativa para que, assim, possam continuar no país.

Quando questionamos os nossos entrevistados sobre se já tinham trabalhado como correspondentes em outros países, verificamos que não existe uma grande diferença, em termos numéricos, entre aqueles que foram correspondentes estrangeiros em outros países e aqueles que apenas desenvolvem a actividade de correspondente estrangeiro a partir de Portugal. Consideramos que, dos dez correspondentes entrevistados, seis nunca trabalharam como correspondentes estrangeiros e que, quatro trabalharam como correspondentes estrangeiros em outros países. Ao analisarmos as entrevistas realizadas, deparámo-nos com um caso particular. Um dos entrevistados refere que não considerava que tivesse sido correspondente em outros países apesar de, já ter efectuado trabalhos de correspondência enquanto se encontrava nesses mesmos países. Neste sentido, parece-nos oportuno recapitular a distinção efectuada no primeiro capítulo entre: correspondente estrangeiro, correspondente de guerra e enviado especial.

Recorde-mos que um enviado especial é um: “jornalista enviado para um determinado local, com o objectivo de fazer a cobertura noticiosa de um acontecimento específico.” (Leão, 2000: 89), assim sendo, pensamos ser mais indicado classificar este correspondente estrangeiro, de nacionalidade brasileira, como tendo efectuado o trabalho de um enviado especial e não de correspondente estrangeiro em outros países. Pelo que conseguimos apurar, as razões que levaram este correspondente a executar trabalhos jornalísticos para alguns meios de comunicação enquanto se encontrava fora do seu país natal, prendia-se com questões financeiras. Ao que tudo indica, o correspondente não se deslocava para países estrangeiros com o objectivo de trabalhar como correspondente, mas sim com o propósito de conhecer novos países, não sendo este o propósito de um correspondente estrangeiro. Parece-nos mais apropriado classificar as suas anteriores tarefas como a missão de um enviado especial, apesar de não termos encontrado nenhuma prova que nos permita afirmar que as suas deslocações a países estrangeiros se prendiam com pedidos por parte de um meio de comunicação de forma a reportar algum facto. Assim sendo, e pelas razões já apontadas este profissional integra o grupo dos seis elementos que nunca foram correspondentes em outros países.

O contraste entre os correspondentes que já desempenharam a tarefa de correspondentes em outros países e aqueles que nunca o fizeram é real. No entanto, o facto que nos parece importante notar é que as motivações para estarem em Portugal se prendiam com razões pessoais. O que nos revela que os correspondentes estrangeiros dão mais importância às questões pessoais do que às questões profissionais. Ou seja, através do estudo de Warren Breed, “Controlo social na redacção. Uma análise funcional” percebemos que, muitos dos repórteres encaram o seu trabalho como “(...) um «trampolim para um trabalho mais lucrativo(...)” (Breed in Traquina, 199:158), o que nos poderá indicar que os correspondentes estrangeiros entrevistados têm falta de ambição. As razões que nos levam a afirmá-lo prende-se com o facto de, para além de muitos dos jornalistas entrevistados trabalharem a partir de Portugal por razões pessoais, apuramos também que mais de metade dos mesmos nunca desempenhou o trabalho de correspondente estrangeiro a partir de outro país, para além de Portugal. A situação dos correspondentes estrangeiros não nos permite dizer que se trata de um grupo de jornalistas que, depois de anos de correspondência em países decisores mundiais, anseiam por uma atmosfera mais calma que os conduzirá a uma reforma da sua actividade. Mas sim que os correspondentes, por motivações pessoais, optaram por

noticiar os acontecimentos de um país que não se constitui como decisor mundial. Afinal, apenas temos um caso de um correspondente que está no país há cerca de um ano.

4.2 O perfil noticioso português

Ao questionar-mos os entrevistados acerca do perfil noticioso português ao nível internacional obtivemos, em praticamente todos os casos, uma mesma resposta. O perfil noticioso português é baixo. Este facto não é novo, uma vez que ao termos mencionado o que outros investigadores tinham apurado, já o tínhamos referido. No entanto, aquilo que nos parece curioso é a justificação apontada este facto ser similar em todos os grupos. Todavia, os argumentos de cada grupo contêm especificidades, por essa razão, e para que seja possível entender os diferentes aspectos que os vários grupos apontam para a mesma justificação vamos analisar este facto através dos grupos previamente estabelecidos.

O grupo de correspondentes brasileiros é aquele que deixa antever ainda um certo interesse em Portugal, apesar de assumirem que ao nível de actualidade Portugal tem um perfil noticioso baixo. O aspecto que suscita interesse é o mundo lusófono. A cultura comum entre Portugal e o mundo lusófono permite que estes correspondentes tenham mais acontecimentos que lhes permite produzirem mais notícias sobre Portugal, contudo, um dos correspondentes referiu que o interesse não estava nos factos da actualidade, mas sim com assuntos que estão relacionados com o passado comum. É importante notar que neste grupo, os correspondentes trabalham para mais que um órgão de comunicação e nem todos os meios para que trabalham se encontram no Brasil. Apesar do argumento da cultura comum estar presente em todos os membros deste grupo, verificamos que um dos correspondentes foi peremptório ao referir que Portugal é pouco importante no panorama noticioso internacional, tendo apenas depois falado sobre a proximidade de Portugal e Brasil proporcionada pela partilha de valores culturais comuns. De acordo com este correspondente, Portugal não tem muita importância a nível económico-financeiro, da inovação tecnológica e da cultura. Este correspondente nota que “(...) há pouca coisa de Portugal que seja realmente notícia.”. Pensamos ser importante referir o caso deste correspondente em particular, uma vez que

foi o único que em primeiro lugar referiu directamente o perfil noticioso e, de seguida, as características pelas quais Portugal não é relevante no cenário noticioso internacional e, apenas depois disso, mencionou o elo de ligação entre os dois países. Apesar de este correspondente não ser o único a trabalhar para um grande meio de comunicação brasileiro, acreditamos que a sua posição advém do trabalho que habitualmente produz para um dos maiores meios de comunicação do Brasil. Ao contrário do correspondente mencionado anteriormente, que não preza tanto os factos da actualidade, este correspondente encontra na actualidade a matéria-prima do seu trabalho, estando assim encontrada a explicação para a afirmação clara deste correspondente.

Os correspondentes espanhóis consideram que, Portugal “(...) não é um país de primeira divisão para nossos chefes.”, como refere a correspondente espanhola, Begoña Iñiguez. A gíria futebolista utilizada por esta correspondente vai de encontro à opinião dos restantes correspondentes espanhóis. Na verdade, existem notícias sobre Portugal nos meios de comunicação espanhóis, no entanto, a frequência das mesmas não se pode dizer que é diária, como é demonstrado pelo que a correspondente Monica Ferro afirma: “(...) não é um país que reclame, nem que se produza muita informação de interesse internacional à diário. Terá acontecimentos pontuais, mas à diário é complicado (...)” Um dos factos curiosos com que nos deparamos na análise das entrevistas realizadas, foi o que a correspondente espanhola, Belén Rodrigo, afirma: “ (...) Portugal não é um dos países que marca a actualidade internacional nos jornais, pelos menos nos jornais espanhóis. Há um grande esforço dos correspondentes que estamos cá de tentar transmitir o que acontece, mas a verdade é que há países, que respeita sobretudo aos Estados Unidos e depois também na Europa manda mais a França, a Alemanha, a Itália e portanto, eu penso que fica fora do grande núcleo de actualidade.”. A correspondente salienta que não é por falta de empenho dos correspondentes espanhóis em Portugal que não surgem mais notícias sobre Portugal nos meios de comunicação espanhóis, mas sim pelo facto de o país não pertencer ao leque de países denominados de países decisores mundiais, ou optando por utilizar a terminologia de Galtung e Ruge um país central. Este facto remete-nos para aquilo que concluímos anteriormente, que a maioria dos correspondentes está em Portugal por opção pessoal. O que pode significar que os correspondentes estrangeiros em Portugal têm um gosto pessoal pelo país o que se pode fazer notar através do esforço que fazem para dar a conhecer a realidade portuguesa.

A perspectiva dos correspondentes dos chamados países centrais vai de encontro à perspectiva dos restantes correspondentes. Para estes profissionais, o baixo perfil noticioso português, deve-se à pouca dimensão internacional do país, que é por sinal também baixa. Um dos correspondentes nota que nem sempre houve pouco interesse em Portugal. O jornalista recorda que na época da entrada de Portugal para a actual União Europeia existia muita procura de informação sobre Portugal. Um outro ponto notado pela jornalista Marie-Line Darcy, correspondente francesa, é que apesar do seu pouco significado noticioso internacional, Portugal “(...) é um país que passa a ser interessante em termos de logística, porque pode sempre usar o Portugal para como exemplo de originalidade, o perspectivas diferentes, ou problematiques...mas não é sempre pela negativa, no meu entender.”

O baixo perfil noticioso português a nível internacional encontra a sua justificação na diminuta importância na cena internacional. É importante referir que por baixo perfil noticioso, queremos dizer que tem uma baixa noticiabilidade a nível externo, por isso, e através do que os nossos entrevistados mencionaram, as agendas mediáticas internacionais quando tratam de Portugal referem-se a temas menores, isto é, Portugal não sendo um decisor mundial é notícia por assuntos menores. Fundamentalmente, um pouco na sequência daquilo que a jornalista Marie-Line referiu: que Portugal é interessante como exemplo de medidas a tomar. A correspondente refere que no contexto da crise económica actual, Portugal não fomentou muitas medidas, mas que foi muito rápido, nomeadamente, a desenvolver um plano de apoio ao sector automóvel, salientando mesmo, que o país foi um dos primeiros países a fazê-lo. A jornalista dá também um exemplo de um trabalho que lhe foi solicitado envolvendo a reciclagem e o emprego. Apesar de não ter sido publicado, de artigo sobre a reciclagem desta jornalista ligava a reciclagem de óleos alimentares e postos de trabalho. Apesar de ser assunto original, o facto das empresas que efectuam este tipo de reciclagem serem pequenas e não geram muitos empregos esteve na causa da não publicação do artigo, de acordo com a jornalista. Mas estes são exemplos de assuntos que são desenvolvidos em Portugal e que podem ter interesse ao nível internacional. Mas este tipo de acontecimentos, não são acontecimentos diários, o que significa que não preenchem diariamente as agendas mediáticas mundiais com acontecimentos portugueses.

O baixo perfil noticioso nacional tem uma relação directa com a sua importância a nível internacional. Há momentos chave em que Portugal se constituiu como notícia,

mas na maioria das situações, quando é notícia, é por temas menores, ou seja, por acontecimentos esporádicos e que apenas reclamam atenção por parte de alguns países ou mesmo regiões.

4.3 Como surgem os temas sobre Portugal na imprensa internacional

Se estivéssemos à procura de uma resposta simplista à pergunta como é que as notícias sobre Portugal surgem nos meios de comunicação internacionais, ela seria porque os correspondentes estrangeiros desenvolvem o seu trabalho no sentido de colocar na imprensa internacional. Ainda que este facto seja verdadeiro e, possivelmente, a razão fundamental para a permanência de Portugal na imprensa mundial, pretendemos ir para além desta simples resposta.

Quando questionamos os correspondentes acerca de como é que surgiam os temas nacionais na imprensa internacional obtivemos, fundamentalmente, duas respostas diferentes: por um lado, percebemos que há correspondentes que não necessitam do aval dos editores para poder produzir e publicarem determinado conteúdo e, por outro, temos aqueles que precisam, justamente, do aval do editor para que possam ver os seus trabalhos publicados.

Ao investigarmos esta questão verificamos que, os correspondentes de agências noticiosas internacionais são os profissionais que não precisam do parecer dos seus editores para publicarem as notícias sobre Portugal. Temos que entender que a dinâmica destes meios de comunicação é diferente dos meios de comunicação, que informam directamente o público. Para uma explicação mais clara daquilo que pretendemos evidenciar, socorremo-nos da definição de agência de informação do dicionário de Ciências da Comunicação, que menciona que o objectivo das agências de informação “(...) é angariar e tratar informações para a sua posterior divulgação junto dos seus clientes, onde se encontram órgãos de comunicação social. (...) As agências de informação fornecem artigos, informações e imagens aos seus assinantes, para que estes utilizem esses elementos de acordo com as suas conveniências.” (Leão, 2000: 12), no entanto, é também referido por este dicionário que: “O conteúdo do produto informativo das agências obedece a uma tipologia própria. O estilo de linguagem das agências é mais sintético e «telegráfico» do que aquele que se encontra nos órgãos de comunicação social. O objectivo é tentar produzir mensagens com conteúdos que sejam

posteriormente tratados e formatados pelos jornalistas nas suas redacções.” (Leão, 2000: 12). Ao atendermos a esta definição conseguimos entender o porquê dos correspondentes não terem de consultar os seus editores para poderem publicar as suas notícias. Se nos restantes correspondentes, ou seja, naqueles que trabalham para os meios de comunicação que informam directamente o público, a decisão de publicar, ou não, uma notícia se prende, também, com o facto de ela ter ou não algum significado e importância para o país, ou região, à qual pertence o órgão de comunicação, no caso dos correspondentes de agência essa questão não se coloca da mesma forma.

A correspondente da Agência Europa Press salienta um aspecto curioso: “Mas ainda que para a agência sim [eu possa escrever sem propor] sempre tem que ter alguma justificação. Ou algum interesse próprio pela Espanha ou a Espanha tenha aqui um interesse ou que vá ir depois a Espanha. Ou tem de ser algo muito glorioso, diferente, original ...”. Ou seja, apesar de não ter de existir uma proposta e uma aprovação, as notícias que sejam vinculadas tem que ter uma relação com os possíveis ou reais interesses da Espanha. Se quiséssemos atribuir, através da tipologia de Galtung e Ruge, um valor-notícia que para que notícias sobre Portugal fossem publicadas nos *media* internacionais, seria a relevância. Neste caso o interesse espanhol pode advir da proximidade cultural, bem como da relevância em si do acontecimento para a Espanha. É uma situação que terá de ser determinada acontecimento a acontecimento. No entanto, verificamos que o correspondente da agência EFE tem um rol de interesses mais alargado, uma vez que os seus clientes são a Espanha e a América Latina. O que pretendemos demonstrar é que, apesar do trabalho das agências ser diferente dos outros meios, quanto mais assinantes uma agência possuir mais oportunidades existem de Portugal constar nas notícias internacionais. Se uma agência não estiver sujeita a apenas um público-alvo, os seus interesses serão maiores e maior será o leque de possibilidades de Portugal estar presente internacionalmente.

Quanto aos correspondentes de outros órgãos de comunicação, a existência de uma comunicação entre os jornalistas e os seus editores é regular. Neste grupo encontramos uma profissional que trabalha também para uma agência de notícias. No entanto, e apesar de no trabalho que desenvolve para a agência de informação não ter de propor a temática a um editor, para o trabalho que desenvolve para um jornal espanhol tem. Ou seja, no caso dos correspondentes que trabalham para meios que informam directamente o público, antes dos temas surgirem nos *media*, o correspondente tem de

propor produzir um tema e os seus editores têm de aceitar a proposta para que depois, esse mesmo conteúdo seja publicado. Para poderem indicar determinado tema os correspondentes têm de os procurar. Pelo que conseguimos apurar através das entrevistas realizadas, os correspondentes têm, na maior parte dos casos, uma agenda onde constam as acções institucionais mais importantes, onde poderão estar presentes importantes personalidades ou a discussão de temáticas que sejam oportunas para o seu meio de comunicação; por outro lado, analisam recorrentemente as informações veiculadas pelos *media* nacionais com o objectivo de encontrarem temáticas que possam ser pertinentes para os seus meios de comunicação, para que assim possam propor uma notícia. É frequente verificarmos que os correspondentes referem que por vezes propõem e, outras vezes, os editores pedem para que eles produzam determinado conteúdo. Os correspondentes mencionam que, quando os seus editores lhes propõem algum tema, geralmente é um tema global, ou seja, é um acontecimento que sucede, pelo menos, nos dois países e de certa forma o correspondente vai dar a forma como o país lidou, ou como pretende lidar com a questão como explica a correspondente espanhola, Belén Rodrigo: “Por exemplo, em Espanha, este ano está-se a falar muito do aborto, que vai mudar a lei e portanto, são eles que normalmente pedem para saber como é que está a situação da lei do aborto em Portugal.”

Um último aspecto que nos parece pertinente é o facto de os correspondentes referirem que sabem aquilo que interessa ao mundo sobre Portugal. Referem que este conhecimento advém da sua experiência profissional. Esta referência não surgiu apenas nos correspondentes de imprensa e de meios audiovisuais, foi também mencionada por os correspondentes de agência. A correspondente da rádio Cadena Cope, Begoña Iñiguez, admite mesmo saber quais são os mecanismos necessários para que uma notícia possa ser publicada: “É muito difícil, o que acontece é que tenho já uma série de mecanismos para “vender”. Quando uma pessoa já tem anos de experiência e já conhece a sua empresa, sabe perfeitamente que há uma série de temas que sempre interessa, sempre. E há outros temas que pode ser e sabe que há temas que é muito provável que não interessem nada. Então não podes estar sempre a incomodar, a insistir, mas sempre há temas, no meu caso há muitos temas menores.”

O facto de alguns jornalistas estrangeiros terem admitido que já sabem aquilo que será aceite, a nível internacional, sobre Portugal remete-nos para o conceito de comunidade interpretativa transnacional, que já referimos anteriormente. Ou seja,

mesmo que os correspondentes estrangeiros em Portugal não tenham isso presente no seu quotidiano, eles partilham os mesmos critérios e valores jornalísticos. Fundamentalmente, os correspondentes ao fazerem uso da sua experiência profissional para saberem aquilo que é aceite pelos *media* internacionais, bem como a sugestão da correspondente espanhola de que sabe como “vender” um tema sobre o país revela essa mesma partilha de valores e critérios profissionais que não estão limitados a um território geográfico. Dado os correspondentes que mencionaram o factor experiência como determinante para a produção dos seus conteúdos não terem a mesma nacionalidade, podemos concluir que estamos perante uma comunidade interpretativa transnacional, uma vez que estes profissionais compartilham os mesmos valores e critérios profissionais apesar da sua nacionalidade e do seu órgão de comunicação não serem os mesmos. É o facto de estes profissionais não terem a mesma formação ou trabalharem para o mesmo órgão de comunicação que nos permite referir que os correspondentes estrangeiros em Portugal formam uma comunidade interpretativa transnacional.

4.4 Realidade nacional, notícia internacional

Um acontecimento de origem nacional pode ser bastante relevante a nível nacional e não o ser a nível internacional. No entanto, pode ocorrer que um outro acontecimento nacional tenha muita relevância a nível internacional. Nem todos os acontecimentos nacionais são importantes para os outros países. De facto, isto não é de todo, um facto novo. No entanto, procuramos descortinar quais são os tipos de acontecimentos nacionais que têm uma maior repercussão no estrangeiro. Questionamos os nossos entrevistados sobre o que mais escreviam sobre Portugal e concluímos que a economia é o assunto que mais interesse desperta internacionalmente acerca de Portugal. Convém, no entanto, salientar que não foram todos os correspondentes entrevistados que referiram esta temática, mas um número significativo dos mesmos. Naturalmente, que os correspondentes não escrevem apenas sobre economia. Mais à frente daremos conta, através dos grupos já estabelecidos, o que mais interesse tem para os seus órgãos de comunicação.

Mas o facto de um número significativo de correspondentes terem mencionado que a economia é um dos temas sobre os quais mais escrevem, levou-nos a procurar

uma explicação para isso. Através das respostas obtidas pelas entrevistas verificamos que o facto de a economia ser global é a razão para que os correspondentes a tenham referido. Esta é uma conclusão é muito generalizada mas vamos explicar o que queremos dizer. Os correspondentes produzem, sobretudo, notícias que foquem actividades de empresas e mesmo bancos, que tenham investimentos em Portugal como podemos notar pelo que diz o correspondente Antonio Torres, da agência EFE: “(...) ao respeito de economia, é nomeadamente, fazemos seguimento especial aos bancos que têm capital espanhol, não é, por exemplo o BPI, a La Caixa tem uma percentagem, acho que trinta por cento de BPI é capital espanhol. A EDP também tem parte de capital espanhol, acho que até a EDP comprou...em Espanha então há um interesse óbvio, não é. E sei lá, a Endessa Portugal também está a desenvolver cá, também vai concorrer ao mercado de electricidade Portugal, também concorrer para o serviço doméstico pela primeira vez não é, então são empresas que são radicadas em Espanha mas que estão cá a desenvolver, então há um grande interesse em como se estão a dar aqui. Os padrões...também dependem disso, não é, qual é a relação que têm com Espanha e com Latina América, o nível de relação.”.

No fundo, este é o resultado da economia global. Por mais próximos ou distantes que os países estejam, é possível efectuar investimentos nesse país. Há um claro enfoque no valor-notícia da relevância. Ou seja, os correspondentes produzem notícias sobre economia porque são importantes, são relevantes para os países dos seus órgãos de comunicação. Afinal, as acções que as empresas, que tenham outros países como investidores, podem ter reflexo nesse mesmo país. Pelo facto das actividades económicas serem de carácter global, as tomadas de atitude de uma empresa no hemisfério Norte podem ter repercussão no investidor que esteja localizado no hemisfério Sul, ou em qualquer outra parte do planeta. Esta especificidade das relações económicas dá a possibilidade aos correspondentes estrangeiros terem, frequentemente, acontecimentos sobre os quais reportar. De uma forma simplista, a economia é uma actividade em constante movimento, ou seja, diariamente produz novos acontecimentos que podem, ou não, serem relevantes para os correspondentes estrangeiros em Portugal.

Uma das particularidades que encontra-mos acerca das notícias sobre economia foi-nos referida pela jornalista Monica Ferro. A correspondente explica que, quando está perante a situação de não encontrar um acontecimento relevante para noticiar para o seu jornal, procura uma empresa que tenha interesses catalães e propõe uma entrevista:

“Busco uma empresa com interesses catalães e proponho fazer uma entrevista lá. É a parte mais táctica porque para a política não dá, se não acontece não posso inventar, mas a economia e a cultura sempre te deixam esta margem de manobra de propor uma entrevista com alguém que pode ser de interesse.” Fundamentalmente, o que esta correspondente nos descreve vai de encontro àquilo que já explicitamos. A economia por ser global, atinge uma grande número de interessados, o que tem como resultado o facto dos correspondentes poderem-se socorrer dela, quando os acontecimentos de outra natureza não têm relevância a nível internacional.

Para que pudéssemos afirmar que tipo de temas seriam de mais interesse para os meios de comunicação internacionais, tentamos criar dois acontecimentos hipotéticos. Um seria um escândalo político que colocava em causa membros do governo e por outro lado, e derivado da crise financeira global sentida em Portugal tal como nos outros países, apontávamos a hipótese do governo nacionalizar toda a banca que opera em Portugal. Apesar de sabermos que são dois acontecimentos radicais e que poderiam levar a alguma relação com a realidade sentida no país, particularmente na época da realização das entrevistas, utilizamo-los pelo facto de serem realidades muito controversas. O nosso objectivo principal ao dar-mos estes dois exemplos era saber o que seria mais importante: se a política portuguesa, se a economia, que é um assunto, digamos, global e que tem interesse a nível internacional, fruto de estarmos inseridos numa economia de mercado mundial. A controvérsia dos exemplos foi, de certa forma, propositada, sabíamos de antemão que tínhamos que encontrar um exemplo que fosse relevante a nível mundial, pelo facto de termos incluído correspondentes de vários pontos do globo. Por isso, atendendo ao perfil de correspondentes escolhidos, pareceu-nos que este exemplo fosse oportuno, uma vez que e por uma questão de proximidade cultural e geográfica com dois grupos de jornalistas estrangeiros, seria importante descortinar se a política nacional tem repercussão a nível externo. Sabíamos que ao dar-mos o exemplo de um escândalo que envolvesse um membro do governo, poderia desencadear, nas respostas obtidas, as reacções mais radicais, como nos foi colocada a questão se esse escândalo poderia originar a queda do governo. Não pretendíamos ser tão radicais pois, se fosse esse o caso, acreditávamos que esse cenário seria notícia na Europa. A queda de um governo democrático é um acontecimento importante que habitualmente é noticiado pelos meios de comunicação internacionais.

Pudemos dizer que, dos entrevistados que responderam à questão, a maioria respondeu que, a primeira notícia que davam seria a da nacionalização da banca que opera em Portugal. As razões podem ser resumidas na resposta da jornalista Mónica Ferro, que acreditamos ser um resumo de todas as ideias que nos foram apresentadas: “Se tivesse que escolher qual enviar primeiro enviaria a da banca, porque a banca afecta a todos os países e a outra só afecta a Portugal. As duas são muito importantes, a da banca afecta a tudo e a outra só afecta Portugal, aunque tenha muito interesse para o resto mas, nós somos correspondentes, então a prioridade é sempre mais o que afecte o exterior que o interior.”

Se os temas económicos podem ser considerados como o ponto em comum entre a maioria dos jornalistas estrangeiros, todos os outros temas revelados revelam uma diversificada panóplia de temas e de ideias. Para que melhor se entenda as temáticas mais focadas por estes profissionais parece-nos oportuno dar voz aos grupos já anteriormente referidos.

4.4.1. Correspondentes espanhóis

No caso dos correspondentes espanhóis podemos observar uma diversidade de temas abordados. Partindo do princípio já estabelecido que a área de economia é uma das temáticas que fornece acontecimentos de forma mais recorrente para todos os correspondentes, deparamo-nos com o facto dos correspondentes espanhóis frisarem que tocam em todas as temáticas da sociedade desde a política ao desporto, passando pela cultura. No entanto, verificamos que os profissionais revelaram que a publicação deste tipo de notícias é condicionado pela época em que se encontram, como conta a correspondente Belén Rodrigo: “Há alturas, portanto, é normal que na altura que há eleições, há mais notícias sobre política, mas tirando os períodos de eleições ou de algum escândalo, alguma notícia assim importante, a política não é dos temas que mais trate. Portanto, acabo por escrever sobre economia, sociedade, cultura, desporto, temos também imobiliário... é muito diferente e há semanas que trato mais uns aspectos, outras semanas outros. E depois de oito anos não consigo dizer o que é que mais importante porque depende muito de muita coisa.”

As particularidades entre os correspondentes são poucas, mas ainda assim existem. A través do que o correspondente da agência EFE nos relatou, percebemos que de facto, a agência produz notícias sobre todas as temáticas, mas que entre os assinantes

desta agência existem dois temas que são mais procurados: as temáticas económicas e as temáticas desportivas, nomeadamente o futebol. No que se refere às temáticas económicas já entende-mos aquilo que é mais relatado pelos correspondentes, e consequentemente mais procurado. Mas, no campo do desporto e, em particular, do futebol apercebemo-nos, através do que o jornalista nos referiu que, o facto da liga portuguesa ter muitos profissionais de nacionalidade espanhola ou de nacionalidade latino-americana é a principal razão de interesse neste tipo de temática. O jornalista nota mesmo que, é pelo facto dos jogadores serem desta nacionalidade que os seus conterrâneos têm interesse no futebol português, porque querem saber qual é o desempenho dos mesmos na sua actividade profissional.

Por outro lado, a correspondente da rádio Cadena Cope (emissora católica espanhola, semelhante à portuguesa Rádio Renascença) salienta uma temática que não foi referida por mais nenhum correspondente. A jornalista Begoña Iñiguez refere que também produz temas transfronteiriços. A Cadena Cope tem a particularidade de ter dezassete delegações, uma por cada comunidade autónoma espanhola, o que se reflecte na produção noticiosa da correspondente, uma vez que tem mais possibilidade de produzir mais notícias. O facto desta emissora ter várias delegações que trabalham com alguma independência da delegação de Madrid, abre os horizontes desta profissional permitindo-lhe assim, abranger um maior número de assuntos que detêm interesse em determinada comunidade espanhola. Esta circunstância parece-nos de relevo, uma vez que é um tipo de temas que não pensávamos encontrar. As temáticas transfronteiriças revelam o interesse que determinadas comunidades espanholas, particularmente as que fazem fronteira com Portugal, têm no país. Apesar de considerarmos que são temas de uma amplitude menor, uma vez que não são temas que interesse a todo o território espanhol são, por outro lado, o reflexo daquilo que Portugal pode ser a nível externo. Um país com interesse apenas para algumas regiões, dado que os temas transfronteiriços nacionais interessam aos seus próprios vizinhos. Estas são pessoas que, muitas vezes partilham uma cultura idêntica e que, se habituaram a cruzar a fronteira consoante as suas necessidades, não fazendo distinção entre os países.

4.4.2. Correspondentes brasileiros

Os correspondentes brasileiros distanciam-se um pouco daquilo que é a realidade dos correspondentes espanhóis. É importante referir que entre o Brasil e

Portugal existe um passado comum, o que desenvolve algum interesse por parte deste público-alvo. Por um lado, Adriana Niemeyer, correspondente da Globo News, nas suas notícias consegue noticiar todos os temas porque, afirma, no âmbito da lusofonia todos os temas são relevantes: “Geralmente política, economia logicamente, cultura muito também. Comigo acho que são todos os temas que...até com os protocolos que existe dentro da lusofonia acho que a maioria dos temas interessa. Não tenho mais um ou outro...”. Por outro lado, Jair Rattner, correspondente d’O Estado de São Paulo, nota que a escolha daquilo que escreve está sujeita às circunstâncias do dia-a-dia, no entanto, nota também que, assuntos que envolvam a comunidade brasileira em Portugal são um ponto essencial daquilo que produz: “Depende, depende muito. Quer dizer eu, muitas coisas de brasileiros no exterior, economia eu faço, há também algumas coisas na área de editoria de sociedade, geral coisas que podem ser usadas assim como exemplos para nós por exemplo, mas isso é em menor quantidade.”. A questão de abordar temas que serviam de exemplo são úteis na medida em que ajudam a desconstruir uma imagem menos positiva de Portugal no Brasil, criada com a emigração portuguesa para aquele país no início do século passado. Esta questão é também apontada por Eduardo Guennes, correspondente brasileiro, que revela mesmo que as notícias de Portugal são encaradas no Brasil em tom de piada: “Depois tem o seguinte: há um, já faz parte da cultura brasileira, uma perspectiva de muito português, das notícias vindas de Portugal terem meio piada, serem meio piada, tipo anedota.”

A aposta portuguesa nas energias renováveis, é um dos exemplos da inovação portuguesa e um auxílio na desconstrução de uma imagem de Portugal menos positiva: “Por exemplo, na área do ambiente, Portugal está promovendo algumas coisas novas, as energias renováveis, o facto das pessoas estarem produzindo energia e vendendo para a rede, são coisas que no Brasil são novidade. Coisas assim.”. De acordo com o relato de Eduardo Guennes, este trabalho dos correspondentes em desconstruir a imagem pré-concebida de Portugal no Brasil tem vindo a surtir efeito. O jornalista nota que “Cada vez menos o português, não é português da anedota. Hoje o da anedota é mais o brasileiro aqui em Portugal não é, também o português deixou de ir para lá, o Brasil é que tá vindo para cá.”.

A jornalista Adriana Niemeyer nota que as relações entre os dois países têm vindo alterar-se. Não podemos afirmar que isto se deve, pelo menos exclusivamente, ao trabalho dos jornalistas estrangeiros, contudo, e se recordar-mos as palavras de Galtung

e Ruge anteriormente referidas, podemos considerar que o papel dos órgãos de comunicação e dos correspondentes estrangeiros em Portugal, têm certamente alguma relevância neste facto.

O caso de Eduardo Guennes é um pouco diferente dos anteriores. A realidade que este correspondente transmite não prima pelo factual. Este correspondente trabalha no âmbito do jornalismo literário. Esta é uma área que desenvolve o seu trabalho sobre temas que não são tão visíveis no quotidiano, debruça-se sobre temáticas que podem ser surpreendentes, uma vez que vai abordar questões presentes na sociedade, mas que vulgarmente não preenche as páginas dos meios de comunicação social. O relato deste correspondente permite-nos depreender que não é apenas a actualidade nacional que pode ser noticiada no estrangeiro, há outros assuntos nacionais que também são notícia lá fora: “Não tem. Mas para a imprensa brasileira, para o Brasil, tem um interesse imenso. Há uma cultura comum não é?! Então Portugal continua a ter muito interesse para a imprensa brasileira mas não pelos factos, quer dizer, não é uma coisa factual, não é o que está acontecendo. Qualquer jornal tem quatro, cinco, seis, trabalha com quatro, cinco, seis agências então se é demitido um ministro ou, quer dizer, não tem interesse nenhum, a não ser que o mais comente, o mais imediato ou o free-lancer tenha coisas muito especiais sobre aquele acontecimento. Mas Portugal tem, por exemplo o azulejo, que é uma coisa bastante portuguesa, que interessa a todos os brasileiros, porque o azulejo também é uma coisa brasileira, faz parte da cultura brasileira. Os portugueses levaram para lá, não é?!”

Os correspondentes brasileiros distanciam-se assim, daquilo que podemos entender a partir dos relatos dos correspondentes espanhóis. A língua e a cultura comum fortaleceu os laços económicos, o que por sua vez, desenvolveu o interesse brasileiro em Portugal, prova disso é a correspondente da Globo News nos ter divulgado que: “(...) duas TV’s brasileiras abriram escritório, esse mês [de Abril], aqui que não tinham. Que é a Globo e a Record. Tinha a Record...internacional, mas não tinha um correspondente de notícias, tinha um escritório para os interesses de outras coisas. E a Globo tinha eu que mandava de vez em quando uma matéria, mas eu agora sou da Globo News...então quando tinha uma coisa muito importante ou eles mandavam um repórter de Londres ou de Paris ou fazia eu esporadicamente. Agora não, eles têm um correspondente, abriram um escritório aqui da Globo em Portugal. Então isso quer dizer...isso demonstra para onde está virado o interesse...”

A cooperação entre os dois países não desenvolveu apenas laços económicos, desenvolveu também, a curiosidade deste povo pelo nosso país, estando em marcha a desconstrução uma imagem nacional já ultrapassada pelo tempo.

4.4.3. Correspondentes dos países centrais

Quanto ao que é veiculado pelos correspondentes dos países centrais podemos considerar como um resumo dos dois anteriores casos. Os correspondentes deste grupo indicaram que escrevem sobre todas temáticas, o que não pode ser visto, exactamente, como surpreendente uma vez que, dois dos membros deste grupo trabalham para agências de informação. E como já referimos anteriormente o público-alvo das agências de notícias, em primeiro lugar, são os outros meios de comunicação. Por isso se, por um lado, temos o correspondente da Associated Press, que revela que produz mais temas que se constituam como decisões executivas, que possam alterar a direcção do país em determinado sector da sociedade. Por outro, temos o correspondente da Ansa que nos remete também para temas que não sejam a actualidade imediata. Este jornalista admite tratar de acontecimentos que preencham a actualidade imediata, bem como, outro tipo de acontecimentos que são da actualidade, que estão em discussão no país mas que, podem ser questões que não produzam efeitos visíveis de imediato, como é o caso da imigração, um exemplo dado pelo próprio.

Este correspondente relata também que produz muitos temas acerca da África portuguesa, pelo facto de em Portugal ser mais fácil aceder a informações sobre os acontecimentos nesses países. Este último facto apontado, vai de encontro ao que já anteriormente referimos. Nos anos de 1990, muitos dos acontecimentos ocorridos em países africanos de língua portuguesa eram noticiados a partir de Portugal, porque as informações chegavam com mais facilidade aos jornalistas em Portugal do que, muitas vezes, aos correspondentes que se encontravam em outros países africanos, mais próximos.

A partir deste facto podemos concluir que, tal como se verificou nos anos de 1990, Portugal continua a ser um bom ponto de partida para relatar a realidade africana, pelo menos a realidade africana que fala português.

Um outro ponto que acreditamos ser importante salientar é o facto da única correspondente deste grupo que não trabalha para uma agência de informação referir que trata de todas as temáticas porque não se pode especializar em nenhuma área. As

palavras desta correspondente deixam-nos antever que a especialização dos correspondentes em um sector, seria como que, um luxo. E porquê? Porque seria recusar trabalho. Tal como esta correspondente, a maioria dos correspondentes em Portugal trabalha em regime de free-lancer, o que significa que, se os correspondentes se especializarem em apenas uma área estão a restringir o seu leque de oportunidades de verem os seus trabalhos publicados, o que em último caso, tem como resultado uma diminuição no seu rendimento mensal. Como já podemos verificar, o país não pertence ao leque de países centrais, pelo que não gera actualidade de interesse internacional que permita que os correspondentes estrangeiros em Portugal sejam especialistas numa área.

4.5 As notícias mais produzidas sobre Portugal

Quando questionamos os correspondentes internacionais acerca de quais as notícias que mais tinham escrito, ou por outras palavras, qual foi o acontecimento do qual produziram mais notícias, muitas vezes por sugestão do editor, as respostas que obtivemos foram variadas. No caso dos correspondentes espanhóis pudemos verificar que, os acontecimentos do ano de 2007 foram bastante importantes para estes jornalistas. Por um lado, Portugal ocupou durante um semestre a presidência rotativa da União Europeia, desencadeando muitos dos acontecimentos relevantes para a Espanha e para a Europa. Por outro lado, o desaparecimento de Madeleine McCann também suscitou um forte interesse internacional. Um outro acontecimento muito importante para os correspondentes espanhóis foi a detenção, em Portugal, do El Solitário, o conhecido assaltante de bancos espanhol que estava há 12 anos a monte. E por último, e relativamente ao ano de 2009, a decisão do governo em aumentar a escolaridade obrigatória até ao 12º ano, foi também um dos temas apontados por uma das correspondentes.

Em contraponto com as temáticas apontadas pelos jornalistas espanhóis surgem os jornalistas brasileiros. Para os correspondentes brasileiros os acontecimentos que mais interesse proporcionaram e, que consequentemente, deu origem a que produzissem mais conteúdos foram a Cimeira Ibero-Americana dos ministros das finanças, assim como os casos que envolvem brasileiros radicados em Portugal. Foram-nos também referidas as comemorações dos 35 anos do 25 de Abril.

No que toca aos correspondentes dos países centrais verificamos que todos referiram o caso Maddie. O caso Casa Pia também foi referido, mas apenas por um dos correspondentes.

Não podemos deixar de notar que foram e são dois casos que suscitaram grande atenção mediática nacional, que ultrapassaram fronteiras nacionais e chegaram a outros países. Estes dois casos adquiriram proporções internacionais e arriscamo-nos a dizer que foram casos que abalaram a imagem de tranquilidade e de segurança que o país anteriormente ostentava no estrangeiro, talvez em grande parte por não verem muitas notícias ligada à criminalidade violenta.

Um outro facto que não poderíamos deixar de notar é que mais que um correspondente e de diferentes nacionalidades, referiram as celebrações do aniversário da Revolução dos Cravos, bem como a referência a personalidades ligadas a este acontecimento que trouxe a Portugal o maior número de correspondentes estrangeiros de sempre (tendo alguns nunca chegado a partir). De facto, e de acordo com o que apuramos através das entrevistas, as figuras ligadas àquela data histórica, ainda hoje são reconhecidas internacionalmente e motivo de notícia, como foi o caso de Mário Soares a propósito da sua candidatura nas últimas eleições presidenciais.

4.6 As fontes em Portugal

Para um jornalista, uma importante mais-valia são as suas fontes. Um jornalista que tenha acesso algumas fontes de informação pode conseguir informações, em alguns casos informações privilegiadas, que lhes permitam lançar para os seus órgãos de comunicação, novas notícias ou apurar novos dados de notícias que já foram veiculadas. As informações das fontes habitualmente atribuem veracidade e rigor à informação, uma vez que estas, por norma, são profundamente conhecedoras da matéria que está a ser tratada.

Tal como os restantes jornalistas, os correspondentes também necessitam de ter acesso a fontes. Por essa razão questionamos os entrevistados acerca da sua relação como as fontes portuguesas, tanto oficiais como com as não-oficiais (adoptamos esta designação por nos parecer a mais simples e a mais facilmente entendida por todos os correspondentes). Quanto às fontes oficiais, onde se incluem todos os organismos governamentais, verificamos que os correspondentes têm grandes dificuldades em

aceder a entidades públicas que lhes permitam esclarecer as suas dúvidas de forma a dar informações mais aprofundadas e rigorosas. Os correspondentes revelaram que o principal entrave no acesso à informação são os assessores de imprensa dos organismos públicos. Foi frequente, durante as entrevistas, ouvir os correspondentes dizerem que, quando solicitam uma simples informação a uma entidade oficial, a resposta que obtêm é que enviem um email, que depois a entidade responde. Esta foi uma das queixas frequentes dos correspondentes, que estão numa corrida contra o tempo, uma vez que se a notícia é para ser publicada no dia seguinte, não podem esperar muito tempo. Alguns correspondentes mencionam que depois de alguns anos em Portugal, já conseguem aceder com alguma facilidade a um contacto que lhes permite, por vezes, ligar directamente com um assessor de imprensa. Mas esta não é uma situação que ocorre com frequência, estando dependente do assunto que estão a tratar. Uma outra correspondente referiu que não tem exactamente muitas fontes, mas conhecimentos com quem entra em contacto para saber quem é a melhor pessoa para falar sobre determinado assunto. Acreditamos que se possa apelidar de intermediário aquilo a que esta correspondente se refere.

O correspondente da Ansa em Portugal menciona que “(...) a classe política portuguesa, desde o Partido Comunista até ao CDS, tem um problema de... ideológico é fechadíssima com honrosas excepções.” O jornalista acrescenta ainda que: “Não é uma reunião à porta fechada de um embaixador...com um embaixador de..., não são eles que dão a imagem de Portugal no mundo, somos nós.” Deixando assim, antever que as instituições nacionais não se apercebem que a imagem do país é transmitida pelos correspondentes estrangeiros e que, o não facilitarem em nada o seu trabalho pode conduzir a uma imagem menos positiva do próprio país. Este facto vai de encontro à ideia defendida por Galtung e Ruge que já foi anteriormente referida, em o papel diplomático de um país é importante, mas que é a perseverança dos *media* que os torna protagonistas na imprensa mundial. Porém, podemos observar um caso de um correspondente que referiu que, em geral, não teve nenhum problema com fontes oficiais, apenas menciona que os clubes de futebol nacionais são um pouco fechados no sentido em que não permitem que os jogadores falem à imprensa fora das conferências. O facto de este correspondente apenas ter esta queixa, relativamente às fontes oficiais, acreditamos se dever ao facto deste profissional se encontrar há cerca de um ano no país.

Quanto às fontes pessoais, as opiniões dividem-se. Por um lado, deparamo-nos com correspondentes que deixam antever que, se o relacionamento com as ditas fontes pessoais não é totalmente fácil, pelo menos não é tão difícil quanto o relacionamento com as fontes oficiais, nomeadamente, com os assessores de imprensa. Não é fácil descortinar, em certos casos o verdadeiro sentimento de alguns correspondentes relativamente a este aspecto. Nestas situações é notado que os correspondentes claramente defendem a necessidade de contacto com o considerado cidadão comum, que não está ligado a nenhuma instituição governamental, mas não conseguimos apurar se estes profissionais consideram fácil ou difícil o acesso a fontes não oficiais. No entanto, conseguimos apurar que as relações sociais que estabelecem, como alguns jornalistas referem, a participação em almoços de trabalho, o serem visíveis, as pessoas os conhecerem, é um ponto a seu favor. A partir disto conseguimos entender como é que alguns dos correspondentes, após alguns anos em Portugal conseguem ter fontes pessoais. Deparamo-nos também com casos de correspondentes que afirmam que é fácil aceder a este tipo de fontes, mencionado que foram escassas as vezes que tiveram algum tipo de problema com este tipo de fontes.

No que toca às fontes oficiais, a maioria dos jornalistas estrangeiros reconhece que existe, de facto, um problema em lidar com essas fontes. Mas no que se refere a fontes não oficiais temos as duas posições, uns defendem que é fácil tratar outros defendem que não é tão difícil como tratar com as fontes oficiais, mas que também é complicado. Acreditamos que esta situação não se prende com os grupos previamente estabelecidos. Prende-se sim com as situações pelas quais os correspondentes passaram, fruto do trabalho que desenvolveram. Assim sendo, esta questão não se prende nem com nacionalidades, nem propriamente com o meio de comunicação para que trabalham. Esta questão reflecte apenas com as experiências que o profissional teve e que poderão ser melhores ou piores, consoante os casos, estando um pouco dependente dos contactos que vão obtendo durante o seu percurso.

4.7 O Caso Maddie

Aquele que é classificado por Hernâni Carvalho e Luís Maia como “(...) um estranho e intrincado mistério.” (Carvalho, 2007: 14) não poderia passar despercebido quando se trata de falar sobre aquilo que é notícia sobre Portugal no estrangeiro.

A menina de nacionalidade inglesa desapareceu do Algarve há mais de dois anos. Contudo, o seu desaparecimento continua a alimentar as páginas dos jornais. Pelo menos é aquilo que ocorre na mente dos portugueses. Mas, se recuarmos no tempo, até Maio de 2007, uma coisa podemos afirmar com certeza: foi uma operação mediática em grande escala. E para podermos afirmá-lo, levamos em conta o que nos foi dito pelos correspondentes estrangeiros em Portugal.

No livro “Maddie 129”, de Hernâni Carvalho e Luís Maia, que os autores afirmam ser “(...) um trabalho jornalístico, de fácil leitura e sem quaisquer pretensões de carácter literário, académico, policial ou erudito.” (Carvalho, 2007:13) podemos ler que: “Na opinião de diversos estudiosos dos *media*, o caso Maddie reúne muitos dos ingredientes necessários para que o público tenha mantido o interesse elevado que vem revelado desde o início” (Carvalho, 2007: 14). Pois bem, se o público tem mantido o interesse, a comunicação social também o tem mantido. Não vamos aqui argumentar se o interesse do público se manteve porque a comunicação social o alimentou ou se este acontecimento se manteve devido ao interesse do público, mas queremos notar que, qualquer que tenha sido o motivo, os correspondentes tiveram algo a dizer acerca disto.

Em Portugal, pairou e talvez ainda paire o espectro da dúvida. Muito foi dito pelos meios de comunicação social e, até hoje, o público não tem garantias que tenha, de facto, acontecido muito do que era mencionado na comunicação social. A especulação ainda está presente neste caso. Tendo este facto em mente, acreditávamos ser oportuno questionar os correspondentes acerca deste caso, contudo, inicialmente não colocamos a questão directamente. Questionávamos os correspondentes acerca de acontecimentos recentes, com um ou dois anos, que os seus editores lhes tivessem pedido para escrever sobre o assunto mais que uma vez. Não queríamos ir directamente ao ponto, uma vez que as impressões que tínhamos podiam não estar correctas. No entanto, depois de já termos entrevistado mais que um correspondente verificamos que tínhamos de questionar directamente os restantes profissionais. Não entendíamos concretamente o porquê de muitos não adiantarem muito sobre o caso. Posteriormente, descobrimos a resposta para a nossa questão. Muitos dos correspondentes não gostaram de tratar deste caso. A polémica gerada em torno deste acontecimento, onde diariamente surgiam notícias nos *media* nacionais e britânicos que os correspondentes, muitas vezes, não conseguiam comprovar está na base deste desagrado. Os correspondentes referem que as fontes que constavam, muitas vezes, nas notícias eram anónimas, e pelo facto de

nem sempre conseguirem falar com as entidades policiais sobre o assunto (uma vez que a legislação portuguesa consagra o segredo de justiça, impedindo assim os agentes da autoridade de efectuarem comentários sobre este caso) gerou nos correspondentes o descontentamento acerca caso. Tivemos relatos em que uma jornalista refere que sentiu que os correspondentes estrangeiros foram desvalorizados. As proporções que este episódio gerou fomentou um desagrado por todos os jornalistas estrangeiros, como refere a correspondente Marie-Line Darcy, que nota que “(...) fomos colocados todos no mesmo cesto, que os jornalistas estrangeiros. ”. No entanto, esta jornalista menciona também que os grandes meios de comunicação internacionais, enviaram jornalistas “da casa” para cobrirem este acontecimento, apesar de alguns destes meios terem jornalistas em Portugal a trabalharem para os mesmos (em regime de free-lancer), o que revela que, por um lado, houve alguns correspondentes que puderam passar um pouco à margem deste acontecimento, efectuando por assim dizer, o trabalho de retaguarda. Ou seja, efectuando apenas notícias esporádicas sobre o caso, como refere o jornalista Mário Dijisin: “(...) há outra coisa que eu fiz, foram dois artigos analíticos sobre o efeito mediático (...)”, acabando por dar uma outra visão sobre o caso, após um episódio controverso envolvendo o correspondente da agência em Inglaterra.

Mas por outro lado, o desagrado quanto a este ao tratamento deste caso não é sentido por todos os correspondentes. A correspondente da Cadena Cope, Begoña Iñiguez, refere que gostou de ter reportado este caso. A jornalista refere que o seu apreço provém de, em Espanha, ter havido um forte interesse por este tema, apesar de a atenção por este caso não ter surgido de início, mas por se ter transformado numa ocasião para crescer a nível profissional. A correspondente revela que foi uma oportunidade para se colocar à prova, uma vez que interveio tanto em noticiários como em programas nacionais, tendo assim que aprofundar o seu trabalho.

Tal como este caso, que é controverso e divide opiniões, a opinião dos correspondentes estrangeiros também se divide. No entanto, e apesar de não termos apurado esta questão como todos os correspondentes entrevistados, parece-nos justo afirmar que foi um caso mediático que atraiu a atenção mundial e que os correspondentes estrangeiros tiveram um papel importante a desempenhar. Porque apesar de alguns órgãos de comunicação internacionais terem enviado outros jornalistas para cobrirem o acontecimento com o desenrolar do mesmo, os correspondentes estrangeiros também tiveram que desempenhar o seu trabalho e reportar esta realidade,

ainda que, uns mais que outros. Quando questionamos os correspondentes procurávamos saber se, efectivamente, este tinha sido um caso com grandes repercussões e qual era a visão dos correspondentes acerca do mesmo. De facto, foi um caso com repercussão internacional, mas que desagradou à maioria dos correspondentes pois, o seu trabalho esteve muitas vezes condicionado, por aquilo que não conseguiam apurar, mas que outros meios davam como certo.

4.8 Paralelismo e identificação

Na maioria, os correspondentes afirmavam que criavam, por vezes, um paralelo entre Portugal e o país, ou os países para que trabalham. Independentemente da sua nacionalidade, os jornalistas referem que criam um paralelismo quando é necessário explicar algum facto. Mas, o paralelismo, a comparação não são sempre utilizados. Os correspondentes das agências espanholas referem que não fazem, habitualmente, paralelismos, uma vez que, as notícias de agência são em bruto, ou seja, resumem-se aos factos.

No entanto, quando questionamos os nossos entrevistados se intencionalmente, ou não, davam uma perspectiva mais positiva, ou por outro lado, mais negativa sobre Portugal nas suas notícias, os correspondentes, na sua maioria, admitem que vão pelo menos além dos factos. Isto é, não se limitam a dar os factos, dão também uma análise do acontecimento ou das circunstâncias em que este se insere. A jornalista brasileira, Adriana Niemeyer defende que não dá uma opinião, dá sim uma visão e que é esta parte do seu trabalho que distingue as suas notícias das notícias de agência. Alguns dos jornalistas estrangeiros notaram também que as notícias são produzidas por seres humanos e, por conseguinte, podem não ser, por vezes, totalmente objectivas ainda que e, à semelhança de outros jornalistas, respeitem todos os valores e critérios jornalísticos.

O correspondente da Ansa nota ainda que a maioria dos correspondentes está em Portugal por opção pessoal e quando noticiam algum aspecto negativo sobre Portugal não estão a referir-se ao próprio país, mas ao governo. Este jornalista refere ainda que é habitual em Portugal ser confundido o país com o governo.

Por um lado, os correspondentes criam, em certas situações, um paralelismo para criarem uma identificação no seu público para que este entenda melhor a realidade noticiada. Por outro e na sequência do que acabamos de referir, a maioria dos

correspondentes dão uma visão do acontecimento não tão factual como as agências fazem, acabando por contextualizar e fornecer dados que podem ser curiosos e, não totalmente, muito relevantes para as notícias, mas que podem ser oportunos para cativar o público da notícia, ou para revelar as condições em que o acontecimento teve lugar, ajudando de certa forma a justificar o acontecimento que pode não ser muito positivo para a imagem do país.

Capítulo 5 - Conclusão

Quando nos propusemos a investigar qual era a agenda dos correspondentes estrangeiros fomos surpreendidos com o que íamos descobrindo, talvez porque tivéssemos ainda a visão daquela que é a figura mítica do correspondente estrangeiro. Mas, com o desenvolver da investigação o herói do mundo do jornalismo foi-se desconstruindo aos poucos.

Uma das nossas primeiras descobertas foi a viragem que o 25 de Abril proporcionou na vinda de correspondentes para Portugal. Rapidamente conseguimos perceber que esse marco histórico nacional chegou a todo mundo. Os relatos dos profissionais da época demonstram que foi um acontecimento marcante não apenas para a Europa, mas também para o resto do mundo. Portugal nunca tinha preenchido tantos jornais como naquela época. E este acontecimento não se desvaneceu no tempo. Pelo contrário. Nos dias de hoje, passados mais de 35 anos, os correspondentes ainda noticiam as comemorações nacionais que assinalam a data. Este foi, provavelmente senão o mais conhecido, um dos mais conhecidos acontecimentos portugueses além fronteiras. Outros foram importantes como foram as eleições presidenciais de 1958, mas não perduraram tanto no tempo nas páginas dos *media* internacionais.

Quando estudamos o trabalho de outros investigadores percebemos que essa época foi a que trouxe mais correspondentes a Portugal, tendo o número dos mesmos vindo a decrescer desde então. Com o decorrer da investigação pudemos verificar que há em Portugal correspondentes que chegaram nessa época e permanecem no país até hoje, constituindo-se como aquilo que Hannerz considerou como “long-timers”. Mas não apenas os que se enquadram neste conceito o referiram, outros correspondentes que, por sinal se encontram há menos tempo em Portugal, também admitiram dar, quando possível, uma visão, uma contextualização, uma análise do acontecimento para que o público possa ter uma visão mais clara de qual é a realidade, não estando limitado apenas aos factos, como acabam por ser as notícias de agência. O facto dos correspondentes terem alguma simpatia por Portugal, o que pode se reflectir na sua longa permanência e na sua opção pessoal em virem para o país, não significa que estes descurem as suas responsabilidades profissionais. Os correspondentes não fogem dos factos, reportam-nos, no entanto e, quando lhes é possível, dão uma visão para que a

notícia seja mais consistente e o público possa entender a realidade, não se tratando assim de alterar ou diminuir os factos. Trata-se de fornecer uma visão mais alargada que pode ajudar, ou não, o público a entender a realidade que lhe é reportada.

A economia por ser um tema global e permitir a criação de investimentos e parcerias entre diferentes países é a temática mais apontada pelos correspondentes como os assuntos que mais tratam. Ainda que nem todos os grupos que criamos previamente tenham respondido as mesmas temáticas, o que nos leva a crer que cada grupo é um grupo, ou seja, cada grupo consoante o país para que trabalha, tem de obedecer a determinados interesses que estão de alguma forma ligados a esse mesmo país. Percebemos também que a política não é um assunto que seja muito importante a nível externo. É considerado como um tema pouco interessante a nível externo porque envolve questões internas. Os correspondentes vêem-no como um assunto fechado. Talvez o desinteresse dos correspondentes estrangeiros na política nacional se deva, em parte, ao facto dos assessores de imprensa funcionarem como uma barreira à informação. A crítica frequente dos correspondentes estrangeiros aos assessores de imprensa sugere-nos que esta é uma das causas para que a política não conste nos *media* internacionais, com excepção de algumas ocasiões como é o caso de eleições nacionais para alguns grupos previamente estabelecidos.

Um outro aspecto que nos pareceu curioso foi o facto de termos encontrado vários correspondentes que referiram que os assuntos que mais interesse têm são aqueles que podem mudar o rumo dos acontecimentos e que, a experiência profissional é determinante na hora de saber se determinado acontecimento é importante na imprensa internacional. Pudemos notar que foi muitas vezes referidas as energias renováveis como exemplo de notícias que podem mudar rumos ou mesmo que podem ajudar a desconstruir uma imagem menos positiva de Portugal a nível externo. Afinal, o que estes jornalistas transmitem para o mundo é a imagem de Portugal. Um outro aspecto que também nos parece curioso é o facto de os jornalistas noticiarem também a actualidade mas não a actualidade imediata. Isto demonstra-nos que Portugal também tem relevância no panorama internacional pela proximidade cultural e geográfica com dois dos grupos estabelecidos. Este facto vai de encontro a algo que já referimos anteriormente que é o trabalho de um correspondente é ir mais além do que os outros repórteres.

Os caminhos que percorremos para encontrar uma resposta para aquilo que nos propusemos estudar foram complexos. Mas acreditamos ter conseguido senão encontrar uma resposta completa, pelo menos um início da resposta.

Bibliografia

AA.VV. (1974). O 25 de Abril na Imprensa Estrangeira, Coleção Novos Cadernos D. Quixote, nº20, Lisboa, Publicações D. Quixote.

AA.VV. (1975). Portugal na imprensa estrangeira – um ano depois, Coleção Novos Cadernos D. Quixote, nº30, Lisboa, Publicações D. Quixote.

AA.VV. (1999). Tempo de Guerra, Tempos de Paz – La información internacional, País Basco, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco.

AA.VV. (2002). Media, Jornalismo e Democracia, Lisboa, Edição Livros Horizonte.

ALBARELLO, Luc, DIGNEFFE, Françoise, HIERNAUX, Jean-Pierre, MAROY, Christian, RUQUOY, Danielle, SAINT-GEORGES, Pierre de (1997). Práticas e Métodos de Investigação em Ciências Sociais; Lisboa, Gradiva.

ARRUDA, Sandro (1995). “Correspondentes estrangeiros. Uma caracterização sociográfica e algumas representações sobre Portugal”, in Vértice, nº 67 (Julho/Agosto), pp 59-66.

AZEVEDO, Cândido de (1999). A Censura de Salazar e Marcelo Caetano – Imprensa, teatro, cinema, televisão, radiodifusão, livro; Lisboa, Editorial Caminho.

BORGA, Cesário (1982). Como o mundo redescobriu Portugal: O 25 de Abril na imprensa estrangeira, in Revista História, nº 42; Lisboa, Edição Publicações Projornal, Ld.^a, pp.30-39.

BOURDIEU, Pierre (2001). Sobre a Televisão, Oeiras, Celta Editora.

CABRERA, Ana (2006). “Os jornalistas no Marcelismo – dinâmicas sociais e reivindicativas” in Revista Media & Jornalismo, nº 9, pp 9-22.

CÁDIMA, Francisco Rui (1996). Salazar, Caetano e a Televisão Portuguesa, Lisboa, Editorial Presença.

CARVALHO, Hernâni, MAIA, Luís (2007). Maddie 129, Prime Books.

CASTRO, Luís (2007). Repórter de Guerra, Dafundo, Oficina do Livro.

COLOMBO, Furio (1997). Últimas notícias sobre el periodismo. Manual de periodismo internacional, Barcelona, Editorial Anagrama.

COLOMBO, Furio (1998). Conhecer o jornalismo hoje – Como se faz a informação, Lisboa, Editorial Presença.

CORREIA, Manuel (1995).”Onze apontamentos acerca dos correspondentes estrangeiros em Portugal” in Vértice, nº 67 (Julho/ Agosto), pp 53-58.

CORREIA, Fernando e Carla Baptista (2006). “Anos 60: um período de viragem no jornalismo português” in *Revista Media & Jornalismo*, nº 9, pp 23-39.

DELGADO, Ivo, PACHECO, Carlos, FARIA, Telmo (1998). Humberto Delgado – as eleições de 58, Vega

FURST, Alan (2007). *O Correspondente*, Lisboa, Publicações Dom Quixote.

GALTUNG, Johan, RUGE, Mari Holmboe (1965). A estrutura do noticiário estrangeiros – A apresentação das crises do Congo, Cuba e Chipre em quatro jornais estrangeiros; in *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*, org. Traquina, Nelson, Lisboa, Edições Veja, 1999, pp. 61-73.

GANS, Herbert J. (2003). *Democracy and the news*, New York, Oxford University Press.

GHIGLIONE, Rodolphe, MATALON, Benjamin (1992). *O Inquérito: Teoria e Prática*, Oeiras, Celta Editora.

GOMES, Joaquim Cardoso (2006). Álvaro Salvação Barreto: oficial e censor do salazarismo, in *Revista Media & Jornalismo*, nº9, pp. 55-88.

GUERRA, Isabel Carvalho (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo – Sentido e formas de uso*, Estoril, Príncípia Editora

HANNERZ, Ulf (2004). *Foreign News – exploring the world of foreign correspondents*, Chicago e Londres, The University of Chicago Press.

HESS, Stephen (1996). *International News & Foreign Correspondents*, Washington, The Brookings Institution.

LEÃO, Isabel Vaz Ponce de, REI, José Esteves, SILVA, Maria Manuela Maia da, PINTO, Ricardo Jorge, SZYMANIAK, Włodzimierz Jozef (coord.) (2000), *Dicionário de Ciências da Comunicação*, Porto Editora.

LESSARD-HÉRBERT, Michelle, GOYETTE, Gabriel, BOUTIN, Gérald (2005), *Investigação Qualitativa – Fundamentos e Práticas*, Lisboa, Instituto Piaget.

McQUAIL, Denis (2003). *Teoria da Comunicação de Massas*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

MAXWELL, Kenneth (1999). *A construção da democracia em Portugal*, Lisboa, Editorial Presença.

MESQUITA, Mário e José Rebelo (org) (1994). *O 25 de Abril nos Media Internacionais*, Porto, Edições Afrontamento.

- MESQUITA, Mário (2000). “As profissões dos *media* na era da comunicação transnacional” in Revista de Comunicação e Linguagens, Lisboa, nº27, pp 63- 77, Fevereiro de 2000.
- MESQUITA, Mário (2003). O Quarto Equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea, Coimbra, Edições Minerva.
- MOREIRA, João Manuel (2004). Questionários: Teoria e Prática, Coimbra, Livraria Almedina.
- RODRIGUES, Adriano Duarte (1988). O acontecimento, in Revista de Comunicação e Linguagens, nº 8 (Dezembro), Lisboa, Edição do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, pp. 9-15.
- RODRIGUES, Ana Luísa (2008). Aos Olhos do Mundo. Portugal e os portugueses retratados por correspondentes estrangeiros; Lisboa, Edição Livros Horizonte.
- SANTOS, José Rodrigues dos (2005). A Verdade da Guerra, Lisboa, Gradiva.
- SANTOS, José Rodrigues dos (2004). Em directo da guerra – O impacto da Guerra do Golfo no discurso jornalístico, in Revista Media & Jornalismo, nº3, pp. 23-28.
- SCHUDSON, Michael (1988). “What is a Reporter?” in The Power of News, Harvard University Press, Cambridge, Massachusetts, London, England, pp, 94- 110.
- SERRANO, Estrela (2002). As Presidências Abertas de Mário Soares – as estratégias e o aparelho de comunicação do Presidente da República; Coimbra, Edições Minerva.
- SILVA, Augusto Santos, PINTO, José Madureira (orgs.) (2005). Metodologia em Ciências Sociais, Porto, Edições Afrontamento.
- TRAQUINA, Nelson (1988). “Segundo o Olhar das Agências Mundiais: Portugal 1975”, in Revista de Comunicação e Linguagens, nº 8 (Dezembro), Lisboa, Edição do Centro de Estudos de Comunicação e Linguagens, pp. 115-134.
- TRAQUINA, Nelson (org) (1999). Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”, Lisboa, Veja.
- TRAQUINA, Nelson (2002). O que é Jornalismo, Lisboa, Quimera Editores.
- TRAQUINA, Nelson (2004). A Tribo Jornalística – Uma Comunidade Transnacional, Lisboa, Editorial Notícias.
- VAISSE, Maurice (1996), As Relações Internacionais desde 1945; Lisboa, Edições 70.
- WELLS, H.G. (2002). Uma Breve História do Mundo; Lisboa, Edições Século XXI.
- WOLF, Mauro (1992). Teorias da Comunicação, Lisboa, Editorial Presença.

ZELIZER, Barbie (2000). “Os jornalistas enquanto comunidade interpretativa” in Revista Comunicação e Linguagens, Lisboa, nº27, pp 33-61, Fevereiro de 2000.

ZELIZER, Barbie (2004). Taking journalism seriously: news and the academy, Thousand Oaks, London, New Delhi.

Outras Fontes Bibliográficas:

- Diário de Notícias de 22 de Abril de 2008
http://dn.sapo.pt/2008/04/22/media/associacao_imprensa_estrangeira_30_a.html
; visto em 9 de Fevereiro de 2009
- Estatutos da AIEP disponíveis em: http://www.aiep.eu/estatuto_frame.html

Anexos

Inquéritos

Este inquérito destina-se exclusivamente à recolha de dados para a elaboração da tese subordinada ao tema Correspondentes Estrangeiros em Portugal. Qualquer informação divulgada pelo preenchimento deste inquérito é absolutamente confidencial, não tendo qualquer outra utilização que não seja aferir o perfil noticioso divulgado por estes profissionais.

1. Nome _____
2. Nacionalidade _____
3. Idade _____
4. Género: Masculino
Feminino
5. Há quantos anos trabalha como jornalista? _____
6. Qual é a principal motivação para se tornar correspondente em Portugal?
familiar
pessoal
sugestão do órgão para o qual trabalha
7.
 - a. Trabalha como: Freelancer
Correspondente fixo de um órgão de comunicação
 - b. Para qual ou quais órgãos de comunicação é que trabalha?

 - c. Qual é o meio (Imprensa, Rádio ou TV)?

8. Há quantos anos vive em Portugal?

1 a 5 anos

5 a 10 anos

10 a 15 anos

15 a 20 anos

20 a 25 anos

25 a 30 anos

Mais de 30 anos

9. Há quantos anos trabalha em Portugal como correspondente? 1 a 5 anos

6 a 10 anos

11 a 15 anos

16 a 20 anos

21 a 25 anos

26 a 30 anos

Mais de 30 anos

10. Qual era o nível de conhecimentos que tinha sobre o país antes de vir para Portugal trabalhar? Nulo

Baixo

Razoável

Elevado

11.

a. Qual era o seu nível de conhecimentos da língua portuguesa antes de vir trabalhar para Portugal? Nulo

Baixo

Razoável

Elevado

b. Como caracteriza o seu actual nível de conhecimentos da língua portuguesa? Nulo

Baixo

Razoável

Elevado

12. Em quantos países trabalhou anteriormente como correspondente?

13.

a. Em média, quantas notícias produz por mês? 1 a 5 notícias

6 a 10 notícias

11 a 15 notícias

16 a 20 notícias

21 a 25 notícias

26 a 30 notícias

Mais de 30 notícias

b. Em média, quantas notícias suas, sobre Portugal são publicadas mensalmente? 1 a 5 notícias

6 a 10 notícias

11 a 15 notícias

16 a 20 notícias

21 a 25 notícias

26 a 30 notícias

Mais de 30 notícias

14.

a. Quais são os temas mais abordados nas notícias?

b. Porquê?

c. De que forma consegue convencer os editores dos órgãos para os quais trabalha a publicar notícias sobre Portugal?

d. Quais as áreas?

Economia

Sociedade

Cultura

Ciência

- e. Na maioria dos casos, as notícias que são produzidas sobre Portugal são:
(assinale por ordem de importância de 1 a 3 sendo o 1 o mais baixo e o 3 o mais elevado)

pedidas pelo órgão de comunicação para o qual trabalha
sugeridas por si
elaboradas por sua livre iniciativa

- f. Quando escolhe uma notícia, qual é o critério de selecção que segue?
(assinale por ordem de importância 1 a 5 sendo o 1 o mais baixo e o 5 o mais elevado)

Acontecimentos com pessoas em geral
Acontecimentos com pessoas de elite
Acontecimentos negativos
Acontecimentos imprevistos
Acontecimentos na continuidade de notícias anteriores

- g. No que respeita à produção noticiosa, qual é a importância atribuída a Portugal pelos editores? Baixo

Razoável

Elevado

15. As notícias sobre Portugal têm aceitação nos órgãos de comunicação do país para o qual trabalha? Pouca

Razoável

Muita

16.

- a. É frequente estabelecer um paralelismo entre a realidade do país para o qual trabalha e Portugal? Sim

Não

b. Porquê?

17.

a. Quais são fontes mais utilizadas? (ordene de 1 a 5, sendo o 1 o mais baixo e o 5 o mais elevado)

Pessoais

Oficiais

Documentais

Comunicação social portuguesa

Internet

Outra Qual? _____

b. Qual o nível de dificuldade de acesso às fontes? Baixo

Razoável

Elevado

18. Em média, qual é o tamanho/ dimensão das notícias/artigos que habitualmente produz (em caracteres para a Imprensa e Web e tempo para Rádio e TV)?

19.

a. As novas tecnologias da informação diminuem a necessidade da correspondência estrangeira em países em que o fluxo noticioso não é regular, como é o caso de Portugal? Sim

Não

b. Porquê?

20.

a. Qual é a personalidade portuguesa melhor conhecida no país para que trabalha?

b. Quais são os aspectos mais conhecidos sobre Portugal no país para o qual trabalha?

Nota: Os inquéritos foram enviados a todos os correspondentes, mas dado que não obtivemos um número significativo de respostas não poderíamos avançar com resultados sobre o inquérito.

Guião da Entrevista

1. Nome?
2. Nacionalidade?
3. Órgão ou órgãos para que presentemente trabalha?
4. Há quantos anos trabalha em Portugal?
5. Porquê é que é correspondente em Portugal?
6. Já tinha trabalho em outro ou outros países antes de vir para Portugal? Qual ou Quais?
7. Como é caracteriza Portugal no que diz respeito ao seu perfil noticioso internacional?
8. Quais são os temas sobre Portugal que estão mais presentes nas suas notícias? Porquê?
9. Como é que selecciona os temas sobre os quais vai produzir notícias?
10. Se, imagine-mos, existisse um escândalo no país que colocasse em causa membros do governo e, também, um caso utópico, o governo se decidisse a nacionalizar todos os bancos presentes em Portugal, qual seria a sua prioridade?
11. Lembra-se de algum episódio recente que tenha suscitado muita curiosidade por parte do órgão para o qual trabalha e que lhe tenham pedido que produzisse várias notícias sobre ele? Qual?
12. Recorda-se de que tipo de fontes utilizou? Qual foi o ângulo que deu à história ou seja, deu um tom mais sentimental, mais humano ou optou por utilizar um tom mais objectivo, mais frio?
13. Nas notícias que produz é frequente relacionar Portugal com o país para o qual escreve ou criar outra identificação entre os dois países? Porquê? Será que pode dar-me um exemplo?
14. Ainda que proponha várias temáticas nem todas são aceites pelos editores. Quais são os temas que mais frequentemente são aceites pelos editores do ou dos órgãos para que trabalha?
15. Quais são os temas que são mais frequentemente rejeitados pelos editores? Pode dar-me um ou dois exemplos? Porque é que acha que são rejeitados?
16. Acha que os correspondentes estrangeiros se limitam apenas a transmitir os factos ou também tendem a dar uma certa imagem de Portugal, mais positiva ou mais negativa?

17. Pode descrever-me um dia normal na vida de um correspondente?
18. Portugal, em termos genéricos, é um país com poucos acontecimentos inesperados. Partindo deste princípio, como é a rotina de um correspondente que tem de procurar assuntos para escrever sobre um país periférico?
19. Quando ocorre um acontecimento assinalável no panorama nacional tenta publicá-lo de imediato ou aguarda pelos desenvolvimentos de forma a poder escrever uma matéria mais alargada? Porquê? É possível dar-me um exemplo de uma situação destas?
20. O mundo dos correspondentes estrangeiros tem vindo a alterar-se, por várias razões, e conseqüentemente as notícias também têm sofrido alterações. De que forma é que tem sentido essas mudanças no seu percurso enquanto correspondente?
21. O mundo vive uma crise económica mundial e todas as empresas estão a ressentir-se inclusivamente as empresas de comunicação. Este fenómeno tem alterado de alguma maneira as notícias sobre Portugal?
22. É difícil para um correspondente em Portugal aceder a fontes não oficiais ou a de outros meios de comunicação nacionais?
23. Sem referir nomes é possível de indicar-me duas ou três das suas principais fontes pessoais, para que seja possível perceber como é que se tornaram fontes?
24. Como é que caracteriza o acesso às fontes oficiais?
25. Que tipo de acontecimentos é que desencadearia um grande interesse noticioso internacional sobre Portugal?
26. Para finalizar, se pudesse eleger um dos trabalhos que já realizou que melhor caracterizam a sociedade portuguesa qual seria?

Nota: As entrevistas encontram-se na íntegra nos cd's que acompanham esta tese.

Entrevista a Antonio Torres

Pergunta: Qual é a sua nacionalidade?

Resposta: *Espanhola.*

Pergunta: O senhor só trabalha para a agência EFE?

Resposta: *Certo.*

Pergunta: Porquê é que é correspondente em Portugal?

Resposta: *Porque eu estudei cá Erasmus no ano 2002-2003 e, pronto gostei da cidade e do país, e então pedi um estágio no ano de 2004 na agência EFE, porque tinha tirado o curso de jornalismo. Foi aceite o estágio cá, fiz o estágio no ano de 2004, por seis meses e pronto no ano de 2008, houve uma vaga na delegação, ganhei a vaga e voltei cá em Setembro de 2008.*

Pergunta: Então está em Portugal a quanto tempo? Mais ou menos há um ano?

Resposta: *Sim, então eu...comecei a trabalhar mesmo como correspondente em Setembro de 2008, só que eu já tinha morado em Portugal um ano, em 2002-2003, e mais seis meses no ano de 2004. Está a perceber?*

Pergunta: Sim, sim estou a percebê-lo perfeitamente. Então não tinha sido correspondente em mais sítio nenhum?

Resposta: *Foi...porque, portanto no ano 2005 eu fui para o Brasil, para fazer um estágio na Folha de São Paulo e, enquanto fazia o estágio na Folha de São Paulo estava a fazer, pronto colaborações para o Periódico de Catalunha, que é um jornal espanhol. Então pronto, eu tinha, quer dizer não era correspondente mesmo oficial, mas de facto eu fazia já notícias sobre o Brasil, várias notícias por mês, pronto como se fosse de facto correspondente.*

Entrevistadora: Sim. Diga-me uma coisa...

Resposta: *Depois, desculpa, quando eu voltei para a Espanha no ano 2005, eu fiz também colaborações para a Folha de São Paulo desde Madrid. Fiz várias colaborações de, pronto, de notícias relacionadas com Espanha para o Brasil, não é. Que foram publicadas na Folha de São Paulo.*

Pergunta: Agora, as perguntas que lhe vou fazer, incidem um bocadinho mais sobre aquilo que eu estou a trabalhar na tese. Como é caracteriza Portugal no que diz respeito ao seu perfil noticioso internacional?

Resposta: *Diga não ouvi muito bem. Como é que quê?*

Pergunta: Como é caracteriza Portugal no que diz respeito ao seu perfil noticioso internacional?

Resposta: *Desculpa, não percebi pode repetir. A crise internacional disse?*

Pergunta: Não, não. Como é caracteriza Portugal no que diz respeito ao seu perfil noticioso internacional, ou seja, ...?

Resposta: *Sim, sim, perfil noticioso. É, pronto, cá na nossa delegação da agência EFE trabalho para Espanha e Latina América. É, pronto, são muitos países e o leque é grande só que, as notícias mais, o perfil da nossa agência cá e as notícias mais publicadas e que têm mais interesse para os nossos assinantes são do sector económico e do sector desportivo, nomeadamente a área do futebol. O sector económico é derivado da relação que se tem desenvolvido nos últimos anos entre Portugal e Espanha, pela qual há muitos interesses, de empresas espanholas, e também pelas participações, sei lá, em bancos, em grandes empresas. E o perfil desportivo é, pronto, o futebol é tema muito acompanhado nos países latinos, não é, e Portugal, pronto Portugal tem tido jogadores muito importantes. Foi muito acompanhado, quer dizer os meios de comunicação espanhóis e de Latina América estão interessados nos que se passa cá, em Portugal, no futebol.*

Pergunta: **Então os temas que escreve mais sobre Portugal são sobre economia e futebol, e desporto?**

Resposta: *Sim, sim quer dizer, nós fazemos notícias de todo tipo, não é, política, economia, cultural, de todo. Só que as notícias que mais produzimos são desportivas e económicas, por causa do interesse, do maior interesse dos assinantes nossos, que têm maior interesse. Porque a política quer dizer, nós fazemos muitos artigos de política só que não são muito publicadas. São publicadas mas não têm assim uma repercussão tão grande quanto as outras notícias. O perfil é mais virado para a economia e o desporto e o futebol, pronto.*

Pergunta: **Claro. Diga-me uma coisa como é que selecciona os temas que vai produzir? Ou seja, dentro do futebol e da economia, que é os que mais importam aos seus compradores, como é que distingue quais são os temas mais importantes? É pelos grandes clubes no caso do futebol, é por bancos espanhóis que têm mais interesse em Portugal?**

Resposta: *É o seguinte, ao respeito ao futebol é, interessa os clubes maiores não é, Benfica, Porto e Sporting, que são clubes que até a nível europeu são clubes respeitados e conhecidos não é, embora o Porto é quem é mais forte, mas os outros também são conhecidos então, tem interesse notícias desses clubes. E, nomeadamente, os clubes por exemplo este ano como o Benfica que tem, ainda tem, um treinador espanhol e jogadores espanhóis também têm mais seguimento. Pronto, porque são espanhóis e as pessoas lá em Espanha gostam muito de saber como se estão a dar jogadores e este treinador cá, então também é um aspecto circunstancial. Quer dizer talvez a temporada que vem, o Quique, vai embora então vamos dar menos notícias do Benfica do que já temos dado esta época. Percebeu?*

Entrevistadora: **Sim.**

Resposta: *E ao respeito ao Porto também, o Porto tem tido muito interesse por causa dos latino-americanos, não é, porque estão a jogar lá o Lucho, que é da Argentina, o Lisandro que é argentino, o Rodriguez que é uruguaio e então temos feito muita coisa do Porto também por*

isso. E, pronto, é uma questão circunstancial...de modo geral fazemos notícias desses três clubes, porque também são clubes importantes. E depois ao respeito de economia, é nomeadamente, fazemos seguimento especial aos bancos que têm capital espanhol, não é, por exemplo o BPI, a La Caixa tem uma percentagem, acho que trinta por cento de BPI é capital espanhol. A EDP também tem parte de capital espanhol, acho que até a EDP comprou...em Espanha então há um interesse óbvio, não é. E sei lá, a Endessa Portugal também está a desenvolver cá, também vai concorrer ao mercado de electricidade em Portugal, também concorrer para o serviço doméstico pela primeira vez não é, então são empresas que são radicadas em Espanha mas que estão cá a desenvolver, então há um grande interesse em como se estão a dar aqui. Os patrões...também dependem disso, não é, qual é a relação que têm com Espanha e com Latina América, o nível de relação.

Pergunta: Claro. Eu dou sempre dois exemplos, eu sei que os exemplos não são muito bons, os seus colegas também se riam bastante acerca disto mas, é porque eu precisava de saber aquilo que se chama valores-notícia, aquilo que importam para si. Visto que trabalha numa agência e apesar de também fazer temas de política, os exemplos são os seguintes: se, imagine-mos, existisse um escândalo no país que colocasse em causa membros do governo português e, também, um caso hipotético, o governo se decidisse a nacionalizar todos os bancos presentes em Portugal, qual seria a notícia que daria primeiro?

Resposta: *Então, essa questão é muito delicada, não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Porque estou a falar, a agência EFE é a agência estatal espanhola, não é. Então esses temas políticos, pronto que têm implicações de Estado não é, são muito delicados. Então essa questão, não seria própria para me colocar a mim, que sou o redactor, sou um repórter, se para o delegado da agência EFE, que é o senhor Emílio Crespo, que é quem deve, nesses casos, tomar decisões mais importantes, então...É isso, não te posso responder.*

Entrevistadora: Claro, claro.

Resposta: *Eu não tenho competência nessa área.*

Entrevistadora: Claro. Eu coloco as mesmas questões a todos os jornalistas com quem falo, por uma questão de o ter que fazer. Eu compreendo que para quem trabalha para uma agência seja um bocadinho diferente do que para quem trabalha para outros meios.

Resposta: *Até porque é uma agência estatal, então como é que é a abordagem? A abordagem é complicada. É uma abordagem que está se a falar de um caso, seja o que for não é?*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Um caso...epá muito importante em Portugal, que tenha implicações políticas, então é essencial saber como gerir isso, não é, porque...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Nós vamos contar, é que em Espanha, é a única informação que praticamente vão ter não é, então...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Uma decisão que eu não saberia como fazia a abordagem. Até porque eu não tinha competências para tomar decisão qualquer ao respeito, seria o delegado...*

Entrevistadora: Claro que sim.

Resposta: *Que teria de fazer isto. Eu não sei responder a essa questão.*

Pergunta: Claro. Lembra-se de algum episódio recente, algum acontecimento recente que tenha suscitado muita curiosidade por parte da agência, dos clientes da agência EFE e que lhe tenham pedido que produzisse várias notícias sobre ele?

Resposta: *Pronto, um dos personagens que mais de mais actualidade, e que pronto, nomeadamente, não mesmo os clientes pediriam mais informação sobre ele, mas nós percebemos que é uma personagem que atrai muito é Cristiano Ronaldo. Qualquer coisa que nós fazemos de Cristiano Ronaldo, qualquer notícia de Cristiano Ronaldo, seja o que for, os serviços de rádio de EFE liga para nós para pedir uma crónica por exemplo. E pronto, e depois tem tido, desde que eu comecei a trabalhar cá, consigo assim, do ponto de vista político, económico, coisas importantes como foi a nacionalização do BPN, o caso Freeport que ainda, embora não esteja fechado já houve uma declaração do primeiro-ministro e pronto. Mas assim uma personagem que desde meu ponto de vista que tenha suscitado um interesse de, pronto que eu julgo que tenha suscitado mais interesse, é o Cristiano Ronaldo.*

Pergunta: Claro. Quando escreve as suas notícias que tipo de fontes utiliza? Nomeadamente, no caso do Cristiano Ronaldo. E também qual é o ângulo que deu à história ou seja, deu um tom mais sentimental, não será tanto o caso de sentimental mas mais de humano ou opta por utilizar um tom mais objectivo, mais frio?

Resposta: *As fontes normalmente são, aqui, é a imprensa portuguesa. Porque o Cristiano Ronaldo em Manchester e não, quer dizer, ou também quando ele veio cá jogar com a selecção. Mas geralmente são fontes do próprio país, quer dizer, quando ele fez uma conferência, quando ele fala em público, são fontes, quer dizer, não é uma fonte são várias fontes. E esqueci de dizer também um outro caso que foi importante cá, que foi o caso do El Solitário, que já se ficou sabendo que o assaltador de bancos que foi preso em Portugal e que foi julgado durante o final deste ano [no ano passado] e no começo deste. O El Solitário é um assaltador espanhol muito conhecido em Espanha que teve doze anos fugitivo e esse, nomeadamente é um caso muito importante e que suscitou muito interesse...eu esqueci de contar esse caso também, o El Solitário.*

Pergunta: E foi marcante porquê? Porque...

Resposta: *Porque foi o caso de um de... epá de um gajo que teve a assaltar bancos em Espanha durante doze anos, nunca foi preso em Espanha, matou dois polícias e só foi preso na Figueira da Foz, no ano 2007, por uma operação luso-espanhola e ele ficou, pronto foi preso cá e ele teve o julgamento cá por tentativa de assalto, não é. E então foi um caso muito mediático porque foi um dos fugitivos mais procurados pela polícia espanhola, durante anos, está entendendo?*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Então o julgamento, o desfecho do julgamento foi no fim do ano passado e este anos tem havido julgamentos também porque, pronto também por uma cena de maus tratos e foi um pouco confuso. Mas foi um personagem que, desde que comecei a trabalhar, tem gerado muito interesse na imprensa espanhola, além do Cristiano Ronaldo, o El Solitário, cujo nome é Jamie Giménez Arbe, ele foi uma personagem bem conhecida. E há anos atrás quando foi a Madeleine, mas isto já foi no ano 2008, 2007...*

Entrevistadora: 2007.

Resposta: *Eu não estava a trabalhar cá ainda.*

Pergunta: **No caso do El Solitário as estórias, as notícias que escrevia eram mais frias porque, afinal ele em Espanha é uma pessoa não muito bem vista, no fundo assalta durante doze...?**

Resposta: *Não, e por isso em Espanha é mal visto e bem visto, tem muitos seguidores em Espanha, o El Solitário, porque ele atacava bancos e há pessoas que achavam aquilo giro, não é?!*

Entrevistadora: Pois.

Resposta: *Então a abordagem que nós fazíamos é a abordagem que...muito ponderada, muito...quer dizer, sempre com fontes policiais, fontes. Uma abordagem séria, não dizer pontos de vista sentimental de jeito nenhum.*

Pergunta: **Claro. Nas notícias que produz, sei que faz de economia, se calhar no desporto não é tão necessário mas relaciona Portugal com o país, com a Espanha e no fundo também com a América Latina para criar uma identificação entre os países ou para criar um paralelismo?**

Resposta: *Não, até porque as notícias económicas são muito frias, não é. São mais dados mais, não, não...Até porque na agência temos que tentar ser, quer dizer...os mais...que pudermos, então não, na notícia económica que nós fazemos globalmente não, é difícil dar uma abordagem sentimental de... não.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Noutro tipo de género, nomeadamente de reportagem ou crónica pode ser mas, notícias económicas não. É difícil, é difícil dar uma abordagem...quer dizer, sempre fazemos*

notícias que também é, pronto, que tenham interesse para Espanha e Latina América por causa de falar para si, não é, das relações bilaterais, relações comerciais, além disso, não há uma análise, não há uma interpretação, até porque nós, agência não...quer dizer, nós não interpretamos, tentamos fazer a notícia em bruto não é?!

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *As interpretações são mais jornais...*

Pergunta: Claro que sim. Dos temas que escreve, alguma vez teve algum que tenha sido rejeitado, enquanto trabalhador da agência?

Resposta: *Não me lembro se, tem havido algumas...mas algo assim importante, sempre foram aceites.*

Pergunta: Isto eu sei que é mais comum para os colegas que trabalham para outros órgãos de comunicação, para além de agências, mas dos que são rejeitados, acha que tem alguma razão para terem sido rejeitados especialmente, ou foi porque realmente não tinham qualquer interesse?

Resposta: *Não sei. Não faço ideia. Eu tenho falado com os meus colegas, eu conheço aqui correspondentes espanhóis de rádio e, às vezes, é rejeitado mas é por causa dos espaços limitados nos jornais, há muitas razões, mas depende de...depende do caso.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Por acaso agora não me lembro de nenhum exemplo, não é?!*

Pergunta: Claro que sim. Eu sei que o senhor trabalha para uma agência e no caso dos correspondentes de agência, a situação não é igual à dos correspondentes de outros meios, mas acha que os correspondentes estrangeiros se limitam a transmitir apenas os factos ou também e não intencionalmente, tendem a dar uma certa imagem de Portugal, mais positiva ou mais ...?

Resposta: *Quer dizer, as notícias são feitas por seres humanos não é?!* *E os seres humanos não somos máquinas, não é?*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Então nós tentamos fazer o nosso melhor e apuramos as fontes e tentamos fazer notícias equilibradas e sempre há uma perspectiva, isso é inevitável. Qualquer facto, qualquer acção do ser humano não é objectiva a cem por cento não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Então sempre há...até na escolha das notícias já há uma interpretação da realidade, não é?!*

Pergunta: Claro que sim. Diga-me uma coisa como é, profissionalmente, enquanto correspondente, um dia normal para si?

Resposta: *Diga?*

Pergunta: Enquanto correspondente, como é que é um dia normal para si?

Resposta: *Então, depende muito da agenda.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Depende se houver uma reunião com um ministro, se houver sei lá, se houver jogo de futebol à noite, se houver...depende, mas geral começo a trabalhar aí pelo meio-dia e acabo por volta das sete, das oito. Mas isto depende, depende da agenda, muito relativo.*

Pergunta: Claro. Portugal, em termos genéricos, é não é um país com muitos acontecimentos inesperados. Partindo deste princípio, como é a rotina de um correspondente que tem de procurar assuntos para escrever sobre um país periférico? É certo que sobre o desporto é muito, entre aspas, agendado, mas de economia não é tão previsível assim?!

Resposta: *Em termos de economia...sim, sempre há por exemplo, a Bolsa de Lisboa, que é uma notícia fixa, o resultado das empresas são fixos também notícias, depois reuniões de accionistas também são, sei lá, sempre há notícias, há...sempre há uma continuidade.*

Pergunta: Claro. Quando há um acontecimento assinalável no panorama nacional, eu sei que trabalha para uma agência e que se calhar publica de imediato, porque tem de vender a informação, mas como é que, entre aspas vai acrescentando a informação que vai surgindo à medida que o acontecimento se desenrola?

Resposta: *Eu acrescento informação com as minhas fontes, e pronto, com as minhas fontes directas, indirectas, os meios de comunicação cá, várias fontes.*

Pergunta: Diga-me, como é que caracteriza o acesso às fontes oficiais?

Resposta: *Depende do...em geral eu não tive problema nenhum.*

Pergunta: E relativamente às fontes pessoais...?

Resposta: *Só reclamo das fontes dos clubes de futebol. São muito fechadas...e as fontes essas pronto, não é assim tão mau, o pior são as fontes dos clubes mesmo.*

Pergunta: São muito fechadas no sentido de não quererem...?

Resposta: *Muito, quer dizer, não liberam os jogadores para falar, não...a verdade é que é...uma situação pouco conveniente, porque, quer dizer...os jogadores são muito visíveis, não é, e...pessoas que gostam de futebol gostam também de saber o que os jogadores pensam e a atitude dos clubes de fecharem qualquer entrevista também um prejuízo para os próprios clubes, eu acho. É uma mentalidade...não é uma mentalidade certa, é uma mentalidade um pouco errada.*

Pergunta: Claro. Relativamente às fontes pessoais como estava a tentar dizer, como é que consegue ter fontes pessoais? Vai começando a encontrar pessoas na rua e vai falando com elas ou...

Resposta: *Sim, às vezes são pessoas que conheço através de pessoas, acho que é muito importante ter uma boa rede de relações sociais e desde de esse ponto é sempre uma pessoa que conhece outra, um pessoa conhece outra e...pronto depois também há pesquisa própria como a internet, começa a pesquisar contactos. Um contacto leva a outro contacto, até chegar na origem, não é?!*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *E pronto, é isso.*

Pergunta: **O mundo dos correspondentes estrangeiros, digamos assim, tem vindo a alterar-se, por várias razões, e consequentemente as notícias também têm, de alguma maneira, sofrido alterações. Sente essas mudanças no seu percurso enquanto correspondente?**

Resposta: *Eu acho que tenho um percurso muito curto para saber isso.*

Pergunta: **Disse-me que fazia notícias de economia e no panorama da crise económica que existe e que ninguém a consegue discutir, é indiscutível aliás, todas as empresas se estão a ressentir. Este fenómeno tem alterado de alguma forma as notícias sobre Portugal?**

Resposta: *Tem havido mais notícias.*

Pergunta: **Sobre a crise?**

Resposta: *Mas não só em Portugal, quanto no resto do mundo, não é?! Eu acho que as secções económicas dos jornais cresceram bastante e aumentaram a paginação e os sites da internet também. Acho que há um destaque maior para a economia do que tinha havido noutros anos. Normal, porque a economia agora está no primeiro plano, por isso tem havido mais notícias.*

Pergunta: **Diga-me uma coisa, que tipo de acontecimentos é que desencadearia um grande interesse noticioso sobre Portugal?**

Resposta: *Que tipo o quê?*

Pergunta: **Que tipo de acontecimentos é que desencadearia um grande interesse noticioso em Portugal?**

Resposta: *Sei, os acontecimentos que chamam sempre muito à atenção são acontecimentos mais, não é, que nomeadamente chama à atenção. Revoluções ou, quer dizer, neste momento não sei, Portugal por exemplo, é a cimeira Ibero-Americana de economia, no Estoril no final do ano é...acho que vai dar uma relevância ao país também. Acho que ponderando a situação do país neste momento, o que pode de relevância de Portugal são estes encontros internacionais, cimeiras e encontros como aconteceu no Tratado de Lisboa, não é?!*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *Eu acho que Portugal pode ser assim um, atingir outro patamar, não é, ao nível noticioso.*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *Uma repercussão, como estes acontecimentos.*

Pergunta: **É a última pergunta e não lhe roubo mais tempo. Se pudesse eleger um dos trabalhos que já realizou que melhor caracterizam a sociedade portuguesa qual seria?**

Resposta: *Se eu fizesse um trabalho ou que eu tenha feito?*

Entrevistadora: **Que o senhor tenha feito.**

Resposta: *Não sei, uma crónica sobre o 25 de Abril.*

Pergunta: **Porquê? Marcou-o?**

Resposta: *O 25 de Abril.*

Pergunta: **Sim, mas marcou-o de alguma forma?**

Resposta: *Acho que foi um passo enorme, não é?!*

Entrevistadora: **Claro. Agradeço-lhe...sim?**

Resposta: *É isso. Foi um ponto de viragem.*

Entrevista a Begoña Iñiguez

Pergunta: Para que órgão ou órgãos é que trabalha?

Resposta: *Para a Cadena Cope e Correo Galego.*

Pergunta: Porquê é que é correspondente em Portugal? Por razões mais pessoais ou mais profissionais?

Resposta: *Mais pessoais.*

Pergunta: Já tinha trabalho em outro país como correspondente antes de vir para Portugal?

Resposta: *Não, só em Portugal.*

Pergunta: Como é caracteriza Portugal no que diz respeito ao seu perfil noticioso internacional?

Resposta: *Como é que caracterizo o quê?*

Pergunta: O perfil noticioso de Portugal.

Resposta: *As notícias de Portugal?*

Entrevistadora: Sim. Se acha que é muito importante ou pouco?

Resposta: *Ah pronto a Ana só nos tinha enviado por e-mail tudo isto...*

Entrevistadora: Sim, sim ...

Resposta: *Foi a Belén que nos enviou não é?*

Entrevistadora: Sim eu enviei a ela e pedi...

Resposta: *Foi o mesmo questionário que enviou à Belén, há mais ou menos dois meses, coisa assim...*

Entrevistadora: Sim, sim...

Resposta: *Também, também...pois depende. Portugal depende há momentos que é muito importante e outros onde...quais são as características, desculpe?*

Pergunta: Se acha que é muito relevante ou se acha que é pouco relevante no panorama internacional?

Resposta: *Não se trata nem de muito nem de pouco. Acho que está num nível intermédio, mas há momentos em que sim, que tem relevância. Mas todos sabemos que Portugal é de segunda divisão não é. E é assim goste ou não goste não é um país de primeira divisão para nosso chefes.*

Pergunta: Claro. Quais são os temas sobre Portugal que estão mais presentes nas suas notícias?

Resposta: *Todos. Eu faço desde desporto até religião, porque a minha emissora é católica, é como a Rádio Renascença, exactamente igual. Economia, sociedade, política, cultura, temas transfronteiriços porque não nos esqueça-mos que em Espanha temos uma realidade de dezassete comunidades autónomas, mais duas cidades autónomas. E então eu tenho um bom*

relacionamento com todas as delegações regionais da minha rádio, que têm à sua vez programação regional própria, não é o mesmo que em Portugal, não é?

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E então eu faço também muita informação regional e transfronteiriça de Portugal para essas comunidades autónomas.*

Pergunta: Como é que escolhe, como é que selecciona os temas sobre os quais vai produzir notícias? Pedem-lhe? A senhora propõe?

Resposta: *Depende, como qualquer jornalista. Acho que não haverá muita diferença entre os outros colegas. Temos que acordar muito cedo, temos de ver toda a informação, temos os nossos canais, as nossas televisões não é, que temos de ser muito rigorosos. Então por um lado, temos uma série de previsões conhecidas com dois dias, três, uma semana, véspera e depois temos a informação do momento e além de tudo isso sempre está os pedidos de Madrid, de Sevilha, de Badajoz, de Corunha, de Santiago que ligam e dizem – Olha Begoña precisamos que faça isto, vão noustro presidente da comunidade autónoma ou tal coisa. Então depende, umas vezes sou eu outras vezes são eles.*

Pergunta: Este caso agora é hipotético mas imagine que existia um escândalo no país que colocasse em causa membros do governo e, também, um caso claramente hipotético, o governo se decidisse a nacionalizar todos os bancos trabalham em Portugal, qual seria a sua prioridade? Qual seria a notícia que daria primeiro?

Resposta: *Podia repetir? O primeiro com o governo...*

Pergunta: Um escândalo que envolvesse ou que colocasse em causa membros do governo e se, o governo decidisse nacionalizar a banca que trabalha em Portugal, que opera em Portugal, qual seria a notícia que daria primeiro?

Resposta: *Acho que a do Estado ...acho que isso seria, primeiro eu venderia se isto acontecera ao mesmo tempo, um bom jornalista deve vender os dois temas. Sempre.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Depois de vender o dois temas e falar com os seus chefes, o órgão de comunicação social que decida. porque não nos esqueça-mos eu pelo menos trabalho para um órgão de comunicação social e então ele vai decidir, eu não decido. Eu tenho de oferecer os dois temas porque esses dois temas seriam muito importantes. Então eles vão decidir primeiro, imagino que informaríamos dos dois ao mesmo tempo e depois se resolveria se faz trabalhos de um ou de outro. Teria obrigação de informar e de ligar aos meus chefes e dizer: olha aconteceu isto. Se aconteceram ao mesmo tempo, na mesma altura, não podemos nunca olvidar uma serie de informações importantes.*

Pergunta: Claro. Lembra-se de algum episódio recente, pode ter um ano ou dois, que tenha suscitado muita curiosidade por parte do órgão para o qual trabalha ...?

Resposta: *Sim, claro.*

Pergunta: **Qual foi?**

Resposta: *Acho que todos contestaríamos a mesma coisa, ou respondia-mos a mesma coisa. Vamos ver: acho que Portugal esteve na moda na presidência portuguesa e todos teremos respondido. O ano 2007 foi um ano ótimo onde poderiam dizer que o interesse internacional por Portugal foi mesmo bom. Portugal estava na moda e estava no limite máximo de interesse, não é?! E porquê? Porque tínhamos a presidência portuguesa e qualquer coisa que se decidisse na Europa no segundo semestre, Portugal estava a presidir a União Europeia, então isso foi muito importante, trabalha muitíssimo e depois tivemos o caso Madeleine. O caso Madeleine foi para mim, eu acho que um dos casos, senão o caso que mais, interesse suscitou na Espanha. E tive realmente que fazer um trabalho muito aprofundado e tentar ser o mais objectiva possível, tanto para intervir em programas de âmbito nacional como em noticiários. Enfim, foi um trabalho cansativo. E também lembro-me da detenção do El Solitário, o delinquento espanhol mais buscado dos últimos anos que aconteceu também na primeira parte, na primeira metade o segunda de 2007. 2007 foi realmente um ano muito bom e muito proveitoso para nós correspondentes espanhóis cá.*

Pergunta: **Os seus colegas no que refere ao caso Maddie disseram-me sempre que não foi um caso que, a maior parte tenha gostado, devido a várias razões. Partilha dessa opinião? Não gostaram de tratar desse assunto.**

Resposta: *Eu gostei. Eu como jornalista acho que nós jornalistas temos que nos desligar de uma série de coisas. E temos de tentar não nos involucrar muito, não dar opiniões nunca, senão informar. Eu gostei porque foi um caso mediático e continuo a gostar porque sei que algum dia, espero que se resolva, isto ainda não finalizou. Estou à espera de um fim, um final para este caso. Gostei porque foi, também nos pôs à prova. É muito fácil informar do primeiro que lê num jornal é muito fácil informar do que um lê de um colega que está enviando uma notícia de agência. Temos de tentar ser objectivos, temos de tentar criar os nossos próprios vínculos. A mim me permitiu também ter uma certa posição mas uma posição justa devo dizer. Não informar por informar, não estar sempre em antena. Não estar sempre a ligar e: olha que aconteceu isto.*

Entrevistadora: **Claro.**

Reposta: *Foi uma maneira também de que eu me provar a mim própria e parece-me que é um caso que tem tudo para ser e ter um grande interesse internacional. Está em jogo a imagem de um país, como foi o caso de Portugal, a imagem da justiça, a imagem da polícia, a imagem do governo, mexeu com a imagem dos país e dos seus amigos e o mais importante que uma criança desapareceu e foi tudo muito misterioso e tem todos os ingredientes para ser realmente um caso como foi, mesmo muito interessante.*

Pergunta: Claro que sim. Recorda-se de que tipo de fontes utilizou? Se tentou dar um ângulo que deu à história, a esta ou a outra como estava a falar da presidência portuguesa, dar um tom mais sentimental ou mais humano ou optou por utilizar um tom mais objectivo, mais frio, mais factual? Estava a dizer-me que os factos são muito importantes, claro que sim, mas...

Resposta: *Mas do caso da Madeleine ou do caso da presidência portuguesa ou do caso do El Solitário em concreto de quê de 2007, não? Estás a falar em geral...*

Entrevistadora: Estou a falar...a senhora disse-me que o ano de 2007 foi bastante positivo para a imprensa internacional. Certamente houve mais estórias do que as que me falou, mas estas serão as que mais notou. Dessas três estórias, entre aspas, que me falou o El Solitário, do caso Madeleine e da presidência portuguesa se sempre deu um tom mais factual às suas notícias ou...

Resposta: *Sim, sim vamos ver. Eu acho que são três notícias diferentes, por isso eu gostei de 2007, gostei porque nós jornalistas, sobretudo correspondentes não nos esqueça-mos. Os meus colegas da mesma empresa de Madrid, de Santiago de Compostela, de Valadoli por isso não somos especializados num tipo de informação não é, não temos de fazer bem tudo, por desgraça, nós podemos permitir um erro. E foi muito bom 2007 porque por um lado tivemos informação política, então informação política a presidência da União Europeia e tive a sorte que, não sei se agora com a crise a minha empresa me enviaria, a mim me enviara a todas as cimeiras que tiveram lugar em Portugal, em todo o território nacional, a todas. Então eu tive que deslocar, tive ... de conhecer gente muito interessante, outros colegas e de viver um série de experiências que nunca tinha vivido tão de perto. Tinha assistido a várias cimeiras, muitas delas, mas não vivi em seis meses, não tinha vivido seis meses assim. E foi uma maneira de ser muito rigorosa, porque por um lado, tens muita informação, tens a todos os ministros, a todos os políticos, informação que nós temos à mão mas que também temos que procurar como perguntavas, creio que fazia, pois também há as tuas próprias fontes. Não só informação que saí da presidência, se no tentar falar com o nosso ministro espanhol, com o ministro britânico quando era o caso, com o ministro X e também ententar ter um comentário.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Isso é muito interessante, para a rádio tem de ser tudo muito concreto não como para a imprensa e para agência não é. Mas não por isso menos rigoroso e depois no caso de Madeleine era a mesma coisa. Não nos podemos levar pelo sensacionalismo então temos de ententar, eu falei com alguns assessores deles, dos McCann, tentei falar também com, falei só duas ou três vezes com a Polícia Judiciária, falar com pessoas que sabiam aqui em Portugal, falar com outros colegas portugueses nomeadamente, nós na imprensa estrangeira tivemos encontros com alguns colegas portugueses, foi muito interessante, não foi apanhar o primeiro*

que estava a saber e algumas vezes me ligavam de Madrid por causa de Madeleine que visto isto nesta agência e eu: olha, desculpa, mas isso não é importante. Isso é uma coisa que a saiu mas que não está confirmada, não vamos dar a importância a isso que não a tem. E depois tive que também explicar como era Portugal, como se estava a viver em Portugal desse ponto de vista sociológico. Mas gostei da parte política da presidência onde tive que falar com muita gente. Do caso do El Solitário gostei porque teve uma projecção importante e também porque foi uma notícia muito mediática não é?

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Depois não segui tanto porque perdeu o interesse. Agora já não tem tanto interesse, tenho informado algo do que está a acontecer agora, mas muito menos.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Mas por tudo é muito enriquecer para nós jornalistas. Este tipo de casos e quando se mistura a política, a sociedade pronto acho que é muito interessante.*

Pergunta: Claro que sim. Diga-me, nas notícias que produz relaciona Portugal com a Espanha, neste caso, para criar uma espécie de paralelismo, uma identificação entre os dois países?

Resposta: *Não, acho que a pergunta está bem e entendo porque lá aces assim. Mas de Portugal sempre se está a comparar com Espanha. É algo obvio, no? Nós temos um programa na Rádio Renascença.*

Entrevistadora: Sim.

Resposta: *Visto de Fora, onde alguns correspondentes da nossa associação, colaboramos. E sempre há a mesma pergunta quando estamos a falar de actualidade: Então em Espanha; Então no Reino Unido, então...não necessariamente. Eu como galega, como espanhola, si que às vezes preciso como no caso que acabou de dizer agora, da Madeleine. Eu preciso às vezes decer olha, ou dizer ao ouvinte: olha que Portugal é diferente de Espanha, porque nem sempre Portugal é diferente de Espanha, porque nem sempre Portugal é tão próximo ou tão parecido com a Espanha. Há diferenças, há muita...tamos muito próximo, damos nos muito bem, mas há diferenças. Então às vezes, é preciso também explicar ao ouvinte, no meu caso ou se eu faço alguma colaboração em imprensa igual, explicar qual é a realidade, como é que é este país mas, não necessariamente, num minuto de uma crónica, numa estória não podes estar a comparar, mas si que podes dar um dado para que o ouvinte tenha claro ou que localize a informação com alguma referência que possa ser próxima em Espanha, isso sim.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Mas eu não estou sempre a comparar. Acho que não é bom também estar sempre a comparar.*

Pergunta: Claro que sim. Ainda que proponha várias temas para escrever são todos aceites pelos seus editores?

Resposta: *Não, claro isso seria uma utopia não é, quem diga isso está a mentir. É Ana é o que já disse no começo, acho que sou bastante frontal como quase todos os espanhóis. Portugal, eu adoro Portugal, tenho sangue galega e sempre gostei muito de Portugal não é, sinto-me muito bem cá. Mas não nos esqueça-mos salvo 2007 e 2004 com o Euro não é ou se acontecer algo, uma notícia de relevância, este país não está no foco da actualidade internacional, isto não é Londres. É vou por um exemplo para que fique gravado: a pessoa que eu substitui como correspondente, a Begoña, que se chama como eu, ela está em Londres agora, correspondente da minha rádio. A Begoña esteve cá antes, antes de eu chegar a Portugal como correspondente da minha rádio. A Begoña cá precisava de uma mudança, levava já muitos anos e precisava de algo mais, mais adrenalina.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *A mesma pessoa, que está em Londres agora e é um stress e não para de trabalhar. Qualquer coisa, a mesma notícia em Portugal e em Londres, em Londres tem muito mais relevância, isso te dirão todos os colegas.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Falando de outra colega, a colega que estava de correspondente da TVE, a Marisa, à uns meses. A Marisa que estava aqui lutava por poder sacar em Espanha e ter posição em Espanha seus temas na TVE. A mesma pessoa que está agora em Itália não para agora de trabalhar, não para que está esgotada, não pode mais. Com isso acho que explico tudo.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *É muito difícil o que acontece é que tenho já uma serie de mecanismos para vender. Quando uma pessoa já tem anos de experiência e já conhece a sua empresa sabe perfeitamente que há uma serie de temas que sempre interessa, sempre. E há outros temas que pode ser e sabe que há temas que é muito provável que não interessem nada. Então não podes estar sempre a incomodar, a insistir, mas sempre há temas, no meu caso há muitos temas menores. Diga-mos temas de comunidades autónomas, temas de cultura de sociedade que sim, consigo colocar em Espanha. Mas si, não é fácil. E para escrever eu colaboro com o Correo Galego, porque gosto de escrever e pronto, sim tudo o que proponho publico porque eu tenho uma coluna que eu escolho, não é. Cada certo tempo e eu escolho os temas, então sim até ao momento aceitaram sempre.*

Pergunta: Mas e se me poder dizer, são mais no geral temas de sociedade, de religião, mais temas de economia que são aceites? Ou são outro tipo de temas?

Resposta: *Não é por serem aceites, porque os correspondentes, as nossas dinâmicas de trabalho são... por exemplo, li a imprensa hoje de manhã, pois vê-se uma serie de temas então*

o normal pois envias por e-mail, agora cada vez mais e menos por telefone, uma serie de temas e então, depende dos meses, das semanas, não é. Estou a lembrar-me, semana passada, por exemplo aqui levamos duas semanas muito boas em termos de trabalho, muito boas. E a semana passada eu tive de fazer de tudo, vou por um exemplo, segunda de manhã, a uma semana, tive de gravar cinco minutos, uma reportagem muito interessante de cinco minutos para Castela e Leão, os meus colegas de Castela e Leão sobre a Buta(?) Ibérica...que um ano mais virá para Portugal, também estará cá uns dias, cultura isso é cultura.

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Depois tive que hacer, tivemos nesse mesmo dia, o Ministro de Assuntos Interiores espanhol, o Ministro do Interior, que assim que se diz em Espanha, Rubalcaba, tive que informar dos assuntos nacionais, que os correspondentes também têm que estar rodeados dos assuntos nacionais, que Rubalcaba tinha falado na tarde, não é. Isto na segunda. Depois tivemos a directora do instituto Cervantes, estamos a falar de temas de educação e de cultura, do ensino do espanhol, terça. Então terça foi por um lado, uma crónica para a Galiza porque foi uma homenagem ao grande poeta, Ramiro Fontes, que foi director do Cervantes cá e depois para a Espanha as coisas que já disse. Mas depois teve, quarta, o 13 de Maio em Fátima, também tive que fazer.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Também tive que fazer desde aqui e fazer outra coisa para o fim-de-semana, que mais teve. Imensas coisas de religião e teve também outra coisa de política que tou me a esquecer. Mas esta semana por enquanto, a semana passada não tivemos economia, ah e tivemos Aznar antigo primeiro-ministro espanhol sábado passado, também política. Mas...na semana sai muito de economia, neste momento de crise, estão sempre as notícias de economia vendem-se muito bem. Pronto estou a por um exemplo que...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Que eu não posso estar a medir, depende das semanas, depende das semanas.*

Pergunta: Mas, por exemplo, nunca tem um aspecto que seja mais rejeitado? Por exemplo de cultura? É sempre aceite ou pode ser rejeitado? Porque muitos dos seus...

Resposta: *Ana é o que eu explicava. Não se trata de ser sempre aceite. Eu sei, quando comecei aqui como correspondente vendia tudo. Eu ligava, estava vinte vezes por dia, estou a exagerar mas pronto. Agora já sei, mais ou menos, nós temos um filtro...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Eu não sou uma agência, eu não sou uma agência como a EFE ou a Europa Press que têm de vender tudo, eu selecciono também a informação. Como selecciono tenho a grande sorte de, por enquanto, porque a crise, por enquanto, não tocou a minha porta, tenho sorte que uma grande maioria é comprada. Porque não estou à vender, selecciono previamente, então de*

cultura eu sei onde posso vender esses temas de cultura. Claro que às vezes dizem: olha Begoña não temos espaço hoje. Claro.

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Mas não é muito por cento negado, não me negam muita coisa, não.*

Pergunta: Ainda bem...

Resposta: *É por isso que digo que faço um filtro, eu também.*

Pergunta: Eu sei que dá muita importância aos factos e a ser objectiva, mas acha que os correspondentes estrangeiros, e neste caso você, se limita apenas a transmitir os factos ou pode, também e não intencionalmente, dar uma certa imagem de Portugal, mais positiva ou menos positiva? A senhora também estava-me a dizer-me que gostava muito de Portugal, isso às vezes pode misturar-se um bocadinho com o ser jornalista. Acha que isso poderá ou não dar uma certa visão mais positiva ou menos negativa sobre Portugal, alguma vez?

Resposta: *A palavra que, pelo menos eu tento não ser sensacionalista. Tento informar...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Acho que isso no meu caso, como sou correspondente de uma rádio, poderia ter mais cabida quando tens muito espaço por exemplo, para escrever. Ou se tens muitos minutos de rádio, não é?*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *No meu caso, quando colaboro em programas tento não opinar. Tento sempre, mas as...são positivas claro, não estou a buscar o negativo nem estou a buscar a sensação não é.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Mas acho que sim, que claro que sim. Que se te sentes bem num lugar, tentas ser positiva, mas não nos podemos esquecer nunca da realidade da informação. E às vezes se uma coisa que acontecer é negativa ou tem, por exemplo, uma série de factos ou acontecer por uma série de coisas, nós temos também de informar sobre isso, porque gostamos muito do país não vamos tentar, ou ao contrário se isso acontecer, isso seria não ser um bom jornalista. Acho que temos sempre de ter sempre bastante presente mas claro, não estás a criticar o país. Claro mas também não estás a vender um país bucólico, ponho um exemplo. Por exemplo, em Galiza tem se uma ideia muito errada de Portugal. As pessoas na Galiza são muito utópicas com Portugal, muito, muito utópicas e vêem as coisas às vezes de um jeito diferente. Então também a nossa labor é olha que os vizinhos do sul têm esta dificuldade, agora está a acontecer isto, os dados económicos são estes, isto é ser analista. Não é vender aí agora somos todos primos e irmãos porque estamos muito próximos, isso é evidente, temos de informar do que acontece. Estou a pôr esse exemplo porque eu poderia me deixar levar por essa proximidade, afinidade não é, para dar uma informação diferente, não é assim?!*

Pergunta: Claro que sim. Em termos gerais, de forma sucinta, pode me dizer como é que é um dia normal na sua vida?

Resposta: *Sim. Um dia normal na minha vida, vou dizer o mesmo que me respondeu Manuel de Oliveira. Um dia normal na minha vida é como quase todas as pessoas metódicas, não é. Nós, correspondentes, temos que ser muito, muito metódicos. Acordar muito cedo e tenho além disso um filho muito pequenino e então tenho o meu labote de mãe além de ser correspondente, e então acordar muito cedo, por volta das sete da manhã, e então fazer a minha parte de mãe e preparar o meu filho e levar ao autocarro tal e qual. Comprar os jornais, ler os jornais muito cedo.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Depois propor os temas a Madrid. Em muitos casos há alguma gravação para fazer, algum trabalho pendente e depois de tudo isso também, temos a sorte, acho que em Portugal, temos uma sorte em Lisboa que não têm outros correspondentes de outros lados. Vou falar de algo positivo. É que nos temos aqui muitas visitas, temos muitas visitas institucionais de Espanha, como temos tanta comunidade autónoma é não é estranho que, pelo menos uma ou duas vezes por semana tenhamos alguma visita institucional de alguma comunidade autónoma, de um ministro espanhol, um político, um intelectual, sempre temos algum acto. Nós também, na associação, organizamos então temos de tentar às vezes seleccionar a qual é que nós vamos. Por exemplo, hoje por acaso tenho um dia, um dia não, uma manhã calma e estou a fazer o meu trabalho muito sossegadamente mas, o normal é sempre ter de gravar algo, preparar algo, falar com os teus chefes, ir a algo, ter algum almoço de trabalho às vezes acontece, pronto é o dia assim. Às vezes, o dia é muito calmo, passas três dias onde não fazes um directo, então preparo outras coisas, mas outras vezes é uma autêntica confusão. Este país é como eu lhe digo ou é tudo ou é nada. Então não há dias iguais mas para mim o segredo é sempre acordar muito cedo, ser muito metódica, chegar sempre pontual aos lugares e tentar sempre ter uma boa rede de contactos. Combinar com muitas pessoas, assistir a muitos não digo eventos, mas tentar ir a todos os lugares onde eu acho que há interesse para a informação. Porque às vezes não tens vendido um tema mas depois, é interessante o que se diz e pronto. Temos de tentar também ter um bocado de visão jornalista nas coisas, não é?!*

Pergunta: Portugal, em termos genéricos, é um país com poucos acontecimentos inesperados. Partindo deste princípio, como é a rotina de um correspondente que tem de procurar assuntos para escrever? Vai muito a jornais, vai muito pela rua, por aquilo que vê na rua, vai muito àquilo que é a agenda institucional. Como é que faz?

Resposta: *Vamos ver, eu parto da base, fundamentalmente eu sou uma correspondente de rádio, de meios audiovisuais. É diferente, volto a repetir, de ser correspondente de imprensa ou como eu tenho colegas que têm cinco coisas ao mesmo tempo, eu sou bastante selectiva. Então*

no meu caso, eu para a minha colaboração no jornal tenho muito claro os temas que interessam e para isto é a resposta que acabo de dar à um bocado.

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Precisamente não nos podemos acomodar, não podemos dizer que a notícia vem a mim e que vamos esperar que nos liguem da Embaixada ou da assessoria dos ministérios espanhóis ou das conselharias da Galiza ou de Castela e Leão ou de onde for, para nos informar que vem tal político. Não, temos de estar, nos recebimos, eu pelo menos, imensos e-mails, por e-mail hoje se recebe tudo, não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Muitíssima informação que já leva muito trabalho por dia, nós temos de seleccionar. Há muitas coisas que apagas, mas previamente tens de ler tudo ou quase tudo, então tens de seleccionar a tua agenda. O segredo é a teres a tua agenda eu acho que bem organizada, para não te esqueceres das coisas e o que dizia, há temas que por exemplo, factos ou eventos de cultura que pode ser quinze, porque às vezes por dia recibes muitíssimos. E se calha há um ou dois que podem interessar.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Então tens de chatear os teus chefes, às vezes não chateias e vais e vês que pode ser interessante e não podes ficar à espera que aconteça um acontecimento tipo Madeleine. Não, tens que estar sempre a olhar, mas a parte da imprensa, acho que não podemos esquecer também ler a informação daqui e ler a informação dos nossos países.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E, às vezes, há colegas que não fazem. Porque temos de saber o que acontece no nosso país. Ponho um exemplo, no outro dia, quando estive o último político que estive, o ministro espanhol, quando estive cá os colegas que vieram com ele de Madrid estavam a perguntar-lhe por informações muito actuais, desse dia de Espanha, muito importante terrorismo tal e qual. Se...porque, às vezes, nossos chefes em Madrid dizem podes perguntar sobre isto mas, às vezes tu não tens tempo e dizes: tá bem, tá bem. A ver o que perguntam os outros, tentas tu também ver um bocado isto. Temos de estar muito ao dia em Espanha e aqui e temos de estar em contacto com muitas outras pessoas e não falo só de colegas, falo de pessoas de diferentes âmbitos da sociedade de Portugal. Não significa ir a todos os convites, não significa...mas significa estar um bocado ao dia do que acontece, não nos fechar no nosso cantinho.*

Pergunta: Claro. Já agora é difícil para um correspondente em Portugal aceder a fontes não oficiais?

Resposta: *Sim, acho que todos concordamos nisso, todos.*

Entrevistadora: Sim.

Resposta: *Imagino que todos os que entrevistas-te já, imagino que todos dirão o mesmo Ana, porque concordamos que é muito, muito difícil. Ponho também outros exemplo, noto que nós em Espanha, em termos de comunidades autónomas, quando falo de fontes falo de institucionais que no momento dado tenha que ligar à Polícia Judiciária, que tens de ligar a um ministério porque precisas nesse instante de confirmação do Ministro do Ambiente de tal coisa não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Aqui é quase impossível. E depois de quase seis anos e quase cinco anos como correspondente da minha rádio, realmente posso dizer que começo a ter algum contacto, algum contacto que me permite às vezes poder ligar directamente ao telemóvel de tal assessor, mas isso é muito difícil conseguir isso, ter essa proximidade. Quando em Espanha por exemplo, há coisas que são muito piores mas isso não. É um assessor de imprensa ter de ser uma pessoa que facilite o trabalho.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Trabalhes para quem trabalhares. Goste o ministro ou não goste do meio em questão não é, seja amigo seja inimigo é estamos em democracia e eles têm de facilitar o trabalho e aqui não. Aqui é tudo mandar por e-mail, envia por mail então nós respondemos.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Eu já pedi a uma secretária de Estado como seis vezes uma entrevista que ia sair mesmo e que era importante para mim e nunca me concederam essa entrevista, sempre com desculpas mas se for os colegas portugueses...pois as vezes que for.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Então pronto é muito difícil falar, mas pronto temos de aguardar um ministro numa conferência de imprensa depois, num intervalo, em momentos assim.*

Pergunta: Claro. E no que refere a fontes pessoais? A senhora disse que é preciso estar atenta, que por vezes vai a almoços de trabalho aí penso que se calhar consegue algumas fontes pessoais?

Resposta: *Claro, claro...*

Pergunta: É fácil?

Resposta: *É a opinião de colegas portugueses e não falo só desse término que tanto gostam cá tipo analistas, não falo de analistas nem de pseudo-intelectuais. Falo de pessoas normais que às vezes é preciso ter. Nós jornalistas nos esquece-mos que é muito importante também ter bons relacionamentos a todos os níveis. Vai ter tudo melhor formação, vais ter tudo muito mais fundamentado, não é?! Por exemplo, se nós falamos da polémica que há agora com a educação em Portugal no, tudo o que está a acontecer tal e qual. Tens de saber como é o sistema educativo português, não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Tens de falar com algum professor terás de saber, eu por exemplo não sabia que aqui não havia profissão, não havia concurso profissão e em Espanha sim. Isso por exemplo é preciso para esse programa na Renascença que temos, tens que estar documentado e para isso, no lo consigo no momento dado em que ligas a uma pessoa. Tens de ter uma base não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Podes, se tens uma dúvida ligar a essa mesma pessoa com quem falas-te duas semanas antes doutro tema, mas tens de ter uma boa base, eu acho que isso é o segredo. Sempre o segredo, ter recursos.*

Pergunta: Claro. As duas últimas perguntas que tipo de acontecimentos ...?

Resposta: *Acho que estavam a ligar, desculpa sim, sim*

Entrevistadora: Mas se quiser eu volto a ligar depois?

Resposta: *Não, não já terminamos porque senão...*

Pergunta: Claro que sim. Que tipo de acontecimentos desencadearia um grande interesse em Portugal?

Resposta: *Em Portugal ou em Espanha?*

Pergunta: Que desencadearia em Espanha sobre Portugal?

Resposta: *Ah porque...não sei.*

Entrevistadora: Troquei um bocadinho as coisas.

Resposta: *Não sei, prever isso...tudo depende, vamos ver é que depende também dos jornais, das rádios, das empresas para que se trabalhe.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Sim, há o caso de que falávamos antes de Madeleine vai ter interesse para todos. Tem de ser, por desgraça, vou ser reiterativa, por desgraça, tem de ser uma desgraça às vezes, não é?! Se acontecer uma coisa muito drástica, meu Deus, espero que não aconteça. Tipo um terramoto, uma catástrofe, os acidentes esse tipo de coisas assim que tem projecção em todos os países não nos esqueça-mos, não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Como fica Portugal muito perto de Espanha pois logicamente esse tipo e o caso de Madeleine também, acho que teve imensa projecção em Espanha que muitos outros países, precisamente pela proximidade, não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E depois pode haver o que me perguntavas...tipo imagina-te acontecer uma situação da nacionalização de todos os bancos, uma crise de governo uma coisa...quando foi o do Santana Lopes, por exemplo, em Espanha teve imensa projecção não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Temas políticos de certa relevância, eleições, por exemplo, tudo isso é no meu caso, tem sido seguidas com muitíssimo interesse, não é?!*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *No se trata de abrir os telejornais, mas si que saia nos telejornais, isso é importante não é?! Muito importante, é mais catástrofes, mais desgraças, mais crise económica, empresas espanholas que possam estar aqui, por exemplo, num momento de escândalo num momento dado, tudo o que sejam interesses de Espanha cá, basicamente, isso teria muito projecção, não?!*

Pergunta: **Se pudesse eleger um dos trabalhos que já realizou que melhor caracterizam a sociedade portuguesa qual seria?**

Resposta: *Desculpa, agora estava a ouvir mal. Qual é que são os trabalhos quê?*

Pergunta: **Dos trabalhos que já fez, notícias para rádio ou para o jornal, que acha que melhor caracterizam a sociedade portuguesa? Um que lhe tenha marcado?**

Resposta: *Mas que tenha marcado a mim ou que tenha marcado Portugal...?*

Entrevistadora: **Que a tenha marcado a si, ou seja, durante quase seis anos já escreveu muitas peças. Das que se lembre se há alguma que a tenha tocado particularmente.**

Resposta: *Ui...é vamos ver, vou falar de uma porque eu primeiro comecei a colaborar com o Correo, com entrevistas de galegos destacados cá. Isso não teve quase projecção sinceramente, sim havia muita gente, mas para mim não teve uma importância vital, mas si que teve, por exemplo da parte de imprensa, eu já digo colaboro, da imprensa é uma colaboração para não perder o hábito de escrever. Porque sou mesmo correspondente da rádio, mas a parte de imprensa, vou começar pelo menor, da parte da imprensa acho que os últimos artigos que publiquei. Houve um que recebi telefonemas, que recebi parabéns também de pessoas e depois, que eu lancei uma mensagem desde Portugal também para a Galiza, que Galiza tinha de olhar mais Portugal e por uma serie de coisas, não é?! Nós galegos somos aqui a principal comunidade, diga-mos, de todos os espanhóis, tivemos sempre um relacionamento óptimo com Portugal, um povo imigrante cá em Lisboa, o povo e o desenvolvimento de Lisboa não se pode compreender sem os galegos, todas as coisas que já sabes. Então lancei uma chamadinha a uma serie de coisas, de pontos, agora com o comboio de alta velocidade, tal e qual. Aquele pequeno artigo teve imenso, teve imensa projecção na Galiza não é, então isso das coisas que eu acho, que tenha feito que guardo com mais carinho. E depois, na parte da rádio também. Lembro-me, por exemplo, de coisas mais da parte de, por exemplo, vamos falar de casos concretos, o caso da Madeleine, por exemplo. Lembro-me de uma intervenção num programa da tarde da minha rádio, de muitíssima audiência, onde eu tive que explicar precisamente como é a sociedade portuguesa, tentei também ser objectiva explicando também que a polícia aqui é diferente do que em Espanha, que os sistemas são diferentes. Tentei também mostrar a*

realidade do país e teve também muita projecção. Depois inteirei-me que houve muitas pessoas que ouviram esse programa e depois ligaram-me desse mesmo programa para intervir mais vezes sobre outros temas. Coisas assim, também...

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *De informação. É que tenho feito tantas peças, tantas, tantas...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *No, mas assim de peças que eu lembre com mais carinho. Ah, sim por exemplo, um programa, um programa que foi quase uma hora que tive que fazer sobre Fátima precisamente, mas mostrar tudo o que é a peregrinação a Fátima, o fenómeno de Fátima para a minha rádio, para o verão passado que me tiveram que ajudar na Renascença. Tive que gravar na Renascença, editar na Renascença...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E depois as reportagens tipo de cinco minutos, dez minutos de cultura que sempre gosto muito de fazer, além de tudo, da política não é?! E depois um momento também mágico, que eu não me esquecerei nunca foi, na presidência portuguesa, no dia 13 de Dezembro de 2007, todos os países nos Jerónimos, todos os países da União com Portugal, pronto se deu luz verde ao Tratado de Lisboa. Foi emocionante entrar em directo, poder estar a explicar com uma música de Dulce Pontes, num lugar tão mágico, uma série de coisas. Acho que também no me esquecerei nunca desse momento. Senti-me muito plena como jornalista de poder viver também esses momentos não é?! Que depois pronto, a ver o que acontece com o Tratado, pronto foi também um momento interessante. Não sei, há tantos momentos, tantos, tantos momentos não é?!*

Entrevistadora: Claro que sim.

Resposta: *Que da parte de crónicas de cinquenta segundos até reportagens que teve a sorte, também de desporto não é?! De desporto também houve momentos muito engraçados, não é?!*

Entrevistadora: Sim, claro.

Resposta: *De tertúlias também de correspondentes interessantes. Pronto, não sei, não sei quê, mas si, acho que esse momento do 13, do 13 de Dezembro de 2007 é dos momentos, também uma reportagem sobre o terramoto de Lisboa quando foi...os trezentos e cinquenta anos do terramoto, tive a sorte de poder fazer dez minutos, quinze a falar de tudo com engenheiros, com testemunhas, com tudo isso também ficou muito giro, foi muito bonito. Não sei... há momentos muito, muito, muito bonitos que e crónicas que tenho trabalhos gravados, não é, para a posteridade.*

Entrevistadora: Claro. Era a minha última pergunta, não lhe roubo mais tempo.

Agradeço-lhe muito a disponibilidade de me aturar...

Entrevista a Belén Rodrigo

Pergunta: Qual é a sua nacionalidade?

Resposta: *Espanhola.*

Pergunta: Pode-me dizer para qual é o órgão(s) para que trabalha?

Resposta: *Sim, principalmente eu trabalho para o jornal espanhol ABC, que é um jornal de informação geral e, depois também colaboro com uma rádio espanhola Onda Cero e, depois com um jornal de desporto, o jornal As.*

Pergunta: Há quantos anos trabalha em Portugal?

Resposta: *Tou em Portugal à perto de oito anos. Comecei a trabalhar em Setembro de 2001.*

Pergunta: Porquê é que é correspondente em Portugal? Opção mais pessoal...

Resposta: *É assim a minha opção de vir para Portugal foi pessoal. Eu tinha acabado os estudos de jornalismo no ano 2000 em Bruxelas e gostei muito da experiência de estar no estrangeiro e comecei a pensar em ir para algum país. Tinha pouca experiência e pronto também não sabia muito bem e conheci Portugal, tive uns dias de férias e gostei muito e depois, pronto comecei a estudar português, a conhecer a cultura portuguesa e o facto de estar perto de Espanha, pronto ia arriscar, era pronto uma aventura, tinha só alguns contactos e queria começar, digamos o meu percurso profissional num outro país. Pronto fiz uma aposta em Portugal e depois de uns meses assim mais complicados, começou a surgir trabalho e pronto, decidi ficar cá.*

Pergunta: Então nunca tinha trabalho como correspondente em outro país?

Resposta: *Não, não. A minha experiência era só imprensa de Madrid e portanto, também tinha trabalhado num outro jornal de Espanha e entretanto estava a estudar, portanto não cheguei a trabalhar como jornalista.*

Pergunta: Agora vamos mesmo mais ao tema da tese. Como é caracteriza Portugal no que diz respeito ao seu perfil noticioso internacional?

Resposta: *É assim, Portugal não é um dos países que marca a actualidade internacional nos jornais, pelos menos nos jornais espanhóis. Há um grande esforço dos correspondentes que estamos cá de tentar transmitir o que acontece, mas a verdade é que há países, que respeita sobretudo aos Estados Unidos e depois também na Europa manda mais a França, a Alemanha, a Itália e portanto, eu penso que fica fora do grande núcleo de actualidade.*

Pergunta: Quais são os temas sobre Portugal que estão mais presentes nas suas notícias?

Resposta: *É assim, varia muito de um meio para o outro... Há alturas, portanto, é normal que na altura que há eleições, há mais notícias sobre política, mas tirando os períodos de eleições ou de algum escândalo, alguma notícia assim importante, a política não é dos temas que mais trate. Portanto, acabo por escrever sobre economia, sociedade, cultura, desporto, temos também imobiliário... é muito diferente e há semanas que trato mais uns aspectos, outras*

semanas outros. E depois de oito anos não consigo dizer o que é que mais importante porque depende muito de muita coisa.

Pergunta: Claro. Diga-me uma coisa, como é que selecciona os temas sobre os quais vai produzir as notícias? É por ver nos meios nacionais é porque lhe pedem...

Resposta: *Quase tudo são temas que eu proponho. Normalmente, pronto há agenda do dia que sabemos o que é que vai acontecer, depois também há a agenda relativa à Espanha quer dizer, que dizer através da Embaixada de Espanha em Portugal também sabemos as visitas que vamos ter de ministros ou, presidentes de alguma Comunidade ou autoridades espanholas que vão visitar Portugal por algum motivo e portanto, nós também temos de tratar disso. E depois através de ver televisão, ouvir a rádio, ler muitos jornais, revistas surgem outros temas que, digamos são temas mais para fazer reportagens. E normalmente, são temas propostos, alguns não são do dia, não é. Gostam do tema mas preferem deixar para reportagem do fim-de-semana.*

Entrevistadora: Exactamente.

Resposta: *Há outros temas que são mais do dia e também, alguma vez acontece que portanto os colegas de Madrid ligam para pedir um tema em concreto. E isso acontece normalmente quando estão a tratar de algum tema... global...*

Entrevistadora: Sim, sim...

Resposta: *E gostam de ter, quer dizer de saber o que acontece sobre esse tema em Portugal.*

Entrevistadora: Exacto.

Resposta: *Por exemplo, em Espanha, este ano está-se a falar muito do aborto, que vai mudar a lei e portanto, são eles que normalmente pedem para saber como é que está a situação da lei do aborto em Portugal.*

Pergunta: Este exemplo é muito...eu já tinha dito aos seus colegas, mas é só para eu conseguir perceber exactamente qual era, em termo teóricos, como se costuma dizer, o valor-notícia que mais utiliza dentro destes dois exemplos. Que é, se existisse um escândalo no país que colocasse em causa membros do governo e, também, um caso hipotético, não tem nada a ver propriamente com a realidade de..., o governo se decidisse a nacionalizar todos os bancos presentes em Portugal, qual seria a notícia que estaria em primeiro lugar para si?

Resposta: *Quer dizer, primeiro, um escândalo e o segundo é que o governo vai nacionalizar os bancos?*

Entrevistadora: Exactamente. Eu sei que não é muito fácil.

Resposta: *Não é muito fácil, mas vou responder. Uma coisa que eu escolhesse portanto, qual que acho que é a notícia mais importante, mas depois depende muito do que esteja a acontecer nos outros países. Quer dizer, imagine-mos que eu escolho a notícia da política, porque acho que o escândalo é tal que tem mais importância mas, nesse dia nas páginas de política, de internacional estão cheias porque caiu um avião, porque houve um atentado noutra país...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Se calhar é muito importante mas fica de fora ou fica num breve. E entretanto nas páginas de economia, se calhar tem mais espaço e também acho interessante o tema da nacionalização. Mas normalmente, devo dizer que tudo o que seja escândalo interessa mais, chama mais à atenção os colegas de Madrid. E, portanto, possivelmente seria escolhido o escândalo político.*

Entrevistadora: Curiosamente é das poucas que me diz o escândalo. Normalmente dizem-me mais a banca por ser mais uma questão que toca a todos, por assim dizer...

Resposta: *Sim, mas só que já, quer dizer, houve temas importantes de economia e pelo menos, ao que respeita ao meu jornal, eu normalmente tenho pouco espaço. Se calhar depois num suplemento ao fim-de-semana dá para desenvolver mais o tema, mas no dia não costuma ter muito espaço.*

Pergunta: Claro. Lembra-se de algum episódio recente que tenha suscitado muita curiosidade por parte do órgão, ou dos órgãos, para o que trabalha e que lhe tenham pedido para fazer várias notícias sobre ele?

Resposta: *Imagino que os meus colegas devam ter dito o mesmo, o caso Madeleine.*

Entrevistadora: Por acaso não diziam...Diziam que não gostavam muito desse caso...

Resposta: *Quer dizer para mim realmente. Quer dizer também já não é tão recente assim...Mas foi realmente um tema que fiquei admirada do interesse que despertou na Espanha durante o Verão. O facto de ser o mês de Agosto quando surgiu também novas notícias sobre o desenvolvimento do caso, surgiu um interesse incrível. Eu na altura escrevia tanto para o jornal como para a rádio e, na altura também trabalhava para uma agência e eram os três, ao mesmo tempo a pedir, a pedir muita coisa.*

Pergunta: Claro. Recorda-se de que tipo de fonte utilizou? Se também deu um ângulo deu à mais sentimental, mais humano ou optou por ser mais factual, mais frio?

Resposta: *É assim, como foi um tema que era tratado quase todos os dias digamos, por um lado, ao início tratava era mais reportagens, tentava dar um lado mais humano, não é. Depois no momento que era dia-a-dia, quer dizer tinha que informar dos factos que acontecia em cada dia. Mas também é verdade que sendo, estando em Portugal onde estava a acontecer os factos mas, sendo outro país dá também para ver as coisas desde fora e pronto. De analisar de uma forma diferente, não é?*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Por um lado, tentava dar informação do que diziam os meios de comunicação portugueses e por outro, ao mesmo tempo, tentava também ir directamente à fonte. Entrevistar os polícias, também entrevistei os pais, o inspector portanto, também, um contacto directo para eu poder informar os leitores espanhóis. Depois quando tratava-se de, claro quando foi um ano depois da morte, ou às vezes quando fazemos assim um suplemento especial, aí sempre era o lado mais humano, mais sentimental do caso até deu também para falar com as associações de pais de miúdos desaparecidos. E depois também uma outra perspectiva.*

Pergunta: Claro. Partilha da opinião dos seus colegas, Que não gostou muito deste caso particularmente devido aquilo que surgia nos meios nacionais e também nos meios britânicos?

Resposta: *Pois foi um dos casos que tivemos de trabalhar muito. Mas não foi dos casos que uma pessoa, como jornalista, gostasse de fazer a cobertura não é. Porque, quer dizer, se calhar uma vez por semana e fazer um resumo do que estava a acontecer é uma coisa. Mas todos os dias estar sempre a falar das mesmas coisas e também as mudanças de um dia para o outro não eram muitas. Não era muito agradável do ponto de vista jornalístico.*

Pergunta: Claro. Nas notícias em geral, não nesta em particular, que produz frequente relaciona Portugal com a Espanha? Para criar uma espécie de identificação entre os dois países ou um paralelismo.

Resposta: *Sim, sim. Sempre há temas que tentar relacionar para que possam entrar nos jornais, né?! Por exemplo, ponho o exemplo dos temas de economia. Sempre que se tratam de, por exemplo, bancos, empresas que tem parcerias com empresas espanholas ou há um banco espanhol que tem aqui capital interessa muito mais não é?! Porque o que acontece cá também põe repercutir o que acontece lá, em Espanha. E depois sempre temos que ver temas que sejam, pronto, que sejam parecidos ou quando vemos as notícias também do que está acontecer em Espanha, tentamos ver se aqui há alguma coisa parecida que podámos relacionar não é?! É sempre assim, mas a verdade é que muitos temas que...procuramos encontrar uma relação para que os nossos editores aceitem um tema.*

Pergunta: Claro. Por falar em aceitar temas. Propõe vários temas mas nem todos são aceites pelos seus editores, pensou eu, não?

Resposta: *Sim, sim. Há muitos temas que...*

Entrevistadora: Que não são aceites.

Resposta: *Pronto que não encaixam, outros que gostam mas não há espaço, outros que são pedidos mas que ficam lá sem ser publicados. Quer dizer isso também acontece com os colegas que estão em Madrid. Muitas vezes fazemos trabalhos mas depois a actualidade manda e fica lá. Portanto não consigo fazer uma percentagem...*

Entrevistadora: Sim.

Resposta: *Também não posso dizer que seja metade, não sei, digamos que de cada tentamos propor vários temas e há algum dia que escolhem todos e outros dias não escolhem nenhum. Mas é evidente que nem tudo o que estamos a propor eles aceitam.*

Pergunta: Claro. Mas de uma forma geral, os temas que são mais aceites serão da área de sociedade, de economia, ou de cultura, ou de desporto?

Resposta: *É assim, eu não consigo...caso, por exemplo, trabalho para um jornal e aí é evidente que os temas desportivo. Na rádio, faço muita coisa de desporto, por exemplo, ali porque consigo dizer o que é que é mais. No jornal, é muito, muito, quer dizer, pode ser um artigo para o suplemento imobiliário, um artigo sobre touros, um artigo sobre...é sobre RTP, pode ser política, economia, aí é muito diferente, não há um tema que destaque entre os outros.*

Pergunta: E agora é um bocadinho o caso oposto. Os que são rejeitados pelos seus editores são mais ou menos porque razão? Por uma falta de espaço, porque não interessam...pensaram que ao princípio podia interessar, mas depois afinal com tanta actualidade não importa...

Resposta: *Os casos que mais, quer dizer os temas que não aceitam desde o início normalmente, muitas vezes, é falta de espaço. Há alguns que realmente não gostam e dizem que logo não está a ver que tenha espaço. Mas normalmente é a falta de espaço. E isso sinto muito, por exemplo, nos temas de política, nas páginas de internacional não há muitas e, como estava a dizer antes, há países que marcam essa agenda dos jornais. E então temas que eles até gostam de Portugal, que acham interessantes, muitas vezes ficam de fora por causa da falta de espaço.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E portanto, acho que é a principal razão.*

Pergunta: Acha que, enquanto correspondente estrangeira, os correspondentes se limitam apenas a transmitir os factos, e apenas só os factos, ou também tentam a dar uma certa imagem, quer mais positiva quer mais negativa, dos acontecimentos?

Resposta: *Penso que é muito diferente o trabalho de jornalista, neste caso português, e o trabalho de um correspondente. Quer dizer há coisas que são factos não é. Está a cair um avião e há um acidente, pronto aí estamos a informar do facto que está a acontecer e acho que, por exemplo, na rádio, digamos que normalmente uma pessoa tá a informar dos factos. No meu caso que, também trabalho para a imprensa escrita, como muitas das coisas que eu faço, reportagem, um trabalho, digamos, um bocadinho mais elaborado, e tem que ser no dia em que está a acontecer as coisas, aí sempre dá também para um outra perspectiva.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E penso que como correspondente damos, quer dizer, ajudar a aproximar os leitores do nosso país com o país onde estamos. No meu caso, eu tento que os espanhóis conheçam mais coisas de Portugal.*

Entrevistadora: Claro. Também já me tinham referido que tentavam aproximar, escrever de forma a aproximar...

Resposta: *Pois.*

Pergunta: Os leitores do país. Como é que, sem entrar em grandes pormenores, como é um dia normal para si, como correspondente?

Resposta: *É assim eu faço diferença entre dois tipos de dia. Um dia por exemplo que não, digamos que a agenda está vazia, que não tenho nada, portanto, digamos das primeiras coisas que faço ao acordar é sempre, através de internet, ver a imprensa e estou a ouvir a rádio. E através dali pronto, ir seleccionando os temas que mais gosto, os temas que...quer dizer que mais gosto, que mais que são mais interessantes.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E pronto, vou fazendo assim contactos. E depois para a rádio, por exemplo, se eu tiver que propor temas, proponho durante, tento propor durante a manhã e para o jornal, normalmente mais à primeira hora da tarde, antes da reunião dos editores que falo dos temas que pronto, estão a acontecer nesse dia. E depois eles dizem, não é?! Às vezes dizem queremos isto para amanhã, e eu trabalho nesse artigo, outras vezes gostam do tema mas preferem deixar para o fim-de-semana ou, digamos, desenvolver um bocadinho mais.*

Entrevistadora: Sim.

Resposta: *E depois, quer dizer, estes dias também não são muitos. É raro o dia que não tenha nada na agenda. E depois há os dias, há os outros dias que temos muita coisa. Digamos as conferências de imprensa, reuniões, há muitos almoços de trabalho que, aí tens de fazer as duas coisas: estar atenta ao que está a acontecer também, mesmo que esteja numa conferência de imprensa ou num almoço, também tenho que saber o que está a acontecer em Portugal.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E aí são dias tão mais cheios que, mas pronto, tentamos fazer o mesmo. Propor os temas que estão a acontecer. É assim, como correspondente, também temos que estar presentes em muitos lugares...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Já não tanto porque vamos dar notícia, mas sim é muito importante porque, pronto também estamos a representar a imagem do nosso país. E depois também como quando vamos a almoços ou conferências ou a algum evento, também estamos a encontrar fontes e a fazer muitos contactos, que depois vão ser muito interessantes para o nosso trabalho.*

Pergunta: Estava-me a falar de contactos. Como é que é a sua relação, neste caso a sua, com as fontes oficiais?

Resposta: *É assim a minha relação é muito boa, é muito boa, quer dizer já tou há oito anos e pronto não é, há pessoa que já conhecem de muito tempo. Mas pronto, também é verdade, que, penso que muitos colegas também se queixam não é, que pronto, o ritmo de assessoria de imprensa em Portugal é bastante lento. Uma pessoa, pronto precisa de uma informação ou de confirmar uma coisa e demora muito tempo. Quer dizer, eu trabalho para um jornal, tou a pedir uma coisa e me dizem envia um email, e nessa semana respondemos. Não eu pedi isso hoje porque o artigo vai sair amanhã.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E aí é sempre complicado. Mas isso não tira que a relação seja boa, mas pronto, também acho que há muitos digamos, assessores de imprensa ou gabinetes de informação que não funcionam como deveriam funcionar.*

Pergunta: E com as fontes que tem pessoais? Ou seja, com as fontes não oficiais. Conseguir aceder facilmente a fontes, não consegue?

Resposta: *Sim, sim realmente não tenho assim queixa, quer dizer é como tudo, às vezes é mais fácil, depois também depende dos temas, não é?! Se são mais delicados sempre custa mais, mas*

de facto de ser, quer dizer, Lisboa também acaba por não ser uma cidade muito, muito grande, então isso ajuda, não é, para ter acesso normalmente a muitas das fontes. Depois nesses tais eventos que estava a falar, normalmente tem-se um contacto muito regular com as fontes pessoais, e quer dizer oficiais. E isso ajuda muito, o facto de estar quase todas as semanas a ver pessoas que, pronto, estás também a estabelecer um contacto, digamos regular.

Pergunta: Sim. Sem referir nomes, ou qualquer outro tipo de informação que possa revelar quem são as suas fontes pessoais, mas os contactos que estabelece com elas são basicamente nesse tipo de eventos? Que consegue falar e talvez consegue números de telefone ou email's, enfim, contactos que possa contactar com eles no caso de necessidade. É mais assim?

Resposta: *Sim..sim. eu acho que sim mais nos evento ou mais ou também participas nas conferências de imprensa. Quer dizer, o importante está como digo na rua.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Claro, que também o jornalista também está muito tempo frente ao computador, mas é importante estar na rua, que as pessoas saibam quem tu és, por tua cara e teu nome. Isso é muito importante para conseguir manter as fontes e fazer crescer as fontes.*

Pergunta: Claro que sim. Em termos genéricos, generalizando mesmo, Portugal, é um país com poucos acontecimentos inesperados, pelo menos que interesse à imprensa internacional. Partindo deste princípio, como é a rotina de um correspondente que tem de procurar assuntos para escrever? Vai sempre tentando através dos meios nacionais conseguir captar uma visão que seja importante para o seu país ou vai mesmo andando na rua para ver se consegue algum assunto importante?

Resposta: *É assim, eu penso que estar muito atento ao que está a acontecer, porque e as vezes aparece os temas de uma forma, quer dizer, quase inesperada para nós. Estamos se calhar a ler outras revistas ou a ouvir a rádio e há temas que não parecem importantes, mas que para nosso país até fazem sentido. É verdade que é sim, não há grandes acontecimentos inesperados como dizias. Quer dizer, poucas vezes, quer dizer tem acontecido mas algum acidente ou alguma coisa assim,...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Que digamos assim, chame à atenção internacional e portanto, eu penso que é importante tar muito atento. É assim às vezes, eu tenho a sensação que, não sei como explicar, quer dizer, por exemplo, eu tou fora digamos duas semanas, tou de férias não e portanto...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Não estou cá e não estou a oferecer temas, quer dizer não tem acontecido nada de especial mas, tenho a certeza que se eu tivesse estado cá essas duas semanas, eu tinha encontrado temas para oferecer e para publicar.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Pronto, parece que são temas que parece que estão escondidos. Mas que nos conseguimos...*

Entrevistadora: **Com o seu olhar detecta.**

Resposta: *Pronto, ver interesse, mas também não são essenciais. Também não, digamos, que se não informamos também não se...quer dizer, não é não se perder nada, mas não é os grandes temas.*

Pergunta: **Claro. Por outro lado, quando tem um acontecimento assinalável, vamos dizer de importância relativamente ao panorama nacional, tenta publicá-lo logo, de imediato ou aguarda pelos desenvolvimentos de forma a poder escrever uma matéria mais alargada? Já que me disse que fazia reportagens mais para o fim-de-semana até...**

Resposta: *É assim, eu sempre que acontece proponho o tema não é. Mas como estava a dizer antes, como depende muito se houver espaço ou não, quer dizer eu não posso dizer o tema é importante mas vou esperar um bocadinho. Porque claro dois depois, se calhar nesse dia tenho espaço e dois dias depois não tenho, não é. Então eu proponho, mas sim é verdade, que há temas que, claro aqui em Portugal estão a noticiar todos os dias e nós acabamos por fazer mais um resumo, ou fazemos assim um balanço mais uma semana depois. Por exemplo, o exemplo o caso Freeport, eu pessoalmente não escrevi nada, mas as vezes que eu propôs escrever sobre o caso Freeport era assim uma perspectiva, assim mais de resumo de análise do que estava a acontecer.*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *Porque também não fazia sentido estar a publicar, quer dizer um caso muito português, que as pessoas de fora não percebem, ainda por cima é um caso complexo que estão metidos muitos actores importantes de Portugal e que nós temos de ter muito cuidado. Porque se escrevemos só um dia sobre um tema, as pessoas não percebem muito bem o que terá acontecido nos últimos anos. E sim, claro, estamos a prejudicar a imagem de umas determinadas pessoas, não é.*

Pergunta: **Exacto. O mundo dos correspondentes estrangeiros ao longo dos tempos têm sofrido alterações. Antigamente, havia uma certa visão, digamos, que romântica que o correspondente pertencia à elite do jornalismo, mas por várias razões, têm vindo a alterar-se essa ideia. Tem sentido isso muito?**

Resposta: *Sim, sim eu digamos que quando comecei como correspondente numa altura em que essa etapa já tinha acabado.*

Entrevistadora: **Sim.**

Resposta: *Mas eu sinto muito, quando estou a falar com os colegas mais velhos que falam dessa época, que é verdade, que ainda por cima Portugal durante um tempo fazia parte da agenda dos meios de comunicação social internacionais. Eu quando comecei a trabalhar já era uma outra época e ainda por cima com a internet, que também mudou muito. E é assim por um lado, como muitos de nós também somos freelancers, temos também de estar sempre a procurar as notícias, quer dizer essa visão romântica, digamos que também não nós dá de comer. Não podemos estar sempre, há temas muito bonitos mas também temos de ser práticos. Temos que,*

de informar de tudo, não é. E se calhar não temos tanto tempo como eles se calhar, os meus colegas, tinham, desse para convivo com os jornalistas portugueses, outros jornalistas estrangeiros. Mas sim é verdade que nós também tentamos, pronto através da associação que temos [AIEP] e pronto, cada um da sua forma pessoal, também tentamos manter isso, dentro do que é possível, também aproveitar a parte mais romântica do jornalismo.

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Também ter esse convívio com os colegas. Algum dia conseguir perdemo-nos pela cidade e procurar outros temas diferentes, mas penso que mudou muito no espaço de vinte anos...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Aqui há vinte anos era tudo totalmente diferente.*

Pergunta: Claro. Acha que as notícias têm sofrido, tem de alguma forma sentido essa mudança? Ou acha que as mudanças que têm vindo a ser utilizadas, estava a falar do caso da internet, tem contribuído de forma positivas para a produção de notícias?

Resposta: *É assim, eu penso que para...muitos meios de comunicação que não tivesse quem ninguém, através de internet, podem saber também o que está acontecendo em Portugal, não é?!*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E podem, digamos utilizar coisas que acontecessem em Portugal para seus artigos, quer dizer, para eles favorece mais. Também é verdade que, pronto se calhar há, não sei, o facto de a internet produz o efeito contrário, não é. Se calhar há outros meios de comunicação que como está a ver que podem ter acesso do que acontece em Portugal através da internet, não querem ter ninguém cá porque pensam que é uma despesa que...*

Entrevistadora: Que não podem.

Resposta: *Que não é precisa. Mas aí depende da aposta que há no jornal. Claro que ter um correspondente sempre dá uma personalidade diferente ao jornal, quer dizer o...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Cada pessoa tem o seu estilo próprio de escrever, de contar as coisas e, penso que os correspondentes também são uma parte muito importante de um jornal, de uma rádio, de uma televisão. Portanto, percebo também que os donos dos meios de comunicação tenham que, pronto, tenham as suas estruturas, façam as suas contas e escolhem né?! Mas por um lado, é mau, mas por outro é bom, porque a internet também ajuda muito aos correspondentes.*

Pergunta: Claro...

Resposta: *Para nós também ajuda muito, podemos estar em qualquer lugar do Portugal e ter acesso a tudo, não é?!*

Entrevistadora: Claro que sim.

Resposta: *Por isso, quer dizer, tem uma parte má, mas também tem ajudado muito aos correspondentes.*

Pergunta: **Estava a falar-me no fundo da crise, e todas as empresas, indiscutivelmente estão a sentir essa crise. Tem alterado alguma coisa nas suas notícias devido à crise? Tem falado mais da crise? Tem sentido que os seus editores pedem mais sobre a crise, ou por outro lado, passa um bocadinho ao lado?**

Resposta: *Não tem sentido especialmente, tirando se calhar as notícias assim, não sei, o último caso do estudo do Banco de Portugal sobre a recessão em Portugal relativamente à crise, mas tirando e pronto, tendo em conta que no meu país o problema é muito mais grave do que está a ser em Portugal. Por isso não tem tido muito interesse. Claro que sim, é verdade que muitos dos temas que abordamos, a palavra crise sempre está ...*

Entrevistadora: **Subjacente.**

Resposta: *Está a surgir. Que às vezes parece que qualquer coisa, qualquer reportagem que estamos a fazer de como é que vai aceitar a crise ou, o que é que tem acontecido desde que começou a crise...portanto, sinto que tem um interesse maior, mas não sinto que os meus editores e que tenha mais interesse nesse aspecto.*

Pergunta: **As duas últimas questões. Que tipo de acontecimentos é que desencadearia um grande interesse noticioso internacional sobre Portugal?**

Resposta: *É assim, por um lado, e espero bem que não aconteça, tenha a ver com terrorismo internacional, portanto, como aconteceu em Nova Iorque, como aconteceu em Madrid, como aconteceu em Londres. Porque digamos é um problemas internacional e se acontecer aqui uma coisa, toda a gente ia olhar para Portugal não é...*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *Como digo teria muito trabalho mas não...*

Entrevistadora: **Não seria agradável...**

Resposta: *Nem quero, de longe não é um dos temas que nós gostasse-mos de fazer. E por outro, uma grande crise política, estou a lembrar-me por exemplo de 2001, quando cheguei, quase não tinha trabalho e comecei realmente a trabalhar quando António Guterres saiu do governo depois das eleições autárquicas. E digamos que isso, crises políticas do governo que chama muito à atenção aos outros países.*

Pergunta: **A última questão. Se, de todos os trabalhos que já realizou, reportagens, notícias, entrevistas, se pudesse eleger um dos trabalhos que já realizou, que melhor caracterizam a sociedade portuguesa, qual seria?**

Resposta: *Difícil mas...*

Entrevistadora: **Não tem um que a tenha marcado mais, ou...**

Resposta: *É assim, que me tenha marcado mais, acaba por ser um trabalho mas, um trabalho que foi durante um mês, mais de um mês, foi a altura do Euro 2004, quer dizer foi um trabalho*

muito...Foi muito importante para mim porque durante mais de um mês, eu conseguia sempre publicar sempre muitas notícias e não só futebol. Quer dizer, através do futebol consegui informar da moda Portugal, da cultura portuguesa, reportagem de turismo, sociedade e portanto digamos que foi uma altura que...Digamos marcou-me no aspecto positivo não é?!

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Era muito enriquecedor poder transmitir aos leitores do meu país, muita coisa do que estava a acontecer em Portugal e muita coisa que já existia em Portugal e que eles não conheciam. Mas também não sei assim...quer dizer, por um lado consegui, transmitir como é o português, a sociedade portuguesa e também transmitir, digamos, um acontecimento especial, que foi como o português mudou através do Euro 2004, pelo menos nessa altura do campeonato, a sociedade portuguesa mudou muito.*

Entrevista a Mónica Ferro

Pergunta: Qual é a sua nacionalidade?

Resposta: *Espanhola*

Pergunta: Qual é o órgão(s) para que trabalha?

Resposta: *Trabalho para a Agência Europa Press, que é a maior agência de notícias privada de Espanha, em Portugal não há por isso sempre digo isso. Em Portugal não existe agências privadas de informação, e depois trabalho para o El Periódico da Cataluña.*

Pergunta: Há quantos anos trabalha em Portugal?

Resposta: *Trabalho à nove anos. Vou fazer nove anos. Cheguei em Junho de 2000.*

Pergunta: Já tinha trabalhado como correspondente em outros países?

Resposta: *Havia trabalhado em outros países, mas não como correspondente para a Espanha.*

Pergunta: Como define o perfil noticioso de Portugal a nível internacional?

Resposta: *Complicada pergunta. Portugal é um país complicado para informar sobre ele, como um país pequeno que é, como pode acontecer a qualquer outro país pequeno, não é um país que reclame, nem que se produza muita informação de interesse internacional à diário. Terá acontecimentos pontuais, mas à diário é complicado é, por exemplo, como agência e com agência espanhola a minha grande vantagem é a economia. À nível de economia sim há muitos interesses, tanto para a Espanha como para outros países, porque a economia é uma economia aberta e todos os países têm interesses económicos e a economia afecta de algum forma a todos. Então se não fosse pela economia, para uma agência é um bocado complicado a sobrevivência como correspondente num país. Porque uma agência informa de tudo desde desporto, sociedade, política, economia, cultura, tudo e também é um bocado exaustivo, temos tudo ali. Mal será então que entre uma coisa e outra não consigas. Mas realmente reconheço que é um país com um perfil um bocado complicado para dar-lhe notícias especialmente de informação geral, outra coisa são as especializadas como é o caso da economia.*

Pergunta: Porque é que acha que é difícil?

Resposta: *Porque é uma questão de tamanho de países. Em Portugal se publica alguma coisa do Mónaco? De Bélgica e ainda assim Bélgica tem Bruxelas, mas fora do que é Bruxelas-comunidade europeia há alguma informação de Bélgica? E de Holanda? Da Irlanda? Estou a dar exemplos de países pequenos e de Espanha há porque nós somos vizinhos. E da Itália que é um país maior, mas não há grande informação, de notícias na imprensa portuguesa da Itália. Porque também acontece em Espanha, os países mais pequenos geram menos informação internacional. É uma questão de tamanho, não é uma questão de que Portugal seja mais importante ou menos importante. Se fazemos a pergunta inverso países pequenos que gerem informação para Portugal também são muito poucos. Eu acho que é uma questão de tamanho e não mais a ver com importância, economias, serem melhores ou serem piores, simplesmente uma questão de tamanho. Um país pequeno não dá para gerar não dá para gerar muita*

atividade internacional, a não ser coisas pontuais, devo dizer claro está. Mas notícias diárias não tem tantas.

Pergunta: Como também trabalha para uma agência de notícias é a economia, entre as aspas, que lhe dá notícias todos os dias?

Resposta: *Sim. A única que dá diariamente notícias é a economia. Política pode haver e há, mas garantida é economia. Eu de economia faço várias mas há uma com certeza absoluta à diario. E de política não posso dizer o mesmo, de cultura tão pouco quer dizer, quer dizer alterna-se mas de economia sempre está.*

Pergunta: Quando pode escolher, certamente que economia está, mas por exemplo de cultura, de política pode escolher o que fazer, o que falar?

Resposta: *Para a agência sim, para o jornal não.*

Pergunta: É-lhe proposto, para o jornal...

Resposta: *Para o jornal eu proponho e eles têm de aceitar. Mas ainda que para a agência sim [eu possa escrever sem propor] sempre tem que ter alguma justificação. Ou algum interesse próprio pela Espanha ou a Espanha tenha aqui um interesse ou que vá ir depois a Espanha. Ou tem de ser algo muito glorioso, diferente, original ...*

Pergunta: Acha que, se tivesse que referir um valor-notícia para que uma notícia saísse para a Espanha, qual era? Originalidade, curiosidade...

Resposta: *Sim, a prioridade seria estar ligado com Espanha, isso seria o topo e qualquer coisa que tenha que ver com a Espanha é notícia que se pode enviar. O seguinte, se tirasse-mos Espanha, o seguinte valor seria a originalidade, a curiosidade, a importância ainda que como agência, a verdade é que, eu consigo meter muitas coisas que não são originais nem têm interesse para a Espanha. Mas porque eu acho que também, às vezes, no caso de Espanha por proximidade, temos obrigação de conhecer melhor aos nossos vizinhos. Aunque não sei se é um coisa muito curiosa, eu acho que é acontecimentos que se produzem em Portugal, geralmente na área de cultura e de política, que acho que Espanha pelo menos e ainda que não se publiquem na agência está. Porque acho que deveria saber, porque é uma questão de conhecimento do país vizinho.*

Pergunta: Imaginemos que, existia um escândalo no país que colocasse em causa membros do governo e imaginemos também que, devido à crise o governo resolve nacionalizar a banca, qual seria a sua prioridade para a Espanha em termos de notícia?

Resposta: *Pero um escândalo de que tipo?*

Entrevistadora: *Um escândalo político...*

Resposta: *Um escândalo político por motivos de fraude? Por motivos de saias?*

Entrevistadora: *Por motivos de fraude.*

Resposta: *Um escândalo político, a tudo chamam um escândalo político neste país. Então penso que se nacionalizasse a banca. Era mais. Se tivesse que dizer, das duas, para mim a mais*

importante seria a nacionalização da banca, a não ser que o escândalo político metesse abaixo o governo todo e o primeiro-ministro na cadeia então, obviamente seria isso. Se tivesse que escolher qual enviar primeiro enviaria a da banca, porque a banca afecta a todos os países e a outra só afecta a Portugal. As duas são muito importantes, a da banca afecta a tudo e a outra só afecta Portugal, aunque tenha muito interesse para o resto mas, nós somos correspondentes, então a prioridade é sempre mais o que afecte o exterior que o interior.

Pergunta: Lembra-se de algum episódio, de alguma notícia recente que tenha acontecido e que os seus editores tenham lhe pedido para a escrever recorrentemente acerca disso porque também em Portugal ia havendo desenvolvimentos sobre esse assunto?

Resposta: *Porque em Portugal ia havendo desenvolvimentos não. Senão porque aconteceu, surpreendeu por exemplo a da educação, o anúncio do primeiro-ministro de passar a escolaridade obrigatória até aos 18 anos. Eu enviei quando foi anunciado e já me ligaram para pedir uma super reportagem sobre isso. O problema que fazer agora uma super reportagem é muita complicado porque neste país começaram a fechar agora as portas todas e ficam fora, sozinha. Mas fora disso, um exemplo é uma notícia ótima porque a reportagem é pela positiva é dissir grande passo Portugal fazer isso.*

Pergunta: Estava a dizer que escrever essa notícia era difícil porque as fontes oficiais...

Resposta: *Mas a isso já estamos acostumados ...*

Pergunta: As fontes oficiais são muito difíceis?

Resposta: *São impossíveis. É estranho o caso em que se chama e respondem. Aqui os assessores de imprensa não atendem o telefone e quando atendem é sempre para dissir que não. No meu país os assessores de imprensa são para resolver problemas não para criá-los. Aqui todo contrário, para mim é mais fácil encontrar a qualquer assessor de um ministro e apanha-lo num corredor e meter-lhe um micro e responder. Coisas simples, ademais não se pode falar de nada excessivamente complicado que falar com seu assessor de imprensa e pedir-lhe se me pode dar uma opinião. Por burocrático-político não sei como chamar, realmente é muito complicado. Estava a dissir que preciso de falar com Ministério de Educação e Cultura é, é ...*

Entrevistadora: É praticamente impossível?

Resposta: *Não, é mande a pergunta por escrito y que é uma pergunta queria ter uma conversa e não teria que ser com a ministra mas com alguém do ministério que me possa explicar, dar [informações]. O que eu quero saber eu sei, o que passa é que, há coisas que acabo de não perceber e não me vale com um pergunta-resposta no papel. Preciso de alguém que tenha uma conversa, não demora nem dez minutos.*

Pergunta: Acha que têm medo?

Resposta: *É um medo estúpido. Se eu estivesse a perguntar por um escândalo financeiro consigo compreender que possam tener medo. Agora para fazer um reportagem simpática, amigável sobre o grande êxito de Portugal, por conseguir levar adiante esta medida que Espanha está a tentar levar à imensos anos e ninguém se arrisca... Com uma coisa muito positiva não consigo compreender o porquê.*

Pergunta: Estava a referir o facto da escolaridade obrigatória até aos 18 anos, é um exemplo positivo da sociedade portuguesa e poderia ter repercussões positivas. Ainda que não seja intencional mas, não tem a tendência a dar mais os pontos negativos?

Resposta: Não. Eu gostaria e tenho o maior vontade de fazer-lo, eu acho que Portugal é um país desconhecido. Penso que os portugueses não acreditam em Portugal, estúpido eles por não acreditarem tão bom como o que têm, e não partilho o pessimismo natural dos portugueses. Então eu adoraria poder só falar coisas boas de Portugal é triste, mas não solo de Portugal, volto a repetir isso é, acontece em todos os países. O que mais informação ou o que mais atenção levanta, normalmente são as coisas más. Escolhe um jornal internacional, quantas notícias boas, de coisas positivas desde os países que vêem na informação de internacional? Normalmente, sempre chama a atenção o mau, o negativo. Mas como te digo, eu tenho a vantagem de para o jornal fazer muita crónica, crónica construmbista. À contracapa do meu jornal da parte de internacional é uma crónica construmbista de correspondentes. Falamos de coisas curiosas, fantásticas e maravilhosas dos países onde moramos. Então por um lado, o trabalho de agência de informação séria, dura e depois tenho esse lado amável de poder escrever coisas fantásticas sobre Portugal.

Pergunta: Digamos que enquanto correspondente tem duas facetas?

Resposta: Sim, mas no jornal também tem uma crónica construmbista e uma reportagem sobre alguma coisa que está acontecendo no país e aí, que eu tento de verdade, de verdade que eu tento, às vez não dá e saem coisas mais negativas, como a Praça do Comércio de Lisboa, que por mais que uma pessoa queira dizer o quão maravilhosa é a praça não consegue evitar dizer que levam dez anos com a praça fechada e quando abrem uma semana depois voltam a cerrar para voltar a levantar a praça. É triste e creio que acontece em todos os lados mas eu tenho a sorte de poder dar uma cara amável de Portugal nas crónicas porque a informação, informação é difícil dar uma cara amável, ainda mais nos tempos que correm. É mais nos tempos que correm, mas digo não é por ser Portugal acho que é em todos os países assim. É tão simples como escolher um jornal, qualquer jornal na secção de internacional, as informações que vêem dos países não são precisamente que tudo vai bem no país e que tudo vai óptimo, normalmente sempre é o lado negativo de todos os países.

Pergunta: Normalmente relaciona a realidade portuguesa com a realidade espanhola? Estava a dizer-me que ia escrever a matéria alargada sobre a educação...

Resposta: Mais que eu relacionar, eles querem a relação. Por exemplo, eu mando a informação sem relacionar nada com Espanha, se eu só digo que Portugal vai fazer isto não falo de Espanha na minha informação para a agência. Então o jornal tira essa informação e quer que eu relacione com Espanha. Se tenho que fazer muitas vezes para o jornal, não sempre mas muitas vezes, uma relação-comparação com Espanha para a agência não. A agência é mais frio, para agência tenho que situar pero isso não é comparar. Se tenho uma empresa, no caso de economia, tem interesses com uma empresa portuguesa mas se tem um accionista espanhol tenho de mencionar que essa empresa tem um accionista, mas isso não é relacionar. É simplesmente indicar el porquê da informação às vezes. Porque é um interesse para a Espanha, porque essa empresa portuguesa está com um accionista espanhol, não é relacionar. Mas sim para o jornal há que relacionar.

Pergunta: Relaciona de forma a dizer, no caso do décimo segundo ano de escolaridade, Portugal vai a partir de 2010...

Resposta: *Sim, por exemplo eu na minha reportagem não tenho que relacionar. É uma relação distinta. Eu na minha reportagem não vou falar de Espanha em nenhum momento. A relação vem porque a notícia interessa a Espanha para poder comparar, eu não faço informações paralelas. Eu normalmente não escrevo uma informação a dissir em Portugal aconteceu isto mientras em Espanha não ou sim. Não, mas se me pedem a mim informações sobre Portugal com justificação relação a Espanha, se a mim me pedem isso é porque Espanha não se pode levar à cabo e então querem a informação sobre Portugal si, mas eu na minha informação não falo de Espanha. Não estou a comparar Portugal com Espanha. Não escrebo...*

Entrevistadora: É a proximidade cultural que cria a identificação?

Resposta: *Exacto. A relação que mim me pedem por relação. Mas eu não relaciono nas minhas informações Portugal com Espanha.*

Entrevistadora: Fica então implícita?

Resposta: *Pois. Por exemplo, no caso do aborto, quando foi aqui o caso do aborto, si relacionava, mas não por uma questão de relacionar, mas por uma questão de na informação ficasse bem explicado entre uma lei e outra lei. Então para que os espanhóis pudessem compreender a lei portuguesa a melhor referencia era compara-la com a lei que eles conheciam por uma questão só, às vezes, comparas mas comparas só para ajudar a compreender o contexto.*

Pergunta: Disse-me que no jornal tem de propor para ser aceite pelos editores e só depois escrever. Quais são os temas que normalmente não aceitam?

Resposta: *Locais. A não ser que seja uma coisa em grande, senão nem a agência aceita. Temas que não aceitam por exemplo, política interna portuguesa, para o jornal. Para o jornal não há interesse em política interna portuguesa, a não ser quer seja uma coisa grande ou muito curiosa, pero no geral não há grande interesse. Para o jornal o que interessa é grandes acontecimentos internacionais que podem acontecer em Portugal, isso é inevitável. A nível económico, no caso do jornal, de empresas catalanas porque é um jornal catalão. Depois em sociedade em termos de educação, o 25 de Abril, por exemplo publiquei no jornal uma reportagem, porque são coisas...*

Entrevistadora: Que podem se relacionar com a Espanha?

Resposta: *No, que nem se relacionam com a Espanha, porque o 25 de Abril e os 35 anos é uma coisa importante, que também temos que pensar, não podemos esquecer, no jornal tu tens que ver tudo tem que ver com o espaço. Numa agência não. E no jornal tem, poucas páginas de internacional e um mundo muito grande então, às vezes há que jogar um bocado com o espaço e com a prioridade das informações. E tem de ser meter às cinco mais importantes.*

Pergunta: Acha que os correspondentes se limitam a dar os factos ou então sempre que podem dão uma visão, não tem de ser positiva ou negativa, não tem de ser tão factual?

Resposta: *Depende para que meio trabalhas. O mesmo caso agência e jornal. Eu para a agência só dou os factos e no jornal a informação que hago são os factos mas com um bocado de análise.*

Pergunta: Permite entender melhor?

Resposta: *Permite entender melhor. Um bocado de análise, eu para o jornal posso contextualizar, de uma forma e com uma linguagem mais entendível que a informação de agência. Aí não há os associativos, nas agências. São dois tipos diferentes, depende do meio para que trabalhas, não é o mesmo se trabalhas para uma rádio que trabalhar para uma agência, nem para uma agência e para um jornal ou uma TV. Dependendo do meio de comunicação, permite tal. Eu para o jornal, si posso fazer uma análise mais ampla dos factos, contextualizo melhor e para a agência me limito aos factos.*

Pergunta: Como é que é um dia normal de um correspondente estrangeiro em Portugal?

Resposta: *A isso há todo o tipo: os malucos e os calmos de morrer. É assim. Os malucos porque aqui, acontece em todo o lado mas claro quando um está aqui parece que só acontece aqui, mas realmente acontece em todos os lados e não só aos correspondentes. Há dias em que viras maluca para conseguir uma informação, não há nada, eu rasgo, rasgo e não há nada e outros que acontece tudo. Tudo no mesmo dia, mas pronto. Normalmente eu acordo, reconheço que não acordo muito cedo, não porque eu sou sozinha e a mim não me podem pedir que trabalhe das oito da manhã às nove da noite. Então a não ser que tenha que acordar cedo por alguma coisa em particular, acordo nove e meia, dez. Não acordo muito cedo por isso, eu sou sozinha e para uma agência não é o mesmo que um jornal. Eu para a agência tenho que estar enviando informação o dia todo, então não posso estar doze horas a trabalhar. Acordo e primeiro que faço é ler todos os jornais e páginas da internet. Os portugueses, páginas da internet a agência Lusa, escuto a rádio. As notícias, só com o café da manhã...*

Entrevistadora: Começa logo a trabalhar.

Resposta: *Sim, já estou a trabalhar. Me dizem uma hora para o café da manhã, pero no uma hora porque tou ali a ler jornais e pronto do que vejo nos jornais selecciono algumas coisas que me podem interessar, se há alguma que possa fazer, faço já na hora, se há alguma que tenho que ligar, contrastar pronto isso para a agência. Mientras se há alguma coisa de interesse mando a proposta para o jornal. Para a agência não preciso de enviar [a proposta], o critério é meu. Mas para o jornal não. Quando já tenho tudo visto o primeiro que faço quando acho que pode ser uma coisa que pode ter interesse para o jornal é logo enviar para que eles analisem e respondam e pronto. E depois assim se há conferências de imprensa se vá, se há entrevistas se vá e depois a agenda é marcada um bocado pela agenda institucional, do governo, dos ministérios, das empresas também e depois dentro dessa agenda há informações que tu queres ampliar, então marcas entrevista.*

Pergunta: Como é que lida com um dia calmo, em que não há muito para fazer?

Resposta: *À inicio quando eu cheguei com desesperava, agora já com muita calma. No inicio também quieres [mostrar trabalho] agora já são nove anos e se não há noticia, não há noticia não vou inventa-la. Compensa um dia pelo outro. Uma semana pela outra. Esta semana está sendo muito calma à próxima eu me viro maluca porque tenho aqui ministros espanhóis,*

presidentes das comunidades autónomas espanholas, Tony Blair, o Aznar, o Schorder [Conferencias do Estoril] e todos eles vêm justo na mesma semana. Mas esta semana estou muito relaxada, mas com trabalho. No início compreendo que haja stress porque não sabes, e depois há stress quando há muito porque achas que não chegas a tudo. E quando não há nada porque achas que vão dissir que não estás a trabalhar, mas agora com o passar do tempo já nem stress, nem com uma nem com a outra.

Pergunta: Portugal, em termo genéricos não tem acontecimentos inesperados...

Resposta: *Bueno, bueno...*

Pergunta: Talvez para a agência seja mais fácil mas para o jornal é preciso ser uma coisa mais importante. Mas quando não tema grandes assuntos para o jornal, como é que faz para encontrar algum de relevante para escrever? Vai à procura como?

Resposta: *Busco uma empresa com interesses catalães e proponho fazer uma entrevista lá. É a parte mais táctica porque para a política não dá, se não acontece não posso inventar, mas a economia e a cultura sempre te deixam esta margem de manobra de propor uma entrevista com alguém que pode ser de interesse. Ou por exemplo para suplemento dominical que aí da para fazer reportagem e ademais é o que te contava no jornal com a contracapa de internacional tem esse crónica ou reportagem sempre dá um pouco para jogar, sempre há alguma coisa.*

Pergunta: Quando acontece um grande acontecimento, mais no caso do jornal, porque na agência tem de dar logo a informação, mas no caso do jornal tenta não escrever logo para ficar uma matéria mais alargada ou escreve logo com aquilo que tem e conseguiu apurar?

Resposta: *Depende da hora em que acontece esse acontecimento. Se acontece há primeira hora da manhã, aguardo por outras coisas, porque a seguir vou ter que muda-lo. Se é um grande acontecimento vai ir evoluindo durante o dia. O problema é quando o acontecimento acontece às cinco da tarde portuguesas e são seis em Espanha e os jornais já têm a edição fechada de conteúdo. Já têm decidido os conteúdos então isso é mais complicado, mas há que decidir na hora, dependendo do tempo que tens para escrever, se escreves antes ou depois, com uma velocidade ou com outra. É claro que se o acontecimento se produz à última hora do dia o texto não vai ir nem tão bem nem com tanta informação como gostarias. Uma porque não te vão dar muito espaço no jornal, porque não podem tirar com toda a página e dois porque o tempo é justo. Interessante seria ter tempo para contrastar todas as informações dos acontecimentos, mas como não dá.*

Pergunta: Há algum exemplo assim que se lembre deste tipo de acontecimentos?

Resposta: *A OPA do BPI sobre o BCP. Foi assim no fim do dia e logo os dois têm participação espanhola, os dois catalana então foi de surpresa. A agência, o jornal... E depois a Madeleine.*

Entrevistadora: Quando fiz esta pergunta foi a pensar nesse caso. Nós portugueses, temos a ideia que o caso Madeleine uma grande expansão internacionalmente...

Resposta: *Teve muita. Pobre Madeleine.*

Entrevistadora: Quando mencionei notícias recorrentes, pensava bastante nesse caso...

Resposta: *Duvido que encontres um correspondente que te diga isso, porque nenhum de nós gostou de escrever sobre Madeleine.*

Pergunta: Porquê?

Resposta: *Porque os jornais no geral, especialmente no Reino Unido, entraram numa dinâmica de, não sei como se diz em português, escabrosa, sensacionalista que ao final não interessava Madeleine. Interessava o escândalo. Eu segui o caso de Madeleine quase desde o início porque em Espanha foi muito curioso, Madeleine não teve interesse no início. Foi interesse um mês e tal depois, foi quando levantou todo o interesse. Mas, afinal se converteu num escândalo e nós não somos jornalistas de escândalos. Para um correspondente é muito complicado falar de um coisa tão delicada nesses términos de a mim me perguntaram os pais à mataram porque encontraram provas? No, não encontraram nada. É, a mim me custou imenso, intentar não cair nessa dinâmica do escândalo que afinal as fontes de informação eram o Correio da Manhã e o 24 Horas quer dissir. Eu aí, já havia interesse em Espanha, e neste caso também trabalhei para televisões e foi como e, simplesmente dissir isso não é verdade, não há nada que demonstre isso. Isso é o que diz um jornal. Eu acho que nenhum gostou de Madeleine, da pobre menina, eu acho que nenhum de nós gostou. Eu pelo menos não gostei e duvido que encontres algum correspondente que te diga que gostou.*

Entrevistadora: Daquilo eu li, não o Caso de Madeleine que é mais recente, mas que os acontecimentos que tinham grande repercussão em Portugal sempre foram muito notados pela imprensa estrangeira e eu...

Resposta: *O caso de Entre-os-Rios, quando foi a caída da ponte.*

Pergunta: Também foi muito falado em Espanha?

Resposta: *Em Espanha não, em todo o mundo. Eu falei para rádio mexicanas, argentinas, colombianas, chilenas, para toda América Latina falei na rádio. Foi muito em Espanha e em todo o mundo. Porque há acontecimentos que têm repercussão, claro que têm. Portugal foi falado quando foi o Euro pelo futebol, todo o mundo falava de Portugal. Portugal sai em telejornais de meio mundo. Claro que Portugal sai em telejornais mas têm de ser acontecimentos...*

Entrevistadora: Acontecimentos esporádicos e importantes?

Resposta: *Exacto. Podem ser bons com o Euro, como a presidência da Europeia ou podem ser maus como foi o caso da ponte de Entre-os-Rios ou a própria Madeleine.*

Pergunta: No caso de Portugal na presidência europeia falavam muito?

Resposta: *Muito e bem.*

Pergunta: Sobretudo para a agência?

Resposta: *Sobretudo para a agência era muito e bem. Portugal fez uma grande presidência europeia e ademais demonstrou mais uma vez que quando quer é uma grande organizadora. Quando quer.*

Pergunta: O mundo dos correspondentes, por exemplo antes existia a ideia que os correspondentes eram a elite do jornalismo, ao longo dos tempos...

Resposta: *Uiiiiii (risos)*

Pergunta: Os seus colegas....

Resposta: *Mira, se somos a elite pobre como serão os últimos?! Antes, muito antes. Eu já não me lembro disso.*

Pergunta: Que alterações têm notado nas notícias, há mais espaço há menos espaço?

Resposta: *As notícias, ao melhor, não sentem tanto a alteração.*

Pergunta: As pessoas é que sentem?

Resposta: *Eu acho que sim. Em parte sim. Claro que os correspondentes de antes eram uma elite que tinham muitos privilégios, especialmente económicos. Eram os grandes privilégios porque a nível de espaço que antes havia mais espaço jornais para internacional e agora não há tanto. Mas eu acho que as notícias mais que bem não tem perdido em qualidade, siempre há tenido melhor espaço e claro espaço, perde-se um bocado a perspectiva. No é o mesmo ter duas páginas de jornal que para falar sobre o aborto que ter um quarto. Claro está, que se tens mais espaço podes contar as coisas melhor, fazer uma melhor análise e também se tu tens melhores meios económicos e podes mover-te mais pelo país, também podes ter uma óptica maior para essa notícia. Nesse aspecto sim, saem prejudicadas as notícias. Mas no é porque o jornalista seja melhor ou pior, se não porque no momento que reduces meios a perspectiva e a visão dessa notícia também se reduz. Nesse aspecto sim saem prejudicadas. Mas a grande mudança é económica, ou melhor porque saíste de antes insustentável ou do conceito romântico de correspondente de antes porque é um conceito insustentável, que não dá para um jornal. Por exemplo a um jornal quantas notícias chegam, não consigo publicar uma notícia diária. Isso é insustentável, e mais nos tempos em que correm que passamos de uma elite a última pessoa da escala. Mira, eu se falo de todos os correspondentes estrangeiros que há em Portugal, só os meios estatais, como Televisão Espanhola [TVE], agência EFE ou grandes empresas, agências económicas como Reuters ou Bloomberg, têm delegações em Portugal, o resto somos freelancers. Freelancers exclusivos é outro conceito de freelancer, que quer dissir que eu não posso trabalhar para outro jornal que não seja El Periódico de Cataluña. Eu sou freelancer eu não sou emplantilha, não tenho um ordenado, a mim me pagam por peça.*

Pergunta: No entanto, é exclusiva?

Resposta: *Claro, exclusiva para jornais. Porque também trabalho para a agência e na agência não trabalho por peça, tenho um fixo mensal, mas não tenho privilégios. E como eu, a maioria. Todos recebem por peça publicada, a grande maioria essa é a mudança da elite do jornalismo. Antes você vinha com casa, carro e tudo pago e um ordenado maravilhoso, acabou. Só para alguns românticos.*

Pergunta: A crise económica que está a afectar o mundo, está a afectar todo o tipo de empresas incluindo as de comunicação. Esta situação tem alterado as notícias sobre Portugal? Muitas empresas a...

Resposta: *Para mim, por exemplo, não noto a diferença. Porque eu já dava os índices de desemprego antes de vir a crise, quando o Instituto Nacional de Estatística dava as cifras eu fazia... não mudou muito. Se ao melhor, melhor agora é que dou notícias por exemplo, a Quimonda, eu nunca havia falado da Quimonda, porque entrou em falência e era muitos postos de trabalho. Um empresa de quinze, trinta até cem pessoas, isso não tem importância porque em Espanha ao nível de desemprego estamos no topo da Europa. Então, uma empresa em Portugal que feche e mande embora não tem nenhum interesse quando em Espanha estão a fechar imensas. Então tem interesse, por exemplo se a Auto Europa, imagina, fecha, um exemplo. Isso sim, teria interesse, porque é uma multinacional que está a fechar uma das maiores fábricas da Península Ibérica isso sim. E Quimonda, era um empresa muito particular, era um trabalho muito especializado. Coisas assim, sim senão não... mas a mim não me está a mudar a nível informativo. Não estou a dar mais notícias de Portugal sobre a crise nem menos. Não há muita variação, é mínima não é perceptível.*

Pergunta: **Quanto as fontes pessoais, alguns colegas referiram que fazem notícias sobre a comunidade brasileira, o que não será bem assim com a espanhola. Mas, sente que é fácil lidar com as fontes pessoais?**

Resposta: *Em Portugal as fontes são complicadas. São complicadas um bocado porque desconfiança, por não sei, por desconhecimento muitas vezes, mas de repente te surpreendem. A pessoa que menos imaginas que não, é a pessoa mais amável do mundo e conseguis algo. Homem com nove anos cá vais fazendo algumas fontes. Mais que fontes vais sabendo a que porta tocar quando precisar de uma ou de outra informação. Porque não são fontes...*

Pergunta: **São mais conhecimentos?**

Resposta: *Sim, a ver, eu preciso de falar com alguém da área de educação, vou ligar a essa pessoa para que me diga quem é a mais indicada... é mais a ver a que porta tocar, para conseguir determinada informação, ou perguntar... que uma fonte propriamente dita. Há algumas mas as fontes portuguesas são complicadas.*

Pergunta: **Sem falar de nomes, ou qualquer que seja a situação da pessoa, mas para eu perceber o estilo de perfil que tem as fontes para si, por causa da agência e do jornal. Será uma fonte ligada àquilo ou será a tal porta onde vai bater?**

Resposta: *Não, eu bato à porta para que a porta me diga qual é a pessoa mais indicada nessa área para eu falar sobre isso.*

Pergunta: *Nomeadamente, não tem que a conhecer nem...*

Resposta: *Claro, mas essa porta me diz, de todas estas a melhor é esta, a de mais fácil acesso é esta e o telefone é este. Às vezes o melhor ter intermediários que directamente com a fonte.*

Pergunta: **Qual era o acontecimento ou um dos acontecimentos que despertaria um grande interesse em Portugal?**

Resposta: *Económicos, por exemplo mais a nacionalização de algum banco, um fusão, uma OPA entre dois grandes bancos ou qualquer coisa assim. Em política, uma demissão de governo ou o primeiro-ministro envolucrado em, o primeiro-ministro ou um ministro envolucrado mas a sério, no nos jornais, envolucrado pela justiça num caso de escândalo, uma*

demissão, uma morte de alguém, um terramoto. Eu acho que isso seria em Portugal e qualquer outro país, afinal as notícias vêm a ser um bocado a importância das notícias vem com as coisas más em todos os países, solo se adaptam a su país.

Pergunta: Se pudesse eleger um artigo, uma notícia ou uma crónica que escreveu, qual seria a que escolhia para melhor retratar a sociedade portuguesa?

Resposta: *Complicadíssimo, do que eu escribi para melhor retratar a sociedade portuguesa...Eu acho, por exemplo, o aborto, mas não tanto a lei em si, mas si a polémica em torno a que não se fizesse, a que se fizesse mais um referendo e que não se fizesse, para entrar, para aprovar o Tratado de Lisboa. Eu acho que isso reflecte muito a mentalidade portuguesa. As informações que eu vi sobre o debate para o referendo do aborto são um bom reflexo da mentalidade portuguesa. Aí se vê tudo, se vê aberta, a fechada e as conotações conservadoras-religiosas que ficaram ainda numa grande parte da sociedade. Mas também se vê a outra sociedade aberta, evoluída, crítica...*

Pergunta: Portugal anda a dois níveis? Um muito rápido, outro muito...

Resposta: *Eu acho que sim. Portugal aí é bocado contraditório no facto de que há uma parte da sociedade portuguesa que deixou atrás, independentemente das suas ideias, deixou atrás os seus prejuízos religiosos, católico, conservador muito enraizados, mas não só como crença religiosa que não me parece tanto assim. Como conceito de sociedade simplesmente o facto de o machismo em Portugal, que eu conheço portugueses que são super modernos que não são machistas mas que ainda têm aí um resquício, que não é culpa deles, mas que está inculcado nessa... e que em Espanha hoje também há acontece mas que não vejo tão geral, mas como vejo Portugal, um moderno e outro atrasado. Creio que aí, esse conservadorismo religioso salazarista de Fátima como era que, Fátima...*

Entrevistadora: Os três F's- Fátima, Futebol e Fado.

Resposta: *Fátima, Futebol e Fado, há um algo que ainda fica nesse Portugal.*

Entrevista a Adriana Niemeyer

Pergunta: Qual é o órgão(s) para que trabalha?

Resposta: *Eu trabalho para a Globo News, para a Swissinfo, que é um site de informação suíço em português, e agora também estou fazendo um programa da Globo dirigido a África, chamado revista África. E para a rádio France Internacional em Português.*

Pergunta: Há quantos anos trabalha em Portugal?

Resposta: *Eu estou há três e meio, praticamente.*

Pergunta: Veio para Portugal mais por razões profissionais ou por razões pessoais?

Resposta: *No meu caso foi mais, vamos dizer assim, pessoais porque eu morava na Áustria e já estava farta de estar num país do norte. Há muitos anos que estava fora, viajando em vários países e decidi-me instalar em algum lugar e eu escolhi Lisboa para vir.*

Pergunta: Então já tinha trabalhado como correspondente em outros países?

Resposta: *Eu já tinha trabalhado como correspondente em vários países e fui correspondente do Expresso e da Rádio Renascença em Viena e nos Balcãs. E também a minha ligação com Portugal é isso. Eu comecei a trabalhar com os meios portugueses, eu comecei a frequentar mais Lisboa, comecei a gostar e então foi uma decisão minha vir para cá e pronto. Depois de falar com os meios que eu já trabalhava que vinha para cá e continuar a minha missão jornalística.*

Pergunta: Como é que caracteriza Portugal quanto ao perfil noticioso, visto que trabalha para órgãos internacionais?

Resposta: *Sim, bom... eu ainda tenho um certo interesse porque trabalho para o Brasil e para Angola embora também são países da lusofonia que tem interesse. Mas em geral, eu vejo que os outros colegas...por causa da falta de notícias. Nós sempre temos alguns acordos ou artistas, de certa forma sempre temos alguma coisa para escrever ou para falar e tal, agora imagino que alguns outros colegas, sei lá, um sueco ou um dinamarquês ou quem seja, mesmo um norte-americano deve ter muito pouca coisa porque é país que não gera tanta notícia a não ser quando tem evento muito importante e tem uma relação mais com os países lusófonos ou com Espanha pela proximidade.*

Pergunta: Quais são os temas sobre Portugal que estão mais presentes nas suas notícias?

Resposta: *Geralmente política, economia logicamente, cultura muito também. Comigo acho que são todos os temas que...até com os protocolos que existe dentro da lusofonia acho que a maioria dos temas interessa. Não tenho mais um ou outro...*

Pergunta: É muito abrangente?

Resposta: *É muito abrangente.*

Pergunta: Como é que escolhe? É de actualidade, não é tanto actualidade, é-lhe proposto?

Resposta: *Olha é tanto, ou me pedem e faço alguma coisa ou logicamente se tem algum político brasileiro aqui, logicamente claro, há algum fórum, alguma cimeira importante isso logicamente temos que estar presentes. E os outros que não são tanto actualidade geralmente sou eu que ofereço cada vez que tem alguma coisa curiosa que acontece aqui, alguma coisa cultural ou alguma entrevista que eu possa fazer que seja de interesse...*

Pergunta: **A pergunta a seguir é um pouco estranha, e já de manhã estava a falar porque eu queria saber qual o valor-notícia que se ressalvava mais, o que é chama mais à atenção quando escreve as notícias. Por exemplo, se houvesse um escândalo que envolvesse um membro do governo português e se o governo português resolvesse nacionalizar toda a banca que opera em Portugal, qual seria a primeira notícia que dava? Para tentar entender se são factores económicos...**

Resposta: *Eu acho que seria a banca no caso.*

Pergunta: **Porque trabalha mais para meios...**

Resposta: *Não, não trabalho mais para o meio. Mas acho que hoje em dia é sobretudo a questão financeira que realmente está em primeiro lugar. As outras...uma questão mais interna logicamente era notícia no Brasil mas, agora um exemplo de banca ou alguma coisa assim...*

Entrevistadora: **Era mais radical.**

Resposta: *Era, era mais radical.*

Pergunta: **Lembra-se de algum episódio, notícia recente que tenha suscitado muito interesse e que depois lhe tenha pedido muitas na sequência daquele, muitas notícias de desenvolvimento daquele...**

Resposta: *Mas um tema que aconteceu em Portugal ou um tema português?*

Entrevistadora: **Um tema português ou que aconteceu...**

Resposta: *Eu por exemplo, escrevo muito...na última cimeira das finanças Ibero-Americana, dos ministros das finanças que estavam aqui reunidos e que pronto, que falam das perspectivas para 2009 e isso foi...eu trabalho muito, no 25 de Abril bastante, nos 35 anos que passou da Revolução são ultimamente os mais pedidos.*

Pergunta: **Se, e me poder dizer, que tipo de fontes utiliza? Utiliza mais fontes oficiais, mais fontes próprias...e no caso, por exemplo, que me estava a dizer dos 35 anos do 25 de Abril, tentou dar mais uma vertente histórica, se puxou mais para a actualidade?**

Resposta: *Foi para os dois, a gente sempre começa, tem que dar um pouquinho de história porque não é toda a gente do mundo que sabe o que é que aconteceu por isso a gente tem de começar assim, e depois passa para a actualidade porque é que era também uma comemoração não tão feliz, porque então tá uma crise grave, então era uma comemoração também de protesto contra as políticas do governo, então foi mais ou menos isso. Mas ao mesmo tempo as pessoas comemorando, a chuva de rosas com o helicóptero, não é rosas é cravos. Foi lindo, achei um espectáculo lindíssimo aquilo realmente achei... para quem viu na TV foi o melhor de*

tudo e ver umas pessoas bonitas, jovens ali comemorando, então quer dizer achei que tinha muita coisa para pegar e logicamente a gente tentou pegar tudo mas às vezes...

Pergunta: Normalmente, nas notícias que escreve, tenta relacionar ou criar um paralelismo entre Portugal e o Brasil e... mas mais sobretudo sobre o Brasil?

Resposta: *Sim, respeita logicamente...Colocar um...porque eu acho que a função do correspondente é também ter um olhar diferente, um olhar no meu caso brasileiro nas pessoas portuguesas, então logicamente você acaba colocando assim, um paralelo.*

Pergunta: A senhora disse me que propôs, que propõe temas para os seus editores escolherem, há certamente alguns que provavelmente não serão aceites que propõe?

Resposta: *Sim, sim.*

Pergunta: Acha que tem uma razão, qual é a razão principal para não serem aceites?

Resposta: *Bom, muitas vezes é o espaço, que a gente não tem espaço. Depende logicamente, também das outras notícias do mundo. Logicamente uma notícia tipo a gripe suína, logicamente vai ganhar de uma coisa, de uma manifestação em Portugal, a não ser que seja uma coisa muito importante. Ou se tem um terramoto é mais importante. Estamos a falar também...é tudo a questão de jogar com o espaço do jornal, da rádio, hoje em dia todo o mundo tem espaço limitado para tudo. E o que não tem de interesse, que as pessoas, as vezes a gente está aqui e acha de interesse e, às vezes quem está fora não vê do mesmo jeito. Isso convivendo, a gente acaba entrando e achando tudo mais importante, ao tema, do que realmente mundialmente tem, então quer dizer...*

Pergunta: Voltando um bocadinho ainda, aos temas que são mais rejeitados, acha que são mais de cultura, de economia, se calhar não tanto...?

Resposta: *De cultura é mais rejeitado é. A não ser que tenha brasileiros no meio.*

Pergunta: Acha que os correspondentes se limitam a transmitir factos nas notícias ou também, não é tentar, mas sem intenção dão sempre um ponto mais positivo ou um ponto menos positivo na notícia?

Resposta: *Eu acho que eu dou. Eu intencionalmente dou. Porque eu acho que isso é a minha função senão você pega numa agência de notícias não tem de pegar uma matéria minha. Eu acho que a partir do momento em que você tem um correspondente você quer, não é dar opinião mas, também dar uma visão...*

Entrevistadora: Não tão factual.

Resposta: *É, eu acho que por isso que tem correspondente senão fica todas as notícias iguais, nua e crua, pega da agência e não precisam disso se tem uma pessoa no local para isso.*

Pergunta: Como é que me descrevia um dia normal como correspondente?

Resposta: *Normal?! Eu acho que já começa, primeiro acho que vendo a agenda no dia anterior do que é que vai ter no dia seguinte, já lendo as notícias, vendo os telejornais até alta hora e no dia seguinte de manhã eu, pelo menos, acordo bem cedo, também tenho um filho que*

vai à escola, então já tou às sete da manhã já tou em pé, ou antes, e pelo menos vejo na internet quais são as principais notícias. Vejo o telejornal, então depois é se a gente tem alguma proposta é ver ou marcar entrevistas e tal e senão é já começar a colocar a mão na máquina e começar a escrever, no computador, e escrever a matéria e tem viagens e para nós é um pouco...também tem, no meu caso, também tem muita preparação não é só...realmente o escrever é o último do último, é o falar na TV é a preparação que, o que mais, a produção da notícia que é o que mais dá trabalho. É fazer os contactos, é achar as pessoas certas e pronto, acho que essa é maior dificuldade, o resto é a parte mais fácil, que é finalizar, escrever e mandar. Hoje em dia mandar porque, antigamente, era muito difícil, mandar a matéria do exterior era a coisa mais difícil. Eu ainda sou da época do telex, então você imagina, eu já fazia...

Entrevistadora: Os colegas também já me tinham contado que...

Resposta: *Quer dizer isso era uma coisa que...enviar a matéria, a hora em que a matéria chegava era uma felicidade enorme. Porque hoje é uma coisa tão simples, que quando veio o fax já era a coisa mais linda do mundo, então quer dizer...*

Entrevistadora: Agora ainda é mais fácil.

Resposta: *Com telex reclama...para quem foi correspondente nessa época já sabe o que é, o que hoje não é. É tudo muito fácil.*

Entrevistadora: Ainda vai ficar mais.

Resposta: *Esperamos.*

Pergunta: Portugal, em termos genéricos, não tem acontecimentos muito inesperados, ou inesperados para um correspondente trabalhar. Como é que procura os assuntos que vai tratar? Há aqueles temas de agenda que, claro que prestará atenção, mas aqueles temas que, como estava a dizer, têm uma certa curiosidade, porque o correspondente que não é agência, não está aqui só para dizer o que se passa todos os dias. Procura nos jornais nacionais, procura...

Resposta: *Sim, sim. Vou vendo o jornal e depois tenho alguma ideia ou sei lá. Às vezes na rua vejo alguma coisa que interessa. Uma coisa que está sendo feita ou até uma publicidade, por exemplo essa coisa dos carros, que andam muito vazios em Portugal, que dando um exemplo, que basta entrar num site para as pessoas irem de boleia uma com a outra. Acho uma ideia fantástica, isso é uma ideia. A ideia vem de qualquer lugar, de estar conversando contigo olha soube de alguma coisa e: ah que bom, me interesse e vamos atrás e...acho que não tem uma fonte única. Logicamente a agenda da Lusa, todos os jornais é a maior referência mas...as ideias, as matérias mais interessantes vêm de um simples bate papo com alguém.*

Entrevistadora: E ainda bem.

Resposta: *Sim, ...e um problema, que a gente está ficando individualista. Eu agora não tenho vindo, não tinha vindo não é como antigamente, tava mais junto trabalhando e era muito bom, porque um conversa com o outro e passava ideias para o outro, a gente discutia mais coisas. Agora como cada um tem a sua internet, cada um tem o seu acesso à agência, isso aqui já não é um ponto de...*

Entrevistadora: De referência.

Resposta: *De referência como era antes as associações de correspondentes.*

Pergunta: Faz falta?

Resposta: *Faz, mas também é a questão da vida corrida que a gente leva hoje, se a gente não tem de se deslocar a gente dá graças a Deus porque sabe...é complicado tem muita coisa para fazer e também as coisas são ... as coisas com muito mais pressa pronto, a gente tem de correr muito então, às vezes, não dá tempo de vir até aqui e ter essa discussão.*

Pergunta: Sente que trabalha, ou seja, a internet facilita mais e sente que o trabalho de correspondente é mais exigente?

Resposta: *É por um lado, não mais exigente, exige muito mais...*

Entrevistadora: É mais rápido.

Resposta: *Não é rapidez, você tem de tar muito, tem que concorrer, pronto, com as coisas online e tudo isso. A notícia fica velha muito rápido. Então, quer dizer, não dá tempo nem de você trabalhar bem a notícia, uma coisa que a gente fazia antes. Que para fazer uma análise agora você tem que acabar jogando o que tem e não dá tempo de a gente até ir verificar se a coisa está certa se não tá. Eu acho que no fim, a gente acaba por ser superficial, porque a notícia fica velha logo. A informação é muito rápida agora então a cada duas horas você tem outras informações que olhando só nos sites de notícias e tudo isso. Então quer dizer, é difícil você conseguir, como uma pessoa sozinha acompanhar tudo isso.*

Pergunta: Quando tem um acontecimento, daqueles que são mais propícios a que a imprensa internacional pegue, faz logo a notícia ou espera, entre aspas, dá um compasso de tempo para fazer uma matéria mais alargada? Estava a dizer que a informação fica velha logo, mas se calhar um trunfo do correspondente podia ser esperar mais uns dois ou três minutos, dois minutos ou três não seria o tempo necessário, mas...

Resposta: *Não é isso. O problema é que a gente tem horário de fechamento cada vez mais cedo. Os jornais antigamente fechavam às duas, hoje em dia não, às oito meia, nove horas todo o mundo já...agora pronto, os jornais do norte da Europa fecham quatro e meia, cinco da tarde, seis, uma coisa assim absurda, eu acho. Então quer dizer, a gente tem um deadline que está esperando, a gente tem programa de rádio, tem noticiário não dá para ficar esperando. A não ser que você tem uma matéria que não é, vamos dizer assim uma coisa de actualidade que você pode trabalhar. Mas se é de actualidade, você não tem muito tempo. Geralmente não.*

Entrevistadora: É logo que apanhe...

Resposta: *É logo que apanha e não dá.*

Pergunta: O trabalho de correspondente antes era visto como o herói do mundo do jornalismo, entretanto a internet veio e as coisas alteraram-se um bocadinho. Isso alterou a sua forma de ser correspondente, de escrever as notícias?

Resposta: *Não...a gente tem cada vez menos espaço e menos oportunidade de fazer uma coisa, um artigo de opinião, cada vez menos a gente tem menos chance para isso. De dar um olhar*

peçoal para as coisas. Eu tento dar um toque pessoal, mas cada vez menos a gente tem menos chance e logicamente, a gente tinha muito mais espaço, a gente era muito mais considerado, porque a gente estava fora, agora com internet você tem informação de tudo quanto é lado, então quer dizer você também, não é só a sua opinião são várias. E sim, acho que mudou o papel do correspondente, não só mudou como acho que vai ser eliminado dentro de muito pouco tempo. Acho que já não vai existir o papel do correspondente estrangeiro, quer dizer vão ser pouquíssimos, tem algumas agências que vão ficar e acho que cada vez a tendência é ir tirando.

Pergunta: Por causa das notícias...

Resposta: *Exactamente por isso. Porque tem informação de tudo quanto é lado, você tem acesso a essas informações e...você tem as agências cada vez mais e...é essa a tendência. Não vejo volta até porque são raros os casos de correspondentes que tem contrato de trabalho e tudo isso, então quer dizer, é uma profissão que está em vias de extinção com certeza.*

Pergunta: Porque as notícias, no fundo, acabam por perder? Quando a figura do correspondente era a elite do jornalismo, se calhar ganhava mais do que agora ganham...

Resposta: *Há com certeza. E tinham outro estatuto, você ia para cá e para lá, você teria uma casa paga, você teria as suas despesas, só que agora não, você vive por conta nossa e quer dizer, é freelancer e trabalha com recibos verdes e é muito diferente. São raras as pessoas que mantêm um contrato de trabalho.*

Pergunta: Mundialmente a crise é global e isso afecta todo o tipo de empresas, incluindo as de comunicação...

Resposta: *Muito, muito. A primeira coisa que todo mundo deixa é de comprar jornal.*

Pergunta: Esse fenómeno tem alterado aquilo que se escreve sobre Portugal?

Resposta: *Não. Alterado sobre o que se escreve não. Eu acho que, como te falei. Tem menos dinheiro para pedir artigos para pagar. Não como se escreve mas...*

Pergunta: Mas as notícias sobre Portugal. Portugal tem menos lugar?

Resposta: *Eu acho que sim. Tem outras coisas mais importantes que colocar, com certeza.*

Pergunta: Já não era importante e cada vez mais, é menos importante?

Resposta: *Claro, tem...por exemplo, o Brasil tem os outros países emergentes, do Break esses são notícia, como eles estão reagindo...não vou dizer que não tem, que não faça porque também tem muitos investimentos de portugueses e brasileiros, também nós estamos com a economia...não vou dizer que não tem nenhum espaço, mas lógico eles dão espaço mais...aos mais emergentes. Aos que tem a mesma situação e ver a reacção dos outros.*

Pergunta: É difícil aceder a fontes não oficiais para uma correspondente?

Resposta: *Em Portugal é.*

Pergunta: Porquê?

Resposta: *Oficiais e não oficiais. Eu não sei. As pessoas aqui vêm o jornalista como um inimigo, como uma coisa que não é muito...vá tem sim simpáticos, quando você pede alguma informação, alguma coisa assim ah me manda um email, depois te mando e não sei quê e nunca manda nada. E aqui o assessor de imprensa serve para barrar o contacto com a pessoa, com a fonte e não para te ajudar, que geralmente nos outros países é para ajudar o contacto entre você e a fonte. Aqui é para barrar isso a gente tem a noção, só quando é um empresa assessoria de imprensa para um espectáculo aí sim, eles ligam e...mas se é uma coisa de fonte é muito complicado. É difícil você conseguir falar com o presidente de um banco, bom com um ministro nem se fala...é quase impossível, a não ser que ele tenha interesse em aparecer no seu jornal, falar o que ele quer, aí ele te chama, mas é que a gente consiga é quase impossível.*

Pergunta: Tem fontes pessoais?

Resposta: *Fontes pessoais...sempre a gente conhece uma pessoa ou outra e logicamente vai começando a falar aqui, vão conhecendo as pessoas. As pessoas vão tendo mais confiança em si e começa a perguntar alguma coisa ou outra...mas as nossas fontes não...Muda muito.*

Pergunta: Já me disse que os assessores de imprensa, aceder a fontes oficiais é um caos...

Resposta: *É um caos...*

Pergunta: Mas para eu entender melhor: as oficiais são caóticas porque os assessores de imprensa colocam entreves a toda a hora, mas a pessoa em si, quando se trata de uma entidade não oficial, é muito fechada porque tem medo dos jornalistas...

Resposta: *É.*

Pergunta: Porque acha que os vai implicar...

Resposta: *É, eles sempre acham que alguma coisa vai sair mal...*

Pergunta: Que vai, entre aspas, dar buraco para o lado delas...

Resposta: *É, sempre muito desconfiado. O jornalista não tem uma boa fama aqui nesse país, com certeza. Até porque eu acho que é culpa do próprio jornalista que...eu acho que, às vezes, são muito agressivos com as pessoas, sabe...eles ficam querendo pegar em coisas assim, sabe...não sei, essa visão não é assim no Brasil. Os jornalistas são bem vistos, não vou dizer todos, não é que a imprensa é tão mal vista como aqui. Aqui as pessoas saem correndo, você vai perguntar as coisas e as pessoas saem correndo e não sei se é por timidez, ou porque não sei quê...*

Pergunta: Se calhar somos envergonhados...Que tipo de acontecimentos é que teriam, que despertariam o interesse internacional? Que tipo de coisas é que fariam com que lhe pedissem imensas notícias sobre isso? Seja na área económica, seja na área social...

Resposta: *No caso de Portugal?*

Entrevistadora: Sim.

Resposta: *Na área social para a gente só se fosse na área da imigração, muito revolucionário, por exemplo, que os imigrantes passassem votar aqui, para as legislativas, para Presidente [da*

República] acho que sim, seria uma coisa que sensibilizaria o mundo. O exemplo de um país que tá dando voto aos imigrantes, no nosso caso. De economia, sei lá, uma coisa muito revolucionária num banco ou colocar na cadeia o presidente do BPP ...ou coisa do género. Especialmente um banqueiro pagar tudo aquilo roubou das pessoas... isso era notícia lógico...não só em Portugal como nós outros, então...

Pergunta: Se pudesse escolher de um dos trabalhos que fez, de todos os trabalhos que fez, qual seria aquele que acha que caracteriza melhor a sociedade portuguesa?

Resposta: *Deixa eu pensar. Não sei se caracteriza, mas que eu fiquei...uma coisa que me marcou muito foi a história do arrastão, que... como é que as pessoas foram levadas por uma notícia, ninguém verifica. E eu quando escutei aquilo, eu tava fora do país, quando me contaram isso eu falei: impossível, que tenha quinhentos negros num trem...e que ninguém perceba, então quer...Porque é mostrar como, por um lado, a sociedade acredita...no que as pessoas querem ouvir é isso de repente, porque mesmo sabendo que não é notícia ninguém verificar se era verdade ou não era. Simplesmente ficaram com o horror, a imigração, os negros que invadem a nossa praia e tudo isso. Então quer dizer, irresponsabilidade do jornalismo, irresponsabilidade das pessoas que acreditaram. Este foi um caso que achei muito marcante pelo trabalho, eu escrevi muito, que eu opinei, inclusive em muitos debates aqui, que realmente foi um caso que me chamou muito à atenção. E que depois foi muito pouco desmentido, ficou pior ainda. Ficou uma imagem horrível no mundo inteiro e que...é melhor cair no esquecimento mesmo na imprensa portuguesa, cair no esquecimento que mostrar que eles errou, então deixa para lá...as pessoas vão esquecendo...*

Pergunta: No caso do Brasil porque é que acha que Portugal, não é esquecido mas, também não é tão relevante assim? Porque as parcerias económicas não fortes o suficiente, porque...?

Resposta: *Eu acho que a relação, mesmo económica, começou há muito pouco tempo. A relação de Portugal com o Brasil, as pessoas que vontade de viajar para a Europa, hoje em dia os brasileiros querem vir a Lisboa. Vêm à Europa, vêm a Lisboa...antigamente queriam ir para Londres e para a França então quer dizer, de repente Portugal está de algum modo no Brasil tem dez anos, não tem mais que isso...então é uma coisa que quer dizer...era um pouco fechado, não tinha interesses culturais, não tinha relações...e então todo o mundo achou muito bonito e tal...ou tinha parentes, antigamente era isso voltar para visitar os parentes, não tinha muito aquela relação de turismo, as pessoas virem por turismo.*

Pergunta: Acha que as notícias que vão escrevendo ao longo dos tempos os correspondentes brasileiros em Portugal, acaba por limpar, um bocadinho aquela imagem que os brasileiros muitas vezes tinham de ...?

Resposta: *Com certeza, é por isso que a gente tem cada vez mais interesse. A gente não lança só... a gente lança o Portugal que cresce, das coisas modernas que tem aqui...das tecnologias e tal... e é uma coisa que pronto acaba não conhecendo...não é uma agência de notícias que vai fazer isso, quer dizer falar sobre as energias renováveis ou exemplos como o Magalhães, e essa tecnologias portuguesas, o design português, a moda, tudo isso, não tem correspondente, essas coisas não aparecem. É as pessoas mesmo, pronto os profissionais, as pessoas de interesse, tem muita coisa bacana aqui que não é, que não é conhecida, se não é a imprensa não é conhecida. Isso é um sinal de interesse, tanto é que duas TV's brasileiras abriram escritório, esse mês,*

aqui que não tinham. Que é a Globo e a Record. Tinha a Record...internacional, mas não tinha um correspondente de notícias, tinha um escritório para os interesses de outras coisas. E a Globo tinha eu que mandava de vez em quando uma matéria, mas eu agora sou da Globo News...então quando tinha uma coisa muito importante ou eles mandavam um repórter de Londres ou de Paris ou fazia eu esporadicamente. Agora não, eles têm um correspondente, abriram um escritório aqui da Globo em Portugal. Então isso quer dizer...isso demonstra para onde está virado o interesse...

Entrevistadora: **Que Portugal está a começar a interessar...**

Resposta: *Exactamente, duas das maiores televisões do Brasil abrem escritório ao mesmo tempo, trazem os seus melhores correspondentes...é um bom sinal.*

Entrevista a Eduardo Guennes

Pergunta: O senhor é brasileiro?

Resposta: *Com orgulho e com saudade.*

Pergunta: Trabalha para que órgão?

Resposta: *Eu trabalho, quer dizer, eu sou free-lancer. Primeiro eu vou te definir o que é free-lancer. Free-lancer é como..., vai com quem pagar. Não necessariamente com quem paga melhor, basta pagar que a gente... Já defini o que é um free-lancer.*

Entrevistadora: Está bem.

Resposta: *Free-lancer é um cara que vai, que escreve para quem pagar, então já escrevi para diversos, diversos. Actualmente escrevo para A Bola, tenho uma coluna na Bola já há dezanove anos...isso semanalmente. E escrevo mensalmente para uma revista brasileira chamada “Continente Multicultural”, isso é o mais fixo que eu tenho. E o resto eu faço também tradução para palestra, convites e pronto, depende do que tem.*

Pergunta: Há quantos anos está em Portugal a trabalhar?

Resposta: *Este ano completará 35 anos, vim em 74, vim logo depois da Revolução...*

Pergunta: Então ainda viu a...?

Resposta: *Vi, vi muita coisa. Vi o PREC até ao Novembro de 75, quando acabou, não é?! O Processo Revolucionário em Curso eu acompanhei quotidianamente os acontecimentos que o PREC criava. E era de tal forma, de tal velocidade que não dava sequer para você parar para escrever. Que se você fala de coisas tão concretas a nível jornalístico, que quando você parava para escrever, aquilo que você havia escrito já estava completamente superado pela realidade, não é?! Depois, a partir do início do 25 de Novembro serenou e diga-mos não à normalidade mas uma coisa mais calminha, né?!*

Pergunta: Porque é que decidiu ser correspondente em Portugal?

Resposta: *Olhe porque o jornalista tem muito assim de abutre, não é?! Ele vai, ele é seduzido pela carniça, por golpes de Estado, por revoluções, pelas hecatombes, pelos tsunamis onde estiver a acontecer essas ocorrências.*

Entrevistadora: O senhor veio seguindo...

Resposta: *E então nós somos impelidos por uma coisa intrínseca da profissão que é ver o que se está passando. E foi o que aconteceu, em certa parte com Portugal, que atraiu a imprensa do mundo inteiro. Portugal passou, durante algum tempo, matéria, manchete de primeira página, não é?! Depois quando houve a primeira eleição, em 75 para a Constituinte, vieram a Portugal, em 75, mil duzentos em tantos jornalistas, e esse número só foi inferior ao número de jornalistas que foram presenciar o lançamento da Apollo 10, em 1969 no Cabo Canaveral, na Florida. Foi um pouco mais que isso, mil e não sei quantos, um pouco mais do que os que estavam aqui presentes na Gulbenkian, na eleição constituinte. Só que no orçamento do Cabo*

Canaveral, metade dos jornalistas que estavam presentes eram convidados da NASA e do governo americanos. Aqui nenhum...

Entrevistadora: Não houve nenhum...

Resposta: *Não houve nenhum jornalista convidado. Quer dizer, era do interesse dos jornais do mundo inteiro enviar, mandar correspondentes ou enviados especiais para cobrir estes acontecimentos. Você vê a importância que era, que Portugal tinha no jornalismo da época, depois...*

Entrevistadora: Foi ficando...

Resposta: *Depois foi...Portugal integrou-se numa Europa, integrou-se numa Europa que já não é mais que isso, a própria Europa...A Europa está de tal forma subalternizada não é?! Não tem propostas, não tem tecnologia, não tem cultura...*

Entrevistadora: Não tem voz.

Resposta: *Não tem voz. Você vê por exemplo países de uma Holanda por exemplo, quase noventa por cento do seu espaço audiovisual é ocupado por programa americano. Quer dizer, a boa cultura europeia...quer dizer, isso é uma realidade não é?! Que além de copiar a cultura estrangeira, a norte-americana, não é?! Quer dizer, deixou de produzir...Você vai a Paris, a capital da gastronomia...*

Entrevistadora: Da cultura.

Resposta: *Especificamente da gastronomia não é?!...na Copa do Mundo em noventa e...*

Entrevistadora: Oito.

Resposta: *Oito que o sponsor da...*

Entrevistadora: Era norte-americana.

Resposta: *Foi a McDonald não é?!*

Entrevistadora: É.

Resposta: *Quer dizer, o que foi que aconteceu com a Europa, foi copiar o modelo norte-americano, não é, a partir do Reagen e da senhora Thatcher não é, então a matriz faliu, o modelo faliu, não é a matriz e a Europa ficou sem uma proposta para nada. A Europa que tinha uma modelo, que era Social Democracia não é, ficou...*

Entrevistadora: Foi ficando...

Resposta: *Foi, foi abandonando os seus valores, foi restrita ao quê...?*

Entrevistadora: Vai continuar na insignificância?

Resposta: *Não, a Europa tem muito...não é do team, com essa equipa que vai ganhar, é ou não é?!*

Pergunta: A equipa. Como me esteve a falar que já tinha estado a viver em Nova Iorque e assim, era correspondentes nesses países?

Resposta: *Não, não necessariamente, quer dizer, o correspondente ele é enviado... eu fui ...Eu sempre gostei de me deslocar sozinho e já que aproveito, estando fora, a gente sempre oferece coisas...*

Entrevistadora: Os serviços.

Resposta: *Os serviços e é aceite ou não. O que é, é que eu descobri o seguinte: na minha profissão é muito fácil de ser...porquê? Porque eu escrevo para a imprensa portuguesa em português não é?! Então...e hoje com as facilidades que tem de ser enviado matérias, os textos, antigamente era...agora você enviar uma matéria para o estrangeiro...*

Entrevistadora: Na época do telex...

Resposta: *Não telex já é moderníssimo. Antes disso que era por...*

Entrevistadora: Correio.

Resposta: *Por correio, por telégrafo não é, ou então você escrevia uma matéria e ia para o aeroporto esperar que tivesse algum voo para o país que você desejava enviar, pedir encarecidamente, primeiro ver se encontrava um conhecido que viajasse naquele voo ou pedir ao comandante do avião para deixar no aeroporto, na companhia e depois telefonar para o jornal para o jornal mandar buscar...hoje não, você escreve e já está tudo editado...depois do telex veio o...*

Entrevistadora: O fax.

Resposta: *O fax não é?! Hoje o fax está ultrapassado, quer dizer, você não sabia o que era o telex, você nunca deve ter visto um telex na sua vida.*

Entrevistadora: Acho que só mesmo como peça de museu.

Resposta: *É você nunca viu um telex na sua vida. Então agora...*

Entrevistadora: Manda-se, envia-se num instante.

Resposta: *E será mais fácil ainda não é?!*

Pergunta: Claro, como a evolução dos tempos. Como é que caracteriza Portugal pelo seu perfil noticioso?

Resposta: *Quer dizer, Portugal a nível noticioso...*

Entrevistadora: A nível internacional.

Resposta: *Não tem. Mas para a imprensa brasileira, para o Brasil tem um interesse imenso. Há uma cultura comum não é?! Então Portugal continua a ter muito interesse para a imprensa brasileira mas não pelos factos, quer dizer, não é uma coisa factual, não é o que está acontecendo. Qualquer jornal tem quatro, cinco, seis, trabalha com quatro, cinco, seis agências então se é demitido um ministro ou, quer dizer, não tem interesse nenhum, a não ser que o mais*

comente, o mais imediato ou o free-lancer tenha coisas muito especiais sobre aquele acontecimento. Mas Portugal tem, por exemplo o azulejo, que é uma coisa bastante portuguesa, que interessa a todos os brasileiros, porque o azulejo também é uma coisa brasileira, faz parte da cultura brasileira. Os portugueses levaram para lá, não é?! Sabe quantos ...Silva há no Brasil?

Entrevistadora: Não faço a mais pequena ideia.

Resposta: *Então...portanto, no Brasil há quase todas as cidades portuguesas, tem lá à excepção de Lisboa. Lisboa não tem o resto tem. Todas essas coisas têm um interesse enorme. Quer dizer, os heróis portugueses são os heróis brasileiros, D. Pedro I, D. Pedro IV de Portugal foi imperador do Brasil e rei de Portugal. Quer dizer, tem tudo isso, há um santo, domingo foi canonizado aí...*

Entrevistadora: D. Nuno Álvares Pereira.

Resposta: *Que fala português, que faz parte do, Portugal é deste tamanho e tem não sei quantos santos, o Brasil é o maior país católico do mundo tem apenas um, quer dizer, Brasil deve pecar muito né?!*

Entrevistadora: Então, ou seja, em termos de notícias bombásticas, entre aspas, Portugal tem um perfil noticioso baixo, mas se procuramos para o Brasil tem muito interesse.

Resposta: *Depois tem o seguinte: há um, já faz parte da cultura brasileira, uma perspectiva de muito português, das notícias vindas de Portugal terem meio piada, serem meio piada, tipo anedota.*

Pergunta: Porque existe uma imagem pré-concebida?

Resposta: *Não sei se é pré-concebida, existe a imagem...como existe aqui em relação ao alentejano.*

Entrevistadora: Exactamente.

Resposta: *Cada vez menos o português, não é português da anedota. Hoje o da anedota é mais o brasileiro aqui em Portugal não é, também o português deixou de ir para lá, o Brasil é que tá vindo para cá. Então quer dizer, essas coisas, o leitor brasileiro lembra uma coisa de Portugal e fica esperando onde é que está a piada, não é?! Onde é que está a piada...então o jornalista atento a isso tem que pegar aqui numa coisa que tenha um pouco de humor ou...*

Entrevistadora: Curiosa.

Resposta: *Qualquer coisa assim tipo apimentado ou picante não é?! Para não frustrar o leitor, não é?! Isso é simpático, não é mau nem é...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Quer dizer, você não espera nunca ler uma notícia do Vaticano com piada, não é?! Nem da Bélgica, nem da Suíça né?*

Entrevistadora: Não são países sérios. Acho que os países latinos são mais piadéticos.

Resposta: *E ainda bem. Depois tem o futebol português, que tem centenas de brasileiros e outras actividades, na música, na culinária, entende? Tudo, a presença brasileira cada vez é maior, não é?!*

Pergunta: **Quais são os temas que mais põe nas suas notícias? Sobre a comunidade brasileira? Sobre o futebol?**

Resposta: *Futebol dá para você escrever duas vezes por ano, não é?!*

Pergunta: **Porquê?**

Resposta: *Primeiro porque o próprio futebol é rotineiro, não é?! Cada semana muda apenas a coisa, mas é a mesma coisa. Então quando há um fenómeno dentro do coiso, mas de resto é, as agências dão, o jogo, quem marcou os golos, essas coisas as agências dão. Não precisa, você tem de fazer uma vez, duas vezes por ano um apanhado...*

Pergunta: **A meio da época e no final?**

Resposta: *É, quantos jogadores brasileiros estão presentes...é evidentemente que quando está cá um Filipão, não é, passa a ter um interesse maior. Mas os jogadores aqui brasileiros não são as grandes vedetas do futebol brasileiro. Esses estão na Itália, na Espanha, estão na Inglaterra aqui o futebol brasileiro também é modesta, quer dizer, não é modesta em número é modesta em...*

Entrevistadora: **Capacidade.**

Resposta: *Em qualidade...no futebol de salão, no futebol de praia, volei, basquete tem assim. Mas também com essas não sou muito interessado. Isso é muito específico, quer dizer, isso dá uma matéria por ano, não é?! Então a parte artística...a gastronomia está atacando com bastante força, basta ver as churrascarias de rodízio, que é um fenómeno recente em Portugal. Depois há o seguinte também: há, eu escrevo actualmente para um jornal de Pernambuco, então tem de ser uma coisa que interesse a Pernambuco, um coiso que seja, um agente que seja um Gaúcho, interessa a um jornal de Rio Grande do Sul não ao de Pernambuco, quer dizer, então tem de ser uma coisa de Pernambuco para interessar aos leitores de Pernambuco.*

Pergunta: **Costuma relacionar os dois países? Fazer tipo uma ponte cultural para explicar melhor os fenómenos que...**

Resposta: *Ah sim tem de ser, em jornais tem que explicar sempre, não é?!*

Pergunta: **Sim, mas há casos em que deve ter de explicar mais que outros?**

Resposta: *Ah sim. Eu tenho uma coluna na Bola chamada “Meu Brasil brasileiro”, quer dizer, ali está implícito que o que o leitor vai ler, vai encontrar, são coisas que dizem respeito ao Brasil não é?! E como é crónica, não é factual...*

Entrevistadora: **Exactamente.**

Resposta: *Eu não preciso de dar: ontem, às 23 horas na tal rua...a famosa fórmula do lead.*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *Então é isso. Lá está o jornalista pega, é rigoroso, as informações para a revista...sobre a parte histórica, não sei quê, não sei quê, entendeu? Aí também já é um tamanho de revista, não é?!*

Entrevistadora: **Uma matéria mais extensa.**

Resposta: *É. É consoante o meio ...o acordo ortográfico, sempre tem, o Brasil também sempre está presente aqui e Portugal está presente cá e lá. Aliás, é uma coisa para você saber seleccionar o tipo de processo que interessam...*

Pergunta: **Aí vai ter ao ponto que eu lhe ia perguntar. Como é que selecciona o que interessa aos leitores, claro?**

Resposta: *Aí é pelas vivências, pela sensibilidade...*

Pergunta: **Nunca lhe propõe temas?**

Resposta: *Propõe de vez em quando. Ah vai passar fulano aí, vai e entrevista.*

Pergunta: **Mas por norma é o senhor que...?**

Resposta: *Eu já cheguei também...o diabo não é sábio porque ser diabo é por ser velho. Então eu sou...velha, certo?!...Então eu já me dou ao direito...*

Entrevistadora: **Escolher aquilo que faz.**

Resposta: *De escolher aquilo que faço e não quero que me aborreçam. Mas quando eles querem, pedem...Mas eu já tenho uma certa...*

Entrevistadora: **Uma certa tarimba.**

Resposta: *É, é...*

Pergunta: **Eu tinha um exemplo para dar mas, pelo que me está a dizer não trabalha tanto...por exemplo o senhor é free-lancer, mas imagine que acontece uma situação de termos um escândalo no país, algum assunto que ligue algum membro do governo, eu penso que o senhor faz também para o jornal que é mais actual, não tem tantos temas históricos...**

Resposta: *Sim, mas é o que eu digo, que voltei a falar. Esta parte do dia-a-dia é coberta pelas agências e um processo contra um ministro ou o que seja, ou você tem trunfos na manga não é, para criar uma matéria inédita ou muito especial sobre isso senão, as agências né...*

Pergunta: **Cada vez mais o correspondente tem de procurar temas que as agências não foquem?**

Resposta: *É, se eu conseguisse uma entrevista com o primeiro-ministro a falar do problema que as agências estão tocando, aí interessaria, não é?! Agora, não interessaria só pelo facto de o primeiro-ministro ser ministro entrevistá-lo, não é?! Se o ministro vai ao Brasil...*

Entrevistadora: **Aí já teria...**

Resposta: *Aí passa a ter interesse porque vai ao Brasil, agora por ser o Ministro da Agricultura e daí, não é?! ...se for assinar um acordo com o Brasil e essa coisa toda, aí tem. E às vezes nem com o Brasil, tem de ser com Pernambuco.*

Entrevistadora: **Tem de ser com a região que está...**

Resposta: *Para o jornal que eu escrevo, quer dizer...o Brasil é muito grande...os jornais ditos nacionais que são poucos, Globo, Estado e Folha de São Paulo, não mais que isso, são digamos os jornais nacionais do Brasil, o resto é jornal regional que...*

Entrevistadora: **Claro, de cada...**

Resposta: *Com a própria imprensa está em crise, não pode despende muito espaço para coisas que para a região é supérfluo não é?! Então tem que se contentar, mesmo porquê os jornais diários, em papel, já antes disso estaria num jornal nacional, na Globo ou em outro importante na véspera, não é?!*

Entrevistadora: **Claro.**

Resposta: *Todos os jornais hoje tem o seu sistema de online, que as pessoas consultam...do que o papel, não é?!*

Pergunta: **A Internet também...Tem algum tema que os seus editores lhe tenham pedido para falar mais que uma vez?**

Resposta: *Como repito, não cubro o factual, eu escrevo mais tipo crónica...e...*

Pergunta: **Não há um tema que tenha estado numa reportagem sua, numa crónica que depois tenha dado azo a outro porque foi mencionado e as pessoas interessaram-se pela aquela parte?**

Resposta: *Isso dá, porque você quando escreve abre uma série de portas, não é?! Inclusive para os outros jornalistas, você dá uma dica, o chefe de reportagem ou o director do jornal se interessa...localmente então, o próprio jornal vai cobrir aquela parte não é?! Já não precisa do...digamos é mais literário...a parte literária é menos do que informativa.*

Pergunta: **Eu percebi, mas tem de lidar com os preceitos do jornalismo na mesma. Tem de informar os leitores, mesmo na crónica que escreve tem que explicar a situação, porque é que escreve e o que quer explicar com aquilo. Depois também vai lidar com fontes, podem ser fontes oficiais, fontes governamentais. O senhor lida muito?**

Resposta: *Lido...*

Pergunta: **Já me disse que relacionava Portugal, quando fala de Portugal de forma a que os leitores percebam...**

Resposta: *Não necessariamente.*

Pergunta: **Sim. Mas para que seja mais facilmente entendida a mensagem faz. Porque é que há temas que, mesmo com a referência a Pernambuco, são mais aceites que outros. Eu sei que o senhor escolhe os seus temas e que devido à sua experiência de muitos anos sabe**

aquilo que vai ser aceite e aquilo que não vai ser mas, mesmo assim, de certeza que há algum tema que achou que ia passar e não passou?

Resposta: *Isso nunca...*

Pergunta: **Nunca?**

Resposta: *Porque todos os temas, há tema mais abrangente que o sexo?! Então se eu escrever sobre sexo tem...tem coisa mais importante, abrangente que comida. Então quando você escreve sobre gastronomia interessa. Como interessa sobre moda, desporto, música, cultura interessa. Evidentemente que existe minimamente uma certa qualidade no texto, exactamente na matéria...de resto...*

Pergunta: **Pois. Como é que é o seu dia normal?**

Resposta: *O meu dia normal? O que é um dia normal? É acordar...*

Pergunta: **Pois, acordar e dormir normalmente...**

Resposta: *É acordar e dormir são os dois...Acordo, como não tenho horários, quer dizer, os horários sou eu que formato...e sou muito...gosto de vir aqui à sala de imprensa ler os jornais e essa coisa toda e depois é o que pintar, pode ser ficar em casa, sair, ir ao cinema, posso ir a uma biblioteca, posso...é a vida.*

Pergunta: **Não era isso que eu queria saber? Se vem sempre cá? Se não vem...?**

Resposta: *Eu não tenho horários digamos, tenho 24 horas para o almoço, né?!*

Entrevistadora: **É uma forma muito gira de dizer.**

Resposta: *Como não gasto este tempo todo em almoços faço outras coisas que...*

Pergunta: **Diga-me uma coisa: quando escreve as suas matérias, à bocado disse-me que escreveu sobre azulejo, que é importante no Brasil...**

Resposta: *Eu nem sei se escrevi sobre azulejo...é um assunto que diz respeito aos dois países, às duas culturas, né?!*

Pergunta: **Sim. Mas quando tem de arranjar as informações é difícil ou é fácil?**

Resposta: *Hoje é moleza minha filha, depois que inventaram o Google...*

Entrevistadora: **É moleza.**

Resposta: *É uma moleza hoje. Não quero nem lembrar. Passei a minha vida, quer dizer, os 35 anos que estou aqui em Portugal, organizando o meu arquivo. Tenho um arquivo admirável, que é insignificante, é reles na era do Google. É mais seleccionado, é mais fácil chegar ao que eu quero através do meu arquivo do que consultar o Google porque, é excessivo. Então quando abro um tema e trezentos e cinquenta mil entradas, então só a perspectiva de você saber no meio daquele mundo imenso de trezentos e cinquenta mil entradas o que é que te interessa realmente. Então como a minha matéria já é mais trabalhada, mastigadinha...*

Entrevistadora: Mastigadilha é um bom termo.

Resposta: *Então aí já é mais fácil trabalhar sobre o meu arquivo. Só que o meu arquivo é muito mais restrito, é mínimo comparado com o Google.*

Entrevistadora: O Google tem muitos...

Resposta: *Mas é mais fácil trabalhar no meu esquema, então é isso. Quando eu vou trabalhar nos textos não é, hoje em dia, é fácilimo. Você não precisa mais de ir à biblioteca, ir a uma...não precisa mais telefonar...*

Pergunta: E quando telefonava era difícil?

Resposta: *Depende porque você tinha que consultar alguém. E às vezes, você não sabia quem sabia, você tinha que telefonar para alguém para saber se esse alguém sabia...*

Entrevistadora: Muito burocrático.

Resposta: *É, era contornável...desde que a humanidade é humanidade...e pronto era uma troca de informações. Quer dizer, hoje é muito mais fácil lidar com as informações, porque são oferecidas praticamente todas não é?! Até segredos de Estado se você souber procurar, encontrará...*

Pergunta: Depois do 25 de Abril até aqui muita coisa mudou tanto no país como na profissão. Como é que é o saldo dessa mudança? Nota muitas diferenças?

Resposta: *A mudança quer dizer, você, por exemplo, o médico do século XVIII ou do século XVI operava mentalmente como um médico hoje com qualquer...aquela panóplia de computadores e de coisas que tem para verificar que tipo de doença. Isso tratar de pessoas, de gente, da saúde das pessoas é desde que o mundo é mundo. Então a informação também. Depois era com sinal de fumo e com o morse e não sei quê, não sei quê. Essa ânsia da necessidade de buscar informação sempre foi igual, o que muda são os métodos, os mecanismos de busca não é?! A facilidade que você tem hoje de buscar as informações mas a técnica e a necessidade, não é, profissional, do...da profissão é idêntico e é isso como será daqui a dez mil anos, por mais que inventem novas tecnologias, novas facilidades, não vai mudar nada o jornalista em termos de vocação. É a curiosidade não é, depois tem a prática, o estilo e o talento.*

Pergunta: Mas em termos de acesso, o senhor tem o seu arquivo que vale por dez Google's, mas...

Resposta: *Não, não vale por dez Google...*

Pergunta: Vale porque é feito por si, nota muita diferença de como trabalhava à 30 ou à 20 anos...?

Resposta: *Antes para enviar uma matéria tinha que ir ao aeroporto.*

Pergunta: Mas lá está, acha que essas mudanças constroem uma imagem diferente do correspondente diferente da que antes tinham?

Resposta: *Olha antes de existir avião, existia o comboio, trem que as pessoas iam atrás também da estação a ver se encontravam alguém que partisse para Coimbra para enviar, aquela coisa toda. Quer dizer, aumentou as facilidades disso, aumentaram mil vezes mais.*

Pergunta: **E isso é positivo ou é negativo?**

Resposta: *É claro que é positivo, é claro que é positivo, mas por outro lado, por exemplo, já na parte digamos humana, não há nada mais frustrante, eu trabalhei no primeiro jornal aqui em Portugal, chamado Europeu, informatizado. Me chocava o silêncio.*

Pergunta: **Porquê?**

Resposta: *Porque eu sem me acostumei a trabalhar em redacções...com os telefones tocando, com os faxes, o rádio ligado, tudo ligado, todo o mundo aos berros. Os telefones da central...as máquinas de escrever que você tinha de entrar na porrada...na máquina para ela funcionar, né? Então...é angustiante e depois aquela coisa dos horários, você acaba o jornal às seis horas da tarde, quer dizer o jornalista, o jornalista meio romântico era atraído pela noite, não é?! Hoje às seis horas fecha o jornal...e a cerveja e o vinho, e as mulheres e a farra, não é?!*

Entrevistadora: **O lado humano perdeu-se então.**

Resposta: *Hoje é horário de funcionário público, é como um funcionário qualquer de uma repartição...às seis horas da tarde, qual é graça?!*

Pergunta: **Sobre o que é que gostava de escrever sobre Portugal?**

Resposta: *O que é que eu gostaria de escrever sobre Portugal?!*

Entrevistadora: **Sim, que ainda não escreveu.**

Resposta: *Boa pergunta. Sei lá, o que acontecer. Eu acho Portugal tão interessante...primeiro, o que é uma coisa admirável é que Portugal tem novecentos anos, né?! E é um país totalmente inviável e é o país...da Europa né?! ...racionalmente é inexplicável, né?! Depois Portugal é muito engraçado, porque é...essa incerteza...que vai continuar a existir...e depois é um país barato, qualquer um banca não é?!*

Entrevistadora: **É.**

Resposta: *...são baratos...foi com ?!*

Entrevistadora: **O conde D. Henrique que...**

Resposta: *Sim, isso é a explicação básica mas com a Expansão, quando Portugal começa a sair...vai buscar escravos, ouro na África, vai buscar especiarias no Oriente, depois vai buscar ouro no Brasil, né?! Então...é sempre de fora que vem, que vem soluções não é?! O ouro do Brasil financiou a Revolução Industrial inglesa eo que é que Portugal fez com o ouro do Brasil?!*

Entrevistadora: **Nada.**

Resposta: *Onde é que está?! É a mesma coisa ...o que é que Portugal fez com o dinheiro da Europa?! Construiu...estradas?! Para ligar o quê a quê? Como gastou o ouro, as especiarias...um secretismo que integrou a política portuguesa, não é?!*

Pergunta: **Como é que vê Portugal? Como uma pessoa que vive há 35 anos em Portugal?**

Resposta: *Eu vejo Portugal como um país exemplar, que consegue criar...tem uma elite que não é a melhor. Vou dizer o seguinte: a elite não só portuguesa, Ibérica, nobreza e essa coisa toda, é totalmente ociosa. Nunca...nunca pregou um prego numa parede, nunca colocou uma pá...para plantar uma couve, nunca trabalhou. Na Espanha é pior. Na Espanha o rei...proibiu a nobreza de trabalhar...no passado, uma entrevista do Paes do Amaral no Correio da Manhã: sou o primeiro a trabalhar...ao contrário dos anglo-saxónicos não é?! Que...*

Entrevistadora: **Que o trabalho...**

Resposta: *É que o trabalho, trabalho é fundamental. Nunca foi.*

Pergunta: **Portugal é um país que preocupa-se com a imagem aparente?**

Resposta: *Se é um país que preocupa-se com a imagem?*

Pergunta: **Se o país, no sentido da população, preocupa-se em transmitir uma imagem que não tem? Porque o país, como estava a dizer, a nobreza era ociosa, trabalhar não, mas queria sempre aparentar que estava muito bem, muito rica...**

Resposta: *Isso é uma coisa que é humana, evidentemente que essas coisas também não são eternas. O que houve em Portugal foi um momento de rompimento de coisas, que geralmente...repara o 25 de Abril, o 11 de Março, a nacionalização dos seguros, da banca...reforma agrária essa coisa toda, chegou a um ponto da mesmíssima...não é?!...há os Melos, os Champalimu, os Espírito Santo...*

Entrevistadora: **Porque é que os ricos continuam ricos e pobres, continuam pobres.**

Resposta: *Então, quer dizer, quando Portugal ficou rico com...com as especiarias, ficou tudo circunscrito às mesmas mãos...tem uma facilidade cultural muito grande...tecnologia de acção de tecnologia fantástica, não é?! Actualmente, está saindo de Portugal a mesma quantidade de portugueses que saía nos anos sessenta, setenta...*

Entrevistadora: **O problema é o tipo de pessoas que estão a sair neste momento.**

Resposta: *...mas não é só português, nos últimos vinte, trinta anos saíram quatrocentos mil cientistas europeus para os Estados Unidos...*

Entrevistadora: **Há quarenta anos Portugal não tinha propriamente cientistas...**

Resposta: *Portugal teve a melhor escola de matemática do...os outros despertaram...o mau dos adolescentes portugueses é que não procuram saber da vossa própria história, não é?! Um país que tem...de Inquisição, depois mais cinquenta anos de fascismo e essa...toda...*

Pergunta: **Não há liberdade em Portugal?**

Resposta: *Liberdade nunca houve, só a partir do 25 de Abril. Porque houve a censura...você sabe quem é que foi a inquisição portuguesa?*

Entrevistadora: **Quem foi a Inquisição portuguesa ou...**

Resposta: *O que foi a Inquisição portuguesa?*

Entrevistadora: **Era a Igreja Católica a mandar queimar...**

Resposta: *Tá bem ...mas como é que operava? ...No século XVI português, o século de Camões, ...de Miranda, Bernardino de..., do Gil Vicente, dos Navegadores e tudo isso, depois de Damião de Góis, aí quando veio o Simão Rodrigues, a Ordem do Jesuítas e que assumiram o poder em Portugal. Século XVII que é que veio, Padre António Vieira e mais ninguém...*

Entrevistadora: **O Padre António Vieira depois foi para o Brasil.**

Resposta: *Em Portugal...para a Inquisição. Estava no Brasil quando veio aqui para Portugal... na posse de D. João IV...*

Entrevistadora: **Não eram muitos que levantavam a voz para dizer o que estava mal.**

Resposta: *Então em vez de estar aí culpando os reis, que era um bando de tarado, não era?!*

Pergunta: **De 35 anos de trabalho em Portugal qual foi o trabalho, a peça, a reportagem, a crónica que o marcou mais? Se consegue dizer assim uma ou duas.**

Resposta: *Bom...é um pouco difícil...de televisão, de rádio, de escrito...não sei eu...com muito prazer e modestamente eu gosto do que eu faço.*

Entrevistadora: **Modestamente não...**

Resposta: *Modestamente eu gosto do que eu faço, mas sei que há artigos, reportagens que eu faço, inclusivamente foi, no outro dia, abrir Duda Guennes no Google em e há uma porrada de situações, de transcrições de não sei quê, não sei quê, é sinal que interessou, portanto, ...eu gosto do que eu escrevo n'A Bola. Eu acho que é a forma de eu introduzir os elementos brasileiros na maneira, influenciou...talvez com esse sentimento que muita gente que...pelo menos o estilo...*

Pergunta: **Então deixe-me colocar de outra maneira. É correspondente brasileiro e estar a escrever para um jornal português, ainda que seja especializado em desporto, é um forma de ...?**

Resposta: *Sim, o jornal é especializado em desporto, mas a minha coluna...*

Entrevistadora: **Não é especializada em desporto. Era aí que eu queria chegar.**

Resposta: *Tem até desporto.*

Pergunta: **É um pouco, vá, de tudo. É uma forma de integrar o Brasil, entre aspas, em Portugal? Porque, vejamos, ao falar do Brasil para Portugal está a tentar levar Portugal para o Brasil, agora é ao contrário.**

Resposta: *Exactamente. Embora num jornal desportivo português, a presença brasileira é tão óbvia que não, que já está integrada...quer dizer, A Bola é sobretudo futebol, embora o slogan seja o jornal de todos os desportos. Há tantos jogadores brasileiros aqui...quer dizer, o Brasil é uma presença, é uma presença constante e quotidiana dentro do desporto português. Não é uma coluna que vai abrir, se fosse uma coluna de desporto do Montenegro, não é?! Ou na Libéria talvez, mas...*

Entrevistadora: *Mas não é aquilo que...*

Resposta: *É rotineiro, integrasse numa rotina...*

Pergunta: *Então porque é que optou por fazê-lo? Se eu poder saber, claro.*

Resposta: *Porque eu volto, porque eu sou free-lancer.*

Pergunta: *Só por isso? Não porque...*

Resposta: *Porque eu gosto, me convidaram. Eu escrevia crónica para outros jornais nessa época, o pessoal n'A Bola gostou, convidaram-me e eu aceitei gostosamente. Estou lá há 20, há 29 anos. Quando você nasceu eu já escrevia n'A Bola.*

Entrevistadora: *É verdade, há sete anos.*

Resposta: *Tem aí muita gente, que eu digo com um certo orgulho que foi...através d'A Bola...e eu peguei boleia na...nesse processo.*

Pergunta: *Esta é a última questão e paro já mesmo de...*

Resposta: *A última, coisa nenhuma...*

Pergunta: *Diga-me como é que era, e explico porque faço a pergunta, eu sei a história, mas é difícil eu vê-la na minha mente, na minha cabeça. Como era os primeiros dias depois do 25 de Abril?*

Resposta: *O dia logo imediato?*

Entrevistadora: *Quando veio para cá, porque veio atrás do...*

Resposta: *Era aquilo que eu lhe disse. Era de tal forma inebriante e de tal forma agitado que você não tinha tempo nem de parar para pensar. De vez em quando tinha assim um...vinha na minha cabeça uma frase do livro do John Reed, "Os dez dias que abalaram o mundo", que começa um capítulo assim: "hoje infelizmente acordei tarde". Então é a sensação que tinha é que eu estava sempre acordando tarde, que deixava de ver coisas, de assistir coisas, de acompanhar...sabe quando estava acontecendo, né?! Então é isso, depois quando parou, ficou mais ou menos, rotinizou aí foi trabalhar aqui num jornal, já em 76/77, essa coisa toda...ao que isto chegou.*

Entrevistadora: *Aquilo foi um tempo...*

Resposta: *Há foi inebriante.*

Entrevistadora: *Foi fantástico.*

Resposta: *É. Lamento você não ter vivido.*

Entrevistadora: **Mas vou viver outras coisas.**

Resposta: *Faça o seu 25 de Abril. É o que eu digo sempre há minha filha. A minha filha tem 26 anos, a mãe também jornalista e o pai e a mãe falam do 25 de Abril e não sei que e eu digo: faça o seu minha filha. Eu fiz o meu, a sua mãe fez o dela e você faça o seu, não é?! Faça o seu 25 de Abril.*

Entrevistadora: **Hei-de fazer. Acho que era tudo o que eu estava a tentar descobrir, porque o que eu quero saber era das notícias, já me disse que faz notícias que não estão tão ligadas ao factual, que é mais notícia literária...**

Resposta: *É como calha, quer dizer, eu...*

Entrevistadora: **Sim, porque é free-lancer.**

Resposta: *É evidentemente que em 98, quando o Saramago ganhou o Prémio Nobel é evidentemente...*

Entrevistadora: **Que tinha que focar.**

Resposta: *Era...*

Entrevistadora: **Na Expo também deve ter tido de focar.**

Resposta: *Na Expo...*

Entrevistadora: **Não associavam muito.**

Resposta: *Não, porque é uma coisa que acontece no mundo inteiro, não é?! A Expo a abertura não sei que é, ...turismo, não é uma coisa transcendente. Uma coisa transcendente é aqui para Lisboa, aliás...*

Entrevistadora: **Para mim foi, eu adorei, era pequenita.**

Resposta: *A semana passada escrevi sobre isso, sobre o 25 de Abril, lá na minha coluna n'A Bola. Que era que Portugal devia fazer, a cada 25 anos, fazer um 25 de Abril. E a cada dez anos, fazer uma Expo num lugar degradado do país. A cada 25 anos para mudar a cuca das pessoas, não é?! E a cada 10 anos fazer uma Expo, para melhorar...*

Entrevistadora. **O país.**

Resposta: *Então é isso. A notícia acontece diariamente, do que está acontecendo, né?! O jornalista também tem de saber captar as coisas, não é?! Como o jornalista faz parte da hierarquia, não é, tem que também, quantas coisas que ele está envolvido aqui...aqui em Portugal é importantíssimo, mas para a Espanha não existe, não é?! Nem para o Brasil, nem para os outros países do mundo. Mas para cá é uma coisa, né?! A única quase.*

Pergunta: **Então por exemplo, o Saramago quando ganhou o Prémio Nobel, era importante porque era uma figura portuguesa mas também porque as pessoas associavam?**

Resposta: *Não, porque todo o Prémio Nobel é notícia. E quando esse Prémio Nobel é português, de língua portuguesa, todos os países de língua portuguesa tem um interesse específico, acrescido, não é?! Portanto, quando esse jornalista, quando esse escritor é, já era um escritor de sucesso...de língua portuguesa que ganha um Nobel, que é do Partido Comunista, não é?! Isso ganha mais notoriedade ainda. Se ele não fosse do Partido Comunista não despertaria os ódios que desperta, não é?! E então, isso seria menor, em termos de importância noticiosa, não é?! Do que sendo do Partido Comunista, é um acréscimo. Se fosse um fascista também, salazarista seria a mesma coisa. Seria um acréscimo, não é, em termos de importância noticiosa, não é?!*

Pergunta: **É. Diga-me uma coisa, que nunca mais me lembrei...**

Resposta: *Digo.*

Pergunta: **O acordo ortográfico, como é que era vista no Brasil...?**

Resposta: *O acordo ortográfico no Brasil tem a mesma importância que tem o acordo ortográfico em Portugal. As pessoas...na minha opinião eu sou a favor de todos os acordos que facilitem a vida, que me facilitem a vida. Se eu pego num jornal escrito em português e escrevo na...brasileira, eu vou economizar...pelo menos 30 toques, não é?! Então é o seguinte, em 19... quando foi feita a reforma...havia também as pessoas contra o Vasco...o Vasco o escritor...Vasco Moura, Vasco Graça Moura...*

Entrevistadora: **É que ele também é eurodeputado.**

Resposta: *Tem um Vasco Graça Moura que era...*

Entrevistadora: **Eu acho que ele até era...**

Resposta: *Era o líder da oposição. Mas o facto é o seguinte, diz lá...a raiz do latina era não sei o quê, não sei o quê...farmácia com ph, mudou para f e continua a ser farmácia...das pessoas. Você pega num livro...na grafia anterior a 1908 e você vê que é de uma...aquelas letras, comércio com dois m's, você até custa a admitir que quisessem brigar por causa disso, não é?! Porque é tão óbvio ...o acordo ortográfico, o que é que acontecia daqui a um certo tempo? Portugal ficava isolado. E a tendência seria se transformar num ...talvez não sei. Isolado...você então iria as consultas do Google, então você tem de escrever com exactidão.*

Entrevistadora: **Exactamente.**

Resposta: *Não é?! A palavra que quer focar e então ia dar uma confusão danada, não é?!*

Entrevistadora: **Ia dar realmente uma confusão muito grande.**

Resposta: *Ótimo com p, para quê com um p, para provar na origem estava com um p, para quê? Tira o p.*

Entrevistadora: **Pois, a mim não me faz grande confusão. A questão é que é um tema que levantava sempre grande polémica, vá. Porque uns sim, outros não...**

Resposta: *...sou a favor mas não cumpro...o corrector ortográfico ...*

Entrevistadora: Tinha piada.

Resposta: *O corrector ortográfico...*

Entrevistadora: Ele faz.

Resposta: *E tem o revisor, não é?! Ainda por cima.*

Entrevistadora: Não há problema nenhum, que os computadores de hoje, encarregam-se ...

Resposta: *Qual é o problema? E se quiser economizar vai...Portugal já não é o dono da língua não é?!*

Entrevistadora: Não.

Resposta: *A língua ...que são mais de 200 milhões...*

Entrevista a Jair Rattner

Pergunta: Qual é a sua nacionalidade?

Resposta: *Brasileira e austríaca também.*

Pergunta: Qual é o órgão(s) para que trabalha?

Resposta: *Trabalho, principalmente para o jornal O Estado de São Paulo, para a BBC, para a Agência Estado, que é a agência ligada ao jornal O Estado de São Paulo e depois faço colaborações mais diversas para várias publicações, traduções e o que mais aparece.*

Pergunta: Por que razão escolheu ser correspondente em Portugal? Motivos pessoais, profissionais?

Resposta: *Foi um acaso. Eu vim fazer Mestrado em Portugal e precisava de uma forma de me manter e então naquele momento A Folha de São Paulo não tinha ninguém, quando eu comecei a A Folha de São Paulo não tinha ninguém como correspondente a trabalhar para eles e a fazer a formação de mestrado e depois eu foi ficando.*

Pergunta: Já tinha estado em outros países ou...

Resposta: *Já, eu morei um ano na Coreia do Sul, já tinha morado um ano em Israel e quando era mais jovem, mais novo morei um ano nos Estados Unidos.*

Pergunta: Como é que é Portugal, relativamente à produção noticiosa internacional?

Resposta: *É pouco, Portugal é pouco. Portugal não tem um papel importante no panorama internacional, há pouco coisa de Portugal que seja realmente notícia. Portugal não tem um peso no cenário económico-financeiro, na área da inovação tecnológica não é um país muito importante, na área da cultura tem coisas acontecendo mas não é o centro, não há grandes eventos culturais, não são os eventos que ocorrem em Portugal. Não tem um sei lá, um Festival de Cannes ou um Festival de Berlim, não tem uma Arco como a de Madrid, quer dizer há coisas, mas são coisas secundárias. Mas há em relação ao Brasil há uma proximidade maior por causa da cultura, da língua, da origem, da história em comum. E é isso assim.*

Pergunta: Quais são os temas que fala mais nas notícias que escreve?

Resposta: *Depende, depende muito. Quer dizer eu, muitas coisas de brasileiros no exterior, economia eu faço, há também algumas coisas na área de editoria de sociedade, geral coisas que podem ser usadas assim como exemplos para nós por exemplo, mas isso é em menor quantidade.*

Pergunta: Um exemplo específico seria...

Resposta: *Por exemplo, na área do ambiente, Portugal está promovendo algumas coisas novas, as energias renováveis, o facto das pessoas estarem produzindo energia e vendendo para a rede, são coisas que no Brasil são novidade. Coisas assim.*

Pergunta: Como é que escolhe/selecciona os temas que vai escrever? É-lhe pedido...

Resposta: *Eu proponho. Eu leio os jornais vejo o que é que pode interessar e proponho para ele e o editor é escolhe. Ele pode escolher e dizer isto interessa, isto não.*

Pergunta: **Um exemplo para tentar descobrir o que é que é mais importante, qual é entre aspas e como se diz na teoria, o valor-notícia que mais é evidenciado. O exemplo é se, existisse um escândalo no país que colocasse em causa membros do governo e não estou a falar de ninguém em específico, e também, um caso utópico, o governo se decidisse a nacionalizar todos os bancos presentes em Portugal, qual seria mais relevante?**

Resposta: *Não porque... A primeira coisa é relação que existe entre Portugal e o Brasil, quer dizer em parte ela é económica em parte ela passa por dois bancos, o Banco Espírito Santo, do qual o Bradesco, o segundo maior banco privado brasileiro tem seis por cento do capital, que tem também, o Banco Espírito Santo tem três virgula vinte cinco por cento do capital do Bradesco. E o BPI, no qual o maior banco privado brasileiro tem vinte cinco por cento do capital, quer dizer é uma relação que influi até na bolsa brasileira. Se fossem nacionalizar os bancos, se o governo fosse nacionalizar os bancos aqui isso seria notícia não só porque influiria não só mas isso influiria no mercado brasileiro, gerava notícias económicas, no que acontecesse, seria uma desvalorização desses dois bancos na bolsa, teria consequências. Esse é um exemplo.*

Pergunta: **Mas o caso do escândalo político não teria tanta influência, relevância?**

Resposta: *O escândalo político teria relevância se fosse paralelo por exemplo. Porque escândalo político a gente tem no Brasil todos os dias, não é...quer dizer depende da coisa. O escândalo, até que ponto ele é real, ele é passível de comprovavel ou não. Ele pode ser ou não.*

Pergunta: **Estamos na base do alegadamente?**

Resposta: *Isso aí é uma coisa. Existe em Portugal uma coisa que no Brasil é muito, é muito mais que é o segredo de justiça, aqui, na minha opinião o segredo de justiça funciona para evitar um controlo democrático da justiça e dessa forma as pessoas não sabem o que acontece na caixa preta dos tribunais. As pessoas não sabendo o que acontece nos tribunais, você pode fazer manobras, pressões, o que for porque você não tem como ter acesso. Algumas pessoas funcionam que soltam periodicamente pedaços de provas, que podem ou não ser e que misturado com essas alegadas provas ou provas não reais de forma a condicionar o julgamento na opinião pública e isso mina completamente a credibilidade da justiça portuguesa. Mas isso é uma questão da democracia portuguesa que creio ter se de ser resolvida.*

Pergunta: **Há alguma notícia dos últimos tempos, do último ano que os seus editores lhe tenham pedido para falar mais que uma vez?**

Resposta: *Casos de brasileiros aqui com problemas, como é, aquele actor brasileiro que morreu aqui pediram para fazer, o impacto que Portugal está a ter com a descoberta do petróleo não só uma vez, muitas vezes.*

Pergunta: **O Jair, para esse tipo de notícias que são mais vezes notícia tem fontes pessoais, utiliza mais como fontes os jornais...**

Resposta: *Se eu não tiver fontes pessoais eu estou frito.*

Pergunta: Nesse tipo de notícias mais referenciadas, mais vezes referenciadas tenta dar uma visão mais sentimental, ou mais fria, mais distante ou mais próxima dos brasileiros, visto que fala mais da comunidade brasileira...

Resposta: *Eu tento informar, a primeira coisa o que está acontecendo. Eu estou informando não há uma visão. Eu estou tentando informar, o objectivo é a informação. Não tem objectivo de dar uma visão sentimental do que acontece...*

Pergunta: Pergunto, porque supostamente um jornalista tem de ser imparcial sempre mas há assuntos que não deixam que seja completamente imparcial, porque um jornalista é um ser humano e às vezes há coisas que tocam um bocadinho mais que....

Resposta: *Você informa, o objectivo é informar, não fazer um julgamento emocional da coisa. O objectivo é informar sempre. Senão não trabalha.*

Pergunta: Costuma relacionar Portugal e o Brasil, fazer um paralelismo para explicar...

Resposta: *Normalmente não é necessário isso. Existe uma matriz burocrática que é a mesma. Então normalmente não é muito necessária, às vezes algumas coisas são necessárias por exemplo, explicar o que um cargo que no Brasil seja e aqui tenha outro nome, quando algo dá equivalência a isso ou aquilo que o cargo teria, mas normalmente isso é secundário.*

Pergunta: Propõem vários temas como me estava a dizer, e dos temas que propõe quais são aqueles que são mais aceites?

Resposta: *Economia e brasileiros em Portugal.*

Pergunta: Os emigrantes?

Resposta: *Os emigrantes.*

Pergunta: Porque é que os outros temas não são aceites? Tem alguma explicação para isso...não interessam?

Resposta: *Não sei explicar. É uma questão do que passa pela cabeça do editor. Tem uma altura em que cultura, aceita outro que não, tem um momento assim...*

Pergunta: É mais por épocas?

Resposta: *É por épocas, é pelo orçamento da editoria...é uma série de coisas, não é...o acordo ortográfico é uma coisa aceite a toda a hora, é recorrente.*

Pergunta: Acha que os correspondentes estrangeiros se limitam a transmitir os factos ou tentam dar uma certa imagem, mais positiva ou mais negativa, sobre Portugal?

Resposta: *Tentar, eu não acho...*

Entrevistadora: De forma não intencional...

Resposta: *Bom, então o termo tentar não é o melhor...*

Entrevistadora: O termo pode não ser o melhor mas...

Resposta: *Quer dizer, eu me informo dentro daquilo que é a visão do país e, na verdade eles funcionam como filtro, eles filtram a realidade e dentro do, quer dizer, a mentalidade deles funciona como filtro e a partir desse filtro eles vêem uma determinada realidade e tentam encontrar nessa realidade pontos que sejam de interesse para o leitor...Então é...*

Pergunta: **Não se trata de uma visão mais negativa ou mais positiva, mas sim**

Resposta: *Não, quer dizer uma visão da qual...por exemplo existe um determinado pré-conceito, não um preconceito, um conceito prévio do que é Portugal e então muitas das vezes você trabalha com isso na cabeça do editor ou do leitor. Por exemplo, Portugal tem uma tradição de emigração para o Brasil desde a década de vinte, de trinta, de pessoas muito, com um baixo nível cultural, pessoas semi-analfabetas, coisas assim. Então isso criou uma imagem do português que se opõem por exemplo, à imagem do, sei lá, alemão tecnológico, do inglês...cada um tem... isso cria uma imagem. Então às vezes uma matéria que contrapõe a isso, é por si só, uma imagem, uma descoberta tecnológica em Portugal é por si só uma matéria também por isso.*

Pergunta: **Acha que é difícil furar, entre as aspas, essas barreiras das ideias pré-concebidas acerca de Portugal?**

Resposta: *Difícil é mas faz parte. Quer dizer às vezes a contraposição a essas ideias já é por si só notícia. É quer dizer a ideia de você estar acostumado a ver como, quer dizer, porquê? Imagina se... eu fiz sobre, por exemplo, um homem que morreu foi o maior produtor de cigarros do Brasil, saiu de Santo Tirso aos oito anos, analfabeto e construiu uma empresa que, bom produzia sei lá quantos milhões de cigarros. E aí quer dizer, é essas associações que dá para você fazer, é esse lado e, quer dizer, ele chega lá e morava em Santo Tirso e nunca tinha visto o mar, até pegar o barco, chega assim essas pessoas...É uma ideia que, que ideia você tem, são centenas de milhares de pessoas que chegam e olham tudo como maravilha, como se fosse o básico da urbanidade, como fosse algo de novo. Eram essas pessoas, e isso cria um estigma para os últimos que chegam.*

Pergunta: **Como é que o seu dia normal? Vem para aqui [Sala de Imprensa, Palácio Foz]...**

Resposta: *Venho para aqui, mas eu gosto de estar aqui. Eu venho, converso com as pessoas com colegas, poderia muito bem trabalhar em casa, eu não tenho...às vezes até trabalho em casa quando tenho alguma coisa para fazer, para terminar mais cedo. Mas venho, leio os jornais, vejo o que é que saiu na internet, procuro encontrar assuntos que sejam notícia...*

Pergunta: **E vai propondo?**

Resposta: *Vou propondo e vou escrevendo sobre o que acontece, às vezes eu saio para fazer entrevistas, às vezes eu faço entrevistas por telefone mesmo...*

Pergunta: **Como me estava a dizer ainda há pouco, Portugal em termos de perfil noticioso é muito baixo, é pouco...**

Resposta: *Sim.*

Pergunta: Por isso não há muitos acontecimentos inesperados, por assim dizer não tem um boom de acontecimentos que leve a que o mundo inteiro queira saber. Como é que, e sabendo disto, tenta encontrar assuntos para escrever? É muito...

Resposta: *Você tem de saber viver o dia-a-dia. Você tem de encontrar no dia-a-dia...no dia-a-dia você tem de procurar o que pode interessar, o que é que pode trazer de novo para o leitor brasileiro, você tem de jogar com isso, sei lá, por exemplo, semana passada o governo português anunciou o décimo segundo ano, isso no Brasil é uma discussão que está acontecendo. Então pode ser que isso aí da discussão do décimo segundo ano ali pode...Depois está saindo uma estória de vinhos e de repente as pessoas que vendem, que estão investindo em vinhos. Bom também é um acontecimento novo, com um determinado risco, porque o vinho pode estragar, pode...Bom o Brasil não tem a tradição de vinhos, então contar isso, como é que funciona, como é que é investir em vinhos, tem algumas pessoas que investem em vinhos, investem muito no Brasil, podes dizer qual é o serviço, como escolher um vinho, como se aconselhar...quer dizer esse tipo de coisas podem ser notícia no Brasil.*

Pergunta: Quando há um acontecimento mais notório...

Resposta: *O desaparecimento do Maddie...*

Pergunta: O desaparecimento da Maddie, o caso Casa Pia, essas notícias mais divulgadas. Tenta publicar logo ou esperar...

Resposta: *Logo. Eu estou em concorrência com as agências.*

Pergunta: Nunca espera?

Resposta: *Eu estou em concorrência com EFE, Associated Press, Reuters, que podem a qualquer hora olhar para aquele assunto e dizer isso é notícia e se eles publicarem o jornal aproveita e pega deles e não vão pedir para mim. Não vai aceitar a minha proposta, então eu estou numa corrida.*

Pergunta: Há alguns anos havia uma ideia do correspondente estrangeiro, que neste momento não é idêntica. Tem sentido desde que começou a trabalhar como correspondente algumas mudanças mais visíveis?

Resposta: *Olha quando eu cheguei aqui em Portugal ainda se funcionava com telex, tinha um horário em que o telex estava aberto. (...) Na Sala de Imprensa todos se reuniam, na Sala de Imprensa tinha uma serie de telex, você furava a fita, como se dizia na época e depois havia um convívio, você tava ali querendo usar, eu tenho uma matéria pequena (...) encontrava dessa forma. Hoje, a partir de determinado momento veio o fax que dava para tar em casa e com um computador cada um trabalha onde for. Eu vou a uma conferencia colectiva, um conferencia de imprensa da Galp, o presidente da Galp estava falando e quando falava as duas frases que diziam respeito ao que para mim me tava interessando a coisa em cinco, dez segundos já tava lá no Brasil porque tava enviado, seguindo. Funciona assim, isso mudou completamente a forma. Você tem muito menos pessoas a trabalhar a partir da Sala de Imprensa...relacionamento entre jornalistas é muito mais afastado nesse momento, você ia todos os dias almoçar com o pessoal, encontrar com o pessoal, era quase um grupo e isso, quer dizer de alguma forma ajudava, a conversa, para mim é muito importante conversar sobre os*

assuntos, às vezes você não olhou para uma coisa que pode ser notícias e as pessoas chamam à atenção, para mim isso é importante, essa parte.

Pergunta: Digamos que a parte mais social...

Resposta: *Não é social, quer dizer, faz parte do trabalho. Numa redacção você tem essa relação diária e aqui você isolado, fechado na sua casa você não tem. Você perde uma comunhão.*

Pergunta: É uma falha...

Resposta: *Não é uma falha, é uma antítese.*

Pergunta: Mas em relação aquela inovação tecnológica, do telex para a internet, acha que é realmente positivo, porque...

Resposta: *É, é permite o acesso rápido a todos...mas você trabalha muito mais. Trabalha muito, muito mais...*

Pergunta: Porque tem de estar sempre alerta?

Resposta: *Não tanto por estar alerta, mas por exemplo antes 11 horas fechava o telex enviou, enviou senão dia seguinte depois só no caso se for fazer alguma coisa depois só por telefone passando palavra por palavra no telefone, era muito mais lento. Agora não, já me aconteceu às três horas da manhã me ligarem e – oh quero matéria sobre isto ou..., quer dizer mudou a relação e quer dizer ficou muito pior no boom da bolha da internet. Que antes se fazia muito mais, fazia muito mais, trabalhava infinitamente mais, agora trabalha-se menos, porque a própria situação. Hoje o mundo olha para determinado, especificamente para determinados locais, os centros de decisão económica...e você tem que estar muito mais tempo alerta, muito mais, há variantes que você tem de estar olhando.*

Entrevistadora: Na expectativa.

Resposta: *É.*

Pergunta: O mundo inteiro, de país para país a crise é generalizada. Nota que tenha havido alguma alteração no que refere às notícias sobre Portugal? Sobre a forma com escreve? Tem alguma particular atenção acerca disso? Porque todas as empresas são afectadas tanto de comunicação...

Resposta: *Não, quer dizer, o que interessa especificamente é se a empresa tem investimentos no Brasil. Houve em 1995 uma intenção, um objectivo governamental de levar empresas portuguesas para o Brasil, várias foram, umas deixaram o Brasil e aí houve uma diminuição das notícias em relação ao Brasil, isso sim é leque de, sei lá, de vinte ou trinta empresas e agora tenho um leque muito mais reduzido.*

Pergunta: E só são estas as influências mais notórias, porque os investimentos...

Resposta: *Não, porque quem trabalha na área de economia é isso. Porque dessa forma Portugal não vai, não vai ter a solução para a crise.*

Pergunta: É difícil, para um correspondente em Portugal, como estava a dizer Portugal não é um centro de decisão mundial, aceder a fontes não oficiais? Estava a dizer-me que se não tivesse as suas fontes estava frito, mas é fácil para um correspondente arranjar fontes?

Resposta: *Não, em Portugal é muito difícil.*

Pergunta: Porquê?

Resposta: *Por uma cultura de poder, por uma cultura de poder... Existe em Portugal algo que é pouco diferente, existe muito mais dificuldades de acesso, não só a fontes não oficiais como governamentais, há assessores de ministro que é difícil falar com eles. É um problema falar com eles em Portugal...No Brasil você é... temos matérias para cá, para Portugal, que é levantar o telefone e em duas, três horas para falar com presidente da principal associação comercial, presidente principal associação agrícola, da federação brasileira de...e em duas, três horas por telefone a partir daqui. Aqui pode demorar, não não pode tem...*

Pergunta: É muito burocrático?

Resposta: *É muito mais difícil, é muito mais burocrático, oficial e não oficialmente.*

Pergunta: As pessoas, sem serem do governo, são muito pouco receptivas a isso?

Resposta: *Não, existe um receio de...*

Pergunta: Ser fonte?

Resposta: *Não é de ser fonte...eles não vê isso. O que existe é uma relação eu acho que é tem a ver com a relação do poder.*

Pergunta: Já me disse que o acesso às fontes oficiais é difícil...

Resposta: *Olha...as entrevistas tem...tem assessores de imprensa de ministros que chegam a durar meses a...*

Entrevistadora: Claro, eu entendo o que me quer dizer, eu...

Resposta: *Eu tive três semanas ligando para falar sobre um assunto, que era de interesse do Ministro da Cultura e o assessor de imprensa...depois tive...quer dizer foi fazer uma matéria sobre o acordo ortográfico, duas semanas para conseguir falar com a Associação Portuguesa de Editores Livreiros e era simplesmente o presidente da Associação simplesmente ah não está, nunca estava, nunca estava até conseguir...*

Pergunta: Falar com ele. Sem referir, qualquer nome ou qualquer coisa que possa identificar a pessoa, mas como é que conseguiu que essas pessoas se tornassem suas fontes? Não sei se são suas amigas, se as conheceu num determinado acontecimento e isso proporcionou que...

Resposta: *Eu acho que eu tenho uma história de trabalho que é respeitado.*

Pergunta: E isso fez..

Resposta: *E isso fez com que... Como mantenho a minha independência, o meu trabalho, eu acredito...*

Pergunta: **Como está à muitos anos em Portugal, entre aspas, conhecem o senhor, o seu nome?**

Resposta: *Isso...*

Pergunta: **Qual seria o acontecimento português que faria, que seria primeira página num jornal brasileiro?**

Resposta: *Não sei. Uma desgraça.*

Pergunta: **Uma desgraça como a italiana, isso seria?**

Resposta: *Isso seria.*

Pergunta: **Não vê na sociedade portuguesa, assim nada que interessa-se tanto que...**

Resposta: *Não, mas poderia ser também, quer dizer o que é que aconteceu que durante meses foi primeira página foi a Revolução do 25 de Abril, que foi a comemoração dos 35, que trouxe centenas e centenas, foi o centro do mundo.*

Pergunta: **A última pergunta, dos seus trabalhos que fez, desde que está aqui, se pudesse escolher um que caracterize melhor a sociedade portuguesa, qual é?**

Resposta: *Não sei. São tantos anos, é tanta coisa, é muita coisa...*

Pergunta: **Não há um que o tenha marcado?**

Resposta: *Vários, por exemplo...um dos primeiros trabalhos que eu fiz aqui em Portugal, uma das...há um diferença histórica entre o Portugal que tem um património e o Brasil em que qualquer coisa com mais de vinte e cinco anos já é quase o pessoal olha como um património. Como por exemplo agora houve uma, o que eles chamam um tombamento, que seria tombamento no sentido de tombo, a Torre do Tombo...*

Pergunta: **De queda?**

Resposta: *Não queda. Tombamento é você transformar em preservação, a Torre do Tombo é do que é preservado*

Entrevistadora: **De arquivo.**

Resposta: *É isso. Não é que caiu o Tombo...*

Entrevistadora: **De modo algum e espero que não caia.**

Resposta: *Em São Paulo houve a preservar a área, a área de preservação um bairro que tem quarenta anos. Porque? Porque é uma propriedade histórico, é uma coisa assim, a cidade que cresce então aquele bairro de casas é algo assim. Então um dos primeiras matérias que eu fiz foi sobre o estado do, das casas em Portugal, caindo as pedaços e assim. Por exemplo foi uma matéria que marcou, porque acho que tem uma história que marcou que pouco depois e não se*

falava disso nessa época, e pouco tempo depois começou a se falar aqui em Portugal disso, em Lisboa então essa foi uma das matérias que, acho que me marcou. Bom e essa última matéria que consegui fazer quando foi os 25 anos do 25 de Abril, eu entrevistei as quatro figuras que acho que fundamentais naquele momento, que acho que consegui revelar o que... então essa quatro figuras, eu entrevistei o Kaúl de Arriaga, que é o derrotado, entrevistei Otelo que é quem fez o movimento, o Mário Soares o vitorioso e o Vasco Gonçalves que foi o que momento mais é eu consegui fazer uma página, uma coisa que consegui revelar muito do quê que era e o que foi a história portuguesa num determinado momento. É tem tanta coisa que eu fiz que revela a sociedade portuguesa, tem e... não sei eu fiz uma entrevista pouco tempo depois até, eu e um colega fizemos uma entrevista com o Mário Soares sobre o que é que vivia o país nesse momento, pensando no futuro, ele como dirigente da Internacional Socialista na época quer dizer são tantos anos e não foi só daqui, por exemplo uma que eu gostei muito de fazer foi uma entrevista que eu fiz, também há muitos, muitos anos com o Umberto Eco aqui em Portugal em que ele fala sobre a criação literária foi uma entrevista também. É muita gente, muita coisa...uma matéria muito, muito simpática muito, sobre os escritores portugueses...

Pergunta: Os escritores portugueses são muito conhecidos no Brasil?

Resposta: *São, são... o Brasil procura referências internacionais, ao contrario, quer dizer eu acho que uma das diferenças entre a Europa e o Brasil é que a Europa é mais auto-centrada no que diz respeito à cultura. Você pode até conhecer algumas coisas já clássicas dos outros países, mas você na prática conhece do próprio país. Agora o Brasil como um país novo, procura referências internacionais, então por exemplo no Brasil quem tem um nível cultural mais alto conhece mais de cultura europeia generalizada, por exemplo quando tava lá conhecia muito mais do que os jovens portugueses e não só isso ensina muito mais. Como nós não temos uma história de literatura tão grande, no Brasil você aprendia desde por exemplo, eu aprendi na escola, no liceu Fernando Pessoa, Sá Carneiro e hoje quer dizer em Portugal você não sabe, não tem um jovem que saia da escola sabendo quem foi Mário de Andrade, António Borrego, não sabem...*

Entrevistadora: Aqui os português também é dividido em dois: o português A e português B. O português A é o dito das humanidades que é mais...

Resposta: *Sim, sim mas não...*

Entrevistadora: A maior parte é capaz de não conhecer esses nomes...

Resposta: *Mesmo sei lá, Pereira de Campos...*

Entrevistadora: Natália Correia.

Resposta: *Então e isso, quer dizer, essa diferença é de olhar mais para fora, para alguns é complexo de inferioridade.*

Entrevistadora: Ou pode ser complexo de superioridade, é...

Resposta: *Não, não é complexo de inferioridade porque nós olhamos para os outros como modelos, é essa a ideia e quer dizer, para uns é isso o Brasil tem que olhar para fora que enriquece muito a cultura brasileira que é uma cultura que de mistura. É uma cultura aberta, é uma cultura mais aberta. Então é nisso que você cria uma diferença.*

Entrevista a Barry Hatton

Pergunta: Qual é a sua nacionalidade?

Resposta: *Eu sou inglês.*

Pergunta: Trabalha apenas para a Associated Press?

Resposta: *Sim, nós temos um contrato que se podemos trabalhar.*

Pergunta: Há quantos anos trabalha em Portugal?

Resposta: *Desde 86 [há 22 anos]. Mas na AP só desde 97.*

Pergunta: Porque é que é correspondente em Portugal? Mais por motivos pessoais, mais por motivos profissionais?

Resposta: *Sim, quer dizer eu vim para Portugal na aventura, não vim aqui assim com emprego já arranjado. Cheguei em 86 e queria ser jornalista em Inglaterra, mas naquela altura havia quatro milhões de desempregados e não havia nada, então vim assim na aventura e consegui por acaso e foi a um jornal inglês que havia no Estoril chamava Anglo Portuguese News, APN, que já desapareceu e consegui lá um emprego, portanto aquilo que eu queria fazer em Inglaterra consegui fazer aqui. Naquele era escrever em inglês sobre Portugal. E a partir daí, entrei como repórter vim a ser director-adjunto por quatro, cinco anos depois, a UPI, United Press International, que antigamente era uma das grandes agências ofereceu-me emprego como correspondente deles cá, aceitei, fiquei lá cinco e depois aquilo foi, fechou também. O meu toque de magia. E a AP tinha um lugar para mim, portanto, fiquei.*

Pergunta: Então não tinha trabalhado como correspondente noutro país?

Resposta: *Não, não só cá.*

Pergunta: Como é que classifica o perfil noticioso de Portugal?

Resposta: *Quer dizer mudou muito nos últimos vinte anos. Mudou imenso, porque havia quando eu cheguei em 86, havia muita curiosidade lá fora sobre este país, porque as pessoas não conheciam, estava a sair da ditadura e do pós-25 de Abril e foi quando entrou na União Europeia, na CEE como era na altura em 86, muita gente tava muito curiosa sobre o que estava a acontecer aqui, o que é que era Portugal. E também houve aquela coisa, um enorme investimento estrangeiro, a economia estava a lançar com a ajuda do dinheiro de Bruxelas e havia muitas oportunidades, o país precisava de crescer e pronto, tinha muito trabalho na altura. Acho que toda a gente tinha. Isto durou até quando? Se calhar a entrada do euro ou até ao final dos anos 90...A partir daí aquando a expansão da União Europeia para vinte e sete países e depois...no final do século XX Portugal ficou muito pequeno. Um país de dez milhões de pessoas, no bloco europeu são quase quinhentos milhões e mundialmente também são milhões, portanto, Portugal foi encolhendo digamos, portanto todo aquele interesse que houve em Portugal a partir de 86 mudou para os países do Leste, da...*

Pergunta: Eslovénia, Eslováquia ... Quais são os temas, sobre Portugal, que consta mais nas suas notícias?

Resposta: *Que eu gosto mais?*

Pergunta: **Que gosta mais e se corresponde aquilo que escreve mais?**

Resposta: *Quer dizer, há aquelas coisas chatas, que eu tenho que fazer que não gosto nada, por exemplo, coisas económicas, há desporto, há muito desporto que não tenho tempo para ir, lá está, tenho que escrever sobre isso, agora o Open do Estoril, nos só fazemos o fim-de-semana com as meias-finais e as finais, mas esta semana toda tenho que fazer todos os dias, resultados e essas coisas. Essas coisas diárias são um bocadinho chatas. Agora as partes boas são viajar dentro do país em reportagem e visitar esse sítios...*

Entrevistadora: **Mais longínquos.**

Resposta: *Sim.*

Pergunta: **Faz muita reportagem, relativamente ao país, não só há capital porque numa agência de notícias é suposto que retrate mais o global?**

Resposta: *Sim...Mas não, especialmente hoje em dia, agora especialmente que está toda a gente com a falta de dinheiro, portanto, curtam os custos imenso, cortamos o pessoal e tudo, já não consigo ir como antigamente.*

Pergunta: **Mas conseguia fazer muita reportagem?**

Resposta: *Consequia fazer sim...uma vez por mês íamos para, não sei, para o interior para reportagem. Bom, agora são duas ou três vezes por ano.*

Pergunta: **Se tivesse que dizer, por exemplo, por alto se é temas económicos, de política, de cultura ou de desporto, que escreve mais qual é diria?**

Resposta: *Seria se calhar mais política, embora em misture política, economia e assuntos sociais. Mas se calhar mais decisões executivas que vão mudar o rumo do país.*

Pergunta: **Devido à crise também?**

Resposta: *Sim, também, sim.*

Pergunta: **Tem algum critério de selecção para escolher os temas ou é mais aquilo que se salienta através dos meios portugueses ou daquilo que vê na rua?**

Resposta: *É aquela coisa eu sei o que é que o resto do mundo quer saber de Portugal. Já tenho vinte e tal anos de experiência, já sei o que o mundo quer. E costumo ser mais aquelas coisas que podem mudar rumos, que podem influenciar outros países. É por isso que já há menos interesse hoje em dia em Portugal. Portugal já não tem o peso diplomático, nem económico para mudar alguma coisa, mas qualquer coisa que seja diferente cá, que lá fora é sempre, é notícia. Outro meio de fazer as coisas.*

Entrevistadora: **É sempre a surpresa, o inesperado.**

Resposta: *Sim.*

Pergunta: É um caso muito hipotético, mas é porque preciso de definir, entre aspas, o que mais se escreve mesmo. Se houvesse no país, um caso que envolvesse um membro do governo que estivesse a criar alguma confusão e se por outro lado, o governo decidisse nacionalizar todos os bancos que operam em Portugal, fruto da crise. Qual seria a primeira notícia a dar?

Resposta: *Quer dizer...*

Entrevistadora: São os dois hipotéticos...

Resposta: *Sim, o problema com o primeiro, em Portugal a justiça está num estado tão possivelmente mau que uma pessoa nem sabe o que verdade e o que não é, portanto, o segredo de justiça não existe, é um mito. E a comunicação social portuguesa também emite muita coisa que são baseadas em fontes não identificadas, portanto fontes que disse, que diz que disse, fonte próxima da investigação disse...E nós não podemos ir nessa conversa, nós temos de ter pessoas que falam e factos, portanto isso é um problema. O segundo seria mais interessante simplesmente porque investidores estrangeiros têm dinheiro investido nos bancos portugueses.*

Pergunta: E aí...?

Resposta: *E aí já era um grande...*

Pergunta: E se fosse uma coisa relativamente a quando Saramago foi Prémio Nobel da Literatura, a contrabalançar? Daria primeiro a do Saramago ou a dos bancos?

Resposta: *Pois isso é difícil. Normalmente nós...Não haveria uma grande diferença, temos de mandar um news alert, que é só uma frase primeiro. Assim seria uma questão de segundos. E depois a partir daí vai se desenvolvendo. É por aí que é muito diferente o meu trabalho do trabalho de um jornal. Para nós é tudo breaking news, é o mais importante. E é sempre por lá fora em bocados pequeninos e vai aumentando. Em princípio seria as duas coisas.*

Entrevistadora: Claro, mas eu tenho que perguntar as mesmas coisas a todos...

Resposta: *Claro, claro embora o Nobel de Saramago foi o nosso correspondente em Estocolmo ou em Oslo que...eles é que fazem lá. Eu só depois é que tenho que fazer um perfil, a história de Saramago.*

Pergunta: Lembra-se de algum episódio recente que tenha suscitado uma continuidade, sobre essa notícia, sobre esse acontecimento?

Resposta: *Ultimamente não mas...*

Pergunta: Talvez há um ano ou dois...?

Resposta: *Sim, mas... Casa Pia...embora aí também houve uns problemas porque não saiu com as fontes melhores e, não sei quê...e depois ficou muito no ar(?). No princípio eu...*

Entrevistadora: Já disse isto aos seus colegas, esta pergunta foi muito a pensar no caso Maddie, porque...

Resposta: *Há claro, o caso Maddie...*

Entrevistadora: Mas já me disseram que ninguém gostou desse caso...

Resposta: *Não, claro...odiamos e exactamente pelas mesmas razões das fontes anónimas, ninguém sabia nada. As primeiras notícias...as autoridades não diziam nada oficialmente quase, entretanto jornais ingleses e os portugueses estavam todos os dias cheios de notícias.*

Pergunta: E ninguém sabia de onde é que elas vinham?

Resposta: *Sim...*

Pergunta: Não neste caso específico, mas normalmente quais são as suas fontes? Digamos, são mais meios nacionais ou tem as suas próprias fontes e recorre a elas...?

Resposta: *Sim, quer dizer, costumam ser fontes oficiais basicamente, embora obviamente posso falar com o advogado de alguém, ou...mas costuma ser as fontes oficiais.*

Pergunta: Como é que costuma ser o tratamento com as fontes oficiais?

Resposta: *Quer dizer...há sempre um problema e que sempre há em todos os países do mundo com os assessores de imprensa acho de qualquer um ministério é sempre ou até de qualquer assessor de imprensa que seja de uma instituição pública ou até de grandes empresas porque, eles estão interessados em dar aquilo que eles querem que você saiba, não querem dar a outra parte que...*

Entrevistadora: Não dá jeito...

Resposta: *Sim, exactamente...é como que uma guerra...*

Pergunta: Diga-me, apesar de ser um jornalista de agência o que acaba por ser um bocadinho diferente dos outros meios, estabelece um paralelo entre Portugal e a Inglaterra e Portugal e os Estados Unidos, que são uns dos grandes países, que são decisores mundiais? Por exemplo, em relação ao aborto...

Resposta: *Mas em termos de como eles fazem lá?*

Entrevistadora: Sim, como acontece lá e compara. Em Portugal vai acontecer isto da seguinte maneira, como aconteceu nos Estados Unidos....

Resposta: *Sei...*

Entrevistadora: Mas cria muitos paralelos...

Resposta: *Não, há muito interesse quando, por exemplo, o aborto. Isso é um assunto que é em todo o mundo, aparece em todos os jornais garantidamente. É assunto que toca às pessoas, na vida do dia-a-dia e querem sempre ver se o país está a mudar, como é que está a mudar, qual é a reacção das pessoas...A mesma coisa com a lei da droga que mudaram, que o Guterres mudou...esses assuntos são internacionais ...*

Pergunta: Nos assuntos mais rotineiros por assim dizer, mais comuns, alguma vez estabelece esse tipo de paralelo, de identificação, de explicar como é aqui em relação a outro país?

Resposta: *Sim, há sempre. O que nós fizemos aqui sempre, não sei um assunto qualquer, e tem que mandar mensagem a todas as nossas delegações na Europa a pedir como é que eles fazem lá naquele país e tento por no contexto como é que Portugal está a fazer em relação à restante União. Dar a comparação.*

Pergunta: **Por acaso...?**

Resposta: *É o contexto vá lá...*

Entrevistadora: **Sim, era mais nesse aspecto porque, por exemplo, relativamente a Espanha, muitas vezes pode não ser muito necessário....**

Resposta: *Sim...*

Entrevistadora: **Mais por uma razão de proximidade...**

Resposta: *Sim, exactamente. Nós, por exemplo, a Associated Press é europeia e mundial.*

Pergunta: **Todos os temas que propõe escrever sobre Portugal são aceites? No âmbito de uma agência é um bocadinho diferente do correspondente de outros meios, mas de certeza que quando fazia reportagens pode ter tido alguma que não tenha sido aceite. Há alguma razão para isso?**

Resposta: *Quer dizer, se fosse uma reportagem grande tenho que propor aos meus chefes, o meu chefe imediato é em Madrid e depois temos o chefe para a Europa que está em Londres, depois temos os chefes mundiais que estão em Nova Iorque, isso vai subindo sempre. Eu proponho uma coisa ao meu chefe em Madrid e ele depois passa para Londres e depois passa para Nova Iorque. Portanto, em termos de reportagem grande nunca conseguiria fazer sem...*

Entrevistadora: **A aprovação.**

Resposta: *E com as ideias deles de como tratar o assunto. Em termos de dia-a-dia o das chamadas spot news, portanto, as coisas diárias eu já sei o que é que o mundo espera. Hoje em dia um notícia de Portugal podia ter cento e cinquenta palavras, quatro parágrafos, o mundo não está assim tão interessado em Portugal.*

Pergunta: **E porque é que os quatro parágrafos, o que é que eles tinham de ter para interessar? Crise, número de desempregados...**

Resposta: *Sim, é uma coisa que fala às outras pessoas. Como eu digo é maneira como nós, os portugueses estão a reagir, o que estão a fazer para reagir aos grandes problemas que têm, por exemplo, o aborto, droga, crise, seja o que for...*

Entrevistadora: **Para esclarecer, na questão das agências não se põe bem a questão das notícias serem rejeitadas, por têm que passar por vários processos, pessoas...**

Resposta: *Sim, eles podem dizer... É assim, eu já tenho vinte tal anos de experiência...*

Entrevistadora: **E também já sabe...**

Resposta: *Sim, é também já sei o que eles querem, sei... e eu nunca tive uma situação em que eles mandaram para trás...mas já vi...nós temos algumas pessoas novas, tivemos, temos mais na Europa do Leste e eles manda coisas que não tem interesse já vi, que foi para trás...*

Pergunta: **Mas tem de ser uma coisa que apele a todo o mundo, entre aspas, para ser aceite?**

Resposta: *Não, não tem de ser uma coisa que apele à Europa. Nós temos serviços diferentes, temos um serviço para jornais na Europa, outro mundial. Na Europa há coisas que interessam aos europeus que não interessam à Austrália...*

Entrevistadora: **Aos Estados Unidos...**

Resposta: *Aos Estados Unidos, na Ásia...*

Pergunta: **Mas tem de ter uma abrangência...**

Resposta: *Sim tem de ter algum contexto e tem de falar às pessoas.*

Pergunta: **Acha que os correspondentes, apesar de ser um correspondente de agência, colocam algum relevo mais positivo, ou menos positivo que dão acerca de Portugal? Acha que consegue ser sempre isento, dar só os factos...**

Resposta: *Não, ninguém consegue sempre ...a objectividade é uma coisa muito subjectiva, mas nunca se consegue, mas tem de se fazer um grande esforço para se conseguir. Até da maneira como faço o trabalho, os leitores vão vendo que eu sempre...*

Pergunta: **Como é que é o dia normal de um correspondente, no seu caso, como de agência?**

Resposta: *Hoje em dia é muito diferente comigo. Há cinco anos atrás, nós aqui éramos...nove. Agora sou eu, o fotógrafo, um fotógrafo só que nunca está cá, está sempre a fazer futebol, desporto, está no ténis esta semana toda e uma secretária em part-time mais nada. Isto foi...*

Entrevistadora: **Encolhendo, encolhendo...**

Resposta: *Encolhendo, encolhendo até chegar a isso e quem sabe um dia destes mandam-me para a rua. Mas isso reflecte o que tava a dizer do interesse que há em Portugal. Portugal é muito pequenino, dez milhões de pessoas nem...*

Entrevistadora: **É Nova Iorque...**

Resposta: *E Londres...tem aquela influência, aquele peso diplomático de nome. Por isso não vai muito longe...*

Pergunta: **Mas como é...?**

Resposta: *Mas ah o meu dia...levanto-me logo de manhã, ouço as notícias logo as sete e meia da manhã só para ver se alguma coisa grande aconteceu durante a noite. E aí já tou...chego aqui cerca das nove e meia, leio os jornais, vou vendo os sites de notícias, tenho rádio sempre ligado, a televisão sempre ligada nas notícias. E além disso se, nos jornais vejo alguma estória do país rural, do interior que tem algum interesse ou não sei ou de qualquer coisa que tem*

interesse e depois vou investigando um bocadinho para propor uma reportagem maior ao meu chefe. Hoje em dia não temos muito para fazer aqui.

Pergunta: Não há o sair para fazer notícias a toda a hora?

Resposta: Não, porque não posso...isto aqui fica sem ninguém e se acontece alguma coisa nós não sabemos. E bom hoje em dia obviamente, com a internet e com a televisão e com a rádio há muita coisa em directo que conseguimos saber aqui e tem de ser.

Pergunta: Neste caso não se coloca bem a questão desta forma como coloquei aos outros, porque eu colocava a questão aos outros se quando acontecia uma coisa em grande em Portugal, que não é muitas vezes, se retiam, entre aspas, o assunto para depois fazerem uma matéria mais alargada, por exemplo para o fim-de-semana, que é quando lançam aqueles suplementos nos jornais, ou maiores blocos informativos. Mas como é que vai fazendo para acrescentar, entre aspas, os parágrafos às notícias, para elas serem grandes...?

Resposta: Quer dizer, em primeiro lugar é preciso dizer como chegava as coisas a esse ponto. Tinha que dar o background da história, como é que chegamos até aqui e depois o que é que aconteceu hoje e depois, o que é que pode acontecer amanhã. Portanto esta visão abrangente do passado, do presente e do futuro. E depois para fazer uma coisa maior, o que eu faria é investigar um...não sei, o lado humano, as pessoas mesmo, podia falar das suas vivências, da sua história...

Entrevistadora: Se fosse mesmo em grande.

Resposta: Sim, se fosse uma coisa mesmo em grande, sair daqui e ir lá ver...e isso para nós não tem de ser necessariamente ao fim-de-semana, mas...

Entrevistadora: Era neste aspecto que a questão era ligeiramente diferente das agências e os outros às vezes escrevem...

Resposta: Sim, eles estão a olhar para a edição de domingo, é onde há mais espaço para eles também...

Entrevistadora: É um dos problemas deles...

Resposta: Sim, e nós emitimos também...para eles guardarem para quando quiserem...

Entrevistadora: Ou mandarem para os seus correspondentes fazerem...

Resposta: Fazem, sim também claro...acontece muito.

Pergunta: Há bocado estava a falar da internet e da televisão que consegue trabalhar até a partir daqui sem ter que sair. Acha que esta evolução está a ser no que respeita ao correspondente, ao seu trabalho?

Resposta: Acho é muito negativo. Eu odeio, estou aqui amarrado à secretaria não é. Não posso sair porque tenho medo de perder alguma coisa. Antigamente, dava sempre alguém ir, alguém ficava aqui e se acontecesse alguma coisa, uma conferência de imprensa podias telefonar e a pessoa ficava e eu podia mandar a peça. Não era problema, agora já não consigo fazer isso.

Tou a ver uma conferencia de imprensa na televisão e quero fazer uma pergunta e não posso, tou à espera que alguém faça a pergunta que eu...

Entrevista: Quase por telepatia.

Resposta: *O que é uma chatice mas acabo por fazer uma coisa mais pequena se calhar ou uma coisa em que estou seguro naquilo que estou a dizer, porque saí da boca da pessoa que está a falar, do responsável. Mas é horrível, não gosto nada.*

Pergunta: Acha que está, no fundo a eliminar a profissão? A profissão de jornalista não em si, mas mais a tarefa de correspondente?

Resposta: *Sim, isto já está a acontecer não é só aqui na AP em Lisboa. Isso é em jornais ingleses e nos Estados Unidos, que estão a fechar montes de jornais, que estão a cortar no pessoal, eles já não conseguem sair, portanto é no fundo uma crise, uma questão social...não é só aqui.*

Pergunta: Já que falou na crise, nota que mudou alguma coisa nas notícias que faz sobre Portugal? Foca mais a crise e as medidas que são implementadas diferentes dos outros países, mas para além disso, há alguma diferença mais notória?

Resposta: *Não, acho que não. Ah estamos todos no mesmo barco, no mesmo problema.*

Pergunta: Falou-me que as fontes oficiais são um bocadinho, uma pequena guerra vá, e com as fontes ditas normais, as não oficiais, as pessoas...

Resposta: *Sim...*

Pergunta: As pessoas são mais acessíveis que as fontes oficiais?

Resposta: *Sim, embora desconfiam sempre muito. Na rua, desconfiam sempre de onde você vem e...Em geral, os portugueses são pessoas muito abertas e disposta a falar, o problema vem quando a pessoa tem de perguntar o nome deles...aí já começa a ficar difícil.*

Pergunta: Estava a falar, sem me referir nomes ou cargos, sem nada disso, como é que arranja, o termo não é arranjar, mas fontes não oficiais?

Resposta: *Há isso é chegar na rua e ir lá estando, uma pessoa vai vendo, vai ouvindo, vai falando e vai apanhando o nome desta. E essa entercomunicação [intercomunicação] entre jornalistas e pessoas, seja onde for, faz falta hoje em dia, eu sinto pelo menos. Nós estamos lá fora na rua, a fazer contactos e não sei que, é muito bom...*

Pergunta: Que tipo de acontecimentos, em Portugal, faria com que a Associated Press prestasse durante duas horas atenção só em Portugal?

Resposta: *Há isso seria uma coisa grande, uma queda de um avião ou um terramoto...*

Entrevistadora: Teria de ser uma desgraça.

Resposta: *Teria de ser uma desgraça...com muitos mortos.*

Pergunta: A última questão, dos trabalhos todos que ao longo dos anos, tanto na Associated Press como quando trabalhava para o jornal e para a United, qual é o trabalho que, se tivesse que eleger, a reportagem, a notícia, que elegia para caracterizar a sociedade portuguesa?

Resposta: *Um trabalho só não sei...*

Entrevistadora: Um ou dois.

Resposta: *Sim, indo mais para o interior...eu e o fotógrafo adoramos ir...A gente adora ir para o Douro, por exemplo fazer reportagem sobre os vinhos, a comida e não sei quê e, depois vai para o Alentejo e faz a mesma coisa. Toda a gente quer sempre ir nessas reportagens. Portanto é essa coisa quando se pode ir saborear, digamos assim, a vida real do interior.*

Pergunta: E isso reflecte a sociedade portuguesa porque...?

Resposta: *É aquele outro lado...*

Entrevistadora: Que ninguém conhece.

Resposta: *Exactamente. Até os portugueses e muitos estrangeiros vem aqui para Lisboa e vão para Cascais e pensam que é muito moderno, que tem muito dinheiro...*

Entrevistadora: E afinal não é bem...

Resposta: *Uma pessoa sai vinte quilómetros de Lisboa e encontra outro país completamente diferente. Pronto...conviver com as pessoas do interior que eu acho que...há muitas coisas que não se sabe e há muitas coisas de valor que não se conhece.*

Entrevista a Marie-Line Darcy

Pergunta: Qual é a sua nacionalidade?

Resposta: *Eu sou francesa.*

Pergunta: Qual é o órgão(s) para que trabalha?

Resposta: *Eu trabalho sobretudo para a Rádio France Internationale ... para a Rádio France, são duas antenas independentes, são duas antenas da Rádio France, para a Deutsche Welle também e depois trabalho para a imprensa escrita para Libération, para La Tribune, e para vários mais pequenos. Trabalho também para sites na Suíça, também sites especializados de construção, de direitos do trabalho. Televisão trabalho, colaboro com...*

Pergunta: Há quantos anos trabalha em Portugal?

Resposta: *Dezassete.*

Pergunta: Porque escolheu ser correspondente? Por motivos mais pessoais ou mais ligados à profissão...

Resposta: *É mais complicado que isso. Porque quando eu comecei a trabalhar em jornalismo só em Portugal. e em primeiro trabalhei numa rádio local aqui que é filial da Rádio...para quem eu trabalho, e era feito de um jornalista local para uma rádio local...portanto, nos últimos anos que eu trabalhei na rádio eu tava também como correspondente. Porque isto é uma questão de relacionamento com os média.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Eu trabalhava para esta rádio local e também era correspondente da Rádio France Internacional. Perdi o trabalho de jornalista local mas guardei o lado...e como eu passei para freelancer tive que alargar as minhas relações.*

Entrevistadora: É uma realidade dos correspondentes em Portugal serem freelancers.

Resposta: *É, é.*

Pergunta: Nunca tinha trabalhado noutro país...?

Resposta: *Não, não. Eu só mesmo aqui.*

Pergunta: Como é que caracteriza Portugal no que diz respeito ao perfil noticioso? É muito importante, é pouco importante...?

Resposta: *É relativamente pouco importante. Digamos por razões óbvios de tamanho do país e do facto da capital, em termos de capital, não ter um poder de decisão como Paris, Berlim, Milão, Roma na Europa. Mas ao mesmo tempo, é um país que passa a ser interessante em termos de logística, porque pode sempre usar o Portugal para como exemplo de originalidade, o perspectivas diferentes, ou porblematiques...mas não é sempre pela negativa, no meu entender. É isso, não é muito forte em termos de ... globais...*

Pergunta: É por isso que há muitos freelancers? Não justifica doutra forma?

Resposta: *Sim, isto tem muito a ver com desenrolar do trabalho dos meios. Os jornalistas hoje em dia em pagar um correspondente num país como a Estónia, Portugal, Irlanda ... Islândia, Islândia, por exemplo na minha rádio acho que não há ninguém para...acho, não tenho a certeza. Mas pode ser um luxo...só que eu estou a considerar-me como correspondente...*

Entrevistadora: **Sim, sim...**

Resposta: *Sou correspondente, não tenho um escritório mas sou correspondente.*

Entrevistadora: **A maioria da realidade portuguesa é mesmo essa.**

Resposta: *Sim, só que tem de distinguir o que é que é correspondente e o que é correspondente, é uma evolução do...*

Pergunta: **Quais são os temas, sobre Portugal, que estão mais presentes nas suas notícias?**

Resposta: *Nos meus?*

Entrevistadora: **Sim.**

Resposta: *Isto é muito difícil dizer, é todas as coisas.*

Pergunta: **Mas não há um que se saliente mais, por exemplo, na área da economia, na área da política, na área da cultura?**

Resposta: *Os temas mais escolhidos são mais...porque através de contactos economia, micro e macro, tenho notícias do ponto de vista sociais, que chamo diver...*

Entrevistadora: **Diversos.**

Resposta: *Diversos, que podem ser, sei lá, casos mediáticos, Maddie, Casa Pia, às vezes sociedade pura, às vezes é factos diversos que estão presentes...*

Entrevistadora: **Não há assim um...**

Resposta: *Eu não posso, não posso, não posso especializar...*

Entrevistadora: **Em nenhuma área.**

Resposta: *Não, não posso, não sou uma pessoa de formação especializada, só que de facto eu por gosto, minha formação, são vários os centros de interesse. Eu bato muito em sociologia, economia, politique...*

Pergunta: **Como é que escolhe os temas que vai pôe nas suas notícias? Normalmente...**

Resposta: *Originalidade.*

Pergunta: **É?**

Resposta: *Tem de ser diferente. Para poder encaixar um país de franco adesão em termos de nome e forte... em termos de informação, eu tenho que ir buscar coisas diferentes. Para dar uma ilustração diferente, não é?! Um caso concreto pode ser motivo para a Ana ver se eu uso ou não uso. Ontem, segunda, foi solicitado para...sobre reciclagem e emprego. Os objectos de*

reciclagem que permitiam criar empregos. Eu vi um, mas depois tem de se desmontar, não é?! Eu fui buscar, portanto, o caso dos óleos usados alimentares, que é uma coisa muito do Sul, não é?! O óleo alimentar para fritar é...

Entrevistadora: Da cultura mediterrânica.

Resposta: *Portanto, há cada vez mais coisas que ...porque são empresas pequenas em termos de emprego...e eles não compraram a peça porque eles acharam que não era assim...*

Entrevistadora: Substancial?!

Resposta: *Substancial em termos de criação de empregos. Acho que é errado porque é muito original. Mas eu fui buscar aqui uma coisa muito particular, um ancore, uma âncora para chamar à atenção do facto de usarem os óleos alimentares. Entende aquela ideia do original vem aqui?*

Entrevistadora: Sim. Com um tema relativamente comum na Europa, a reciclagem, foi buscar o caso dos óleos alimentares...

Resposta: *Exacto. Todos os meus colegas fazem isso. Mas é mais fácil para um país, isto é um problema europeu, portanto é de todos os países, se for para Londres, o nível, não adianta há milhares de empregos, em França há milhares de empregos estão criados, e o tamanho é tudo isso...portanto para eu poder ter a hipótese de encaixar uma peça nesse contexto tem ser uma coisa muito...*

Entrevistadora: Extraordinária.

Resposta: *É um exemplo, não vale assim tanto, mas...*

Pergunta: Claro que sim, mas...

Resposta: *É para eu poder explicar melhor o que é que quero dizer com isto, está bem.*

Pergunta: Isto é uma hipótese porque eu, o que me interessa é saber mesmo qual o valor-notícia, o critério para escrever as notícias. Suponhamos que o país tinha um escândalo que envolvesse um membro do governo, e o outro caso, seria se o governo decidisse nacionalizar os bancos, todos os bancos que operam em Portugal. Qual seria a notícia que primeiro dava? Sei que não deu nenhuma...

Resposta: *Se for uma nacionalização dos bancos é enorme...*

Entrevistadora: É hipotético...

Resposta: *Mas isto não há duvida nenhuma, eu vou no telefone e proponho.*

Pergunta: Logo?

Resposta: *Logo.*

Pergunta: Porquê? Porque os temas de economia ressaltam muito?

Resposta: *No, porque passa a ser interessante no contexto. No contexto global da crise e da...volta a ser o exemplo, o exemplo... do que se está a fazer, não é?!*

Entrevistadora: **Exactamente.**

Resposta: *Consegui fazer algumas coisas sobre a crise e as consequências. O Portugal houve poucas medidas... foi muito rápido a reagir, a propor um plano de combate à crise no sector automóvel. E foi um dos primeiros que colocou um plano, não é, para o sector todo, depois de uma cimeira uma cimeira que houve em Bruxelas. Foi muito rápido. Os portugueses criticam o governo, mas depois, e desculpa lá mas foi muito rápido. E então para mim foi assim, quer dizer os portugueses foram os primeiros a fazer isto.*

Entrevistadora: **Em alguma coisa fomos os primeiros.**

Resposta: *O de nacionalizar os bancos é interessante por isso.*

Entrevistadora: **Não, claro...esta pergunta eu faço a sempre e os seus colegas dizem sempre a nacionalização dos bancos, mas as respostas são sempre diferentes, as justificações para o fazerem são sempre diferentes.**

Resposta: *Sim, sim. Qual é a deles por exemplo?*

Entrevistadora: **Por exemplo, se for correspondentes mais ligados a agências de notícias é porque economia é sempre notícia, em qualquer lado.**

Resposta: *Sim, sim claro.*

Entrevistadora: **Se for colegas seus que trabalhem mais para meios normais, digamos assim, continuam a dizer que economia prevalece muito, mas que o facto de nacionalizar os bancos é uma notícia assim...**

Resposta: *É, é...uma das hipóteses é...*

Entrevistadora: **É porque queria arranjar um exemplo que abrangesse por exemplo, a sociedade espanhola, que é um país vizinho e que, a partida, se interessará um bocadinho pela política nacional, como supostamente nós nos interessamos um bocadinho pela política espanhola...**

Resposta: *Mas é, se eu posso dizer isto, mas... qualquer país da União Europeia, se fosse esse caso, tipo escândalo Freeport, ou outro em relação a alguém e, lá em França os temas são frequentes, e aí a nacionalização dos bancos, acho que toda a gente falava disto...*

Entrevistadora: **O paralelo não é bom? Mas era para saber o critério mesmo, por exemplo, um tema de sociedade e um de economia.**

Resposta: *Sim, o critério é mesmo isso, é a importância da notícia em termo de decisão global e se é muito relevante. Bancos...*

Entrevistadora: **Aquilo que move a economia global.**

Resposta: *Pois.*

Pergunta: Lembrasse de algum episódio recente que tenha desenvolvido, que tenha tido repercussão, e os seus editores tenham lhe pedido para escrever mais que uma vez?

Resposta: *Deixa ver...*

Entrevistadora: Recentemente pode ser há um ano, dois.

Resposta: *Se bem entendi, um assunto que tenha falado várias vezes?*

Entrevistadora: Sim.

Resposta: *...por exemplo, o caso Maddie.*

Entrevistadora: Era nesse aspecto que tinha pensado, mas eu notei que muitos não me diziam esse.

Resposta: *Não fiz nenhuma para o segundo aniversário. Também não puxei muito, estava a escrever outras coisas e Domingo trabalhei o dia todo porque tinha coisas para...para mim, na minha cabeça eu acompanho um bocado mas...optei, por exemplo, falei com alguém da televisão e tava a pensar como podia pegar nisto, agora ir buscar assim coisas muito diferentes para poder voltar a falar. Acho que em France, como já não era um assunto muito...mesmo há dois anos trabalhei muito sobre este caso.*

Entrevistadora: Houve uma colega que me disse que nenhum correspondente gostou desse tema.

Resposta: *Não. Ficamos assim...nos jornalistas estrangeiros em Portugal fomos tratados assim... eu não tive que ir muito lá no...*

Entrevistadora: Algarve.

Resposta: *Ao Algarve não é, porque eles mandaram rapidamente um correspondente, um ... da casa foi lá, mas acho simplesmente que...*

Pergunta: Não foram valorizados?

Resposta: *Acho que nós fomos desvalorizados no sentido de que fomos colocados todos no mesmo cesto, que os jornalistas estrangeiros. Tivemos muitos problemas...eu fiquei assim um bocado fora de um, mas eu, mas não sei se a Ana entrevistou a Allison, a colega inglesa?*

Entrevistadora: Não, eu falei com ela, mas ela não ...

Resposta: *Ela teve que trabalhar muito e acho que sentiu muito essa...*

Entrevistadora: Tensão.

Resposta: *Tensão. Isto é, isto traduz mais ou menos, isto é quem tiver muito forte, quem divulgar Portugal em outro país, é uma situação muito particular...*

Entrevistadora: Eu pôs essa questão no sentido de que, nós portugueses, temos a noção que a questão do caso Maddie, teve uma repercussão muito grande, por isso é que nos

pareceu sempre que tinha sido dada muita importância. Era um pouco para saber se tinha sido assim ou não, por parte dos correspondentes claro.

Resposta: *É sim, e ao mesmo tempo...*

Pergunta: Não foi?

Resposta: *Eu falei alguns momentos, não foi trabalho 24 horas sem parar. Porque quando ela foi, ela a mãe, foi indigitada...não é?*

Entrevistadora: Constituída arguida.

Resposta: *Constituída...não ela não foi...sim, sim arguida. Olhe por exemplo a noção de arguido...foi uma coisa que tivemos que explicar, portanto foram trabalhos que nós tivemos que fazer para poder explicar, porque não existe na justiça francesa...*

Entrevistadora: Acho que não existe em nenhuma outra...

Resposta: *Em nenhuma outra...*

Pergunta: Nessa notícia do caso Maddie, ou noutras que tenha falado mas que uma vez por exemplo, lembra-se de que tipo de fontes utiliza? Os meios portugueses, utiliza fontes próprias que tem...

Resposta: *Neste e em outros utilizo os jornais portugueses, essas coisas. Eu acompanho, faz parte do trabalho dos correspondentes, todos os dias ver a imprensa, o que é vai sair, é a base do trabalho... de todos os jornalistas...como...é um trabalho que eu tenho que fazer. Para mim é muito importante saber o que é que os portugueses estão a acompanhar. Agora também como a minha perspectiva é tentar encontrar o que eu falo, eu pego em coisas que...*

Entrevistadora: Que normalmente não...

Resposta: *São uma linha do eixo dos jornais portugueses.*

Pergunta: Diga-me uma coisa, quando tratou por exemplo o caso Maddie, já que segue muito as questões de originalidade. Tenta dar, não intencionalmente, mas uma imagem mais positiva ou mais negativa do país? Porque há bocado estava a dizer-me que nem sempre é negativo.

Resposta: *No caso Maddie, eu acho que, como era muitos problemas entre Portugal e inglesas...pronto, nós os franceses e os espanhóis, eu lembro-me de ter falado muito com os espanhóis...ficamos um bocado fora do...portanto eu dei uma perspectiva o mais objectiva possível, restabelecer...Irritou-me várias vezes porque eles estavam a fazer comentários, comentários que eram de Londres, na base do que se estava a acontecer em Londres, e às vezes...*

Entrevistadora: A realidade não era exactamente...

Resposta: *E não ligavam para dar a mim. Cada vez que eu...eles estavam a receber os comentários dos correspondentes ingleses. Portanto, na minha cabeça era pensar cada vez*

mais em pelo menos dar uma declaração do governo britânico, dar uma declaração do governo português, do ministro da justiça...eu funciono assim...

Entrevistadora: Não é questão de gostar ou não gostar, mas por vezes...

Resposta: *Nos temas importantes, quando estou a falar de...que a imagem que os colegas portugueses, que os portugueses têm há duas coisas: eles acham que os jornalistas estrangeiros foram sempre muito maus para Portugal...*

Entrevistadora: Por acaso não tenho...

Resposta: *Sim, mas...o que foi transmitido ...nós estamos sempre a dizer mal, nós falamos sempre pela negativa, há muitas coisas engraçadas, que consegue, bonito, interessante que consegue fazer...e ao mesmo tempo, eu acho que os próprios portugueses, chegam ao pé de nós a dizer...sabe como é aqui em Portugal, o jeitinho e não sei quê. As pessoas falam assim connosco...*

Entrevistadora: Ou seja, nós já damos uma imagem má.

Resposta: *Alimentam, alimentam...muito...*

Entrevistadora: Muito má postura do país.

Resposta: *É, sabe como é. As pessoas são testemunha a maior parte do tempo, pelo negativo, não?! E isto entre já muito na perspectiva dos portugueses quando falam com um jornalista estrangeiro.*

Pergunta: Normalmente relaciona a realidade portuguesa com a realidade francesa neste caso. Estava a dizer-me que teve que explicar o que era arguido, mas normalmente faz? Nomeadamente no caso dos resíduos porque não havia em França...

Resposta: *Não é sistemático. É suposto eu bem conhecer também a questão em França, que eu às vezes eu não conheço, é complicado.*

Pergunta: Claro, mas pode haver temas que levem a que sim?

Resposta: *Sim, de uma forma pontual, é óbvio. E também é bom quando estou na rádio dizer não é como em França, por exemplo, ontem fiz um directo e um momento referi, Portugal não tem como em França...na rádio tem de se encontrar imagens, portanto, às vezes...*

Entrevistadora: É pontual.

Resposta: *Mas não é a minha perspectiva final...pelo menos nunca pensei nisso.*

Pergunta: Em termos, quer dizer, notícias são aceites e notícias são rejeitadas. Porque que é que acha que há temas que são mais rejeitados? Porque não se enquadram no país?

Resposta: *Está um bocado fora da proposta inicial, como o exemplo que eu dei dos...*

Entrevistadora: Dos resíduos, da reciclagem.

Resposta: *Dos resíduos e emprego. São os critérios deles, é difícil, somos...por exemplo nos programas europeus, onde eu consigo falar de Portugal não é?! Não é porque eu sou boa jornalista, é porque eu sou teimosa. Eu sei que estou em concorrência com os países...*

Pergunta: **A concorrência é muito grande?**

Resposta: *É.*

Pergunta: **Como é que um dia normal na vida de um correspondente...?**

Resposta: *Não há dia normal, são todos diferentes. Mas basicamente um dia mais ou menos assim calmo eu começo por ver o que saiu na imprensa, às vezes faço isso de manhã, às vezes faço isso à noite...Em princípio de manhã pelo menos Público, DN vejo os grandes títulos, depois se continua a ser um dia calma eu tenho que ir à procura de assuntos, ver o que é que...o que é pode dar, escrever a proposta e transmitir. Assim um dia mais agitado, vou às conferências de imprensa que me interessam, às vezes vou às conferências de empresas, só para trabalhar a fonte, também para dar a cara, para mostrar que estou presente, para acompanhar, para falar com as pessoas que costumo trabalhar e não tenho... um resultado concreto mas tem de fazer de vez em quando. Eu gosto de sair, falar com as pessoas, é assim que se aprende e...eu não gosto muito do jornalismo sentado...*

Entrevistadora: **De secretária.**

Resposta: *Do desk, fazer tudo...E ainda não acabei, tenho que recolher material para fazer montagens e produzir e mandar...*

Pergunta: **É das poucas correspondentes que eu tenho que trabalha para a rádio, para a internet. Como é que, sente que a Internet alterou muito a vida de um correspondente. Trabalha para a internet...**

Resposta: *Sim, sim mas não é a minha fonte de rendimentos primeira, não é?!*

Entrevistadora: **Mas tem certamente...**

Resposta: *Cada vez mais às rádios, os outros meios... têm sites e compram trabalhos não é?! Isto é muito complicado, não se pode falar disto em dois minutos. Mas no meu entender...já deixei de ter montes de papéis na minha...ainda não acabei, tou a por fora tudo o que tinha arquivado, não é?! Todo aquele...que quando comecei a ser correspondente. Eu já não tenho os meios da rádio onde eu trabalhava, mas com a Internet já não se justifica que a gente archive, como a gente tinha que fazer não é, para acompanhar os dossiers. Mas continuo a ter... para poupar tempo, e não ir à procura mas agora, isto facilita imenso a vida. Agora isto é complicado...*

Pergunta: **Não elimina o trabalho de correspondente?**

Resposta: *No.*

Pergunta: **É um complemento então?**

Resposta: *Até agora não eliminou. Mas ao mesmo tempo, eu já estou a ver alguns médias...foi uma grande coisa. Hoje em dia uma média não pode dispensar o site não é?! Mas eles*

encaixam isso, como a Ana diz, é complementar. Nós também, nosso trabalho é complementar, mas por exemplo, mas na minha cabeça é raro...além dos sites para quem eu trabalho. Mas eu começo a jogar mais com isto, adesão ao movimento. Eles peçam coisas diferentes, um diaporama, é assim que se diz em português? Várias fotos sabes, aquelas fotos que mudam de um evento e o som ambiente ...

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Fazer é... um diaporama é dez imagens sobre o acontecimento, com o som ambiente de um evento, por exemplo, é esse tipo de coisa...é uma questão que se vai fazendo. Depois é uma questão de ... eles querem que nós fazemos de borla. De borla ou quase de borla. E a concorrência exacto, um nível de concorrência que cada vez mais pessoas... trato por jornalista. Que é só comentar na net...para mim não são jornalistas, mas pronto. Eu sou muito faladora mas...*

Entrevistadora: Não, não a senhora é que está mais constrangida pelo tempo.

Resposta: *Mais dez minutos e tenho que ir. Estamos a acabar, non...*

Pergunta: Sim, só mais duas perguntas. Diga-me uma coisa quando tem um acontecimento muito grande, que seja bastante relevante a nível português e que possa ter interesse em França, retém um pouco a informação um pouco para depois poder escrever para o Sábado e para o Domingo que fica uma matéria mais alargada, ou dá logo a notícia?

Resposta: *Boa pergunta. É uma problemática do dia-a-dia. Às vezes espero, espero para ter uma matéria mais vasta, mais importante e a notícia já toda a gente pegou, ele perdeu o interesse. Às vezes eu espero e faz bem mas... Quando estou confrontada, algumas coisas não...*

Entrevistadora: Interessas.

Resposta: *Não interessa, mas na rádio relativamente que... é rápido é fácil fazer, é pronto... mas por exemplo, Sábado fiz uma notícia sobre os portugueses que, ai como é que se diz em português, abordaram...os Somalis...*

Entrevistadora: Os piratas somalis.

Off Record

Pergunta: As fontes não oficiais?

Resposta: *Sim é mais fácil. Não é mais fácil porque o problema de Portugal é...pouca gente competente e nomeada. Portanto lá no sindicato são três pessoas que sabe daquele assunto, um que está numa reunião lá não sei onde, há outro que está de férias e há outro que...estou a dar exemplos. Um assunto particular e ligado a uma coisa económica e não sei que e o senhor é...na universidade que ele é professor e, ao mesmo tempo é implicado num instituto de pesquisa, ao mesmo tempo ele é responsável para o governo não sei quê. Portanto ele tem vários ...mas podemos falar daquele assunto com ele, mas ele é uma pessoa competente. Sabe do assunto ele é capaz, depois são pessoas muito importantes, que não quer dar ao trabalho de explicar de uma forma básica, mas em França é assim como aqui em Portugal. Não estou a perceber, como é que isto funciona, não sei quê, ninguém para explicar. Tenho que ir*

buscar...para explicar, para ter explicação coerente e mesmo em Portugal ninguém sabe o que é que é...

Entrevistadora: É complicado. A última pergunta para finalizar...

Resposta: *Sou muito faladora, mas são poucas as vezes...*

Entrevistadora: Não, não a senhora é que está mais constrangida no tempo.

Resposta: *São poucas as oportunidades para falar do nosso trabalho.*

Pergunta: Diga-me, dos trabalhos que já fez sobre Portugal, qual é aquele que mais a marcou? Se é tem um.

Resposta: *Eu lembro muito de Entre-os-Rios, que foi pesado, pesado, foi à noite, a situação foi...muito pesada. Eu não tive que ir lá, mas tive que reagir rapidamente...*

Pergunta: Marcou-a pela situação...

Resposta: *Marcou pela situação, foi à noite depois da final entre a França e Portugal, da final ou meia-final já não sei, que os portugueses perderam. Tive que apanhar o táxi de volta às três da manhã, na altura trabalhava na rádio, a França queria coisas...o chofeur do táxi estava zangado comigo porque Portugal tinha perdido...era uma situação muito esquisita e também porque... E Timor, Timor marcou-me muito, muito, muito...*

Pergunta: Trabalhou...?

Resposta: *Sim, eu me lembro. Mas na altura eu ainda estava na rádio era diferente, mas tive que trabalhar bastante. Bastante...não como agora, mas consegui fazer coisas giras. E era tão forte o que aconteceu em Portugal, era difícil vender mas, marcou-me muito. Marcou-me tantas coisas, depende...*

Pergunta: Acha que por exemplo, a tragédia de Entre-os-Rios é um reflexo da sociedade portuguesa? Que nem sempre as coisas são bem pensadas...

Resposta: *Acabou por ser, acabou por ser...porque há lá uma ilustração de...ao mesmo tempo um acidente, é acidente, quer dizer...*

Entrevistadora: Pode acontecer em qualquer sítio.

Resposta: *Eu...não me parece anormal uma ponte ruir também em França, ou noutros sítios, quer dizer qual a lei que impedirá uma coisa destas...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Eu depois que foi...Portugal teve que reagir e fez coisas que se calhar não se nota muita mas em termos de engenharia em termos de...*

Entrevistadora: Aplicou-se...

Resposta: *Aplicou-se. E tem de dar contas a Bruxelas. As coisas mudaram muito. Tudo que acontece com a União Europeia também...Cheguei em 92, imagine era a primeira presidência*

de Lisboa, eu acompanhei um bocado tudo isso, é diferente, a evolução do país foi interessante...

Pergunta: Houve uma colega que me disse, da última presidência, que falaram muito e bem...

Resposta: *Sim, sim. Foi muito diferente falar. Eu aqui, passei para um segundo plano. Os grandes acontecimentos, Paris mandou correspondente. Consegui fazer algumas, um lado diferente, envolta diferentes, porque estamos por cá, quer dizer, as coisas de uma forma diferente, não é, que Paris não se lembra. Por exemplo, eu lembro-me muito bem, foi uma cimeira, já não se qual, tinham mandado gente para cá, quem eu trabalho, ao mesmo tempo eu tinha aqui uma redactora, uma chefe minha que costumo trabalhar com ela em Paris, havia uma grande manifestação, eles estão lá dentro do pavilhão multiusos a trabalhar no desk, no sei quê, e eles não estavam a perceber. Foi na cimeira do África...*

Entrevistadora: Portugal – África.

Resposta: *Havia uma grande manifestação, houve uma grande manifestação ... e foi fazer a manifestação.*

Entrevistadora: Que era uma coisa que passava uma pouco à margem.

Resposta: *E ela: ah boa, boa, tu podes trabalhar nisto...porque eles tinham objectivo de editar, editar informação e...*

Entrevistadora: Não estava previsto na agenda deles que isso acontecesse. É por aí...

Resposta: *É por isso que é difícil...conforme a história do meu país, e Portugal...acho difícil dispensar do meu trabalho.*

Pergunta: Acha que os emigrantes portugueses, que já foram mais do que são agora, têm um bocadinho um peso nisso? O facto dos franceses terem de ligar um bocadinho a Portugal...

Resposta: *Eu uso às vezes este argumento, mas acho que não...*

Entrevistadora: Não é muito indicativo.

Resposta: *É melhor na Suíça, na Suíça de língua francesa. Trabalho às vezes para eles e é mais importante...a comunidade francesa é pouca gente há lá uma grande comunidade portuguesa...a ligação é mais forte. A credibilidade da comunidade portuguesa na Suíça é muito diferente que na França... Eu trabalho muito, muito e eu ganho pouco, pouco e tenho que lutar todos os dias, mas pronto eu gosto daquilo que eu faço, seno eu não fazia, mas não é fácil...Agora com a crise...*

Entrevistadora: Dificulta a crise.

Resposta: *É.*

Pergunta: Não sentiu muito a crise...?

Resposta: *É uma baixa de reflexo, não é. Uma atitude assim...não temos dinheiro e não sei quê...mas agora já está mais ou menos estabilizado, e eu também tive que...*

Entrevistadora: Lutar.

Resposta: *E é também tive um início do ano complicado por razões pessoais, portanto trabalhei pouco, tive que sair várias vezes de Portugal, não tive...também tive férias durante uma semana e...não paro. Tenho que compensar o trabalho.*

Entrevista a Mario Dujusin

Pergunta: Estávamos a falar da classe política ser bastante burocrática e ser bastante difícil lá chegar, digamos assim. Isso nota-se cada vez que um correspondente tem de aceder a fontes oficiais?

Resposta: *Acontece o seguinte que é...excepções, a classe política portuguesa, desde o Partido Comunista até ao CDS, tem um problema de... ideológico é fechadíssima com honrosas excepções. Cá em Portugal nós temos...que tiveram a inteligência de compreender que a imagem de Portugal somos nós que damos. Não é uma reunião à porta fechada de um embaixador...com um embaixador de..., não são eles que dão a imagem de Portugal no mundo, somos nós. Agora isso tem sido compreendido por um muito reduzido grupo de políticos, fundamentalmente, Mário Soares, naturalmente. Isso todo disseram a mios colegas, com certeza...*

Entrevistadora: Não, porque eles não quiseram entrar, quase nenhuns, em nomes, eu também...

Resposta: *Não, não eu não me importo nada, que você utiliza...*

Entrevistadora: Não, eu não tenho problemas...

Resposta: *É a pessoa que tiver este olfacto, como dizer, de compreender a importância da imagem que podemos dar nós e como podemos servir a isto... o actual Presidente da Câmara de Coimbra, Carlos Encarnação, uma pessoa muito aberta... quando ele foi secretário de Estado ... aberto, o Relvas do PSD, para que não penses que...mas de resto não estamos num país que Cavaco Silva subiu à Presidência acho que há três anos ou quatro, três...*

Entrevistadora: Há três.

Resposta: *Nunca recebi...com a imprensa estrangeira, o que é grave, porque na Itália são duas vezes por ano. Em França uma ou duas vezes. Em Portugal, no. Depois há uma doença cá em Portugal que são os serviços de imprensa. Os serviços de imprensa são ... você liga para um ministério, normalmente não passa a telefonista. Não consegue passar da telefonista, nunca chegará ao... de imprensa do ministro X, agora eu fui correspondente nos Estados Unidos, estava em Nova Iorque, eu tinha o meu escritório na ONU, quando alguma coisa acontecia, isto foi no final de Carter nos inícios de Reagan, 1980, e ligava para a Casa Branca, tanto com Carter como Reagan, ... apanhavam o telefone. O adido de imprensa ... do planeta respondia à minha pergunta. Cá o adido de imprensa do ministro da agricultura ou sei lá... o senhor doutor tem uma reunião, o senhor doutor ainda não chegou, o senhor doutor... qual é que é o assunto?... Deixa o seu contacto e nunca mais, você deixa o seu contacto e nunca mais...*

Entrevistadora: Nunca ligam.

Resposta: *Isso é uma verdadeira doença, portanto, os piores inimigos da imagem de Portugal para o mundo é a classe política portuguesa, o pior inimigo. E como todo o que isso significa, com todos os adidos de imprensa e para baixo.*

Pergunta: Pois, o problema começa já de baixo. Mudando ligeiramente de assunto e indo um bocadinho mais de encontro aquilo que falei com os outros correspondentes, para ter

uma vaga ideia... Eu normalmente perguntava sempre em quantos países já tinham sido correspondentes? Sei que já foi em alguns, em Itália, nos Estados Unidos e em Portugal.

Resposta: *Bom, vamos ver por ordem. A minha primeira experiencia a trabalhar como jornalista estrangeiro foi no Médio Oriente, foi correspondente em viagem. Portanto, se me perguntas países em diria fundamentalmente Egipto e Argélia. Porquê? Porque estive dois meses em cada um dos lugares. Estive todo um ano no Médio Oriente, portanto fundamentalmente estive no Egipto, Argélia, Líbano e Síria nesses quatro países mais em outros países passei uma semana ou cinco dias...portanto saí da Europa pela Turquia e entrei pela Espanha ...1971. Depois foi para o Chile durante Salvador Allende, depois ...foi para a Argentina onde trabalhei no escritório do Corriere della Sera, então depois do Corriere della Sera fui para Budapeste...de Budapeste, bom na verdade ... eu já comecei quando acabei os meus estudos a trabalhar em Belgrado... trabalhei um tempo em Belgrado, mas foi pouco tempo, uns três meses...depois já comecei essa viagem pelo Médio Oriente depois Chile, Argentina, da Argentina -Hungria, Hungria- Itália, Itália- Portugal, Portugal no tempo revolucionário, Portugal Estados Unidos ... Nova Iorque mas era coordenador para a América do Norte...depois foi como coordenador para a América do Sul e correspondente... no Equador. E porquê no Equador? Porque o único país da América Latina...estamos a falar de...de Equador voltei para Itália novamente e de Itália...*

Entrevistadora: Voltou para cá.

Resposta: *Eu cheguei a ser chefe de redacção e renunciei a todo para voltar para Lisboa. Lisboa para mim é como a canção do Carlos do Carmo: Lisboa, menina e moça, cidade, mulher da minha vida, portanto...voltei para Portugal e agora estou praticamente retirado. A viagem mais longa que faço é...*

Pergunta: O senhor nos muitos, muitos anos, como é que caracterizava o perfil noticioso, se assim se pode chamar, de Portugal?

Resposta: *O perfil noticioso...a imprensa portuguesa?*

Pergunta: Não, o que quero dizer é como é que Portugal é visto, através dos meios de comunicação internacionais, lá fora?

Resposta: *Bom, é...eu que posso dizer, eu cubro...uma lista das coisas que eu tenho feito, para não esquecer, é também para mim uma ajuda, posso dar...por exemplo, o problema da mulher...antes disso o aborto, etc. Depois há coisas culturais, Manoel de Oliveira, cinema, etc, no...Depois... Ana Gomes denuncia, depois o problema dos imigrantes, refugiados e tudo isso...há muita coisa sobre a África portuguesa...Guiné-Bissau, Angola, etc...Depois a mulher, escrevo bastante sobre a mulher, depois alguma coisa assim histórica...de Portugal que tenha actualidade...por exemplo...onde se demonstra que o investigador italiano mostra que os portugueses chegaram 150 anos antes que os ingleses...então eu escrevi um artigo sobre isso, desmistificando o Capitão Cook. Um pouco da vida de Cook, o D. Gonçalo de Mendonça... e esse tema é muito...depois escrevi outro tema, diga, diga...*

Entrevistadora: Está a dizer-me que não são propriamente, que são temas da actualidade, mas não são actualidade...

Resposta: *Da actualidade noticiosa imediata. No, no...que tipo de cobertura você pode colocar aqui de Portugal fora. Porque a política portuguesa... Eu trabalho para uma agência do Estado, do Estado e dos jornais... isso é evidente, não disse porque...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Vem um ministro, um secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros esteve a cá no outro dia então ele disse Portugal nos se interessa porque podemos fazer operações conjuntas com os países de língua portuguesa, Brasil, países africanos, etc... se eu digo que a reunião com o ministro foi bien, não interessa a ninguém, mas sempre tens de procurar um ângulo de interesse... Ir num festival de cinema italiano naturalmente...entrevistas o actor principal... portanto, tudo tem a ver com Itália, a Galp, a Eni italiana é a principal accionista da Galp portuguesa...Portugal...eu tenho aqui das injustiças em Portugal, que é a maior da Europa, é mesmo de terceiro mundo a injustiça. Os ricos ordenados e depois temos os pobres. Que levam quatro milhões e quatrocentos mil euros por ano, gastam, na mesma empresa, um trabalhador médio...uma coisa que...não tem a ver com a Europa...por exemplo, a Galp, os executivos da Galp, chegaram a ter ordenados...aos executivos da Eni, portanto os empregados da Galp ganham três vezes os patrões da Eni. E esse tema é...*

Entrevistadora: É interessante.

Resposta: *...mas a Ansa são duas Ansa: Ansa Itália e Ansa internacional...eu trabalho em duas línguas. Trabalho em italiano todas as coisas com notícias de Itália e Portugal. Mourinho aprendeu português...desculpa, aprendeu italiano aqui em...portanto eu fiz uma pequena entrevista a Jean Luc Miralha que é o professor do Senhor Mourinho e caiu muito bem em Itália isso que ele fala-se italiano, a língua numa conferência imprensa. Você tem os espanhóis que passam aí a falar...*

Entrevistadora: Espanhol.

Resposta: *A falar espanhol ou mesmo um palavra...bom, mas essa notícia é italiana e é internacional. Porquê? Porque Mourinho é Mourinho, então essa notícia eu fiz nas duas línguas: espanhol e italiano. Mas estes artigos especiais, features, mais elaborados são em espanhol, porquê? Porque são para a Ansa internacional e o principal mercado é a América Latina e a Espanha. Portanto, alguma coisa desta também se faz em italiano, mas poucas, não muitas. Porque Itália é um país muito, eu diria, por exemplo, enquanto em Portugal, você tem entre seis a oito páginas de notícias internacionais no Público...às vezes, são seis normalmente mas quando há pessoas importantes para vocês no Brasil ou na Espanha ou na França há mais uma página...em Itália é uma página e meia.*

Entrevistadora: Pois tem de ser...

Resposta: *Portanto, na França à parte do Le Monde, também é a mesma situação. Portugal continua olhando bastante para o mundo, agora...*

Entrevistadora: O mundo é que não olha muito para nós.

Resposta: *É exactamente e esse problema que...corrigir...ah, meio ambiente, Portugal é um país que está a dar a tônica de punta em energias alternativas...renováveis. Eu já fiz várias coisas sobre Moura.*

Entrevistadora: Por causa da energia...

Resposta: *Por causa de ali e tenho uma entrevista ao Presidente da Câmara de Moura, ao José Maria Pós-de-Mina ... internacional como o autarca do futuro.*

Entrevistadora: Exactamente.

Resposta: *E sabe quem lançou ele como autarca do futuro? Fui eu. A sério. Ele ligou para mim...*

Entrevistadora: Eu vi...

Resposta: *... o prémio, estava a conduzir, estava com minha irmã e meu cunhado em Malveira da Serra, ...parei o carro e atendi e era o Presidente da Câmara: Mário queria lhe agradecer...um autarca mexicano apanhou su articulo e agora já fiquei para todo o mundo como o autarca...*

Entrevistadora: É bom, é muito bom.

Resposta: *... ambiente, bom, todo esse fundamentalismo de ASAE, eu fiz alguns artigos sobre isso também...Guiné-Bissau assassinato de Nino Vieira, etc... Eu faço também muita coisa sobre a língua, sobre a CPLP a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, acordo ortográfico, para o Brasil...*

Entrevistadora: No fundo, o senhor pega nos temas que ninguém, não é que ninguém pega, mas que é mais difícil pegarem.

Resposta: *... às vezes, há temas que parecem muito importantes mas o editor do jornal X...e pode até interessar ... o Festival de Almada, eu tenho uma relação com eles há muitos anos. Começou a ser um festival pequenino...na Margem Sul, hoje, o Festival de Almada ... são três dos festivais de teatro mais importantes da Europa. Em Portugal não sabem isso, mas no mundo sabem... depois, temas, bom ultimamente, por exemplo, as últimas coisas que tenho feito, fiz uma entrevista a Vasco Lourenço pelos 35 anos...*

Entrevistadora: Do 25 de Abril.

Resposta: *Do 25 de Abril...a parte curiosa, não a parte que todos sabem, mas a parte que as pessoas não reflectem. Em Portugal se registou um único golpe militar em toda a história da humanidade onde os militares forçaram ao civis a instalar a democracia... em outra parte do mundo...bom, há um antecedente no ano 70 antes de Cristo, ...em Roma, mas foi...depois existe outra coisa que o Partido Socialista estava a apoiar a Durão Barroso e isso é contrário a toda a solidariedade europeia... a contradição entre um Sócrates que se diz europeísta máximo e um Sócrates nacionalista e provinciano que está apoiando a Durão Barroso porque é português. Portanto, é uma contradição enorme e o Partido Socialista europeio está muito zangado com isso...qual é o candidato do Partido Socialista europeio, portanto, ali fiz um artigo sobre as contradições. Depois, muita coisa sobre... a Sida em África...e que Portugal é uma boa fonte de informação. Toda esta coisa com Angola ...hoje Portugal, hoje, este ano, Portugal é presidente da Comunidade Ibero-Americana é...formada por Portugal, Espanha, Andorra na Península e países latino americanos...e Angola, Angola que é como...isso envio para o serviço espanhol.*

Entrevistadora: Sim, sim.

Resposta: *...para o serviço italiano...o resto tu já sabes, todas as coisas que tenha que ver com Portugal e Itália. Agora, não faço desporto...não cubro desporto.*

Pergunta: Porquê?

Resposta: *Porque motivos económicos, por motivos...pagavam-me na altura ... uma coisa assim como cinquenta mil escudos...*

Entrevistadora: Cinquenta mil escudos são cem, não, duzentos e cinquenta euros.

Resposta: *Portanto, havia uma diferença salarial de duzentos e cinquenta euros para eu cobrir desporto. Mas duzentos e cinquenta euros ia sacrificar todo o meu fim-de-semana...primeiro não gosto nada... gostava mais de futebol quando era a arte de futebol não um negócio... depois Mourinho se vá a Londres e depois a cá...ganhar um milhão e quatrocentos mil euros por ano ou por mês não sei de onde vem esse dinheiro?! Esse dinheiro...traficante de droga... o KGB da Rússia...com dinheiro de droga...contracta...e depois outro problema que tem Portugal, que é o único país da Europa em que há quatro dias futebol. No resto da Europa está...sexta, sábado, domingo e segunda-feira...*

Pergunta: Eu costumo perguntar aos seus colegas, já percebi mais ou menos quais são temas que fala...

Resposta: *As temáticas, hoje você encontra tudo...*

Pergunta: Sim, sim. Mas como é que escolhe aquilo que vai escrever? Ou seja...

Resposta: *Sou eu, ah você...se tenho que perguntar ao editor ou não?!*

Entrevistadora: Sim, também...

Resposta: *Isso...*

Pergunta: Não propõe nada?

Resposta: *Essa realidade você vai encontrar nos colegas brasileiros, na minha mulher, ela para os jornais na Hungria tem de perguntar sempre. Se querem ou não querem? Eu não. Porque agência de notícias é muito diferente.*

Entrevistadora: Claro. Vão lançando.

Resposta: *Exactamente. Eu estava a contar de meu filho escrever para o Expresso pergunta...eu também sou um cronista muito pouco habitual do Diário de Notícias, porque o Diário de Notícias tem umas páginas que se chamam centrais de um tema e quando o tema é das Américas ... mas português de língua estrangeira sou eu...então...mas isso não está na categoria de correspondentes estrangeiros, analisar um tema das Américas... para um jornal português. Ali sim eles perguntam a mim se estou disposto a escrever ou não. Mas de resto o meu trabalho normal para a Ansa, todo o dia...esses features, para o serviço espanhol, é que são dois ou três por mês. Antigamente, no ano passado, é que era mais, agora são dois a quatro por mês. Mas sou eu que escolho tema. Agora o tema eu comunico.*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *E tem acontecido alguma vez, mas acho que uma vez, em trinta anos ou coisa assim, e me disseram não, esse tema já escribistes muito parecido, era um tema sobre a mulher. Então, era praticamente a mesma coisa, com poucos elementos novos e os editores tinham razão. Não meritava...*

Entrevistadora: Falar do mesmo.

Resposta: *Uma semana mais logo falar do mesmo. Portanto, esse tipo problema não tenho, mas sei que os meus colegas espanhóis, brasileiros...*

Entrevistadora: Sim, eu costumo perguntar como é que fazem e porque é que vem algumas notícias serem rejeitadas. Porque, quer dizer, ainda não são bem notícias, ainda vão propor o tema mas...

Resposta: *...eu ganho um salário, um ordenado fixo ...*

Entrevistadora: Pois, eles são freelancers.

Resposta: *Eles são jornalistas... e de certeza que com a crise...*

Entrevistadora: Eles têm me dito que não têm tido, é claro notam um bocadinho, mas não tem sido...

Resposta: *Uma coisa grande.*

Pergunta: *E que nesta altura já está a começar um bocadinho mais, que nos primeiros tempos que se começou a falar da crise é que as coisas ficaram mais complicadas. Mas eu também costumo perguntar e esta pergunta, depois de falar com os seus colegas, percebi que estava errada e que ninguém gostou desse tema. Eu quando fiz, escrevi a pergunta era no sentido do caso Maddie. Eu pergunto se se lembra de algum episódio ou de algum acontecimento recente que tenham lhe pedido para escrever muitas vezes?*

Resposta: *Olha...a Maddie.*

Pergunta: *Eu pensava que me iriam dar essa resposta quando eu digo se houve ou não algum acontecimento que tivesse escrito muitas vezes sobre. Porque nós portugueses, temos a ideia que o caso Maddie foi assim algo que correu o mundo e com a pergunta eu queria saber. Primeiro, disseram-me que era um daqueles que os correspondentes não gostaram porque, enfim, aquilo foi muito mal gerido, digamos assim. E depois vão me dando outros vários exemplos e eu queria saber se para o senhor tinha algum tema que falasse muitas vezes e porquê?*

Resposta: *O caso Maddie, efectivamente, ali pressionaram muito para ter muita notícia do caso Maddie. Agora eu normalmente tenho, tive as minhas reservas. Tive as minhas reservas e como dizer, eu tive a minha ...porque eu escrevi uma pequena notícia no dia e depois o colega de Inglaterra começou a escrever...eu não queria ...um jornal qualquer em Inglaterra dava a notícia e logo ligavam de Roma: Mario, Mario esta coisa e dizia não é verdade...então eles decidiram pedir ao correspondente em Londres. E o correspondente em Londres começou a escrever Londres traço Lisboa, Ansa. E eu fiz um escândalo com isso...em Londres está a dizer*

coisas que não são verdade e a colocar em boca minha...Portugal o único país em União Europeia que tem...aqui não se brinca, um jornal, há um tribunal em resto da Europa não limitações, aqui há...então continuaram a cobrir mais de Londres ... mas que houve muita pressão dos editores, huvo. E depois há outra coisa que eu fiz, foram dois artigos analíticos sobre o efeito mediático: como tinha sido tratada...como jornais teoricamente respeitáveis em Portugal não tinham nenhum escrúpulo em fazer notícias absolutamente inescrupulosas...o Diário de Notícias sabe que o raptor estava a tratar bem a Maddie e a Maddie se encontra bem isso é uma coisa gravíssima.

Entrevistadora: Exactamente.

Resposta: *Gravíssima, porque...o jornalista do Diário de Notícias teoricamente sabia quem era o raptor, onde estava a Maddie e como estava a Maddie. Mas essas coisas aconteciam no contexto ...analises sobre o caso Maddie, o tratamento informativo e ali reproduzia...da senhora, uma senhora que eu tenho muita pena quando vejo ela, uma senhora de olhos azuis e o filho desapareceu há muitos anos...*

Entrevistadora: Ah de Lousada, a mãe Zé Pedro [Rui Pedro].

Resposta: *...há 36 crianças portuguesas desaparecidas e a Judiciaria não mexeu nada...mas quando desapareceu uma menina loira e de olhos azuis todo o país se revolucionou. Portanto, eu fiz duas coberturas: uma, deste ponto de vista, criticando o caso, o tratamento mediático. E desta coisa de acomodou...*

Entrevistadora: O desaparecimento daquela criança que levantou...

Resposta: *Tive, tive algum problema ali com os editores...eles queriam continuar e continuar....*

Pergunta: Pois. E então e outro episódio que, por exemplo escreveu muito sobre Angola...

Resposta: *Bom, primeiro, antes de acabar a guerra até 2002, ...sobre a guerra em Angola. Mas depois ... muito particularmente a informação internacional ...uma guerra civil na Guiné em 98, quando o brigadeiro Ansumane Mané derrubou a Nino e Vieira e Nino Vieira escapou para Portugal. Nessa altura, eu disse ...em Itália ah Mario isso não interessa a ninguém, uma guerra na África, a África está cheia de guerra e não sei que mais...bom, aconteceu que por acaso eu soube que o bispo da Guiné era italiano, era de nacionalidade italiana, a partir dali escrevia um artigo todos os dias.*

Entrevistadora: Há sempre um pequeno factor que é determinante...

Resposta: *...parece subjectivo, mas que determinam a cobertura...em Portugal há um acidente no Algarve no verão, ninguém liga em Itália. Mas um dia em que uns estudantes italianos, um grupo de estudantes italianos, e a professora morreu tentando salvar os alunos ...uma embarcação no Algarve, bom tive uma semana a dar todos os detalhes. Quando assinaram aquela italiana aqui no centro, vivia numa água-furtada em Lisboa. Uma rapariga italiana, bom cobertura todo o dia, mas se fosse uma rapariga tailandesa, ninguém ligava. Sempre tem o problema da proximidade ...*

Entrevistadora: Cultural.

Resposta: *Proximidade...*

Entrevistadora: **Não é cultural, mas é uma proximidade, uma relação entre o país e o país que...**

Resposta: *Claro, você...interessa muito. Você pode ver uma notícia praticamente todos os dias...*

Interrupção

Entrevistadora: **Estava a falar que deu dois ângulos diferentes...**

Resposta: *Ah, cá em Portugal, um bom exemplo do tipo de jornalismo que se faz, mas que não é único deste país, ...e o ano passado foi muito reiterativo, que os pretos na África do Sul andavam a matar portugueses. Não andavam a matar portugueses, andavam a matar todos os comerciantes. Mas ninguém dizia que toda a cadeia alimentar de comércio é gerida por portugueses, lógico que eram portugueses. Os negros andavam a matar não eram portugueses eram comerciantes. Está a ver, você pode dar as notícias...*

Entrevistadora: **De vários ângulos.**

Resposta: *Dessa maneira ...uma coisa nacionalista. Em Itália temos aí essa tendência. Então...*

Entrevistadora: **Se calhar é uma tendência um bocadinho mais dos países latinos. Tornar um bocadinho mais pessoal.**

Resposta: *Eu acho que é bastante generalizado, os ingleses também têm essa coisa que sabem todo...eu acho que é mundial isso. O jornalismo tem a tendência cada vez mais, enfim, num mundo cada vez mais globalizado interessa mais o meu caso que o do vizinho.*

Pergunta: **Mas quando escreve, por exemplo de Angola, voltando um bocadinho atrás para eu entender melhor. Porque é que escrevia de Angola, já me explicou que na Guiné havia o bispo italiano a partir daí...**

Resposta: *Angola por dois motivos: Angola é um país importante, três motivos aliás, Ansa não tem correspondente em Luanda, poucos...tem correspondente em Luanda. Segundo, quando você não tem correspondente normalmente utiliza o país vizinho, mas no caso das ex-colónias portuguesas, você tem muito melhor informação sobre esse mundo em Lisboa do que...*

Entrevistadora: **Lá.**

Resposta: *Do que em Joanesburgo. Em Joanesburgo não sabem nada, aliás todos os africanos de língua inglesa têm um grande desprezo pelos africanos de língua portuguesa... há um racismo...portanto, Portugal é...um amigo meu foi para África de correspondente do Washington Post, ...um rapaz que se iniciou comigo no jornalismo nos anos 80, no escritório nosso nas Nações Unidas, no escritório da Interpress, nessa altura eu trabalhava para a Interpress, ele foi para África, apaixonou-se por, tudo partiu de uma paixão, apaixonou-se por*

uma rapariga de Gana que vivia em Moçambique, ...esteve ali a viver em Moçambique e depois foi para Angola, depois foi para São Tomé, começou a interessar-se pelo mundo que fala português na África. Um dia ele disse a mim: Mario ... Mario quero escrever um livro sobre a África lusófona, mas para esse livro tenho que me instalar em Lisboa pelo menos seis meses, porque toda a informação ... em Lisboa, desse mundo... na Guiné, na Guiné não sabem o que passa em Cabo Verde, em Moçambique não sabem o que passa em Angola, em Lisboa centraliza tudo isso. Essa é uma resposta para si. É um mundo que você pode cobrir de Lisboa com muita facilidade, depois há um problema dos próprios jornalistas africanos de língua portuguesa: para eles o importante não é a Inglaterra, não é a França, não é a Alemanha, não é a Espanha é Portugal.

Entrevistadora: Portugal tem um papel muito...

Resposta: *Portanto, eles falam muito ... jornalistas portugueses porque eles querem aparecer na imprensa portuguesa. A única coisa que eles querem ... no Expresso, no Diário de Notícias, portanto, falam aí coisas que não falam a um jornalista inglês, que olham com desconfiança, A Reuters pode ter um correspondente em Luanda, mas eu ouvindo a TSF ou a Antena 1 sei mais que ele que está ali. Isso é muito importante que você compreenda, porque é um factor psicologico...é um resultado psicologico, mas ...muito com o resultado profissional do seu trabalho. E portanto, esses são os motivos...Angola, além disso, é um país importante. Angola em 2007 registou um crescimento de 27% anual, o maior do mundo. Angola é um mar de petróleo, em 2007 sobrepassou a Nigéria, como primeiro produtor africano de petróleo. Então, Angola é um mundo de oportunidades e de negócio... um país que se está a reconstruir e, naturalmente, enquanto houve guerra era notícia sobre a guerra. Digo Angola mas também...*

Entrevistadora: Claro.

Resposta: *Sei lá, até São Tomé e Príncipe encontram petróleo no mar de São Tomé e São Tomé se pode converter no novo Kuwait da África, um país pequenino mas com imensa reserva petrolífera, isso é notícia. E essa notícia é muito possível fazer em Lisboa. Ninguém vai mandar um correspondente...*

Entrevistadora: Não estão...

Resposta: *Portugueses sim, a Lusa tem um correspondente...Como?!*

Entrevistadora: E a RTP também capaz de movimentar...

Resposta: *Sim, porquê? Porque é um interesse estratégico para Portugal é, olha a mim me causou muita impressão quando ...uma coisa na Austrália, uma coisa importante que houve na Austrália, já não me lembro do que era, ...então o que é que acontece, quando acontece alguma coisa em Timor a imprensa estrangeira manda os seus correspondentes ou em Jacarta ou na Austrália a cobrir um acontecimento em Timor, bom porque este acontecimento ... foi exactamente o contrário. A RTP mandou a equipa de Timor a cobrir o acontecimento na Austrália, isso demonstra sempre que depende dos interesses. E Portugal há um grande interesse, você já reparou uma coisa ... Espanha é um país rico, Portugal é um país muito menos rico que Espanha, e não costumo dizer que Portugal é um país pobre. Quem diz que Portugal é um país pobre, nunca conheceu a África e nunca conheceu a América Central nem a Ásia. Portugal é menos rico, mas pobre não é...e apesar de tudo isso a Espanha tem uma TVE*

internacional, mais nada. Não tem uma TVE América Latina. Portugal tem uma RTP África, uma RDP África, em Portugal há um grande esforço financeiro para manter correspondentes em Timor, nos países africanos, em Brasil, o mundo vosso é muito melhor coberto em Lisboa, que o mundo de países de língua espanhola em Madrid. Embora há diferença é que Espanha tem dinheiro e você tem menos. Portanto, há toda uma série de factores que passa, escuta...

Entrevistadora: Claro.

Resposta: ...

Entrevistadora: Não, não. Eu às vezes pergunto segunda vez para ver se entendi bem.

Resposta: *É isso...o factor mediático. José Eduardo dos Santos, é muito mais conhecido no mundo, até por más razões, que Cavaco Silva. Cavaco quê?! As pessoas não fazem nem ideia de como se chama o Presidente de Portugal, mas todos sabem que José Eduardo dos Santos é Presidente de Angola. E quando o meu amigo...Jorge Sampaio...quando foi Presidente de Portugal, ninguém conhecia Sampaio, ... mas todo o mundo sabia que era Ramos Horta...*

Entrevistadora: E provavelmente também toda agente sabia que era o Xanana Gusmão.

Resposta: *Xanana Gusmão naturalmente, mas Ramos Horta, Prémio Nobel da Paz. Portanto, Ramos Horta, Xanana, entre aspas, vendem mais que Jorge Sampaio ou Cavaco Silva. Mário Soares já é outra coisa, é fenómeno completamente...*

Entrevistadora: Normalmente e através da pesquisa que fiz para a tese, Mário Soares e há outros nomes, Álvaro Cunhal são nomes que venderam durante muito tempo...

Resposta: *Muito tempo sim.*

Entrevistadora: Portugal pelo papel que tiveram na Revolução, no 25 de Abril.

Resposta: *É, exactamente. Quer dizer, um dia na Itália, estava em Roma lembro que estava a olhar para... e era o dia que Portugal e Espanha entravam na Comunidade Europeia e então a RAI, sabe o que é a RAI?*

Entrevistadora: Sim, a televisão...

Resposta: *...entrevistas de rua e então dizia: olhe dê-me cinco nombres de espanhóis e não davam, Franco, Filipe II, não interessava ser histórico ou não; Cinco portugueses era: Vasco da Gama, Amália Rodrigues, Mário Soares...há não me lembro do nome, o jogador...*

Entrevistadora: O Eusébio.

Resposta: *O Eusébio, exactamente, e quem mais, eu sei que Soares estava nesses cinco... soares é muito conhecido fora...querem saber este fenómeno, Mário Soares aos 82 anos ... Ana, assim funciona a imprensa, nem se interessaram em ir a uma conferencia de imprensa de Cavaco, nem conheciam. Eu digo em sentido crítico, o jornalismo hoje é isso. Quero dizer que Portugal pode vender ... me interessa realmente a parte como jornalista, tenho uma relação muito afectiva com este país, é por isso que vivo cá. Um dia me convidou Maria João Seixas para o programa no canal 2 e me perguntava então Mario porque vieste para cá?!... Pátria tua é onde te sentes bem e eu me sinto bem aqui, portanto, Portugal é a minha pátria...comprar a*

minha casa; Há você tem casa própria em Portugal?! Bom, não é bem assim é do BPI e minha. Então começamos assim um bocadinho na brincadeira e depois ah, Portugal é o seu projecto de vida?! Não, não Portugal é o meu projecto de morte...atenção que eu...porque há uma parte afectiva. Eu fico muito zangado, como quando um filho faz uma asneira, fico muito zangado com esta falta de compreensão dos políticos, dos adidos de imprensa, tudo isso porque não quero dar uma má imagem de Portugal para fora... eu não sei se você está interessada em casos assim, mas um dia a Katy trabalhava para ... oferta turística portuguesa, a RDPA é uma agência alemã que chega a três mil jornais, rádio, imprensa...eu posso fazer uma coisa para a Itália, fazemos juntos também...olha uma coisa que devia ter recebido a atenção do próprio ministro, publicidade grátis para o turismo português, em dois países como a Itália e a Alemanha, não conseguimos nenhuma entrevista, não conseguimos ser recebidos por ninguém. Até que um dia alguém ligou, um amigo meu que era... ah Mario, te esperam na Direcção Geral de Turismo...documentação, vou à Direcção Geral de Turismo e o segurança na porta entregou documentos com três meses de... e isto dois meses depois de ... a entrevista...você tem sempre esta dificuldade para a cobertura, mesmo que você tenha a melhor das intenções, não consegue.

Pergunta: Então já que está a falar nesse sentido, as fontes oficiais já percebemos que é muito difícil contactar com elas, mas e lidar com as fontes não-oficiais, as pessoas do dia-a-dia? É fácil?

Resposta: *É fácil. Para mim é muito fácil.*

Entrevistadora: Eu sei que, por exemplo, alguns colegas disseram-me que falavam bem com as pessoas, mas que quando chegava a altura de pedir o nome, para elas se identificarem, aí é que era um pouco mais complicado.

Resposta: *Alguma vez. Eu não compartilho muito dessa opinião. Sim, alguma vez tive algum problema mas, olha mais com estrangeiros que com portugueses. Estava a pensar agora em não sei, entrevistas a imigrantes a cá, sobre o problema do trabalho e eu tive, pessoalmente, mais problema com os estrangeiros que com os portugueses. Eu não tenho encontrado esses problemas.*

Pergunta: Não tem tido problemas com as fontes?

Resposta: *...brasileiros...*

Entrevistadora: Não, por acaso não...

Resposta: *...bom, eu não registo muito isso, não registo muito isso. Bem há pessoa que se cuida quando pensam que o chefe pode não gostar do que disse, isso sim. Mas pessoal de rua quando você pergunta...*

Pergunta: Mas fontes mesmo, não tem problemas com as fontes pessoais?

Resposta: *Bom, há dois tipos de fontes. Há as oficiais, seja baixa ou alta, ali sempre há problema.*

Entrevistadora: Sim, ali...

Resposta: *Ali sempre há problema, e problema que estão, são problemas que estão nas mentes das pessoas...*

Entrevistadora: De mentalidade.

Resposta: *...Um dia para fazer um artigo sobre o preço, era um artigo para toda a Europa...o preço de quilómetro para...caminho-de-ferro, eu liguei para Relações Públicas da CP: ah, no tem de mandar um fax... e não sei que mais, eu cometi o erro de identificar-me como jornalista, era para um artigo, fatal. Então depois liguei para informações da CP: boa tarde, e queria saber quanto custa o quilómetro, ah sim senhor, são 40 escudos ou 20 escudos, logo. Está a ver, funciona a coisa com jornalista também. Você muitas vezes tem a porta fechada por ser jornalista...uma pessoa qualquer tem mais facilidade de obter informação. E depois a maneira de sair dessa coisa, uma boa maneira de sair dessa estatística do Estado que são públicas, mas que mantém um secretismo...a melhor coisa é ligar para o Partido Comunista, porque como dizia um professor meu de administração de empresa, fiz um curso de economia e de administração de empresas... no mundo existem três...os Partidos Comunista, a Igreja Católica e a General Motors...cada vez que você liga para o Partido Comunista, olhe eu queria saber a situação de ... Portugal nos últimos anos e eles mandam todos os índices de inflação dos últimos anos, mas documentos não deles, oficiais que têm ali que mandam, nessa altura por fax. Outra maneira também de obter informação. Sei lá, os desníveis sociais, é muito difícil o Ministro das Finanças vir dizer alguma coisa. Quando você liga para a intersindical ... oficial do Estado, ... ai vão me dar informações dele, não, não...papel com carimbo oficial...*

Pergunta: Relaciona muito, já que escreve muito para uma comunidade muito abrangente que é comunidade latina? Faz paralelos entre a realidade portuguesa, que nem sempre escreve sobre Portugal, entre a realidade por exemplo, angolana, moçambicana ou de São Tomé e Príncipe com países por exemplo, da América Latina?

Resposta: *Bom, em um caso sim. Um caso em que um país africano que é muito latino-americano que é Cabo Verde. Cabo Verde é um país que está na África mas que é muito pouco africano. E é muito parecido com o nordeste brasileiro...quando eu tenho escrito coisas de Cabo Verde tenho feito paralelos comparativamente com países da América Latina, especialmente com o nordeste brasileiro. Depois, há certas comparações políticas...quando se fala de Alberto João Jardim ...depois há coisas de afinidades linguísticas, sempre que falamos de Portugal, Espanha, países de América Latina, há um universo de seiscentos milhões pessoas, que mesmo que não falam exactamente a mesma língua, se podem compreender, há coisas culturais, há muito paralelo, no?! Depois Portugal sempre foi, como os países de América Latina viveram...foram guerras terríveis contra Espanha, o sentimento anti-espanhol ainda é forte em muitos países. Portugal sempre foi visto com simpatia ... na América Latina que fala espanhol, porquê? Como este país pequenino sempre enfrentou aos espanhóis, mantendo a sua independência, ah uma coisa simpática e uma coisa de curiosidade de Portugal. quando eu escrevo um artigo que os portugueses descobriram a Austrália, que se calhar Cristóvão Colombo era português e não genovês, isso logo desperta interesse na América Latina e você conecta... Hernando de Magalhães na verdade não era Hernando de Magalhães era Fernão de Magalhães, português e isso as pessoas...*

Entrevistadora: Interessam-se.

Resposta: *Claro que interessa, claro. Mas sempre tem de encontrar, para apanhar um tema destes, tem que encontrar uma coisa actual, não? ...*

Entrevistadora: **Tem de fazer o paralelo entre a actualidade e a história e os países.**

Resposta: *E ali há uma grande oportunidade de fazer paralelos e comparações, no?! O ontem como o hoje e o que significa Portugal ... e depois claro, há outra coisa mais de sentido negativo que esta obsessão de Portugal só com o Brasil. Portugal tem perdido muitas business opportunities da América Latina de língua espanhola justamente por esta obsessão brasileira. Toda agente sabe que o Brasil é 42% da América do Sul, é 38% de toda a América Latina..., mas há outros países com boas possibilidades para empresas portuguesas e Portugal não aproveita...*

Entrevistadora: **É fixado apenas num país.**

Resposta: *Mas isso já tem sido reconhecido até pela classe política portuguesa. Cavaco um dia mencionou isso, Guterres antes dele, portanto há uma certa...*

Entrevistadora: **Há uma certa compreensão nesse sentido.**

Resposta: *Por exemplo, o Chile e a Argentina são dois grandíssimos exportadores de vinho, mais importante do mundo. Está na lista dos cinco, seis maiores exportadores de vinho, agora um boa garrafa de bom vinho chileno, de bom vinho argentino, é sempre fechado com uma rolha Amorim. Portanto, há alguma coisa, mas muito pontual, cortiça, rolhas...mas...*

Pergunta: **Há sempre qualquer coisa?**

Resposta: *Há, sempre empresas portuguesas que poderiam...portugueses são muito bons em construção civil, em auto-estradas e todo isso, agora ...portanto, grandes auto-estradas que conectem o Pacífico com o Atlântico e ali ao final nenhuma empresa portuguesa apresentou... há actividades portuguesas, mas novamente são investimentos luso-brasileiros...*

Pergunta: **Em relação a Portugal e a Itália, o paralelo que faz tem de ser evidente, porque as notícias que interessam a Itália de Portugal, têm de estar ligadas?**

Resposta: *Tem que ter uma relação, claro. Itália com Portugal, mas alguma coisa gerais, que não tem a ver directamente com Itália...eu tive muita vergonha em dizer que a notícia mais publicada, que eu tive na imprensa italiana, foi à coisa de dez anos atrás, quando um mascarado entrou numa discoteca e assassinaram a 13 prostitutas num bar de alterne em Amarante.*

Entrevistadora: ...

Resposta: *...Uma briga entre o proprietário do bar de alterne, exactamente, entraram uns encapuçados e mataram quatro, cinco guarda-costas e oito ou nove prostitutas. E essa foi uma notícia que eu tenho vergonha de dizer...a Maddie, isso, o autocarro de Entre-os-Rios, você já não era tão pequena?*

Entrevistadora: **Não, não já andava para aí no décimo.**

Resposta: *Tá bem, mas já lia jornais, ouvia rádio...*

Entrevistadora: Eu lembro-me de ver em canais internacionais...

Resposta: *E portanto, isso ficou notícia. Que não tem nada que ver com Itália, mas que tem um impacto...*

Pergunta: Diga-me, como é que um dia de um correspondente?

Resposta: *Você não pode...*

Entrevistadora: Não, eu vou explicar. É que normalmente os seus colegas começam a resposta por: bem, eu levanto-me de manhã e não era bem isso. Era a nível profissional.

Resposta: *Identificar um tema, logo.*

Pergunta: Onde é que procura? Procura nos jornais portugueses...

Resposta: *Mais na Internet...eu acordo muito cedo...já às sete da manhã tenho ouvido todo o fundamental...*

Entrevistadora: Já está a pensar naquilo que vai...

Resposta: *Eu acordo entre as seis e meia, sete da manhã, já sei o que vou escrever ou não. Ontem foi um dia muito morto até, ao meio-dia, quando a Ministra da Saúde reconheceu o primeiro caso [de Gripe A] ... hoje nada, não tive nenhuma notícia. A grande notícia de hoje é o Dias Loureiro que ...para o Parlamento, mas isso é notícia fora só se ele, tendo sido ministro da administração interna e tudo isso, apresenta a sua demissão ao Conselho de Estado. Aí, se converte em notícia, senão ...existe outra coisa que você tem de compreender Ana, notícias que podem ser muito interessantes para consumo doméstico, para fora não interessa nada.*

Entrevistadora: Exactamente.

Resposta: *E o contrário também pode acontecer.*

Pergunta: Eu normalmente também pergunto, que tipo de acontecimento é que tinha que acontecer em Portugal, passando a redundância, para que Portugal fosse notícia em todo o mundo durante dois dias? Normalmente dizem-me desgraças...

Resposta: *Uma revolução como o 25 de Abril. Depende porque...um dia foi aqui almoçar a Belém...com Otelo Saraiva de Carvalho. E contei a um amigo meu, um editor, ah hoje ... (ele me tinha mandado uma mensagem e eu não tinha reparado) desculpa, mas estava a almoçar com Otelo Saraiva de Carvalho...tu não podes fazer uma entrevista com ele?! Logo, idade? 60 anos; que idade tinha à 25 de Abril? Tinha 25 anos. Portanto, esses factores que para si podem parecer completamente subjectivos, são subjectivos mas se convertem em uma coisa importante para a cobertura. Então eu tenho que ligar para Otelo, olha Otelo aquela coisa que tínhamos falado, e esta e esta, e fiz uma entrevista com Otelo. Portanto, depende. Portugal pode ser notícia porque um editor se lembra desse major ... e não sei que mais...*

Entrevistadora: Não que ver exactamente...

Resposta: *Que é que tem que acontecer em Portugal uma tragédia, um terramoto, uma nova revolução, um novo 25 de Abril, um editor maluco que diz que quer... de Otelo, é muito, muito...sempre será notícias... de mortes...*

Entrevistadora: **Provavelmente a morte de Mário Soares também será.**

Resposta: *...isso são notícias, cada aniversário do 25 de Abril é notícia, por esta coisa singular...única revolução do mundo, porque ninguém faz notícia sobre aniversário de golpe de Estado...*

Entrevistadora: **Normal. Digamos que foi uma coisa...**

Resposta: *...para a democracia e que acabou com o mais velho império colonial do mundo. Isso continua a ser notícia de efeméride ...*

Entrevistadora: **Sim, sim...**

Resposta: **...agora... para que Portugal possa... um terramoto, um maremoto...**

Entrevistadora: *Qualquer coisa...*

Resposta: **Essa coisa de...da central solar e das energias, isso está a ser muito notícia fora... este país que era um dos mais atrasados no mundo, da Europa, hoje é o mais avançado da Europa, em quatro, cinco anos.**

Entrevistadora: *Deu um salto.*

Resposta: *Mas enorme, enorme, você está a tirar energia eléctrica das ondas do mar, fizeram uma central seis vezes maior do que a maior que existia no mundo, que era na Alemanha, na Amareleja em Moura. Isso são notícias, muitas vezes, olha não é para ofender a juventude, eu sou defensor da juventude...*

Entrevistadora: **Esteja à vontade.**

Resposta: *Eu acho que nós, os velhos, devemos morrer e deixar tudo para vocês (risos). Mas o jornalista novo está muito influenciado pelo hot news, uma coisa muito de agora e às vezes a árvore não deixa ver o bosque, a floresta. E muitas vezes eu vejo colegas novos e eu pergunto: tu não fizeste esta coisa do meio ambiente na Amareleja, da central solar. Ah mas que está aqui um bom tema...muitas vezes, o jornalismo estrangeiro também tem...no jornalismo nacional. Eu a primeira ...a um jornalista estrangeiro quando chega a um lugar é identificar a imprensa nacional confiável, a imprensa de referência, só que em Portugal desapareceu a imprensa de referência, não há jornais de referência. O que há são jornalistas de referência, mas...diga, diga.*

Pergunta: **Mas está a dizer-me isso porquê? Porque é que fala de jornalistas de referência?**

Resposta: *Porque todos os jornais cometem exageros...portanto, quando um jornal publicava uma mentira para vender, já não é um jornal de referência...e porque é que digo que não há jornais de referência ... o fundamental, é que os jornalista de referência em Portugal ou colonistas portugueses, o problema é que antepõem as suas ideias sobre a realidade. Portanto,*

eles não mentem mas não dizem parte da verdade...Hugo Chávez é uma pessoa muito criticável, você não precisa mentir para criticar a Chávez...

Entrevistadora: Não, ele já arranja motivos suficientes para isso.

Resposta: *Mas, exactamente, você já tem material. Então ...diz que os pistoleiros de Chávez andam contra manifestações da oposição na Venezuela, não é mentira, só que não dizem que...isso são pequenas coisas que me levam a dizer...de referência. ... Portanto, é muito difícil, em Portugal, a identificação da imprensa de referência. Você tem de conhecer os jornalistas, não aos jornais.*

Entrevistadora: Crer nos jornalistas e não nos jornais.

Resposta: ...

Pergunta: Acha que os jornalistas estrangeiros transmitem os factos, apenas, já que estávamos a falar nisso à bocadinha, ou também, porque gostam, porque estão habituados a Portugal, tentam dar uma imagem mais positiva ou mais negativa?

Resposta: *...em geral, se você vê toda a ... da imprensa estrangeira em Portugal, com excepção da agência Reuters, acho que não há nenhum caso ali. Mas no geral, a imprensa estrangeira ... mas em geral, é uma escolha própria, repare bem Ana, que há seis, oito jornalistas que nunca se foram embora. Vieram para cá na revolução de Abril e outros como eu voltamos, portanto, eu podia, como eu falo servo-croata, ter escolhido ser correspondente à Sérvia. Mas vim para cá, uma opção pessoal. A EFE espanhola tem os dois componentes, têm uma pessoa que contrataram a cá e outros dois espanhóis. A France Press tem dois portugueses e dois franceses, acho. A Reuters tem dois ingleses. A Associated Press tem um, o Barry Hatton, que você já conheceu e é casado com uma portuguesa, escolhi vir para cá. A Associated Press não o mandou vir para cá... mais de noventa por cento, os espanhóis todos, escolha própria, à parte da ... a TVE espanhola, de resto, todos os jornais são pessoas que vieram para cá e oferecem os seus serviços para Espanha. Portanto, estamos a falar de escolha própria.*

Pergunta: Por isso é que acha que...?

Resposta: *Quer dizer, é evidentemente são pessoas que gostam de Portugal, que gostam de viver a cá e que se escrevem coisas negativas de Portugal, nunca vão ser negativas para Portugal, vão ser negativas para uma certa classe dirigente, uma certa classe política...mas nunca, acho muito difícil, que alguém escreva com má vontade...*

Entrevistadora: No fundo, era exactamente essa a questão.

Resposta: *A Portugal como país, porque há que separar as coisas. Cá confundir governo português com Portugal, isso é coisa de ditadores ... mas numa democracia não há que confundir, primeiro, governo com Estado, há uma tendência muito forte a fazer sinónimo de governo com Estado. Quando eu falo das dificuldades que há cá, normalmente são mais dificuldades com o governo do que com o Estado. Com o Estado também sim, ... mas o parlamento também é Estado e não há dificuldades em falar... municípios são muito abertos. Nós em Portugal, ...acho que é muito importante, no campo do poder autárquico, é um campo para fazer notícias que ale é muito aberto para nós...inclusivamente somos convidados ...*

Entrevistadora: A ir.

Resposta: *...a visitar a zona, portanto, ...quando nós dizemos uma classe dirigente fechada mais nos referimos ao governo e ao poder judicial, que aos outros concorrentes do Estado português. E essa experiência que você disse, da pessoa fechar-se e não querer dar o nome, eu pessoalmente não tive.*

Entrevistadora: Mas há colegas que disseram.

Resposta: *Não, não mas pode haver colegas, eu pessoalmente...*

Entrevistadora: Eu própria disse que houve correspondentes que optaram por não serem entrevistados por isso mesmo, por não poder ser anónimo...

Resposta: *Não, eu sei, Ana Luísa...*

Entrevistadora: Provavelmente teve o mesmo problema.

Resposta: *...*

Pergunta: Uma última questão e não lhe roubo mais tempo...

Resposta: *Não, não estás à vontade.*

Pergunta: De todos os trabalhos que já fez, que já foram muitos, se pudesse escolher um ou dois que melhor caracterizam a sociedade portuguesa, Portugal, qual seria?

Resposta: *Trabalho?*

Entrevistadora: Notícia, reportagem, entrevista.

Resposta: *Trabalho jornalístico, de jornalismo português?*

Entrevistadora: Não de jornalismo seu.

Resposta: *Ah, meu.*

Entrevistadora: Daquilo que escreveu.

Resposta: *Olha eu acho que os artigos que eu escrevi, nos tempos da revolução. Nessa altura, inclusivamente, eu não trabalhava para a Ansa, trabalhava para a Interpress. Nessa altura, não com o meu nome, mas com o nome da agência...sou citado num estudo que fez John Macbride, repórter, não sei se você conhece a John Macbride...*

Entrevistadora: Não estou a ver.

Resposta: *Que escreveu todo esse ...transnacional nos anos 70 e tal...*

Entrevistadora: Sim, sim.

Resposta: *Então John Macbride fez um estudo sobre Portugal ... depois foi apanhado por um jornalista legendário, que é...um jornalista do The Nation, foi antigo correspondente ...depois foi perseguido por Macarty nos Estados Unidos porque se casou com uma russa, aprendeu a*

falar russo e só por isso foi acusado de ser comunista...acabou trabalhando num jornal de esquerda americano...escrevendo um artigo sobre a cobertura de Portugal...e ali disse que a agência de notícias e tomara umas cinco ou seis grandes agências de notícias, cometeram um erro de sempre informar sobre o poder, esse poder fosse governamental, militar, sindical, partidário. Pois as notícias era Soares, Cunhal, Otelo, Vasco Gonçalves, etc, etc., era o poder...ouve uma exceção, a agência Interpress que, conseguiu em período revolucionário de quase dois anos, descrever além disso...o que era ser português e como se vivia em Portugal...acho que o período de mais satisfação minha profissional, fora aqueles anos, aquele ano, aquele ano e meio. Eu cheguei...no Verão Quente e esse período que vá desde do Verão Quente até as eleições de 76...agora se você me pergunta que artigo nessa altura...

Entrevistadora: Não, não.

Resposta: *No me lembro, como trabalho profissional em Portugal, esse. Comparado só com meu trabalho, que me também deixou muito satisfeito, com o meu trabalho se cobertura do Setembro Negro, no Médio Oriente...*

Pergunta: A evolução que têm tido os correspondentes desde 75/76 até agora, com tudo aquilo que já veio: mais canais de televisão, a Internet já é uma realidade que praticamente ninguém sabe viver sem ela nos dias de hoje. Acha que isso está a por em risco a evolução da profissão, não da profissão [mesmo], mas a tarefa de correspondente?

Resposta: *Olha Ana há uma coisa que eu acho. O mundo mudou muito nos últimos anos, portanto, um jornalista ou se adequa à mudança ou desaparece. Você está a viver numa época em que, eu tive grande sorte pela minha idade, de ter trabalhado...eu tive a sorte de trabalhar para uma coisa que se chama opinião pública, hoje há que fazer jornalismo dedicado não há opinião pública...portanto, é o jornalismo que, você pode resistir...eu tentei resistir ao caso Maddie...há jornalistas jovens que não entram nesse jogo e que conseguem sobreviver bem.*

Pergunta: Mas no caso dos correspondentes não sei se acha se não acha, a Internet está a extinguir, não é extinguir mas a diminuir a necessidade de correspondentes?

Resposta: *Bom, ali há duas escolas de pensamento. Há uma escola de pensamento mais...mais otimista que dizem que o jornalista sempre vai servir de filtro a todo o lixo que vem na Internet, mas ...já têm eles próprios a capacidade de filtrar ... A Internet abriu a possibilidade a uma série intercâmbio horizontal de informação no mundo. O jornalismo, goste ou não goste, é um sistema vertical... de informações. Eu falo da mulher portuguesa, contra o aborto, a favor do aborto, etc, já estou a filtrar, já estou a filtrar coisas. Mas se você vai para a Internet e abre na página da UMAR- União de Mulheres Democráticas Portuguesas ... e você pode ser uma activista da mulher no Sri Lanka, no Gana, em Canada e estar a obter as informações desde a UMAR portuguesa...o mesmo vale para direitos humanos, este é um valor...porque pela primeira vez na história há um intercâmbio horizontal de informação. O jornalismo é e será sempre vertical...*

Entrevistadora: O que e começava a dizer é que os correspondentes, porque são jornalistas, são sempre um filtro à informação que existe...

Resposta: ...

Pergunta: Por isso acha que o correspondente nunca vai deixar de existir?

Resposta: ...vai existir também porque em muitos casos, um correspondente estrangeiros...uma espécie de diplomata, quer dizer não é bem assim, mas...

Entrevistadora: É um embaixador da imagem.

Resposta: Claro, você sempre está em contacto com a classe política, com este com outro. Por exemplo, no meu caso, eu venho de uma família veneziana...a minha família é de Venecia, hoje é uma família que está parte em Itália, parte na Croácia, parte na Grécia e parte no Chile, onde eu nasci...